UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

MAURO FERNANDO DUARTE

Gramática e *Coping*:

Investigação das regras gramaticais do discurso de católicos devotos em relação
com as formas de enfrentamento de *stress*.

(versão corrigida)

São Paulo

2017

MAURO FERNANDO DUARTE

Gramática e *Coping*:

Investigação das regras gramaticais do discurso de católicos devotos em relação
com as formas de enfrentamento de *stress*.

(versão corrigida)

Tese apresentada ao departamento de
Psicologia Social e do trabalho, no Instituto
de Psicologia da Universidade de São
Paulo, sob a orientação do professor Dr.
Esdras Guerreiro Vasconcellos, para fins de
obtenção do título de doutor em psicologia.

São Paulo

2017

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Duarte, Mauro Fernando.

Gramática e *Coping*: investigação das regras gramaticais do discurso de católicos devotos em relação com as formas de enfrentamento de stress / Mauro Fernando Duarte; orientador Esdras Guerreiro Vasconcellos. -- São Paulo, 2017.

227 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. *Stress* 2. Wittgenstein, Ludwig Joseph Johann, 1889-1951 3. *Coping* 4. Jogos de Linguagem I. Título.

BF575.S75

FOLHA DE APROVAÇÃO.

Mauro Fernando Duarte

Gramática e *Coping*: Investigação das regras gramaticais do discurso de católicos devotos em relação com as formas de enfrentamento de *stress*.

Tese apresentada ao departamento de Psicologia Social e do trabalho, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob a orientação do professor Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos, para fins de obtenção do título de doutor em psicologia.

Aprovado em: 12 de maio de 2017.

Banca examinadora

Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos (presidente)

Instituição: IPUSP Assinatura: _____

Prof. Dr. Geraldo José de Paiva

Instituição: IPUSP Assinatura: _____

Prof. Dr. Antonio Carlos de Moura Freddo

Instituição: EXTERNO Assinatura: _____

Prof. Dra. Yvette Piha Lehman

Instituição: IPUSP Assinatura: _____

Prof. Dra. Denise Hernandes Tinoco

Instituição: UniFII Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

À Carolina, à Maria Fernanda, à Maria Teresa e à Lúcia, minha família, em agradecimento pela paciência e compreensão das tantas falhas. Sem elas nada seria possível, nada teria sentido.

AGRADECIMENTOS

Ao querido e paciente Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos, pela confiança e total liberdade que investiu na ideia desta tese, a quem devo grande parte de meu crescimento intelectual e como pessoa. Um exemplo de professor e pesquisador.

A todos os entrevistados, que doaram seu tempo para a construção de um discurso, comigo, num encontro rico e tão frutífero para construirmos juntos os conhecimentos desta tese.

Às secretárias do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, pela disponibilidade e ajuda que me dedicaram sempre.

Ao Mateus Gevigier, dedicado aluno, pela disposição, dedicação e paciência no meu auxílio em questões práticas da vida acadêmica, sem as quais esta tese não seria possível.

Ao amigo Antonio Carlos Freddo, pela confiança nas possibilidades deste tema, pelo estímulo à produção e pelos bons papos sobre música.

À Universidade de São Paulo, ao Instituto de Psicologia e a todos os professores que fizeram parte da minha formação, sobretudo a Prof.^a Dr.^a Yvete Lehman, o Prof. Dr. Wellington Zangari, a Prof.^a Dr.^a Fátima Machado e o Prof. Dr. Geraldo Paiva, pelo acolhimento e carinho.

RESUMO

O *stress* é um articulador fundamental para a compreensão da ação do homem no mundo, em sua integralidade e subjetividade, mas também em seus aspectos sociais de adaptação. Da mesma forma, a linguagem, condição de estruturação do fenômeno humano, apresenta-se como condição imprescindível para se conhecer o fato humano em sua totalidade, na comunicação e na simbolização do mundo, nas medidas explicativas e representativas da realidade. A interação do sujeito com o mundo dá-se fundamentada e dependente das formas como as significações são marcadas na estrutura do psiquismo de cada um, na forma de símbolos, marcas ou, do ponto de vista desta tese, de regras de atuação. Tais regras, de acordo com a perspectiva analítica da filosofia de Wittgenstein, estruturam uma visão de mundo, uma *Weltanschauung* que ordena a lógica da articulação do pensamento com a realidade, as condições de verdade das proposições e, nossa hipótese, as escolhas de mecanismos de enfrentamento das situações de *stress*. O objetivo desta tese centra-se em investigar e correlacionar as estruturas gramaticais de organização da linguagem, ou regras gramaticais, em relação à descrição da ideia de Eu e do mundo, bem como correlacioná-las com as regras que orientam as escolhas e as saídas de enfrentamento, os mecanismos de *coping*. Para tanto, analisou-se a narrativa de 10 sujeitos envolvidos em uma rede representacional afim, a Igreja Católica, sobre como se descrevem, como creem que os outros os vejam, suas visões sobre o mundo e a sua atuação nele, bem como a descrição de situações de *stress* e enfrentamento, tanto de forma negativa, o *distress*, quanto em seu aspecto positivo, o *eustress*. A pesquisa empírica desenvolveu-se por meio de uma metodologia de análise gramatical de análise de discurso, a fim de extrair dos pronunciamentos mais significativos suas regras constitutivas, abrindo mão dos aspectos qualitativos ou quantitativos, e centrando-se na estrutura das regras subtextuais presentes nos enunciados. Após a transcrição das entrevistas, a análise permitiu selecionar passagens enfáticas na descrição dos conteúdos, articulá-las com seus advérbios, adjetivos e tempos referenciais mais correspondentes e, depois, extrair-lhes as regras fundamentais de construção da narrativa, ou seja, o jogo de linguagem eficaz no qual se inserem as assertivas verdadeiras em relação à avaliação e ao enfrentamento de *stress*. A amostra demonstrou uma homogeneidade entre os discursos, aproximando os resultados entre homens e mulheres, e observando uma construção positiva de mundo, imperativa das ações como algo necessário, que deve ser feito, e com significado sobrenatural, bem como uma visão positiva também do acesso e da eficácia dos mecanismos de *coping* utilizados. Em relação à visão do Eu, a maioria tem uma posição em primeira pessoa, referencial e adequada aos atos da vida, do trabalho e dos sentimentos, de forma descritiva, como “eu sou... eu faço...”, e em certos aspectos reflexiva como “eu me sinto... eu me considero...”. Quanto à visão de mundo, pode-se experimentar uma posição constante de otimismo, vendo o mundo de forma boa e com significado sobrenatural, como “... uma missão perante Deus...”. Em relação ao *stress*, foi relevante perceber que a falta de controle ou de sentido dos fatos leva ao sofrimento, enquanto o sentido e a sensação de fazer o que se deve aparecem ligados à felicidade. Uma condição bastante comum, a visão de que há algo de imperativo nas ações, algo necessário e que deve ser feito, sobretudo por ter uma função sobrenatural no desejo divino, marcou as narrativas dos entrevistados.

Palavras-chave: *Stress*. *Coping*. Wittgenstein. Análise do discurso. Jogos de linguagem.

ABSTRACT

Stress is a fundamental articulator for understanding of man's action in the world, in his integrality and subjectivity, but also in his social aspects of adaptation. In the same way the language, condition of structuring the human phenomenon, presents itself as an essential condition for knowing the human fact in its totality, in the communication and symbolization of the world, in the explanatory and representative measures of reality. The interaction of the subject with the world is based on and depends on the ways in which significations are marked in the structure of the psyche of each one, in the form of symbols, marks or, from the point of view of this thesis, rules of action. Such rules, according to the analytical perspective of Wittgenstein's philosophy, frame a world view, a *Weltanschauung* that orders the logic of the articulation of thought with reality, the truth conditions of propositions, and, our hypothesis, the choices the mechanisms of Coping to stress situations. The purpose of this thesis is to investigate and correlate grammatical structures of language organization, or grammatical rules, with respect to the description of the idea of the Self and the world, as well to correlate them with the rules that guide the choices and outputs, the mechanisms of Coping. In order, we analyzed the narrative of 10 subjects involved in a related representational network, the Catholic Church, about how they describe themselves, how they believe others see them, their visions about the world and their role in it, as well the description of stress and coping situations, both in a negative way, the distress, and in its positive aspect, the eustress. The empirical research was developed through a methodology of grammatical analysis of discourse analysis, in order to extract from the most significant pronouncements, their constitutive rules, giving up the qualitative or quantitative aspects, and focusing on the structure of the present subtextual rules Statements. After the transcription of the interviews, the analysis allowed to select emphatic passages in the description of the contents, articulating them with their adverbs, adjectives and reference times, and then extracting the basic rules of narrative construction. The sample demonstrated a homogeneity between the discourses, bringing the results closer together between men and women, and observing a positive world construction, imperative of actions as something necessary, that must be done, and with supernatural meaning, as well a positive view also of access and effectiveness of the coping mechanisms used. In relation to the vision of the Self, most have a first-person position, referential and appropriate to the acts of life, work and feelings, in a descriptive way as "I am ... I do ...", and in certain aspects reflective Like "I feel ... I consider myself ...". Concerning for the world view, can experience a constant position of optimism, seeing the world in a good way and with supernatural meaning, as "... a mission before God ...". In relation to Stress, it was relevant that the absence of control or sense of the facts leads to suffering, while the sense and the feeling of doing what should appear connected to happiness. Quite common condition, the view that there is something imperative in the actions, something necessary and that must be done, above all by having a supernatural function in the divine desire marked the narratives of interviewees.

Key words: Stress. Coping. Wittgenstein. Speech analysis. Language games.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese das regras gramaticais da primeira pessoa.....	120
Quadro 2 - Síntese das regras gramaticais da visão de mundo.....	122
Quadro 3 - Síntese das regras gramaticais sobre <i>stress</i> e enfrentamento	123

SUMÁRIO

Apresentação	11
1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Por que Wittgenstein?.....	17
1.2 Psicossomática e Psicologia social.....	20
<i>1.2.1 Estrutura do conhecimento em psicologia social.....</i>	<i>22</i>
1.3 Formulação da questão da pesquisa	23
<i>1.3.1 Objetivo geral.....</i>	<i>24</i>
<i>1.3.2 Objetivos específicos.....</i>	<i>25</i>
2 ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS.....	26
2.1 Qual filosofia?.....	26
2.2 Fundamentos da construção do conhecimento gramatical do discurso	27
2.3 Filosofia da Linguagem.....	29
<i>2.3.1 Contexto Histórico da Filosofia Analítica</i>	<i>29</i>
<i>2.3.2 O primeiro Wittgenstein – a linguagem lógica e empírica</i>	<i>31</i>
<i>2.3.3 O segundo Wittgenstein – o esforço da linguagem</i>	<i>31</i>
<i>2.3.4 Falácia da linguagem privada e a prioridade da terceira pessoa.....</i>	<i>31</i>
2.4 A questão Religiosa para Wittgenstein.....	33
2.5 Jogos de Linguagem.....	35
<i>2.5.1 Conceito</i>	<i>37</i>
<i>2.5.2 Jogos enquanto práticas de ensino</i>	<i>40</i>
<i>2.5.3 Jogos de Linguagem Fictícios.....</i>	<i>42</i>
<i>2.5.4 Jogos enquanto atividades Linguísticas.....</i>	<i>44</i>
<i>2.5.5 Linguagem enquanto jogo.....</i>	<i>47</i>
3 CONTRIBUIÇÃO ÀS TEORIAS DO <i>STRESS</i>	51
3.1 A questão do Simbólico e do Sagrado no enfrentamento do <i>stress</i>	53
3.2 Psicologia da Religião, psicanálise e <i>stress</i>	55
4 ANÁLISE DE DISCURSO	57
4.1 Campo dos estudos sobre o discurso	57
4.2 As diferentes faces do sujeito na Análise do Discurso.....	60
<i>4.2.1 Sobre o conceito de Ideologia.....</i>	<i>61</i>
<i>4.2.2 O contexto do sujeito ideológico.....</i>	<i>63</i>
4.3 Uma Análise Gramatical do Discurso	67
<i>4.3.1 A questão da ilusão linguagem privada</i>	<i>69</i>
4.4 Ser e Saber em Wittgenstein	71

4.4.1 A função da filosofia é esclarecer pensamentos	69
5 MÉTODO GRAMATICAL DE ANÁLISE DE DISCURSO	75
5.1 Contexto filosófico do método	77
5.2 Metodologia	78
5.2.1 Caracterização da Amostra	78
5.2.2 Procedimento de análise gramatical do discurso	79
5.2.2.1 Entrevista.....	122
5.2.2.2 Procedimento de análise gramatical do discurso	122
5.3 Construção de um modelo de interpretação Psicológica e Filosófica	82
5.4 Análise dos resultados.....	82
5.4.1 Relatório Síntese das regras gramaticais	122
5.4.1.1 Gramática do Eu.....	122
5.4.1.2 Gramática do mundo	124
5.4.1.3 Gramática do <i>stress</i> e enfrentamento	125
5.4.2 Considerações sobre a análise gramatical do discurso.....	127
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS	134
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista aberta	142
APÊNDICE B – Esquema metodológico de análise gramatical do discurso	143
ANEXOS	134
ANEXO A – TCLE – Termo de consentimento livre e esclarecido.	144
ANEXO B – Transcrição integral das entrevistas;.....	145

Pois o primeiro passo para a liberdade é
perder o medo e começar a chamar as coisas
pelo nome.

“Der schwer gefaßte Entschluß”

Beethoven

Apresentação

A difícil decisão, gravemente medida. Este é o testamento de Beethoven, indicação que encabeça os lentos acordes que abrem o último movimento de seu quarteto de cordas n.º 16, uma de suas quatro últimas composições. O movimento, denso e rico em tessitura e técnicas diversas, aponta com a exposição do primeiro tema nos instrumentos graves, a dúvida pesa; “*Muß es sein?*”. Tem que ser assim? Como resposta, a decisão não depende muito da razão ou da experiência, não se explica ou condói, apenas afirma, tenazmente com o segundo tema aos violinos, “*Es muß sein!*”. Tem que ser! Fria e secamente, apenas tem que ser.

A solução de problemas, a tomada de decisão ou mesmo a necessidade de adaptação imposta por um evento grande, maior do que, em uma avaliação pessoal e subjetiva, o indivíduo possa se ajustar ou contrapor, são o tema fundamental desta tese. Ao sermos submetidos a situações que extrapolam nossa capacidade mais natural de ajustamento, de adaptação, somos implicados em um processo complexo, muitas vezes considerado inconsciente, de tomada de decisão. Visto que tal situação supera a possibilidade de retomar o equilíbrio de forma natural, pelas respostas neurofisiológicas comuns da adaptação, necessariamente uma saída artificial, culturalmente adaptada e aprendida, deve emergir. Dada essa ação, e com o dispêndio adequado e possível de energia, é possível a conversão ao estado adaptado, homeostático.

Tal saída, mesmo aparentando ser automática, está pautada na equação que articula história pessoal, características pessoais prévias (da genética ao ambiente cultural de origem) e conquistas sociais (valores e crenças, reconhecimento etc.), eficazmente possibilitados por meio de peculiaridades e limites físicos. A estratégia resultante de tal complexidade, contudo, remete a uma condição especial de validade, ou seja, funciona devido a uma condição especial que julga ser tal saída eficaz. Existe uma regra do jogo a ser seguida, condição para o sentido do ato de enfrentamento.

A decisão é gravemente medida, e nem sempre é passível de ser compreendida, mas mantém-se de certa forma intangível, da qual sabemos apenas que tem que ser assim. *Es muß sein!* Por que e como essas decisões são tomadas constituem nossas questões fundamentais a serem respondidas, isto é, como é possível descrever as leis que regem o enfrentamento das situações de *stress*?

A solução e a administração de questões, sobretudo daquelas que sobrepujam nossa capacidade de adaptação (tanto orgânica quanto psíquica e social), envolvendo

aspectos de pensamento e linguagem, é o que chamaremos de *coping*,¹ a palavra consagrada que define o enfrentamento ou a forma de “dar conta” de situações nas quais a capacidade adaptativa natural é superada em seus limites.

Milan Kundera desenvolve o cabeçalho de Beethoven na abertura de seu livro “A Insustentável Leveza do Ser”, de 1984, obra na qual, assim como em um outro grande escritor tcheco, Kafka, a vida seria um imenso absurdo, totalmente destituída de qualquer significado ou razão, podendo tanto ser um sonho como um pesadelo. Apenas tem que ser, e ser assim, lembrando-se da epígrafe do quarteto de cordas.

Para esses romancistas, decisões são tomadas de forma grave, e não existe meio de verificar qual é a mais acertada, pois não há termo de comparação. Tudo é vivido pela primeira vez e sem ensaio ou preparação. Como um ator que ingressa em cena sem nunca ter experimentado antes. Tanto Kafka quanto Kundera então ponderam: o que pode valer a vida, se o primeiro ensaio da vida já é a própria vida? Não há esboço ou projeto, viver não é o devir, apenas é assim. É como é.

Contudo, a nosso ver, e tomando liberdade crítica nesse caso, diferimos da opinião de autores mais pessimistas, como os tchecos, e apontamos que, na verdade, há uma grande estrutura ou esboço que serve de referência para toda a ação no mundo, toda a decisão, e que escoar previamente conflitos dos mais pesados. Essa estrutura seria um tecido urdido pela experiência humana ao longo da história, culturalmente variada e com características originais a cada novo olhar, mas que se sustenta como fonte confiável de organização para compreendermos o mundo. Uma espécie de gabarito que articulamos e deciframos enigmas vitais: uma imagem ou visão de mundo.

Exemplo maior dessa imagem de mundo, que muitos filósofos articulam como *Weltanschauung* ou *Weltbild*, a posição do observador que detém uma imagem, a crença e a orientação cosmológica constituem uma estrutura explicativa da realidade, a qual, existindo desde que se tem notícia do início das civilizações, vem sendo articulada como forma de explicar a natureza e orientar as ações humanas.

Ao menos desde a dedicação de William James, em 1902, ao expor seu *The varieties of religious experience* (JAMES, 2009), a psicologia reconhece o papel que a religião tem na constituição da cultura e na formação da sua subjetividade, portanto, na

¹ *Coping*, segundo Lazarus e Folkman (1984), é um conceito que contempla toda a estratégia, comportamental ou cognitiva, que tenha como objetivo a adaptação a situações adversas, de acordo com as mais diferentes modalidades. Optamos, aqui, por manter a palavra em inglês, pois a tradução “enfrentamento” não contempla toda a gama de modalidades de administração, redução de danos, fuga ou apoio social que o termo estratégias de *coping* pode abarcar. Ele se refere ao uso consagrado do termo *stress*, em sua grafia original, para definir o fenômeno complexo psiconeuroimunológico.

construção dessa imagem de mundo, explicativa e autorreferente. Não somente no campo da psicologia, mas também nos campos da ética e da filosofia, a posição religiosa do homem, sua admiração ante a existência do mundo, atrai e ocupa o trabalho dos mais importantes pensadores. Responder e atuar no mundo de forma religiosa é, sem dúvida, uma das possibilidades mais válidas (e consagradas) para o homem impelido a se adaptar às imposições da existência.

O ato de enfrentar as adversidades e as exigências (externas e internas) a partir de sua compreensão enquanto preceitos divinos em termos humanos é a atitude ou o comportamento que tomamos como objeto capital para a tese que se propõe com este projeto: a forma como lemos o mundo e o conjunto ou os sistemas de referências que organizam, no sentido gramatical, essa leitura da realidade afetam de forma direta as modalidades de respostas (*coping*) que lançamos mão na necessidade de adaptação (enfrentamento do *stress*). Essa perspectiva é explorada por Viktor Frankl (1985), em seu cunho fenomenológico existencial, e bastante distinta das demais concepções psicológicas de seu tempo, propondo uma abordagem da existência por meio dos fenômenos especificamente humanos, além de sua identificação com o que chama dimensão *noética* ou espiritual, da qual pode despertar a vivência da religiosidade.

Tomando como referência inicial a psicologia do *stress* – aprofundando o conceito para o campo da psicologia social – e a psicologia e a filosofia da religião (em um referencial inspirado pelo pensamento de Wittgenstein), pretendemos com esta pesquisa demonstrar a influência que o envolvimento e a formação em uma estrutura explicativa ou ideológica têm sobre a leitura das exigências adaptativas e as escolhas de estratégias de enfrentamento subsequentes. Em nosso recorte epistemológico, utilizaremos o envolvimento religioso católico como modelo de referência, ainda que o método e os resultados possam ser aplicados a outras formas de pensamento ou cosmovisão, como no caso do ateu, do agnóstico ou do participante de outros tipos de religiões, filosofias ou mesmo posições políticas, as quais, ainda que de forma indireta ou subjetiva, afetem ou conduzam à avaliação racional da realidade e, portanto, à tomada de decisões e mecanismos de enfrentamento, possíveis de serem, da mesma forma, analisadas sob o mesmo método em trabalhos futuros.

O presente trabalho é fruto de pelo menos 12 anos no estudo e no ensino de psiconeuroimunologia, psicanálise e psicossomática, tanto na formação dos alunos em iniciação científica da graduação em Psicologia, quanto no aperfeiçoamento dos profissionais, na pós-graduação. Trata-se de uma solução pessoalmente significativa e, para questões que percorrem a vida do autor no que diz respeito ao problema da representação psíquica e da psicossomática, temas recorrentes nas teorias explicativas sobre a relação mente-corpo.

Articulador fundamental dessa problemática, a teoria do *stress* vem ocupando um lugar dos mais importantes para a compreensão dos processos psicossomáticos, sendo que o conceito de enfrentamento vem demonstrando ser sua implicação prática (e mesmo clínica) mais eficiente. Assim, com o propósito de uma revisão crítica e uma posição mais filosófica sobre o tema do *coping*, pretendemos uma contribuição no que diz respeito à teoria do *stress* e do enfrentamento.

1 INTRODUÇÃO

A cultura exerce um papel decisivo na formação da subjetividade. A imagem que temos do mundo, a forma como o explicamos, as ideias e, sobretudo, a articulação que as ideias fazem entre si determinam, junto às vicissitudes biopsíquicas e históricas de cada ser, sua posição no mundo, a forma como lida com a realidade. Não só a psicologia, mas a antropologia e a filosofia tomam essas relações entre mundo e sujeito, entre realidade impositiva e a vida subjetiva, como objetos de trabalho, matéria-prima para a elaboração do conhecimento.

A presente tese dedica-se à mecânica dessa relação ideia-mundo, sua Gramática, como chamaremos. No presente recorte, a ideia religiosa do católico e a forma como este compreende e enfrenta o mundo serão tomadas como modelo para a investigação da dinâmica entre homem e realidade. Dinâmica esta que, por sua vez, tomamos em paralelo com o complexo *stress-coping*, fenômeno no qual observamos a imposição da realidade, da necessidade de adaptação (*stress*), bem como sua avaliação e tomada da decisão mais adequada de enfrentamento (*coping*), no campo da subjetividade e da linguagem.

A psicologia do *stress*, sua importância e o aprofundamento na psicologia social, com a inspiração na filosofia de Wittgenstein, abordando o problema da adaptação tal qual um problema linguístico é a referência epistemológica que rege a construção de conhecimento do texto. Referência a partir da qual se pretende demonstrar a influência que a construção representacional do sujeito envolvido com uma visão de mundo comum tem sobre as formas com que compreende e enfrenta as exigências do mundo.

Dessa forma, com o primeiro capítulo, justificamos a tomada de Wittgenstein como autor de referência e o primeiro a propor o processo descritivo ou gramatical como fundamental para a solução de qualquer problema filosófico. Nessa perspectiva, lemos e interpretamos o real enquanto linguagem em potencial, passível de ser descrita e, só assim, decifrada. Por sua vez, como partimos de uma abordagem psicossomática e psiconeuroimunológica do fenômeno do *stress*, também aproximaremos a abordagem da psicossomática à da psicologia social, pontualmente ao considerar o uso da linguagem e da dinâmica das ideias como premissa para a higidez, psicossomática.

O segundo capítulo dedica-se à fundamentação das abordagens filosófica e epistemológica que ordenam nossa produção de conhecimento. Com a tese partindo da necessidade de construção de um novo método de investigação de ideias e de seus

movimentos, no âmbito coletivo, faz-se necessária uma revisão e o clareamento de quais as premissas lógicas que nos sustentam. Toda nossa construção sustentar-se-á em um saber sobre o mundo baseado na experiência dos indivíduos, em seu movimento de adaptação ao mundo, bem como nas leis que podem ser derivadas desses processos, sobretudo da determinação ou da influência cultural envolvida. Assim, a relação do sujeito com o mundo se daria a partir de regras, tais quais regras de um jogo, que são determinadas no encontro da experiência pessoal e das posições da cultura. O método investigativo de tais regras visa à sua descrição objetiva, abrindo mão de qualquer busca de essência ou significado elucidativo das palavras, focando no entendimento de como elas funcionam, como são suas regras.

Da mesma forma, introduz-se o campo da linguagem no seio do programa da filosofia analítica, expoente maior no século XX dos estudos sobre a linguagem, a fim de situar a influência de Wittgenstein e do empirismo lógico na abordagem proposta nesta tese. Tal movimento prezava pelo esclarecimento de quais as formas e os usos dos conceitos, como se articulam e sobre a solução de qualquer confusão dos seus usos, o que seria a origem de todo problema filosófico: a confusão linguística.

No terceiro capítulo, avançamos em uma contribuição direta à teoria do *stress*, alocando o fenômeno adaptativo também no campo da linguagem, pois parte necessariamente da percepção, da avaliação e atuação na realidade, processos dos quais provavelmente também advém leis organizadoras, tal qual o discurso. Neste sentido, atrelado ao fato de nossa amostra compor-se de sujeitos que percebem, avaliam e atuam no mundo de forma permeada pela religiosidade, justificamos também a função da fé enquanto pensamento organizado em torno de uma ideia, ou discurso, tomado como verdadeiro, sagrado. Partiremos da premissa de que tais ideias ou imagens transformam-se em recursos valiosos para o enfrentamento de situações de *stress*, não somente na forma de “*coping*-religioso”, mas a dinâmica organizada do uso de tais representações repetir-se-iam nas estratégias mais caras de enfrentamento para o sujeito.

Com o quarto capítulo, revisa-se os principais autores e abordagens da análise de discurso, derivado de variados enfoques e tradições teóricas, inclusive dentro da própria psicologia social. A partir dessa revisão, propomos um novo fundamento para a análise do discurso, considerando as representações ou ideias não como imagens estáticas, significantes elucidáveis, mas como sua dinâmica, leis e forças regendo seus usos. O discurso é tratado como processo psicodinâmico regido também por regras, ou seja, a ideologia em ato.

No capítulo seguinte, os fundamentos metodológicos da tese são apresentados, bem como uma descrição prévia das etapas de aplicação do método proposto. O que pretendemos com o desenvolvimento de uma metodologia de análise gramatical do discurso, adequada à psicologia social, é, objetivamente, criar condições para obter uma comparação entre as proposições e a realidade, critérios de fidelidade ou verdade e, consequentemente, produção de sentido. A linguagem aplicada na descrição do mundo e das formas de enfrentá-lo nos apontará a transposição do gesto à palavra, ou do ser ao saber. Colocado o significado do saber de forma clara, na medida em que descreve o significado de um desejo ou ordem executada, temos as regras fundamentais que determinam os critérios de verdade para que o jogo ocorra. Ainda no quinto capítulo, temos a análise dos dados colhidos por meio das entrevistas, sua tabulação e sua análise a partir do método proposto.

1.1 Por que Wittgenstein?

A solução do problema que você vê na vida é viver de tal maneira que desapareça o problemático. Dizer que a vida é problemática significa que a tua vida não se ajusta à forma da vida (*Form des Lebens*). Em consequência, você deve mudar sua vida e, se ajusta-se à forma, desaparece o problemático.

Ludwig Wittgenstein (2000)

Ao conectarmos a posição ética (a posição e a atuação no mundo) e a ação religiosa (a leitura e o sentido do mundo), tomamos Wittgenstein como autor de referência, pois, ao propor a necessidade de descrever os aspectos gramaticais de qualquer problema filosófico, também podemos derivar a obrigação de descrever a forma como atuamos no mundo, lemos e interpretamos o real enquanto linguagem a ser decifrada, o que esclarece o modo como as pessoas vivem, atuam no mundo e enfrentam seus problemas.

Para o autor, a religião surge no choque de vontades entre Deus e o homem, a imposição da Natureza ou, internamente, o impedimento do fluxo do desejo. Nesse ponto de vista, caso eu estabeleça uma relação aquiescente com tal vontade, concordo com o mundo, e não há conflito. Caso discorde, caio na infelicidade (MARTINEZ,

2009; SPICA, 2009). A religião proporciona, ainda, entender a lógica de tal vontade, na disciplina de teologia, criando um sistema maior de referências (*Bezugssystem*) que orientam a atuação na terra (o enfrentamento das adversidades).

Nas suas *Investigações filosóficas* (WITTGENSTEIN, 1999a, § 32),² o autor imagina a situação de um explorador que, chegando a um país cujas língua e cultura são totalmente estranhas às suas, tende a interpretar tal língua utilizando o que chama de modo de agir humano comum (*die gemeinsame menschliche Handlungsweise*), ou seja, observar seu sistema de referência como gramática para organizar a atual exposição do mundo. Assim, tal gramática torna-se a bússola que aponta para a gama de respostas possíveis e coerentes, cabíveis de serem lançadas para enfrentar o *stress* causado pela nova situação.

Dessa forma, a inspiração do método gramatical e a tentativa de transposição/adaptação deste para um método de análise de discurso em psicologia social, acreditamos, trará grande contribuição ao conhecimento das relações humanas, institucionais e culturais, além de sua influência na formação dos sujeitos, das metas originais da psicologia social.

Assim, e sem fazer da filosofia nosso *Violon d'Ingres*, propomo-nos tomar como apoio e impulso as interrogações de Wittgenstein, fazendo delas também ponto de partida para interrogar a realidade e a viabilidade do discurso de enfrentamento socialmente construído, tal qual o autor o faz com o discurso filosófico, apurando ao nível descritivo os mecanismos de enfrentamento traduzíveis em linguagem e, por fim, estabelecer uma relação sensível do que há de identidade entre as leis que os regem.

É fundamental advertir que, em determinados pontos, o que chamaremos aqui de método gramatical de análise do discurso, nosso instrumento de análise de dados, difere do que Wittgenstein tomava como forma de analisar os problemas filosóficos longe do “enfeitiçamento da linguagem” (WITTGENSTEIN, 1999a, § 109), no qual interessa apenas a descrição do que acontece, e não as sensações ou os fatos empíricos. O método filosófico descritivo do autor substitui as elucidações, explicações e teorizações pela descrição pura e exemplificações lógicas válidas. Por esse lado, a filosofia pode ser vista como terapia dos usos dos conceitos, salvaguardando os perigos da linguagem, detendo-se no pensamento, e não na sua expressão.

² Devido ao cotejamento em diferentes edições, citaremos diretamente os parágrafos das obras de Wittgenstein (respeitados em sua divisão pela maioria dos editores), a fim de facilitar a consulta do leitor, caso necessário.

No método desenvolvido nesta tese, por outro lado, entende-se por gramatical tanto essa abstenção da atenção ao conteúdo sintático ou simbólico do discurso quanto a reorganização do mesmo discurso em leis fundamentais, sobretudo ligadas à função do uso da palavra “eu”, desde sua característica de identidade, de subjetividade até sua simples localização ou corporeidade, longe também do “peso” de um significado prévio do conceito do “eu”, mas conferindo identidade à forma de atuação no mundo. Dito de outra forma, uma regra do jogo pessoal, ainda que oriunda e compartilhada com o social, tácita e muito potente na determinação da ação humana. Ação esta que, a nosso ver, é sempre o esforço adaptativo. Doravante, então, o conceito de análise gramatical refere-se inicialmente à proposta de análise desta tese, originado, contudo, do ofício descritivo de Wittgenstein.

Como forma de exemplificar, esperamos identificar tais regras e apurá-las em dinâmicas de atuação, tais quais: participa-se ativa ou passiva na realidade; há ou não responsabilidade perante os atos; conta-se ou não com a ajuda ou o apoio social na solução dos problemas: há ou não ideia de uma determinação prévia na realidade do mundo etc. Não por acaso, tal descrição de leis ou paradigmas que tendem a ser constantes no discurso dos sujeitos sobre a realidade e a sua atuação na realidade será descrita como regra, no imperativo, tanto no sentido de indicar o imperioso de uma regra a ser seguida quanto no sentido da identificação do ser como substância atuante em Wittgenstein.

Isso se dá pelo motivo de que tais regras serão derivações do discurso em primeira pessoa, o qual, na maioria das vezes, refere-se ao Eu como lugar ou corpo que fez ou fará alguma coisa (determinando as regras que o sujeito aplica para utilizar-se da palavra “eu”), partindo do descritivo “eu faço...”, “eu acho que...”, “eu senti que...”, transportando a uma análise do sentido do Eu como substância subjetiva ou ente, “é assim...”, “age-se assim...”, “ocorreu que...”. Uma palavra ou expressão torna-se, portanto, tal qual uma figura do xadrez: tem forma especial, mas, em si, não se explica ou não tem função nem objetivo caso não inserida em um jogo determinado, com leis explicitáveis e, necessariamente, compartilhada entre os jogadores.

Tal trabalho de substituição e separação daquilo que é essencial ou não ao discurso (WITTGENSTEIN, 2005), fundamental na obra intermediária de Wittgenstein, será descrito nos capítulos à frente como parte do método de análise do discurso proposta neste trabalho. Conquanto, podemos tomar aqui o exemplo célebre da substituição da palavra “eu” do discurso, palavra das mais enganosas em sua utilização

comum, segundo Wittgenstein, quando a proposição “eu tenho dor” é substituída por “ocorre dor”, ou seja, uma experiência real de algo imediato sentido pelo sujeito vivente (o ente, o ser), e não o corpo ou lugar determinado (o conhecer). Por outro lado, ao tomarmos a experiência perceptiva do mundo, mediada, na qual há uma projeção e uma identificação do fato no mundo, isto é, a proposição “ele sente dor” é substituída e apurada ao evento imediato de perceber que o outro “se comporta como quando ocorre dor em mim”, retornando em espiral ao sujeito enquanto substância, medida de todas as coisas.

Para nós, assim como para Wittgenstein, a filosofia é uma luta contra os mal-entendidos que provêm de um uso da linguagem cotidiana, e dessa luta deve participar também o psicólogo, pois é o discurso cotidiano, explicação da realidade, sua matéria-prima de trabalho. Analisar o discurso, partindo da premissa de que só existe discurso quando coletivamente partilhado, deve ser um esforço para “compreender algo que já está aberto diante de nossos olhos” (WITTGENSTEIN, 1999a, § 89). Isso define, portanto, o motivo de referir o método de análise como uma investigação gramatical, isto é, a descrição do uso que fazemos de nossa linguagem cotidiana, das expressões linguísticas como fenômenos de diversas possibilidades, limpando-os dos diversos mal-entendidos que concernem ao uso das palavras (WITTGENSTEIN, 1999a).

1.2 Psicossomática e Psicologia social

O método aqui desenvolvido, bem como sua aplicação e suas finalidades, é, intrinsecamente, um método da psicologia social. Ao avaliarmos o uso da linguagem que descreve o mundo, já descrevemos, de início, uma atividade adquirida e exercida no convívio social. Toda ação social se dá comprometida com as regras no interior de um jogo de linguagem, regras públicas, pois visíveis, sabíveis. Comparando os usos (e mau usos) da mesma linguagem dentro de um grupo específico, temos um retrato da dinâmica intersubjetiva dos atos sociais, ou seja, o movimento social e sua construção a partir do subjetivo, com consequente determinação dialética da ação pessoal, objeto principal da psicologia social, defendemos, no campo da compreensão dos fenômenos coletivos.

Nessa nossa abordagem, a observação dos processos grupais, em especial o discurso explicativo do mundo, e o seu papel determinante na ação na realidade identificam-se de forma autoexplicativa com os conceitos de moderadores de *stress* e de

mecanismos de *coping*. Dessa forma, a condução dos conceitos ligados ao *stress* para o campo da psicologia social é o caminho que pode contribuir para e aprofundar a compreensão das dinâmicas dos grupos. Visto que as teorias do *stress*, as quais tomaremos sempre na operação complexa *stress-coping*, fornecem-nos um rico conhecimento técnico das situações de adaptação e enfrentamento, solução de problemas e resiliência, os quais podem ser de incalculável contribuição na compreensão dos processos sociais.

Ao aproximarmos o sistema referencial que representa o mundo para nós (as representações de mundo) do conceito de *stress*, abordamos também o envolvimento religioso com uma dupla característica de inscrição, entre psiconeuroimunologia e psicologia social, o que capacitaria uma expansão compreensiva do mundo e, conseqüentemente, uma melhor organização psicossomática, coisa intimamente ligada à qualidade da resposta de *stress* e à capacidade de *coping* do indivíduo.

No campo do pensamento, a organização do sistema de referências culturais permitiria a fluidez, a variedade e a disponibilidade de imagens mentais, característica fundamental da higidez psicossomática (MARTY, 1998; 2001; McDOUGALL, 1983; 1984; 1989; 1991). Tal proposição pode ser demonstrada, por exemplo, se tais imagens, ideias e conceitos, posteriormente, transformarem-se em recursos valiosos para o enfrentamento de momentos de *stress*, ou seja, se for averiguado seu potencial para “moderadores do processo de *coping*” (RUDOLPH; DENNING; WEISZ, 1995).

O conceito de moderadores pôde complementar nossa compreensão dos mecanismos de *coping* e foi diferenciado por Baron e Kenny (1986), caracterizando as variáveis pré-existentes que influenciam o resultado de *coping* relacionadas a características pessoais como o temperamento, a saúde física, os aspectos morais e ideológicos envolvidos no modo como o indivíduo enfrenta e administra as situações de *stress* (BARON, 1986). Nesse sentido, a disponibilidade e a qualidade das imagens psíquicas influenciadas pela atividade engajada (religião ou militâncias culturais) determinariam os aspectos morais, ideológicos e religiosos do indivíduo, influenciando diretamente a forma como o sujeito enfrenta as situações de *stress*.

Desse modo, a presente tese deve facilitar o encontro entre a psicologia social e a psicossomática, pois a construção da saúde jamais se dá de forma desligada das influências e do apoio social, referência cultural, da mesma forma como a investigação da doença e os tratamentos não devem fazê-lo.

1.2.1 Estrutura do conhecimento em psicologia social

Quid est ergo tempus? Si nemo ex me quaerat, scio; si quaerenti explicare velim nescio.

[S. Agostinho, Confessiones 11.14] ³

Cognoscere é conhecer pelos sentidos, pela alma. Conhecimento é atributo do ser vivo, subjaz a possibilidade de reação ao mundo, ou atividade no mundo, por meio do pensamento ou do ato de conhecer.

Do pensamento resulta a elaboração possível entre sujeito e objeto, aquele que pode conhecer e aquilo que se põe a conhecer. Há aqui a introdução do conceito de consciência, conceito complexo filosoficamente, pois conhecimento é a manifestação do conhecer; a consciência, do ato de conhecer. Ainda mais problemático, há a condição dinâmica e inexoravelmente inacabada do conhecer validável (científico), ou seja, sua dinâmica dialética.

Das muitas possibilidades de interpretação da realidade, o ato de conhecer pode dar-se, muitas vezes, de forma automática e sem considerar sua complexidade. O mesmo se dá na impressão que pode surgir, por exemplo, do conhecimento do discurso dos sujeitos, pois, numa abordagem linear, pode-se exprimir uma leitura crua e por vezes concreta do conteúdo e, de outra forma, considerada em sua complexidade, a abordagem do discurso necessariamente apontará conteúdos profundos, obscuros porventura, e dos quais se pode extrair imagens ideológicas, culturais, dinâmicas de funcionamento psíquico e mesmo indicações do inconsciente (o simbólico).

No nosso caso, tomado o discurso do sujeito sobre a vida, o sofrimento e a sua superação – nosso objetivo –, temos uma via de análise que se distancia da semiologia do discurso (sua semântica, pragmática e sintaxe), na qual nos deteremos na mecânica, ou gramática, que sustenta o movimento discursivo, limpando-o, como diria Wittgenstein, dos mal-entendidos ou feitiços da linguagem, das palavras. As leis e as formas elementares, segundo nossa suposição, repetir-se-ão tanto na construção e na enunciação da linguagem quanto na organização dos mecanismos de *coping* usuais do

³ Que é o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se eu quiser explicar a quem perguntou, não sei.

indivíduo. Assim, é possível estabelecer uma correlação entre a dinâmica discurso/linguagem e a relação moderadores/mediadores de *coping*.

1.3 Formulação da questão da pesquisa

A finalidade desta tese é estudar, a partir da formulação de um método de análise gramatical do discurso, as relações entre o sistema de representações de mundo (cosmovisão) e as estratégias de *coping* do sujeito envolvido com um sistema representacional religioso (católico), a fim de encontrar as regras elementares de ordenação das tomadas de decisão, a gramática que fundamenta o discurso. Para tanto, será também objetivo desta pesquisa o desenvolvimento de uma metodologia de análise de discurso hábil para descrever essa mecânica ou gramática que dá estrutura às formações discursivas, a qual chamaremos método de análise gramatical do discurso coletivo.

A hipótese que sustenta tal objetivo é que o sujeito enfrenta as imposições da realidade (o complexo *stress/coping*) de forma intimamente ligada à maneira como a compreende (sua cosmovisão). Assim, ao descrevermos a organização do discurso do sujeito acerca do mundo (as regras gramaticais de articulação e validade do discurso como verdadeiro), aproximamo-nos enquanto pesquisador das regras que também regem a maneira como o sujeito enfrenta as imposições do mundo (seus mecanismos de *coping*), inclusive com suas incoerências e contradições entre discurso e tentativa de adaptação: se focado no externo (no problema em terceira pessoa) ou no interno (na emoção em primeira pessoa). Tal proposição, embora acessível à análise lógica, não fora ainda descrita em termos de funcionamento psicológico.

Argumentando a favor de tal suposição, é informação já consagrada da psicologia afirmar que o conhecimento e o envolvimento com a prática religiosa proporciona uma gama de possibilidades de significação para o indivíduo que, aliado ao seu caráter sagrado, constituiria um campo vasto de possibilidades para dominar e administrar situações de *stress*. Em outras palavras: “Se a pessoa [...] consegue dar ao evento que a aflige uma significação e uma importância garantidas pelo sagrado, ela certamente haure um sentido novo e uma força sobre-humana” (PAIVA, 2007).

Relembrando o dito acima sobre a psicossomática, converge aqui a ideia de que a eficácia e a disponibilidade de recursos representacionais ou simbólicos aumentariam a saúde psicossomática dos sujeitos, tanto no campo explicativo psicanalítico, pois

aumentaria a disposição de elementos mentais aos quais se ligaria o excesso afetivo resultante de uma situação de *stress* grande, traumática, portanto, como também no campo da psiconeuroimunologia, na operação *stress/coping*, pois os conteúdos que tornam possível o enfrentamento (moderadores), e seu acesso à possibilidade de enfrentamento (mediadores), seriam aumentados na mesma proporção.

Por outro lado, ainda que essa ideia seja consagrada, é possível pôr em dúvida a validade de tal hipótese, pois considerando-se a eficácia dos comportamentos de *coping*, uma saída por fuga ou evitação, por exemplo, estaria ligada a um processo de inibição representacional (cortical), evitando a avaliação cognitiva da situação de *stress* e ainda assim ser eficaz em determinado momento, mesmo que prescindindo da disponibilidade ou da quantidade de representações. No mesmo caso, temos a discussão também da possibilidade de a disponibilidade representacional, mobilidade cognitiva, não ser condição em si para aumentar a eficácia das estratégias de enfrentamento, pois há casos os quais, pela biografia, reconhecemos um desenvolvimento de discurso filosófico existencial e da capacidade intelectual aliado a uma degeneração da saúde psicossomática e mental, como o caso da biografia de Nietzsche, por exemplo.

Dessa forma, abrindo a discussão sobre visão de mundo, dinâmica das ideias, crenças e sua relação com as formas de enfrentamento, sua eficácia e a manutenção da saúde integral, a presente tese pretende contribuir com a solução de tais problemas da psicologia, agora sob uma nova perspectiva: a dinâmica gramatical do discurso. Nesse ponto, articulamos o pensamento de Wittgenstein na proposta, o qual nos inspira a pretensão do que chamaremos uma “gramática social de leitura do mundo”, uma visão compartilhada pelos sujeitos de pesquisa, mais ou menos rígida e determinante das ações humanas e passíveis de serem descritas enquanto regras. Consequentemente, uma “cosmo-identidade”: uma gramática socialmente original, mas subjetivamente vivida, e sobre a qual se organizam as leis que determinam as tomadas de decisão.

Partindo dessa proposição, pretende-se:

1.3.1 Objetivo geral

O objetivo geral desta tese é investigar em católicos devotos as formas elementares de representação do mundo (*Weltanschauung* ou *Weltbild*), descrevendo-as enquanto leis explicativas da realidade a partir da proposta de análise gramatical do

discurso, bem como correlacionar tais leis ou regras fundamentais com a forma que os mesmos sujeitos descrevem os seus mecanismos de enfrentamento utilizados em situações de grande *stress* (seja ele positivo, o eustress, seja destrutivo, o distress). Dessa forma, pretendemos demonstrar a influência que o envolvimento e a formação em uma estrutura explicativa ou ideológica têm sobre a leitura das exigências adaptativas e as escolhas de estratégias de enfrentamento subsequentes.

1.3.2 Objetivos específicos

A centralidade desta tese defende o pressuposto de que há regras lógicas ordenantes da validade do discurso mediando a correlação entre a visão que se tem de mundo e nossas ações de enfrentamento deste, além da própria produção das ações linguísticas. Assim, na busca de uma compreensão psicológica da articulação dessas regras ditas gramaticais, este trabalho pretende:

a- desenvolver e aplicar uma metodologia de investigação e análise do discurso coletivo, a partir da inspiração do método descritivo gramatical, a fim de elucidar leis fundamentais que regem a construção do discurso dos indivíduos – Método Gramatical de análise do discurso coletivo.

b- investigar, a partir desse método, as formas de enfrentamento em situações descritas como sendo de grande *stress*, que causaram sofrimento ou comoção positiva, bem como apurar as leis determinantes de tais estratégias.

c- estabelecer uma correlação lógico-gramatical entre as regras de organização do discurso descritivo sobre o mundo (cosmovisão) e sobre a forma como o enfrentam (*coping*).

2 ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS

2.1 Qual filosofia?

Existem centenas, senão milhares, de formas de definir a filosofia. As tentativas são tão numerosas quanto foram os pensadores ao longo dos séculos, pois há a tendência de cada filósofo definir a filosofia de uma forma muito particular e, necessariamente, muito coerente à sua própria personalidade. No seu *Diccionario de Filosofia*, o filósofo espanhol José Ferrater Mora (1994, p. 356), citando Josef Pieper, observava que: “...enquanto perguntar ‘Que é a física?’ não é formular uma pergunta pertencente à física, contudo uma pergunta prévia à ciência, perguntar ‘Que é a filosofia?’ já é formular uma pergunta filosófica — uma pergunta eminentemente filosófica”.

Isto posto, conclui Ferrater Mora (1994, p. 357), “cada sistema filosófico pode valer como uma resposta à pergunta acerca do que é a filosofia e também acerca do que a atividade filosófica representa para a vida humana”.

Toda a nossa intenção com a presente tese se sustenta na construção de um saber que se propõe proveitoso ao homem. Os objetivos da pesquisa nos apontam a um saber construído sobre os pilares da experiência dos indivíduos, a sua adaptação ao mundo, as leis que derivam desses processos e sobre as quais se elevam o conhecimento e o enfrentamento do mundo.

Apontamos aqui um *continuum* entre o ser e o saber. Para tanto, o método desenvolve-se em torno da elaboração de um método psicológico de análise do discurso, inspirado no pensamento de Wittgenstein, a fim de descrever os usos e as regras do jogo social da linguagem, jogo este que tem por objetivo a adaptação à realidade.

Segundo Wittgenstein, “Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos” (WITTGENSTEIN, 1999a, § 109). Tal aforismo pode ser compreendido como resumo do método empregado na segunda fase do pensamento do autor. Em tal afirmativa, abrindo mão da descoberta ou da elucidação da essência da linguagem, o filósofo aponta para a necessidade de entendimento de como ela funciona, ou seja, a descrição de suas regras. Enfim, sua gramática. A filosofia, assim, ganha o ofício ordinário da ciência – a saber, o processo descritivo – e a psicologia, como ciência, ganha da filosofia seu cuidado com os usos dos termos.

Tal ordenação do processo investigativo, emparelhando-o com a descrição das regras que regem a linguagem, sustenta nosso objetivo de investigar o discurso de sujeitos envolvidos em uma estrutura religiosa, estabelecendo a relação entre sua visão de mundo e o desenvolvimento de mecanismos de enfrentamento de *stress*.

A presente tese, portanto, tem como foco a construção de um conhecimento, em princípio descritivo, porém com poder elucidativo importante, dos mecanismos que dão origem aos modos de enfrentamento do *stress*, bem como a sua relação com a forma como o indivíduo organiza seu discurso acerca do mundo que vive.

Assim, retomando nossa proposição fundamental, aplicável e subjacente tanto ao discurso acerca do mundo quanto à atuação na realidade, podemos encontrar nos indivíduos uma forma comum de organização dos mecanismos psíquicos fundamentais, uma gramática constituída e descritível, esteio do complexo de estruturas ao qual nos referimos comumente como o “psicológico”. No mesmo sentido, o caráter social que forja tanto a ação humana quanto sua subjetividade fica esclarecido. Afinal, a interpretação subjetiva e a construção discursiva da realidade dá-se de acordo com nossa inserção em um discurso no qual nos inserimos (o que Wittgenstein considera as formas de vida) e que podemos chamar de cultura e situação social, o qual é determinado por um outro conceito, mais amplo, que são os jogos de linguagem.⁴

Daí justifica-se a nossa metodologia basear-se na análise exploratória de um grupo social delimitado cultural e historicamente, com o objetivo de descrever e investigar as leis de organização do discurso de tais sujeitos, averiguando as relações e/ou repetições das mesmas leis nas formas particulares de atuação no mundo.

2.2 Fundamentos da construção do conhecimento gramatical do discurso

Partiremos da premissa de que toda tese deve pautar-se na produção de conhecimento e, portanto, abranger, mesmo que indiretamente, três níveis de elaboração: o conceitual, o empírico e o metodológico. De maneira especial em psicologia, sublinhamos, porque, substancialmente, constitui uma ciência de atuação empírica iminente, pautada numa construção conceitual prévia. Essa construção conceitual, por sua vez, somente é possível quando produto de conhecimento científico

⁴ Tais conceitos e sua posição na presente tese serão aprofundados nos capítulos seguintes.

e pautada em método bem definido, alinhando, assim, a elaboração epistemológica da pesquisa da seguinte forma:

1 – O trabalho se dedica ao conceito de *stress*. Com a finalidade de uma definição abrangente do fenômeno “*stress-coping*”, e de forma intimamente ligada à psicologia social, a presente tese tem como foco refletir sobre esse elemento tão importante para a compreensão do agir humano, a saber, o processo de adaptação. O fenômeno que poderíamos chamar “complexo *stress-coping*” pode ser, *a priori*, definido como o ato adaptativo ou dispêndio de energia em uma tentativa de adaptação, isto é, ação humana impelida pela imposição da realidade. Em suma, compreende uma operação tocante a todo ato ou movimento humano, físico ou psíquico, e a toda a vida: a reação adaptativa a uma demanda qualquer, seja ela física ou psicológica, seja individual ou social.

2 – Metodologicamente, aplica-se uma modalidade nova de análise do discurso, abrangendo o processo de percepção, apropriação, ancoragem (regras implícitas do discurso) e sua expressão pela linguagem, para além do significado, mas estruturalmente, ou seja, como ela se organiza. Para tanto, na formulação de uma metodologia de análise de discurso, aplicaremos a substancialidade da análise lógica do discurso pautada no método gramatical da filosofia de Wittgenstein à metodologia da análise de discurso da psicologia social, regulada pelos conceitos da ancoragem e da representação social. Dessa forma, investigaremos os termos que organizam ou dão forma ao discurso, com a finalidade de descrever diferentes usos de conceitos utilizados na descrição do fenômeno em foco (em nosso caso, a experiência indicada pelo sujeito como sendo de *stress*) na entrevista. Assim, analisando de forma descritiva a estrutura dos usos da linguagem nos diferentes sujeitos, pretendemos descrever psicologicamente os conceitos linguísticos em vez de reduzir o mecanismo mental à linguagem, o que consideramos um erro fundamental de algumas abordagens da psicologia.

3 – Empiricamente, vemos tanto a abrangência da utilização do operador teórico *stress-coping* na abordagem de diversas problemáticas em psicologia social, das terapêuticas às compreensões de dados sociais, quanto a importância de uma maneira detalhada de disciplinar a análise do discurso a partir do método gramatical.

Dessa forma, conduzimos o conceito de *stress* ao campo da psicologia social de forma a tomá-lo como fenômeno complexo e operador teórico, ou seja, modelo explicativo útil na compreensão de movimentos culturais e grupais, deixando de ser apenas um conceito vago, emprestado da engenharia, e que se refere ao sofrimento adaptativo, conciso ao campo da saúde ou da psicologia do trabalho.

A partir de tal detalhamento (conceitual e empírico), formalmente organizado por um método de análise do discurso, pretendemos com esta tese a construção de conhecimento acerca do humano em toda a sua magnitude e complexidade, não apenas pautado no sujeito, mas nas formas elementares de construção social da adaptação ao mundo (enfrentamento do *stress*).

2.3 Filosofia da Linguagem

2.3.1 Contexto Histórico da Filosofia Analítica

Abordamos, neste ponto, alguns aspectos da filosofia da linguagem em geral, sua origem, seus principais representantes e sua grande influência na moderna filosofia, bem como a influência na filosofia analítica, na psicologia social e na análise de discurso, construção de conhecimento, sua importância ao longo do século passado.

Nascido no início do século XX, o movimento teórico conhecido como Filosofia analítica, ou escola de Cambridge, de Oxford, empirismo lógico e mesmo positivismo lógico, dominou grande parte dos círculos de pensadores na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos desde a Segunda Guerra Mundial, e tinha como objetivo a análise dos conceitos expressos por meio da linguagem e a sua posterior clarificação. A análise linguística derivada de tal história de pensadores constitui o método filosófico para esclarecer quaisquer querelas ou tropeços da linguagem, em suma, esclarecendo conceitos e sanando todo o tipo de disputa filosófica. Assim, para tal método, a confusão linguística é a origem de todos os problemas filosóficos.

A ida do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein a Cambridge, no fim da década de 1920, atraído pela obra de Russell no campo da matemática, pôs em cena a figura central do movimento linguístico analítico que surgia. Em 1921, com a publicação do *Tractatus Logico-philosophicus*, Wittgenstein apresenta sua primeira teoria sobre a linguagem, reduzindo toda a filosofia a uma crítica da linguagem, partindo do elogio à ideia de Russell de que a forma lógica apresentada por uma proposição somente aparenta, mas não pode ser, sua forma real (WITTGENSTEIN, 1999a, § 4031). Assim, elucida nos parágrafos seguintes, a proposição é uma figura, um modelo pensado da realidade objetiva. Tão estranho seria confundir a lógica estrutural de uma sentença com a sua condição de verdadeira quanto seria estranho confundir a notação musical com a experiência real da música (WITTGENSTEIN, 1999a, § 4011 e seg.).

A premissa da escola lógico-linguística é a aspiração do clareamento lógico do pensamento, esquivando-se de qualquer truque da linguagem que subverta os fatos. A realidade (o mundo), argumenta Wittgenstein, compõe-se em última análise de fatos simples, e estes são os objetos representados pela linguagem. Para ser real, uma afirmação sobre o mundo deve ser passível de ser reduzida a uma proposição simples, similar ao fato que ela representa. Daí a validade da ciência: uma proposição científica é objetiva pois representa um fato. Portanto, “a totalidade das proposições verdadeiras é toda a ciência da natureza (ou a totalidade das ciências naturais)” (WITTGENSTEIN, 1999a, § 411).

Tal proposta será reconhecida como positivismo lógico, que, durante a década de 1920 e sob a influência de Russell, Ernst Mach e Wittgenstein, entre outros, delega à insignificância proposições metafísicas, teológicas ou éticas, por serem objetivamente irreduzíveis a fatos do mundo, e dando origem ao chamado *Wiener Kreis*, o “Círculo de Viena”, encabeçado por Otto Neurath, Hans Hahn, Moritz Schlick e Rudolf Carnap, profundamente influenciados pela filosofia da matemática e dedicados à análise linguística (Wittgenstein, por sua vez, nunca fez parte objetivamente desse grupo). O trabalho filosófico, nesse momento, é a busca da clareza do significado positivo dos fatos; e o trabalho da ciência, a descoberta de novos fatos, elaborando relações compreensivas da realidade, antes delegadas à metafísica tradicional.

Houve, a partir do positivismo de Comte, uma dicotomia entre proposições significativas empíricas e analíticas. Entre as analíticas, encontramos as afirmações lógicas e matemáticas, podendo ser verdadeiras ou falsas, as quais dependem da ordem lógica que organiza ou não os termos que constituem a afirmação.

Das afirmações ou proposições sobre o mundo e que podem ser verificadas, ditas empíricas ao menos em primeira análise, temos a apreensão pela percepção, e sua comprovação pelo método científico de verificação. Temos aqui um significado verificável, condizente com a realidade e, portanto, verdadeiro. Assim, com o positivismo, conclui-se que a verdade dos significados dá-se por afirmações legítimas e objetivas ou verificáveis empiricamente sobre eles próprios. Dessa maneira, as proposições metafísicas ou éticas, e também as religiosas, seriam inúteis ou vazias de significado ou verdade.

2.3.2 O primeiro Wittgenstein – a linguagem lógica e empírica

O objetivo de Wittgenstein é romper a forma tradicional com que se vê o mundo, não aceitando-o mais como um mero agregado de coisas sem nexos e, assim, sem sentido, não sendo possível, pois, serem pensadas de forma independente umas das outras. O principal problema da forma antiga, segundo Wittgenstein, é que aquela visão retrógrada não era capaz de explicar a relação existente entre as coisas. Para tanto, o autor aduz que “*o que é o caso, o fato, é a existência de estados de coisas*” (WITTGENSTEIN, 2001, § 2). Para ele, estudar a lógica era investigar as formas fundamentais de qualquer sistema de representação simbólico, o substrato da linguagem era a palavra.

Seu objetivo era conduzir a sua investigação em direção a uma notação ideal. Não era considerada um progresso em relação a qualquer linguagem natural, mas buscava trazer à luz o que estava escondido em seu simbolismo (URDÁNOZ, 1984).

2.3.3 O segundo Wittgenstein – o esforço da linguagem

De caráter eminentemente antropocêntrico, tem-se também uma praticidade maior diante da linguagem, com a exploração mais intensa daquilo que é factível e um abandono natural da metafísica, em que o autor, apesar de se opor, utilizava-a para, de uma forma lógica, tentar explicar fenômenos que são ocultados pelo mau uso da linguagem. Wittgenstein defende a existência de jogos de linguagem para explicar outros fenômenos, como as formas de vida. Ainda no prefácio de *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein dá a mão à palmatória e faz duras críticas ao seu trabalho anterior, o *Tractatus*.

Segundo Scruton (1982), embora ainda estivesse centrado em questões concernentes ao significado e aos limites da enunciação significativa, seu ponto de partida se tornou, não as imutáveis abstrações de um ideal lógico, mas os esforços falíveis da comunicação humana. Ao mesmo tempo, o elemento humano não seguiu a via usual da epistemologia, mas um caminho totalmente surpreendente. Wittgenstein o introduz por meio de reflexões *a priori* sobre a natureza da mente humana e sobre o comportamento social que dota essa mente de sua estrutura característica. O que é “dado” não são os “dados sensoriais” dos positivistas, mas as “formas de vida” da antropologia filosófica kantiana. Isso quer dizer que o objeto de qualquer teoria do

significado e do entendimento é a prática pública do proferimento, e tudo que torna tal prática possível.

Assim sendo, Wittgenstein iniciou suas investigações ulteriores sobre a natureza da linguagem no ponto em que Frege parou. Ele aceita a tese do “caráter público” do sentido que já levava Frege a rejeitar as teorias empiristas tradicionais do significado. Isso resultou não apenas em nova avaliação da natureza da linguagem, mas também numa revolucionária filosofia da mente. Os problemas metafísicos que Kant, Hegel e Schopenhauer tentaram resolver são recolocados como dificuldades na interpretação da consciência. Assim entendidos, repentinamente se afiguraram capazes de serem resolvidos pelos filósofos da linha analítica.

2.3.4 Falácia da linguagem privada e a prioridade da terceira pessoa

Wittgenstein afirma não ser possível referirmo-nos às nossas sensações por meio de palavras inteligíveis numa linguagem pública, caso o pensamento cartesiano esteja correto, pois as palavras, numa linguagem pública, adquirem seu sentido publicamente ao serem associadas a condições publicamente acessíveis que asseguram sua aplicação. Tais condições determinarão não somente seu sentido, mas também sua referência. Wittgenstein alega incompatível a suposição de que essa referência seja privada (no sentido que, em princípio, só pode ser observada pela própria pessoa), sendo conflitante com a hipótese de que o sentido é público. Por conseguinte, se os eventos mentais são como Descartes os descreve, nenhuma palavra em nossa linguagem pública poderia realmente referir-se a eles.

A esse respeito, de acordo com Scruton (1982; 1995), a destruição da ilusão da primeira pessoa tem duas consequências:

1- não podemos iniciar nossas investigações a partir do caso da primeira pessoa e pensar que ela nos proporciona um paradigma de certeza, pois, considerada isoladamente, ela nada nos proporciona.

2- embora a distinção entre ser e parecer não exista para mim no momento em que contemplo minhas próprias sensações, isso só ocorre porque falo uma linguagem pública que determina essa propriedade peculiar do conhecimento da primeira pessoa.

O colapso do ser e parecer, segundo Scruton, é um caso “degenerado”. Assim sendo, podemos saber que, se esse colapso é possível, é porque há outras pessoas no

mundo além de mim e porque tenho em comum com elas uma natureza e uma forma de vida. De fato, habito um mundo objetivo em que as coisas são ou podem ser diferentes do que parecem. Desse modo, de maneira surpreendente, o argumento da Dedução Transcendental de Kant acaba fundamentado. A precondição do autoconhecimento (SCRUTON, 1995), da unidade transcendental da apercepção, é, afinal de contas, o conhecimento dos outros e do mundo objetivo que os contém.

2.4 A questão Religiosa para Wittgenstein

Embora não seja possível no conjunto das obras de Wittgenstein visualizar com clareza a temática religiosa, podemos afirmar a presença de uma perspectiva religiosa em sua filosofia. Mesmo que o filósofo tenha escrito pouco sobre o assunto, são identificados, a partir de seus comentários privados e das reflexões encontradas nas notas deixadas ao longo de sua vida, elementos que podem caracterizar uma atitude religiosa, tal qual reunidas por Von Wright com o título *Cultura e Valor* (WITTGENSTEIN, 2000).

Quando apontamos a possibilidade de uma atitude religiosa em Wittgenstein com base no conjunto de suas obras, não fazemos tal referência no sentido de um devoto comprometido com sua fé. Em uma investigação acerca dessa perspectiva religiosa no autor, Pietroski (2010) explora as considerações filosóficas acerca do tema, mas não pretende apresentar o filósofo como um homem religioso, mas sim um filósofo empenhado na busca por respostas para perguntas importantes sobre a vida e o seu significado. O que pode ser lido, de certo ponto de vista, como uma atitude religiosa. No entanto, essa forma religiosa, que parece emergir de uma vivência, uma característica de sua biografia, escapa ao conceito consagrado construído pela tradição institucional religiosa como a cristã, por exemplo.

Conquanto o filósofo tivesse crescido num ambiente de profissão de fé católica, tais fatos não o impediram de refletir sobre o valor institucional dos fundamentos cristãos, sabendo que o conceito convencional de religioso, adotado pelas diversas igrejas constituídas de estruturas dogmáticas e doutrinárias, não se aplica à compreensão daquilo que Wittgenstein reconhece como vivência religiosa. Ocorre-nos investigar o sentido de religiosidade que até então indica comportar-se como um pensamento religioso, como aponta Pietroski (2010). Sobre isso, há que se distinguir diferenças no que tange a ser crente, pensar sobre o sentido da religião e dar sentido ao pensar

religioso. Esse último, diferentemente dos anteriores, confere ao pensar um sentido religioso e provavelmente define a dimensão religiosa do filósofo.

Os indícios deixados por Wittgenstein em escritos intermediários, bem como alguns elementos no próprio *Tractatus Logico-Philosophicus* (WITTGENSTEIN, 2001), mais que uma intenção de pensar sobre a religiosidade, expressam uma atitude mística. Indaga-se sobre qual seria o papel de Deus para essa vivência religiosa, haja visto a compreensão distinta dada pelo autor sobre assuntos relacionados. A noção de Deus, nessa lógica, destitui-se de aspectos transcendentais e personalísticos preservados pelo modelo institucional, estando restrita a uma manifestação imanente, ao passo que não haveria uma relação que correspondesse a de um Ser Superior, tipificado pelas características de onipotência, onipresença e onisciência. Com isso, Deus estaria presente em todas as coisas. Em relação a essa presença imanente de Deus no mundo, Ele seria o sentido da vida. Assim, buscar a Deus equivaleria a buscar o sentido último. Temos então a importância da temática que aborda a busca de clareza filosófica de Wittgenstein para a questão religiosa (PIETROSKI, 2010).

Isso o levou à procura de um processo de purificação, num primeiro momento, da linguagem, seguida pelos reflexos gerados na purificação de si mesmo, uma união entre ética e lógica, que revelaria os elementos fundamentais para o caminho da pureza. Tal caminho, em resumo, aponta para uma experiência mística de assombro diante da simples existência das coisas. Para tanto, carece a Wittgenstein um lugar de refúgio, de forma que, estando numa condição de clausura, pudesse alcançar a pureza e buscar a Deus. Por esse fato, permaneceu isolado na Noruega ao longo de dois anos, onde dedicou-se ao estudo da lógica, gerando as bases do seu *Tractatus Logico-Philosophicus*.

O motivo do abandono do convívio social foi a opção pelo seu afastamento dos redutos intelectuais, marcados por relações superficiais, obrigações e expectativas impostas pela burguesia (URDÁNOZ, 1984). A partir dessa realidade, a opção do exílio preservaria as suas ideias, impedindo-as de serem corrompidas sem serem corrompidas por esse meio. Tanto é verdade que jamais houve uma relação mais próxima com Russell, o qual, segundo Wittgenstein, ao referir-se aos comentários daquele sobre a filosofia do *Tractatus Logico-Philosophicus*, não o tinha compreendido. Distante das ameaças intelectuais, Wittgenstein pôde se entregar inteiramente aos seus pensamentos e, com isso, discutir com Deus, este, por sua vez, não uma entidade transcendental, mas algo inexoravelmente presente em todas as coisas do mundo. Ora, a função da lógica é

dar clareza de entendimento sobre as coisas, e estudar lógica é buscar a clareza das coisas, não diferente, portanto, de buscar a Deus. Desse confronto, concluímos que, para o filósofo vienense, assumir uma religião é conquistar uma consciência diante da vida (PIETROSKI, 2010).

No primeiro pensamento proporcionado ao filósofo acerca da guerra: “Talvez a proximidade da morte traga luz à vida”, escreveu: “Deus, ilumina-me”. O que Wittgenstein queria da guerra, portanto, era uma “variedade de experiência religiosa” que modificasse sua vida irrevogavelmente (WITTGENSTEIN *apud* MONK, 1995, p. 94), momento em que seu desejo de “transformar-se numa pessoa diferente” era mais forte até mesmo do que o de resolver os problemas fundamentais da lógica.

A experiência religiosa de Wittgenstein foi um processo de conversão marcado por alguns fatos importantes que determinaram a sua visão de mundo, segundo Monk (1995). A religiosidade, para o filósofo, distinguiu-se da prática oficial representada pela instituição religiosa, assumindo uma postura diferencial, a saber, comportando-se como uma vivência religiosa originada pela clareza de sentido.

2.5 Jogos de Linguagem

Nas *Investigações Filosóficas*, de 1953, Wittgenstein (1999a) assume uma ideia de linguagem oposta àquela delineada em sua obra anterior, *Tractatus Logico-Philosophicus*, de 1921 (WITTGENSTEIN, 2001). Se nesse primeiro trabalho “linguagem” tinha um *status* de entidade autônoma inequívoca, de caráter normativo, instrumental e lógico, nas *Investigações*, por sua vez, a linguagem é enfocada nos seus mais diferentes usos cotidianos, observando que existem diferentes empregos, em diferentes ações e contextos, com resultantes distintas. Tal mudança na perspectiva leva Wittgenstein a concluir que a linguagem dispõe de um conjunto de sinais que assumem sentidos somente nos usos, sempre contextualizados. Desse modo, verifica-se que a própria concepção de “linguagem” em Wittgenstein assume diferentes significados (MOREIRA, 2011).

A partir de 1930, Wittgenstein usualmente compara sistemas axiomáticos (o conjunto de afirmações lógicas que formam um sistema matemático) a um jogo de xadrez, segundo Glock (1998, p. 225). Tal analogia tem origem matemática, desde os formalistas, pois tratavam a aritmética como um jogo típico, contudo, praticado a partir de símbolos matemáticos. Frege, por sua vez, criticava tal ideia por considerar duas

coisas: a aritmética trata ou de signos ou do que os signos substituem e representam. Entretanto, Wittgenstein descarta essa dicotomia entre o signo e o seu significado, como se tratassem-se de coisas de naturezas distintas, mas conectadas pelo uso, pela linguagem, toda vez que tece sua crítica a Frege, como no *Ramo Dourado* (WITTGENSTEIN, 2011). Segundo ele, a aritmética não fala sobre marcas de tinta, símbolos, assim como o xadrez não é um jogo a respeito de peças de madeira. Tampouco significa dizer que numerais ou peças de xadrez funcionam como substitutos de algo de metafísico, significado e materializado no número ou na peça em si. Pelo contrário, o “significado” de um símbolo matemático, bem como o de uma peça de xadrez, é a somatória das regras que ditam os seus “lances” possíveis (RUY, 2015).⁵

Num segundo momento, quando Wittgenstein estende a analogia do jogo à linguagem em sua complexidade (semiológica pragmática e sintática), e não só aos sistemas axiomáticos, surge o termo “jogo de linguagem” (*Sprachspiele*), em 1932. Usado, de início, sem distinção ulterior, como um equivalente de “cálculo”, o termo refere-se a uma combinação de palavras, atos, atitudes ou formas de comportar-se perante as coisas, um complexo de dados que possibilita a compreensão do processo de “uso” da linguagem em sua totalidade. Sua principal função é destacar as várias semelhanças entre linguagem e jogos, assim como a analogia com o cálculo delineava semelhanças entre linguagem e sistemas formais.

O ponto de partida da comparação de sistemas axiomáticos a um jogo de xadrez (e a posterior analogia do jogo à linguagem como um todo) é a tese afirmando que linguagem é uma atividade guiada por regras. Assim como num jogo, a linguagem carrega em si regras de constituição, a saber, as regras da gramática. Essas regras gramaticais, diferentemente de regras de estratégia, não nos informam que lance (no caso do jogo) ou que proferimento (no caso da linguagem) terá sucesso, mas sim o que é correto ou faz sentido, definindo, então, o jogo ou a linguagem (RUY, 2015). Da mesma forma, o significado de uma palavra não é um objeto que a sucede, mas é determinado pelas regras que norteiam seu funcionamento.

Portanto, não aprendemos, segundo Wittgenstein, o significado das palavras, mas aprendemos a usá-las, tal qual como no xadrez aprendemos a jogá-lo não pela associação de peças a objetos, mas pela observação dos movimentos possíveis de tais peças, isto é, com o uso. Destarte, uma proposição ou um enunciado é um lance no jogo

⁵ Comunicação disponível apenas pela *internet*, sem datação.

de linguagem, e não teria significado se estivesse fora desse determinado jogo. O sentido dessa proposição é o papel que ela desempenha nessa atividade linguística em desenvolvimento, nesse jogo de linguagem (WITTGENSTEIN, 2000, § 23, 199, 421). Assim, “como no caso dos jogos, os lances possíveis dependem da situação (posição no tabuleiro), e, para cada lance, certas reações serão inteligíveis, ao passo que outras serão rejeitadas” (GLOCK, 1998, p. 226).

Em comparação com qualquer jogo, a escolha de um proferimento, de uma expressão ou mesmo da forma como enfrentamos um problema a ser resolvido, como no caso do jogo *stress-coping*, dá-se de acordo com a possibilidade lícita e aceita de expressão organizada justamente pela forma de vida do sujeito, das possibilidades de jogos que aprendeu serem possíveis de expressão. Caso contrário, ou o problema exposto não é reconhecido e não tem jogada possível, ou a saída é ineficaz e, ao mesmo tempo, estranha ao jogador. Seria como gritar “Truco!”, em vez de dizer “Xeque”, sendo que se joga, naquele momento, xadrez.

2.5.1 Conceito

No parágrafo 23 das *Investigações filosóficas*, Wittgenstein propõe uma série de exemplos em que devemos representar “a multiplicidade de jogos de linguagem”:

Comandar, e agir de acordo com os mandamentos. Descrever um objeto conforme sua aparência ou conforme medidas. Produzir um objeto de uma descrição (desenho). Relatar um evento. Conjeturar sobre um evento. Formar uma hipótese e testá-la. Apresentar os resultados de uma experiência em tabelas e diagramas. Uma história; e ler. Representar uma peça de teatro. Cantar uma cantiga de roda. Resolver enigmas. Fazer uma piada; contar. Resolver um problema na prática aritmética. Traduzir de uma língua para outra. Solicitar, agradecer, xingar, saudar, orar (WITTGENSTEIN, 1999a, § 23).

Essas são práticas semióticas com padrões nas quais a língua desempenha um papel vital. Falar sobre jogos de linguagem seria como jogar a essas práticas um olhar especial: ela é considerada uma atividade cujo exercício é condicionado por um conjunto de conceitos distintos que a análise deve procurar formular. Assim, a ideia fundamental por trás do conceito jogo de linguagem é que as nossas práticas semióticas, estritamente a língua ou a linguagem, desempenham um papel mais ou menos aparente e devem ser consideradas também pela forma como se estabeleceram.

Sendo assim, Wittgenstein desenvolve, sobretudo em suas *Investigações Filosóficas*, uma concepção pragmática das relações linguísticas com o mundo. O conceito de jogo de linguagem utilizado pelo autor (WITTGENSTEIN, 1999a, § 7), a saber, o conjunto da linguagem e toda a atividade a qual está interligada, além de ser um dos conceitos centrais para constituição de sua teoria, é introduzido na tentativa de explicar como o significado da palavra pode ser entendido como o seu uso em determinado contexto (WITTGENSTEIN, 1999a, § 43, 432).

A partir dessas formulações, o significado não mais pode ser compreendido como algo estável e determinado, como se fosse uma propriedade inerente e que emana da palavra, mas sim como algo que as expressões linguísticas impõem como sistema de validade do enunciado em um contexto específico e com objetivos específicos (RUY, 2015). Tal premissa não indica nada além de que o significado pode mudar dependendo de duas variáveis básicas: do contexto em que a palavra é utilizada e do propósito desse uso. Subvertendo o que supunha a semântica tradicional, o autor demonstra que as palavras não devem apenas ser usadas para descrever a realidade, mas também para realizar algo objetivo, como fazer uma saudação, um pedido, dar uma ordem, agradecer, contar piadas, resolver um enigma ou cantar uma cantiga etc. (WITTGENSTEIN, 2000, § 23).

Para J. L. Austin (1975), parece claro que aquele modelo apriorístico da linguagem (como uma possível língua primeira) esbarra em dificuldades no que se refere à sua aplicabilidade à linguagem quotidiana, notadamente pela carga “indexical” desta última. Ou seja, nela existem elementos dotados de sentido somente na situação enunciativa e que remetem, de forma metadiscursiva, ao próprio ato de enunciação, tais como “eu”, “tu”, “aqui” ou “hoje”, os quais não poderiam simplesmente remeter para o absurdo, pois estão dotados de uma aliança com a verdade da enunciação. A recusa daquele modelo por parte de Austin tem ainda relação com a diversidade de modos segundo os quais os enunciados podem funcionar.

Austin refere, de resto, que os filósofos não puderam negar aquilo que muitos gramáticos várias vezes assinalaram: o fato de que para além das afirmações existem as interrogações, as exclamações, as ordens, os desejos, as concessões, de alguma forma expressas por expedientes gramaticais como a pontuação e a organização sintática das frases. Expedientes estes que mais não são do que marcas imperfeitas da oralidade, do ato enunciativo, que, para Austin, não pode ser compreendido a partir de um ponto de vista exclusivamente gramatical.

Austin refere-se a essa problemática logo na primeira conferência:

[...] Muitos dos problemas que embaraçaram tradicionalmente os filósofos surgiram a partir de um erro: o de considerar como puras e simples afirmações de factos, enunciações que são (em um ou mais sentidos não gramaticais e que têm o seu interesse) ou absurdas ou expressões cuja intenção é completamente diferente. [Por isso...] tornou-se comum defender que um grande número de enunciações (“utterances”), que se assemelham a afirmações, não são de forma alguma destinadas a descrever ou a transmitir informações puras e simples de fatos (AUSTIN, 1975, p. 3, tradução nossa).

Essa multiplicidade de usos da linguagem nos leva a crer que não existem motivos para sobrepujar uns sobre os outros, muito menos compará-los de maneira axiológica, já que todo o seu uso depende dos objetivos particulares de quem emprega a linguagem, o sujeito da enunciação. Assim, a mesma palavra pode ser utilizada em diferentes contextos com diferentes significados. Contextos estes que justamente Wittgenstein denomina “jogos de linguagem”.

Dessa forma, o conceito de jogos de linguagem mostra-nos que as expressões são sempre utilizadas em um contexto no qual o falante e o ouvinte interagem, jogam nas mesmas regras, empregando e compreendendo tais expressões com um objetivo determinado. A determinação do significado de uma proposição (seja ela uma palavra, seja uma sentença), por sua vez, depende de como interpretamos o objetivo de seu uso nesses diversos jogos de linguagem, o que leva a crer, portanto, que a linguagem não pode ser determinada de modo definitivo. Não se pode generalizar definindo, por exemplo, uma entidade abstrata como sendo o significado da palavra.

Aos poucos, a analogia com o jogo vai substituindo a analogia com o cálculo, o que corresponde diretamente ao abandono da utilização do cálculo como modelo. Há o afastamento da ideia de que as regras formam um ordem fechada, rígida, precisa e definida, escondida por trás da aparência heterogênea e estruturada, previsível da linguagem, muito de acordo com a forma com pensada por Wittgenstein no seu *Tractatus Logico-Philosophicus*, com uma estrutura lógica subjacente, cujo entendimento mostraria os limites do que se pode dizer clara e significativamente.

Entretanto, ao voltar-se para os jogos de linguagem nas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein muda tal foco de atenção, dessa “geometria determinista” dos simbolismos da linguagem, transferindo para o lugar em que os jogos de linguagem ocupam nas práticas humanas, ou seja, para uma visão pragmática da linguagem. Desse modo, nas

Investigações, Wittgenstein parece dispor o conceito de jogo de linguagem em quatro acepções diferentes, que vão se revezando no centro das atenções. Segundo Glock (1998, p. 226), essas quatro formas de apresentar o termo seriam sobre: as *práticas de ensino*, os *jogos de linguagem fictícios*, as *atividades linguísticas* e a *linguagem como jogo*.

2.5.2 Jogos enquanto práticas de ensino

Nas *Investigações Filosóficas*, o jogo de linguagem aparece primeiramente relacionado à sua característica mais comum, e extensamente usada como base das teorias vigentes sobre a linguagem, às quais define como “práticas de ensino”. No parágrafo 7, Wittgenstein explica os jogos de linguagem como maneiras de se usar os signos em nossa linguagem diária; esses signos estariam nas “formas primitivas de linguagem”, nas quais uma criança começa a utilizar as palavras. Uma dessas formas primitivas de linguagem seria quando, por exemplo, sob o olhar de seu bebê, o pai aponta para um objeto e nomeia-o, tentando fazer com que a criança compreenda e relacione o nome proferido ao objeto empunhado pelo pai (WITTGENSTEIN, 2000, § 1).

Isso é o que Wittgenstein chamaria de visão agostiniana de linguagem, presente em especial no atomismo lógico do *Tractatus* e na obra de Russell. Tal visão imprime a ideia de jogo de linguagem como uma forma de comunicação na qual a criança “aprende” sua língua nativa, ou a maneira a qual lhe “é ensinada”, nomeando-se os objetos do mundo. Esse fato citado em exemplo (diversas palavras ensinadas apontando-se para um objeto correspondente) constitui uma forte razão para se pensar (falsamente) que os significados dessas palavras, ensinadas apontando-se para algo e proferindo-as, são justamente os objetos apontados.

Lembremos, aqui, e como adendo, que a análise e a crítica das práticas de linguagem se inicia, em Wittgenstein, com o questionamento da concepção da linguagem como fenômeno em si autônomo. Um instrumento referencial que ordenaria uma já existente relação pensamento-mundo, e que brota da denominação ostensiva dos objetos do mundo (preexistentes à linguagem).

É a esse paradigma que se refere toda vez que apresenta uma tal concepção agostiniana da linguagem, presente já no primeiro parágrafo das *Investigações Filosóficas*, com a seguinte citação de Santo Agostinho:

Se os adultos nomeassem algum objeto e, ao fazê-lo, se voltassem para ele, eu percebia isto e compreendia que o objeto fora designado pelos sons que eles pronunciavam, pois eles queriam indicá-lo. Mas deduzi isto dos seus gestos, a linguagem natural de todos os povos, e da linguagem que, por meio da mímica e dos jogos com os olhos, por meio dos movimentos dos membros e do som da voz, indica as sensações da alma, quando esta deseja algo, ou se detém, ou recusa ou foge. Assim, aprendi pouco a pouco a compreender quais coisas eram designadas pelas palavras que eu ouvia pronunciar repetidamente nos seus lugares determinados em frases diferentes. E quando habituara minha boca a esses signos, dava expressão aos meus desejos (WITTGENSTEIN, 1999a, § 1).

A apresentação de Santo Agostinho de um sistema de comunicação, segundo Wittgenstein, não abarca “tudo aquilo que chamamos de linguagem”, mas não deixa de ser sua essência, a raiz da ideia de significação de cada palavra. Tal crítica se estende ao próprio autor, pois, no *Tractatus*, a teorização empreendida não explica realmente o que é a linguagem, tampouco seu funcionamento.

Contrário a tal abordagem, Wittgenstein, ao estudar nossas práticas de ensino da linguagem, nas *Investigações Filosóficas*, destaca-nos o fato de que a relação entre um nome e o seu objeto não é monolítica (WITTGENSTEIN, 1999a, § 8-18). Esse “ensino ostensivo” das palavras, nos termos wittgensteinianos, quando se aponta o objeto para nomeá-lo, “[...] será feito quando se tratar apenas de afastar o mal-entendido seguinte: pensar que a palavra ‘lajota’ se relacione com a forma da pedra de construção que nós de fato nomeamos ‘cubo’ [...]” – explica-nos Wittgenstein (1999a, § 10), em exemplo. Ou seja, ostensivamente apontamos para um cubo de pedra especial e o nomeamos lajota, diferenciando-o, em seu uso, de diferentes tipos ou formatos de pedras de construção.

As práticas de ensino são fundamentais e inegavelmente importantes para a teoria das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein, não por conta de um interesse especulativo das práticas linguísticas resultantes da aprendizagem, mas pelo fato de que tais práticas linguísticas nos mostram um dos traços distintivos do uso que fazemos das palavras. Os jogos de linguagem devem ser completos, mesmo em se tratando de formas primitivas de linguagem, da mesma forma que para Wittgenstein os números racionais não são só um subconjunto incompleto dos números reais (GLOCK, 1998, p. 226).

2.5.3 Jogos de Linguagem Fictícios

As práticas de ensino são partes fundamentais de nossa linguagem, sua parte ostensiva e primária entre o som e o significante, o objeto real. Isso talvez seja a razão de elas perderem terreno para a ideia de jogos de linguagem fictícios, outra forma como o jogo de linguagem aparece nas *Investigações*. Tratam-se de práticas linguísticas simples, mas de origem hipotética, além de “jogos de linguagem simples e claros”, servem-nos como “objetos de comparação” (WITTGENSTEIN, 1999a, § 2-27, 130).

Elas podem ser utilizadas para facilitar a compreensão de jogos de linguagem mais complexos, destacando especialmente alguns de seus pontos característicos. Segundo Glock (1998), Wittgenstein parece fazer isso de duas formas: reconstruindo discursos complexos nos quais usamos termos como “liberdade”, “verdade”, “asserção”, “proposição” etc., partindo de jogos de linguagem mais primitivos, e utilizando jogos de linguagem como parte de um argumento do tipo *redução ao absurdo*, em que se lança uma hipótese e tenta-se chegar a sua contradição no final da argumentação.

A primeira maneira de se utilizar os jogos de linguagem fictícios, ou seja, reconstituindo discursos complexos a partir de jogos de linguagem simples, preponderou sobretudo no *Livro castanho*, de Wittgenstein, mas perdeu espaço nas *Investigações Filosóficas* (GLOCK, 1998, p. 226-227). Talvez isso se deva ao fato de que a abordagem desse tipo de jogo de linguagem fictício não levava em conta qualquer contextualização filosófica, além de não interligar tais jogos numa linha de argumentação (RUY, 2015).

A segunda maneira com que Wittgenstein trata dos jogos de linguagem fictícios nas *Investigações*, aquela que lança mão de jogos de linguagem como parte de um argumento de *redução ao absurdo*, permite facilitar a compreensão de certos conceitos de determinada teoria filosófica, destacando o contraste desses e de nossos jogos de linguagem e conceitos reais. Pode-se montar, nesse caso, um jogo de linguagem em que conceitos como “saber” e “compreender” são usados referindo-se a estados de consciência com duração genuína, para tentar mostrar que não utilizamos tais palavras assim, por exemplo. Nas *Investigações Filosóficas*, o autor se utiliza de jogos de linguagem para criticar a doutrina dos “simples” e o método de análise empregado no *Tractatus Logico-Philosophicus* (WITTGENSTEIN, 1999a, § 48, 60, 64).

O exemplo clássico dessa tática de Wittgenstein é o jogo de linguagem dos construtores, já citado anteriormente, de passagem, que consiste em quatro palavras –

“cubo”, “coluna”, “lajota” e “viga” –, em que o construtor X as pronuncia, e seu ajudante Y lhe traz a pedra que aprendeu a trazer ao ouvir cada uma das palavras (WITTGENSTEIN, 2000, § 2). Esse “jogo de linguagem primitivo”, de ensino, cresce em complicação ao longo da obra, e deve propositadamente ajustar-se à visão agostiniana de linguagem (aqui já abordada), na qual as palavras são apenas nomes de objetos. A questão que Wittgenstein quer destacar com isso é que a nossa linguagem inclui muitos outros usos de palavras, não só para nomear ou solicitar algo (WITTGENSTEIN, 1999a, § 3).

Para o autor, essa monótona interação entre o construtor e seu ajudante, bem como o ensinamento que a precede, seria algo como “linguagem primitiva completa”, e mesmo “toda linguagem de um povo” (WITTGENSTEIN, 1999a, § 2, 6). Daí poderíamos questionar se, por mais restritas que tais intervenções sejam em vocabulário, é possível não considerar como linguagem a relação do construtor e de seu ajudante.

Poderíamos apontar uma falta de estrutura sintática nos proferimentos feitos nesse jogo de linguagem; ou mesmo dizer que A e B não conversam de fato; ou até dizer que a interação entre os sujeitos não nos fornece uma diferenciação do vocabulário empregado com sentido ou de qualquer absurdo proferido. Na primeira objeção, partiríamos do princípio, não sustentado por Wittgenstein, de que não pode haver frases de uma só palavra (GLOCK, 1998, p. 227), já que considera uma proposição (*Satz*), até mesmo uma interjeição, simples, desde que sustente a capacidade de afigurar a verdade ou a falsidade de um proferimento. Na segunda, poderíamos ter levantado também contra, talvez, um grupo de pessoas que falassem por meio de monólogos (WITTGENSTEIN, 1999a, § 243), o que não se sustentaria em nenhum dos casos, pois o uso da comunicação concreta – aquela que fazemos cotidianamente – não constituindo precondição para que algo seja considerado linguagem. Quem dirá que não exista linguagem entre animais, ou entre animais e homens, ou qualquer outro tipo de linguagem que não só a falada por nós rotineiramente.

Utilizando a consideração do próprio Wittgenstein, notaríamos que a validade de nossa terceira objeção dependeria de as reações do ajudante B distinguirem entre o caso de o construtor A cometer um erro prático – como, por exemplo, pedir uma pedra que não está disponível – e o caso de o mesmo sujeito A cometer um erro linguístico, caso empregasse o vocabulário absurdamente, gritando “Viga, viga!”, por exemplo.

Como o parágrafo 6 das *Investigações* coloca o ensino como um processo de condicionamento mediante estímulo e resposta, aparentemente não haveria espaço para tal distinção, a saber, do que se fala significativamente e do que se fala em absurdos. Contudo, o parágrafo seguinte, o sétimo, abre esse espaço, pois considera que a “nomeação” das pedras – “cubos”, “colunas”, “lajotas” e “vigas”, no exemplo dos construtores – deve estabelecer regras, padrões, para a utilização correta dos termos.

Segundo Glock (1998), Wittgenstein também reconhece que para essa prática do construtor e de seu ajudante chegar a ser considerada uma “linguagem rudimentar”, primitiva, os construtores não poderiam se portar de maneira “meramente mecânica”, deveriam também comportar-se de uma forma de vida como a nossa. O conceito de jogos de linguagem aparece também nas *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein sob o aspecto de atividades linguísticas (GLOCK, 1998).

2.5.4 Jogos enquanto atividades Linguísticas

Como nos mostra Glock (1998, p. 228), ainda que continuando a afirmar que, para entendermos nossos conceitos, nada ocuparia lugar mais importante do que a constituição de conceitos fictícios, Wittgenstein passa a utilizar com menos frequência os jogos de linguagem fictícios após as teses das *Investigações Filosóficas*. O autor começa a dar mais enfoque às atividades linguísticas reais, tal qual o parágrafo 23 das *Investigações*, que nos fornece uma lista de atos de fala: “comandar”, “descrever um objeto conforme a aparência”, “relatar um acontecimento”, “conjeturar sobre o acontecimento” etc., acrescidos, no decorrer da obra, por atividades mais complexas, tais como: mentir, relatar sonhos, formar proposições e verificá-las, entre outras. Incluindo também modos de discurso, como fazer previsões indutivas, falar de objetos físicos ou impressões dos sentidos e atribuir cores a objetos (WITTGENSTEIN, 1999a, § 249, 363, 630, [Parte II] § 180, 184, 224), além de referir-se ao “jogo de linguagem com” o uso de palavras como “jogo”, “proposição”, “linguagem”, “pensamento”, “ler” e “dor” (WITTGENSTEIN, 1999a, § 71, 96, 156, 300). Toda a extensa descrição e exemplificação serve para nos mostrar o caráter prático da linguagem e como a utilizamos para fins objetivos.

Comentadores questionam por que o autor não disponibiliza um critério geral de identidade para os jogos de linguagem, talvez tentados a querer encontrar nesse

Wittgenstein das *Investigações* o que outrora afirmaram do autor em sua primeira fase, algo essencial ao jogo de linguagem e, portanto, à própria linguagem.

Todavia, Wittgenstein distingue atividades linguísticas em diversos âmbitos, dizendo em cada um o que pode e o que não pode ser considerado uma mesma atividade, destacando os casos limítrofes de cada um. A questão principal aqui está no fato de Wittgenstein se utilizar dos jogos de linguagem para mostrar a ideia de que há “incontáveis tipos de sentenças” (WITTGENSTEIN, 1999a, § 23). E de tal afirmação seria tencionado a questionar de maneira plausível, parece-nos, que, embora sentenças do tipo “Você está prestando atenção?” possam ser utilizadas como pergunta ou repreensão, os tipos de sentenças que conhecemos se distinguem apenas por suas modalidades gramaticais – declarativa, imperativa e interrogativa, sendo que tal distinção não só ultrapassa a de Wittgenstein, nas *Investigações*, como também nos parece mais fundamental. Mas o autor parece dar conta disso ao afirmar que existe uma “multiplicidade de jogos de linguagem” (WITTGENSTEIN, 1999a, § 23-24), diversas maneiras de empregar palavras que se diferenciam em aspectos de relevância filosófica.

As diferentes funções da linguagem na teoria pragmática das *Investigações Filosóficas* não podem apenas ser resumidas na descrição ou na representação que determinara a doutrina contida no *Tractatus* sobre a forma geral da proposição e da linguagem. Tal qual “jogo”, “linguagem” é uma palavra que tem sua determinação em semelhanças de família: não existe um único traço que defina o que todos os jogos têm em comum, portanto, também não existirá para os jogos que jogamos com as palavras, ou seja, não deve haver algo comum, essencial a toda linguagem (WITTGENSTEIN, 1999a, § 65).

Um dos motivos de Wittgenstein utilizar os jogos de linguagem reais nas *Investigações* é para destacar a natureza diversa da linguagem, como acabamos de ver. Outro é o intuito de enfatizar que a confusão filosófica, isto é, os problemas filosóficos, são resultantes de um entrecruzamento de jogos de linguagem (RUY, 2015). Fundamento de sua filosofia tardia, para Wittgenstein, as querelas filosóficas nas quais intelectuais se engendram tão profundamente são, na verdade, resultado da utilização de palavras de um jogo de linguagem conforme as regras de outro jogo, portanto, equívocos linguísticos. Para Glock (1998, p. 228), outro motivo de Wittgenstein lançar mão de jogos de linguagem reais é afirmar que, tal qual em qualquer jogo, os jogos de linguagem são autônomos, não se justificando por objetos externos.

Contudo, é necessário sempre ter em mente a premissa de que os jogos são jogados de acordo com regras, e que tais regras podem ser mais ou menos explícitas, mais ou menos formais. Da mesma forma, como já havíamos suscitado, os jogos de linguagem possuem regras, e regras que definem o que é ou não válido, segundo quais objetivos podem ser alcançados. Essas são regras de uso, regras pragmáticas (WITTGENSTEIN, 1999a, § 54, 82-88, 567), que constituem os jogos, que tornam possíveis as ações praticadas por quem joga, ou seja, dar sentido ao fato linguístico.

Pensando em nossa metodologia de análise de discurso, analisar o significado das palavras consiste em situá-las nos jogos em que são empregadas e observar o uso que os participantes fazem dela em determinado jogo. Em outros termos, analisar o significado das palavras consiste em mapearmos as regras segundo as quais jogam e realizam lances lícitos nesses jogos. Assim como no jogo de xadrez, em que o importante não são as figuras das peças, mas a maneira como funciona o jogo, também na linguagem, o que parece ser importante para Wittgenstein, nas *Investigações* (1999a), são as funções que as palavras podem exercer nos diversos jogos de linguagem. As regras estabelecem como e para que podemos usar a linguagem, e em que circunstâncias isso pode ser feito.

Contra a analogia do jogo, poderíamos objetar, também, afirmando que os jogos estariam sujeitos a critérios pragmáticos e, portanto, poderiam ser modificados com o passar do tempo e pelo seu uso prático, ou conforme o grau de interação que proporcionam, ou por transformações drásticas nas políticas ou na cultura. E até mesmo que alguns jogos poderiam ser esquecidos ou substituídos por outros mais completos e adaptados. Dirá Wittgenstein que é exatamente isso que pode, e vai acontecer, com o passar dos anos, quando modificamos determinados jogos, descartamos outros e também criamos alguns, dependendo da importância que tais jogos têm para nós e para o meio onde os empregamos (WITTGENSTEIN, 1999a, § 23). Destacará ele que falar de linguagem é falar de parte de uma atividade, de parte de uma forma de vida. E se forma de vida é aquilo que Wittgenstein entende como a junção entre cultura, visão de mundo e linguagem de cada indivíduo, ou seja, uma prática humana, já por isso poderíamos constatar o caráter mutante dos jogos de linguagem.

Ora, sendo esses jogos parte integrante de uma forma de vida, que é, em resumo, uma prática humana, logo se percebe que ele está sujeito a mudanças, assim como toda prática que nos envolve como seres humanos. Além disso, por ser constituído por regras que norteiam o modo como os jogamos, os jogos de linguagem podem, ao longo dos anos, ter suas regras modificadas, ou até mesmo esquecidas.

2.5.5 Linguagem enquanto jogo

Por último, Wittgenstein fala da linguagem como jogo nessa abordagem dos jogos de linguagem que realiza nas *Investigações Filosóficas*. Nesse ponto, a analogia entre linguagem e jogo se desfaz. Diferentemente dos jogos, vestígios de nossas práticas linguísticas estão em constante relação (ordenar e obedecer, por exemplo), são partes de um todo, de um sistema global, uma *Weltanschauung*.

Wittgenstein deixa claro essa ideia ao comparar, em um exemplo, a linguagem com uma cidade muito velha (WITTGENSTEIN, 1999a, § 18). O centro da cidade representaria nossa linguagem cotidiana, um emaranhado de ruas tortuosas, um labirinto de ruelas e vielas, e os acréscimos mais recentes, como os inventos tecnológicos e os avanços da química ou da matemática, por exemplo, formariam os subúrbios da cidade, com ruas retas, uniformes e bem arranjadas. Além disso, o autor utiliza o conceito “jogo de linguagem” fazendo referência a esse sistema como um todo, referindo-se ao “jogo de linguagem total”, ao “jogo de linguagem humano”, o “nosso jogo de linguagem”, como salienta Glock (1998, p. 229). E é fazendo uso do termo dessa maneira que Wittgenstein (1999a, § 7) nos coloca uma das ideias centrais das *Investigações*: “Chamarei também ‘jogo de linguagem’ o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada”.

Afirma Glock (1998, p. 229) que “é o modo como as atividades linguísticas se encontram interligadas com nossas práticas não linguísticas, estando nelas imersas, que as torna mais importantes que os jogos”. As atividades linguísticas dos construtores do clássico exemplo wittgensteiniano são tão importantes para suas vidas quanto são essenciais para nós a mediação e o raciocínio indutivo.

O jogo de linguagem da “dor” ou de qualquer outro sentimento se interliga com a maneira como temos de averiguar atribuições de “dor” e de qualquer outra coisa a outros (RUY, 2015). Nossos jogos de linguagem são partes fundamentais de nossa forma de vida, “as práticas gerais de uma comunidade linguística” (GLOCK, 1998, p. 229). Jogos de linguagem “fazem parte” de uma forma de vida, estão envoltos por ela (WITTGENSTEIN, 1999a, § 23-25). Nota-se, então, quão vinculada à prática está a linguagem agora para Wittgenstein, dando sempre significado às palavras dentro de uma proposição e do jogo em que são usadas, e há diversos jogos nos quais se pode falar da mesma palavra com o mesmo significado, ou não.

Tendo em mente o modo como compreendemos a concepção do significado das palavras quanto ao uso nos diferentes jogos de linguagem, coadunados com comentadores de Wittgenstein, como Glock (1998) e Monk (1995), concluímos que nas *Investigações* existe sim um tipo de “lógica da linguagem”, mesmo que múltipla. No *Tractatus*, por sua vez, Wittgenstein ainda defendia que a linguagem tinha uma única essência, a qual poderia ser descoberta a partir de uma única lógica subjacente, explicada por intermédio de uma análise da linguagem e do mundo, que revelaria suas estruturas e descreveria a relação da linguagem e do mundo entre tais estruturas. Essa relação de movimentos figurativos e representacionais, visão tipicamente agostiniana do mundo na linguagem, repousaria num vínculo denotativo entre nomes e objetos; os nomes, na visão do *Tractatus* (2001) “significariam” objetos, dando-lhes sentido, ou seja, função no jogo linguístico.

No entanto, todo argumento utilizado por Wittgenstein nas *Investigações* têm por base uma explícita rejeição dessa visão. Nessa obra, o autor diz que não há uma lógica única da linguagem, mas muitas; a linguagem não tem nenhuma essência, mas trata-se de diferentes práticas, cada qual com sua própria lógica. O significado aqui não consiste na relação denotativa entre palavras e coisas, ou nos termos wittgensteinianos, numa relação figurativa entre proposições e fatos, o significado de uma expressão é, na verdade, seu uso na multiplicidade de práticas que compõem a linguagem.

Sem embargo, nas *Investigações* (WITTGENSTEIN, 1999a), a linguagem não é tomada como algo completo e autônomo que pode ser investigado independentemente de outras considerações, na medida em que ela se entrelaça com todas as atividades e os comportamentos humanos. Como consequência, os inúmeros e diferentes usos que fazemos dela recebem conteúdo e significado de nossos afazeres práticos, de toda a nossa cultura. Assim, a linguagem é parte inclusiva de muitas formas de vida.

Na visão compartilhada por Wittgenstein em sua obra tardia, caminha-se rumo a uma compreensão dos funcionamentos da linguagem partindo do abandono da concepção de haver uma explicação unitária da linguagem, isto é, uma explicação que dê conta de todo o funcionamento da linguagem em termos de um único modelo teórico. O alvo do autor nas *Investigações* é diretamente o *Tractatus*, e, ao criticá-lo, Wittgenstein foi capaz de nos apresentar, em resposta, a visão da linguagem como uma multiplicidade de diferentes atividades. Essa crítica à visão de linguagem tractariana já é sinalizada no prefácio das *Investigações*: “[Recentemente,] Tive ocasião de ler novamente meu primeiro livro [...]. Pareceu-me, de repente, que eu deveria publicar

aqueles antigos pensamentos com os novos [...] tive de reconhecer graves erros no que eu expusera naquele livro” (WITTGENSTEIN, 1999a, p. 8).

Wittgenstein ilustra os “graves erros” com uma referência não apenas ao próprio *Tractatus*, mas a toda concepção agostiniana de linguagem, na qual cada palavra teria um significado, como vimos ao longo deste trabalho. Diz o autor que essa concepção de linguagem nos leva a investigar a linguagem de maneira equivocada; se a temos em mente, somos levados a fazer as perguntas erradas, especificamente “questões acerca da *essência* da linguagem, das proposições, do pensamento”, o que leva-nos a compreender erroneamente que a “essência” da linguagem não é “algo que já se encontra à vista e que se torna visível em seu conjunto mediante organização, mas algo que se situa *sob* a superfície [...] ‘A essência nos é oculta’ [...]” (WITTGENSTEIN, 1999a, § 92). Portanto, “É como se tivéssemos de *desvendar* os fenômenos”, ou “ver através dos fenômenos” (...*die Erscheinungen durchschauen*) (WITTGENSTEIN, 1999a, § 90).

Isso, por sua vez, vai contra o modelo inicial de linguagem compartilhado por Agostinho e por Wittgenstein em seu *Tractatus*. Nas *Investigações*, Wittgenstein nega que haja qualquer necessidade de analisar e de descobrir uma essência por traz da linguagem. O que “se encontra aberto à vista”, diz o autor, é o fato de a linguagem não ser *uma coisa uniforme*, mas uma série de diferentes atividades, como descrever, relatar, afirmar, negar, cantar, fingir e muitas coisas além disso. Wittgenstein chama todas essas diferentes atividades de “jogos de linguagem”. O termo jogo de linguagem, assim, refere-se a qualquer uma das muitas e variadas atividades de uso da linguagem em que nos envolvemos, e serve de comparação à falsa ideia de que a linguagem tem uma *única* estrutura lógica subjacente.

O ponto em que Wittgenstein parece querer chegar, insistindo em dizer que a *linguagem* é uma coleção de jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 1999a, § 66-67), é justamente que ela não tem uma única essência que pode ser desenterrada e declarada em termos de uma teoria unitária. Sendo assim, para compreendermos os funcionamentos da linguagem, devemos reconhecer a princípio sua variedade e sua multiplicidade. Tão logo isso fique claro, veremos por que é errado pensar no significado como outrora tínhamos feito: o significado de uma palavra é o objeto que ela denota. Mas agora, nas *Investigações*, a ideia é que o significado de uma palavra ou sentença é o *uso* que se pode fazer dela em um ou outro dos vários jogos de linguagem que formam a linguagem: “O significado de uma palavra é seu uso na linguagem” (WITTGENSTEIN, 1999a, § 43).

Em resumo, em seu sentido tardio (das *Investigações filosóficas*), jogos de linguagem de Wittgenstein são conceitos de primordial importância para a reflexão sobre os sinais, na medida em que eles cobrem a totalidade das práticas semióticas. Eles são vistos como parâmetros conceituais comuns que permitem a identificação ou a produção de sinais e enunciados complexos, além do estabelecimento de relações de significado e representação.

3 CONTRIBUIÇÃO ÀS TEORIAS DO *STRESS*

“Três coisas são necessárias para a salvação do homem: saber o que deve crer, saber o que deve desejar, saber o que deve fazer”

Santo Tomás de Aquino – O Mandamento da Caridade⁶

Por *stress*, compreendemos o conjunto de alterações psicofisiológicas que são exigidas do organismo quando exposto a situações que demandam uma atuação mais intensa que a sua atividade normal (VASCONCELLOS, 2000a, 2000b). Contudo, há uma série de funções e fatores psiconeuroimunológicos que sobredeterminam a forma como enfrentamos o *stress*, assim como a amplitude dos danos por ele causados. Tais fatores abrangem desde as funções basais de respiração, a acidez e pH do sangue, às funções cerebrais fundamentais, como orientação e memória, e até mesmo as funções psíquicas que orientam nossa visão de mundo, como os mecanismos de defesa, os aspectos psicodinâmicos e as representações psíquicas. Todos esses fatores podem ser considerados elementos moderadores das estratégias de *coping*, ou seja, são elementos organizados no decorrer da história do indivíduo e que orientam as formas como o indivíduo lida com as situações de *stress*.

No campo da linguagem, portanto, compreende-se e é possível investigar a construção dos elementos moderadores do *stress*. Arnold (1967) aponta que a experiência do *stress* psicológico sendo experienciado por meio das emoções é sempre submetida, em sua avaliação, ao aspecto subjetivo da avaliação do estímulo percebido. Assim, a experiência positiva ou negativa em relação ao *stress* dá-se no campo da linguagem, a definição de uma tendência significada, sentida pelo Eu. Tal percepção torna a experiência de *stress*, para a psicologia, algo particular e organizado pela memória (sistema límbico), colorido de *nuances* afetivos e subjetivamente avaliado (ARNOLD, 1967, p; 125).

Daí deferimos a possibilidade de tomar o complexo *stress-coping* como o operador mais eficaz da avaliação psicossomática, a vertente de análise do fato humano de forma integral. Vasconcellos (1992), por exemplo, na abordagem do problema da Aids com alguns pacientes em estado grave, aponta a luta insistente pela vida, no grupo

⁶ Conferências sobre os dez mandamentos, proêmio. Disponível em <https://s3.amazonaws.com/padrepauloricardo-files/uploads/pmr073lhn2idr5mt88v4/o-mandamento-da-caridade-santo-tomas-de-aquino.pdf>

de pacientes, em manterem-se animados e ligados ao tratamento, à alimentação adequada, abordando de forma imperativa “Você tem de lutar! Você precisa vencer a AIDS!”. Nessa observação, o autor percebeu a relação dos sujeitos com o fato vital de estarem unidos, apoiando-se em grupo, ainda que sabendo da iminência da morte. (VASCONCELLOS, 1992, p. 33).

Modia (2008), em uma completa revisão sobre as constituições psicossomáticas, neuroimunológicas e linguísticas do fenômeno do *stress*, de Lazarus e Selye até as teorias mais modernas de McGrath e Magnusson, demonstra o *stress* como um mecanismo originalmente corporal de emergência, mas interligado diretamente ao campo linguístico da avaliação simbólica do evento.

A religiosidade, segundo nossa proposta, pode ser considerada tanto um evento psiconeuroimunológico quanto um fenômeno psicossocial e linguístico, ou seja, influencia o funcionamento humano em todos os aspectos citados, do desempenho social ao funcionamento neuroimunológico.

No caso específico desta pesquisa, o envolvimento religioso é visto como um fator que influenciaria a organização dos moderadores de *coping*, e não como uma estratégia específica de enfrentamento, pois rompe com o conceito clássico que vê *coping* como a resposta que tem como claro o objetivo de enfrentar uma situação específica de *stress* (LAZARUS; FOLKMAN, 1984).

Ao considerarmos o pensamento religioso como referência para a organização explicativa da realidade, deduzimos que dela advenham leis próprias e tão fundamentadas que determinem também a organização do próprio discurso do indivíduo, as regras que organizam o jogo de linguagem que se propõe. Isto posto, o ato religioso (a oração, o ritual, o crer ou ter fé) constitui-se não mais em mecanismos aprendidos de enfrentamento, mas na única maneira possível de organizar sua atuação no mundo, parte integrante da gramática do discurso do sujeito acerca do mundo.

Duas alternativas nos são necessárias: ou todo ato humano, ainda que inconsciente, desde a fé até a própria linguagem, caracterizar-se-ia como mecanismos de *coping*, contradizendo sua definição clássica, ou a religiosidade em si, como forma inerente ao ser, incluindo os rituais ou a fé, não seria propriamente comportamentos de adaptação, mas determinantes (moderadores) poderosos das estratégias mais coerentes e efetivas dos indivíduos.

3.1 A questão do Simbólico e do Sagrado no enfrentamento do *stress*

Assunto muitas vezes negligenciado pela psicologia em geral, a questão da fé é o ponto convergente das propostas desta pesquisa. Nosso objetivo, como dito, é avaliar as consequências do pensamento organizado em torno de um discurso que se toma como verdadeiro e sagrado sobre a forma de enfrentamento das situações de *stress*. A fé surge cedo como modalidade do pensamento humano, com suas metáforas e símbolos, de solução de problemas e explicação para os enigmas da Natureza, ou seja, surge como forma de lidar com o mal-estar e com a angústia. Em outras palavras, com o *stress*.

A solução encontrada para se resolver conflitos com a realidade, em qualquer época ou cultura, foi essencialmente religiosa. As culturas ancestrais, chamadas “pré-científicas”, encontraram maneiras de compreender nossa origem, explicar os males e o sofrimentos por meio de mitos fundamentais e marcantes para a cultura e a história desses povos, os mitos da criação (GIRARD, 2002; 2008; MAUSS, 1968). Portanto, pela construção e pela manutenção desses mitos, compartilhados socialmente, a comunidade se protegia do sofrimento causado pela angústia perante a natureza, ou seja, enfrentava o *stress*.

O pragmatismo de William James (2009) deixava claro ser mais interessante e mais sábio o conhecimento das particularidades do sujeito que o das fórmulas mais abstratas, como a religião. Em suas conferências de 1901 sobre a experiência religiosa, o autor aponta a impotência da teologia ou de qualquer idealismo em enfrentar com eficácia a vida em geral, ou em explicar a experiência mística particular. A filosofia daria conta de compreender a experiência mística, em que pese acreditar ser de origem afetiva, como toda religião (um produto secundário, tradução daquelas experiências), pois não seria possível impedir o pensamento, o intelecto, de fazer parte de todas as ações humanas, segundo ele, traduzir nossos sentimentos intelectualmente (JAMES, 2009). A organização religiosa, ainda, por ser fato universal e constante, é por natureza objeto de investigação científica, sobretudo por ocorrer na consciência humana.

Para James, o fenômeno religioso advém da necessidade de, positivamente, as pessoas darem conta de questões geradas da relação com a cultura, ou sistema sociocultural. Contudo, para o autor, a religião seria uma construção íntima, subjetiva, e a institucionalização dessas experiências, sua tradução em leis sociais, são processos secundários, modelos históricos. Pragmaticamente, ideias correspondem necessariamente ao conjunto de seus desdobramentos, ou seja, os estados místicos ou

religiosos particulares, enquanto vivência da realidade, seriam experimentados diretamente, como um sentimento, e posteriormente delimitados em ideias, no intelecto, com a formação de símbolos.

Assim, a probabilidade de uma única religião conter o real sentido da vivência religiosa somente seria viável se ela contivesse metafisicamente toda e qualquer possibilidade de condutas e sentimentos ditos religiosos. Dessa forma, jamais o estado de sentimento religioso poderia ser privilégio de uma ou de qualquer religião, mas poderia ser suscetível a partir dos métodos instituídos (oração, ritual, vivência religiosa), a elevar os níveis de experiência mística, afetiva ou sentimental, portanto, além de qualquer descrição verbal.

Concordamos com o fato de que o sentimento religioso intervém na vida das pessoas religiosas em diversos níveis, e que tal sentimento ganha delimitação representacional secundária a partir das práticas (religião) instituídas. Mais ainda, nossa amostra constituir-se-á de pessoas ditas religiosamente maduras, ou seja, com envolvimento sólido durante a vida com uma cultura religiosa, nas quais acreditamos que encontraremos uma riqueza de conteúdos psicológicos derivados da premência de experiências afetivas importantes durante a vida e organizados pela certeza subjetiva que tais indivíduos têm na presença do divino e na sua tradução nos símbolos da religião.

Ora, como dito anteriormente, no tópico 1.3, sobre a psicossomática, quando no campo do pensamento, a organização do sistema de referências culturais permite tanto a fluidez quanto a variedade e a disponibilidade de imagens mentais (representações), assim, podemos afirmar a potencialidade fundamental de uma saúde psicossomática (MARTY, 1998; 2001; McDOUGALL, 1983; 1984; 1989; 1991).

Novamente afirmamos a presunção de que, se tais imagens e conceitos posteriormente transformarem-se em recursos valiosos para o enfrentamento de momentos de *stress*, ou seja, com potencial para organizar “moderadores do processo de *coping*” (RUDOLPH; DENNING; WEISZ, 1995), então a religião, a experiência do sagrado e os seus símbolos constituem-se mais como sustentação de modelos explicativos de mundo do que efetivamente mecanismos de *coping*.

Nessa linha de análise, *stress* seria o resultado do encontro da Natureza das coisas e da Natureza dos homens. A natureza das coisas é dada pela imposição da realidade, já a natureza dos homens se dá pela organização das regras do jogo de representação dessa

realidade. O complexo *stress-coping* situa-se no resultado do ato de adaptar ambas harmoniosamente.

3.2 Psicologia da Religião, psicanálise e *stress*

Segundo Catalan (1999), o objetivo da psicologia social da religião é conduzir o inventário dos comportamentos religiosos, expondo os *nuances* dos significados da religião, e comparar o fenômeno religioso com os outros fenômenos humanos, a fim de encontrar e descrever uma estrutura psicológica pertinente ao ato religioso. Para o autor, o comportamento religioso refere-se a todo ato que se origine da convicção de que seres ou realidade sobrenatural interferem na realidade natural, e numa divisão da realidade entre elementos sagrados e profanos. A constituição da religião se daria, por conseguinte, também num ato adaptativo, a fim de ordenar a vida de forma que se harmonize com os desígnios revelados pelas divindades.

A religião tem caráter adequado à seleção natural. Ainda em autores de áreas ou tempos mais distantes – como William James ou Rudolf Otto, descrevendo a experiência do numinoso, ou Emile Durkheim, com a abordagem da projeção da experiência social e unidade do grupo, ou mais contemporâneos como Mircea Eliade e a necessidade de imitar a ordem e a harmonia da natureza –, todos condensam a vivência e o surgimento da religião à necessidade de adaptação. Tornar-se humano, civilizado, impõe uma forma de saída ou enfrentamento para o mal-estar insuperável naturalmente que a realidade nos impõe. Seja por fascínio, seja por pavor, como Otto descreve, somos obrigados a agir, atuar no mundo, de forma a conduzir uma adaptação, um excesso de energia que surge inexoravelmente. Assim, a religião, e mesmo o sentimento religioso, surge na perspectiva do *stress-coping*.

Lacan (*apud* MODIA, 2008, p. 79), por exemplo, aproxima o fenômeno psicossomático aos escritos sagrados, os hieróglifos. Não se lê um hieróglifo no sentido de significação, assim como não se interpreta uma descarga de adrenalina ou um coração em taquicardia. Da mesma forma, o sagrado não é uma materialização do divino, mas sua possibilidade de leitura, como aponta Valas (2003, p. 54-55), o evento psicossomático (e a resposta de *stress*, por consequência), seria “[...] questão, portanto, de um ciframento que não passa pela significantização (*sicut*) da letra, mas que está do lado do número, como uma contagem absoluta do gozo de que seriam prova os fenômenos subjetivos [...]”. Da mesma forma, havendo a possibilidade de significação

do sagrado, tal qual nos hieróglifos, são algo do campo do traço, uma inscrição na realidade de um acontecimento de outra natureza ou sobrenatural.

Impossível, então, é ignorar a influência psicanalítica ao se tentar aproximar o fato psicossomático do *stress* com as estruturas linguísticas organizadas pelo discurso religioso, característica da nossa amostra. Os princípios metapsicológicos freudianos constituem-se em torno de uma perspectiva originalmente de homeostase. Quando pensamos nas forças e nos mecanismos que garantem o equilíbrio do aparelho psíquico desde as primeiras tentativas, como no Projeto de 1895 – *Entwurf Einer Psychologie* (FREUD, 1975) –, temos a descrição de um programa autorregulado e que busca o equilíbrio, tal qual se dá a resposta habitual de *stress* (DUARTE, 2012).

A psiconeuroimunologia permite a execução dessa proposta interdisciplinar (psicologia social, religiosidade, linguagem e enfrentamento do *stress*), pois vem possibilitando e encorajando uma abordagem integradora ante as ciências dedicadas ao fenômeno humano. Essa unidade atenta às causas orgânicas e psíquicas das enfermidades, a reformulação do conceito subjetivo de saúde e a coalisão das diferentes ciências têm, justamente no conceito de *stress*, a base sobre a qual pode operar. O operado *stress-coping* está para a psicobiologia assim como a dinâmica do inconsciente está para a psicanálise (VASCONCELLOS, 1992).

4 ANÁLISE DE DISCURSO

4.1 Campo dos estudos sobre o discurso

O aspecto metodológico que a presente tese se propõe, a saber, a Análise de discurso (doravante AD), é um termo, em si, complexo e que, remetendo-se a variados enfoques e tradições teóricas, ainda reivindica a mesma denominação de análise de discurso. Em comum tomam como objeto o discurso e, segundo Gill (2002), rejeitam a ideia da linguagem como meio neutro de descrever e refletir sobre o mundo, além da convicta noção da importância do discurso para a produção da vida social.

A AD releva a língua, o sujeito e a história, contendo, então, a característica do país do qual se origina. Pode-se falar, portanto, de uma análise germânica, francesa, brasileira, baseada nas diferentes culturas, métodos e tradições na pesquisa sobre o conteúdo do discurso. A partir da análise, desvenda-se a própria estrutura e a ordem gramatical da língua tal qual também estas influenciam na articulação das proposições linguísticas. As funções substantivas, as formas adjetivas ou as articulações de ideias por meio dos advérbios variam consideravelmente e influenciam, cada qual nos fundamentos culturais do sujeito que fala, a própria análise ou a apropriação analítica do discurso.

O pesquisador apropria-se, primeiro, de uma estrutura de construção linguística, seja pela própria relação com a língua (no caso de sua língua materna), seja pelo cuidado que, perante treinamento, toma na percepção dos *nuances* afetivos e das apropriações normativas que se expressam no discurso do falante. Após essa primeira condição, tanto no discurso escrito quanto na fala, advém a análise do movimento das ideias propriamente dito, uma apuração da ideia central do discurso enquanto regra, abstendo-se de excessos ou de superfluidades de conteúdo ou significado, o que chamamos aqui de análise gramatical do discurso.

Dessa maneira, a AD constitui-se como disciplina intercalada pelos fundamentos da linguística, da fonética, da cultura, da psicanálise, do materialismo etc. De epistemologias distintas, a análise do discurso aponta para a complexidade do discurso humano e para a riqueza de material passível de análise na expressão humana (ORLANDI, 1999; 2003). No nosso caso, a dinâmica psíquica e as representações fundamentais, leis e movimentos aparentes e constantes, são buscadas na análise do discurso, o nosso viés gramatical.

Para Pêcheux (2002) e Melo (2005), a relação entre língua/sujeito e língua/ideologia tem filiação direta à linha francesa de análise, a qual articula o linguístico, o social e o histórico. Nessa abordagem, linguagem não é apenas forma linguística, mas materialidade ou expressão da ideologia (proposição de uma ideia, uma representação da intersecção do histórico com o linguístico, constituindo o que se pode considerar uma materialidade específica do discurso).

Há, em análise do discurso, uma produção de sentido, não uma tradução ou descoberta, e tal produção é o resultado da equação ideologia+história+linguagem. Ideologia é a filiação do sujeito a um “discurso-verdade”, uma premissa de realidade que orienta a articulação do imaginário e se expressa no discurso, ou seja, o sistema de ideias, inconscientes no sentido psicanalítico, e que constituem uma representação complexa (toda representação é, em si, verdade). História é o contexto que rege e fomenta a organização de tais representações. Linguagem é o objeto material ou textual que se estuda.

Na linguagem, os sentidos são pré-construídos e ecoam na memória, ressoando no dizer. E tal memória, o interdiscurso, é uma constituição prévia e social, de forma que, mesmo o sujeito acreditando ser produtor e proprietário do discurso, ou ao menos que tenha controle sobre tal, não percebe estar inserido em uma repetição, em um discurso já proferido antes. Caregnato (2006), por exemplo, utiliza-se da proposição “é dando que se recebe” para demonstrar como, ainda que oriunda do discurso religioso, a enunciação da frase em determinado discurso (em diferentes fases da vida do mesmo sujeito) pode eliciar significados distintos, ainda que ocupando na memória discursiva do falante, reeditando-se em novos contextos, momentos históricos, eliminando mesmo o sentido religioso e vulgarizando um sentido político ou comercial.

Não há como tomar a linguagem como objeto homogêneo de estudo, ainda que muitas vezes o aparente ser. Faz parte de sua produção o equívoco, a falha e o deslize, já nos apresentava Freud (1976a), em 1901, em sua *Psicopatologia da vida Quotidiana*. Da mesma forma, é equivocada a noção de sentido único das proposições. O sentido remete ao elemento simbólico, a uma outra parte do enunciado que resta no campo da representação e que torna, em última análise, o discurso uma entidade incompleta sempre na expressão de uma ideia.

Para Pêcheux (1993), a língua é a materialização da fala, e conta com a expressão do plano material e a presença do conteúdo simbólico (a ideologia). Um discurso (político, por exemplo), é pronunciado a partir de condições de produção dadas. Uma

opinião ou ideia só é exposta na medida em que corresponde a tais condições ou requisitos de verdade (como dito anteriormente). Daí a possibilidade de análise do discurso tal qual um processo submetido a uma série de condições de verdade, uma sequência de representações pré-organizadas e adquiridas do processo social e histórico.

Nesse contexto, jamais o sujeito observado pelo viés do seu discurso é individual, sendo sempre submetido ao coletivo e à historicidade, um assujeitamento ou filiação inconsciente a uma ideia-verdade construída na coletividade e no processo histórico, do qual emana o sentido do discurso proferido. Segundo Ferreira (2001, p. 6), o discurso é interferido por um: “[...] movimento de interpelação dos indivíduos por uma ideologia, condição necessária para que o indivíduo torne-se sujeito do seu discurso ao, livremente, submeter-se às condições de produção impostas pela ordem superior estabelecida”, conquanto subsista uma ilusão de autonomia. Assim, todo dizer é ideologicamente conduzido, marcado.

Com a análise de discurso, produz-se uma releitura do material enunciado, de alguma forma uma reprodução, uma fotografia (em última análise, uma representação) do componente ideológico que condiciona a pronúncia do discurso. Sendo uma representação, constitui-se com o material da análise um tipo de farsa, uma tentativa de reprodução da ideologia em um novo e terceiro discurso. Temos uma imagem copiada ou apenas correspondente, pode-se dizer, da representação verdade que condiciona a produção do discurso do falante. Contamos, portanto, segundo Orlandi (2004), com três facetas possíveis para a análise do discurso: a condição de produção do discurso ou a ideologia; a expressividade material do sujeito ou o discurso propriamente dito; a tradução de tais condições na interpretação do pesquisador.

O interdiscurso é formado pelas representações constituídas no sujeito, os sentidos do que pode ser dito e que circula na dinâmica social, previamente existentes e constituídos coletivamente. Intradiscurso é a materialidade do discurso, a fala em grande parte das análises, a formulação textual permitida pela dinâmica do interdiscurso. Assim, o discurso é linearizado pelo movimento ou pela dinâmica das representações, permitindo ou não a expressão de proposições, dando coerência entre expressão e ideologia, intra e interdiscurso. Tal qual um gesto, todo sentido é informado pela interpretação (ORLANDI, 2003).

No caso da análise gramatical, uma perspectiva diferente da análise do discurso, parte-se do princípio de que, tal qual ocorre com os mecanismos psíquicos, não se tratam as ideologias como representações estáticas ou verdades ancoradas, e sim como

um processo psicodinâmico que permite ou não a expressão do discurso. A expressividade da fala dá-se como um espelho da dinâmica de organização das representações, sua impossibilidade refere-se à pobreza, à pouca fluência ou à real falta de representações para uma experiência, não fazendo parte do discurso, não se constituindo como informação e ficando no campo do ser, do corpo. Uma proposição é um elemento complexo em forma e causas, como um gesto, uma expressão de um movimento psíquico, uma expressão de desejo.

Dessa maneira, uma interpretação torna visível, materializa, o sentido pretendido pelo sujeito ao proferir seu discurso. Isto posto, a interpretação é o real material de análise do discurso, é o procedimento que dá forma ao sentido do discurso, isentado da sobreposição de métodos com a linguística e com a semântica. O que aproxima mais a AD à psicanálise e à psicossomática. Desse princípio, extrai-se a condição de relatividade na análise do discurso, a impossibilidade de interpretação única e absoluta, pois, permeada pela dinâmica e pela ideologia do pesquisador, o discurso analisado passa a produzir também seu novo valor, seu novo sentido, novo objetivo, nova enunciação. A saída para esse problema metodológico é proposta nesta tese a partir do método lógico analítico, ou seja, a análise gramatical de Wittgenstein.

4.2 As diferentes faces do sujeito na Análise do Discurso

Demasiadamente ampla, e dependente da vertente teórica em que se apoia o estudioso, a noção de sujeito é uma questão problematizada em discussões que apontam para a Filosofia, a Linguística, a psicologia geral, a psicanálise e áreas afins. De acordo com Heine (2008), em “Reflexões sobre o sujeito social e o sujeito ideológico”, refletir sobre a entidade sujeito é uma questão polêmica e indissolúvel da noção de ideologia, de representação e de suas perspectivas históricas.

O conceito em si, de forma geral e dicionarizado, é definido como dependente, submisso, subordinado. Por exemplo, o sujeito da Idade Média era submetido aos discursos religiosos – às leis da Igreja –, o que, segundo Orlandi (2004), correspondia à forma de sujeito-religioso. Não tão diferente, segundo a autora, o sujeito atual apresenta outras características, as quais também constituem submissão; não às leis da Igreja ou da religião, mas de outra ordem: às leis do Estado. Assim, o Estado operaria um poder sobre o sujeito, e o sujeito-religioso da Idade Média tornou-se o sujeito-de-direito, próprio do capitalismo. Uma noção de assujeitamento que, como veremos, está sempre

ligada ao fenômeno subjetivo, à ideologia, ao inconsciente ou às ordens regentes do discurso (a gramática).

No início dos estudos linguísticos, nas teorias formalistas da língua, Heine (2008) ressalta a forte influência estruturalista, na qual vemos o sujeito subordinado ao código linguístico. Contudo, é a partir dos estudos pragmáticos do texto que o sujeito passa a ser visto como ser enunciador, individual, consciente. Apesar disso, ele ainda é desvinculado da ideologia e do contexto sócio-histórico da época em que vive. A relação sujeito-ideologia concretizar-se-á nos estudos de Análise do Discurso (AD), de linha francesa, que considera o contexto sócio-histórico-ideológico.

4.2.1 Sobre o conceito de Ideologia

O termo ideologia, segundo Helena Brandão (2004), conforme colocado em *Introdução à Análise do Discurso*, é marcado por diferentes *nuances* significativas, decorrendo disto muitas controvérsias a seu respeito. De acordo com a autora, inicialmente, a ideologia era entendida como “ciência positiva do espírito”, opondo-se à metafísica, à teologia e à psicologia pela exatidão e pelo rigor científicos dessas disciplinas.

Posteriormente, contrariando o significado original, o termo passa a ter um sentido pejorativo, com Napoleão Bonaparte, que define os ideólogos franceses como abstratos, idealistas e perigosos para o poder. Então, a ideologia passa a ser vista como uma doutrina irrealista e sectária, sem fundamento objetivo e perigosa para a ordem estabelecida.

Nessa perspectiva, observamos que são muitas as concepções acerca do termo, mesmo dentro de correntes, teoricamente, afins. De qualquer maneira, o significado de ideologia que mais se difundiu foi aquele relativo ao critério de verdadeiro e falso, que se refere à tradição marxista (FIORINDO, 2005). “O sujeito é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la” (HEINE, 2008).

Já em Marx, a noção de ideologia toma um sentido pejorativo devido ao peculiar desvio de percurso praticado pelos filósofos alemães da lógica hegeliana, que consiste em partir das ideias para se chegar à realidade. Os autores, assim, tecem uma crítica em relação ao conceito de ideologia vigente, apontando seu caráter negativo devido à separação que se faz entre a produção das ideias e as condições sociais e históricas em

que são produzidas. Dessa forma, prevaleceria a ideologia da classe burguesa enquanto instrumento de dominação, pois a classe dominante faz com que seus pensamentos passem a ser ideias de todos. Isto posto, a ideologia se reduz à categoria filosófica de ilusão ou mascaramento da realidade social. A partir disso, verificamos que a tradição marxista entende a ideologia como o mecanismo que deforma a realidade, apresentando a suposição de um discurso ideológico que serve para legitimar e reproduzir o poder da classe dominante.

Mikhail Bakhtin (2003), por sua vez, ao formular sua teoria sobre ideologia, faz uma crítica à produção teórica marxista, a qual considera mecanicista, sobretudo por exigir uma ligação direta entre acontecimentos nas estruturas socioeconômicas e sua repercussão nas superestruturas ideológicas. Além disso, o autor ressalta que os marxistas ora colocam a ideologia no campo da consciência, ora como uma ideia pronta, advinda do mundo da natureza ou de algum mundo transcendental.

Desse modo, o autor aponta a necessidade de quebrar a tradição de análise da ideologia em dois pontos:

1 – enquanto subjetivista/interiorizada, estando permanentemente na cabeça do homem, pois se ela se mantiver apenas na consciência, degenera-se, morre, por carência de interação regeneradora;

2 – enquanto idealista/psicologizada, compreendendo a ideologia como uma ideia pronta, com a qual é possível apenas se defrontar, ou seja, ela não podendo ser concebida como acontecimento dialógico.

A visão da língua/linguagem como constitutivamente dialógica significa dizer que o outro é fundamental para a existência da língua e dos possíveis efeitos de sentido que possam surgir no processo de interação. Seleccionamos um trecho dos escritos bakhtinianos que resume a maneira como o autor concebe a língua:

A verdadeira substância da língua não é um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN, 2006, p. 125).

Bakhtin considera, assim, a ideologia como uma instância dialética, construída sempre na vertente da instabilidade e da estabilidade, e não pela estabilização advinda pela aceitação da primazia do sistema e da estrutura, isto é, ele constrói o conceito na concretude do acontecimento. Nesse sentido, Bakhtin destrói e reconstrói parte da concepção de ideologia marxista – que se refere à falsa consciência, disfarce da realidade social –, ideologia oficial; colocando ao lado desta a ideologia do cotidiano.

Nessa perspectiva, a ideologia aparente, oficial ou paradigmática (aquela que nos referiremos enquanto regra gramatical) é compreendida como o movimento relativamente dominante e que procura implantar uma concepção única de mundo (ou pelo menos estável); e a ideologia do cotidiano é construída nos encontros casuais, na proximidade social com as condições de produção e de reprodução da vida (conteúdo instável) (FIORINDO, 2005). Ambas formam o contexto ideológico completo e único, em relação recíproca, sem perder de vista o processo global de produção e reprodução social. Assim, ela é vista de maneira mais ampla, como uma visão de mundo (a *Weltanschauung*) de determinada comunidade social dada num determinado tempo histórico. Essa noção compreende a relação entre linguagem e ideologia como estreitamente vinculada e necessária, uma vez que é por meio da linguagem (e na linguagem) que a ideologia se materializa.

Assim, afirma-se que todos os discursos são ideológicos. Contudo, tal generalização jamais reduz ao sentido de “falsa consciência”, dissimulação ou mascaramento toda a gama discursiva dos locutores, tal qual postula a visão marxista, e no sentido de que a ideologia é/está inerente ao signo, o qual, por ter um caráter arbitrário, permite que a linguagem ora leve à criação, à produtividade de sentido (sobretudo quando coerente ao aspecto estável das regras), ora leve à manipulação da construção da referência (seu caráter instável, porém vital).

4.2.2 O contexto do sujeito ideológico

A fim de tecermos algumas reflexões sobre o sujeito ideológico, vale ressaltar que o referido “sujeito” vai ser interpretado a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso (AD), de linha francesa, que surgiu na década de 1960 devido aos trabalhos de Dubois e de Pêcheux (MAINGUENEAU, 1997; PÊCHEUX, 1993). Dubois, um linguista, lexicólogo, envolvido com as questões linguísticas da época, e Pêcheux, um filósofo, voltado, em especial, para os entraves do marxismo e da psicanálise, embora

imbuídos em pesquisas com reflexões específicas, partilhavam entre si a época áurea das manifestações das classes sociais na França dos anos 1960, aponta Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes (2009).

Por essa perspectiva, podemos dizer que a AD se filiou a três campos distintos do conhecimento: o da Linguística, com a problematização do corte saussuriano; o da Psicanálise, com a releitura lacaniana de Freud e a sua teoria do inconsciente; e o do Marxismo, por meio da releitura althusseriana⁷ de Marx da teoria da sociedade e das questões ideológicas. A AD se edifica como linha de pesquisa, rompendo com alguns dos pressupostos da Linguística, especialmente com os da Linguística Formal, pelo fato, entre outros, de ela ter reivindicado a concepção de língua como um sistema homogêneo, abstrato e unívoco, e por defender, com veemência, a existência de um componente semântico capaz de dar conta do sentido.

A partir de bases estruturalistas, o discurso fornece campo para uma nova abordagem da questão do sujeito, conquanto essa questão tenha tido diferentes destinos em Foucault, Lacan e Pêcheux. Em primeiro lugar, porque a estrutura, compreendendo a precedência das relações sobre os elementos tomados em si mesmos, constitui um modelo passível de generalização para além do campo da Linguística, afetando a noção de sujeito transcendental, entendido como um ponto fora do sistema ou como condição do sistema. Em segundo lugar, esse modelo, sendo exportável para outros campos disciplinares, promove uma nova configuração das ciências humanas, que desloca o ideal de ciência construído pelo positivismo e o sujeito empírico aí definido, substituindo-o pelo ideal, bem conclui Priscila Fiorindo (2005). Assim, “[...] na Análise de Discurso, considera-se que o discurso materializa a ideologia, constituindo-se no lugar teórico em que se pode observar a relação da língua com a ideologia” (ORLANDI, 1999).

Primeira fase da Análise do Discurso – AD1

O contexto em que surge a primeira fase da Análise do Discurso, destacada pelo estudo de discursos mais “estabilizados”, no sentido de serem pouco polêmicos, por permitirem uma menor carga polissêmica, ou seja, uma menor abertura para a variação do sentido devido a um maior silenciamento do outro (outro discurso/ outro sujeito). A exploração metodológica, de uma noção de maquinaria discursiva, resulta de uma

⁷ Referimo-nos à obra Louis Althusser acerca do papel que a ideologia cumpre na reprodução das relações de produção de cunho capitalista.

posição estruturalista pós-saussureana e pode ser compreendida como um conjunto de discursos produzidos em dado momento. Os discursos políticos teórico-doutrinários, como um manifesto do Partido Comunista, são bons exemplos, devido ao caráter não polêmico e estabilizado – pois, nesse contexto, quem era comunista não poderia, nunca, falar como conservador e vice-versa.

Dessa forma, o sujeito foi tratado como assujeitado à maquinaria (sujeito não livre, por estar submetido às regras específicas que delimitam o discurso que enuncia). Segundo Mussalim e Bentes (2009), é a formação ideológica que regula o que o sujeito pode ou não dizer, mas com a ilusão de ser fonte do discurso.

Segunda fase da Análise do Discurso – AD2

No segundo momento da Análise do Discurso, de acordo com as já citadas autoras Mussalim e Bentes, a noção de máquina estrutural fechada começa a explodir. O conceito de formação discursiva (FD), tomado de empréstimo de Michel Foucault, é o dispositivo desencadeante desse processo de transformação na concepção do objeto de Análise do Discurso. Foucault define a FD como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram uma determinada época, para uma área social, econômica, geográfica ou linguística, dada as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2012, p. 144).

A FD é marcada por regras de controle social e é sempre construída por outras FDs, o que já anuncia a noção de heterogeneidade do discurso. Aqui, a ideia de homogeneidade enunciativa é abandonada como resultado da interação cumulativa de momentos de análise linguística e discursiva. Essa postura permitiu o deslocamento da noção de constituição do discurso, que passou a ser concebido como organizado no entrecruzamento entre a estrutura e o acontecimento, como consequência da mudança de enfoque da estrutura para o acontecimento. De acordo com Cleudemar Alves Fernandes (2008), autor de *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*, nesse momento de formulação teórica aparece a noção de interdiscurso, designando o exterior de uma formação discursiva.

Porém, a noção de sujeito discursivo permanece como efeito de assujeitamento à formação discursiva com a qual ele se identifica. Para Mussalim e Bentes, não existe mais, nesse segundo momento, a noção de sujeito marcado pela ideia de unidade, tal como era concebido na AD1: “A noção de dispersão do sujeito é aqui retomada; o sujeito passa a ser concebido como aquele que desempenha diferentes papéis de acordo

com as várias posições que ocupa no espaço interdiscursivo” (MUSSALIM; BENTES, 2009, p. 55). Ainda de acordo com as autoras, vigora a ideia de que o sujeito é uma função e que ele pode estar em mais de uma posição discursiva ao mesmo tempo. No entanto, apesar de o sujeito poder desempenhar diferentes papéis, não é totalmente livre, pois ele sofre as coerções da formação discursiva, já que esta é regulada por uma formação ideológica. Assim, o sujeito do discurso ocupa um lugar social que enuncia, por exemplo, o lugar do professor, do político, do publicitário – que determinam o que ele pode ou não dizer.

Terceira fase da Análise do Discurso – AD3

Na terceira fase, adotou-se a perspectiva segundo a qual os diversos discursos que atravessam uma FD não se constituem independentemente uns dos outros para serem, em seguida, postos em relação, mas se formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso. Segundo Orlandi (1999), o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos; na verdade, é a própria memória, a memória discursiva.

Na memória discursiva, nesse sentido, estariam, de forma esquecida, os diferentes discursos. Fernandes (2008) frisa que o interdiscurso está presente em toda formação discursiva por meio de discursos, provenientes de diferentes épocas da história e de diferentes lugares sociais, estando, necessariamente, interligados entre si e inscritos na memória como algo já dito em algum lugar; o interdiscurso vai regular aquilo que pode ou não ser dito em certas condições de uma enunciação.

No momento da enunciação, processa-se uma interface entre dois eixos que entram em ação. Nas palavras de Eni Orlandi (1999, p. 213): “O eixo vertical, onde se encontra o interdiscurso, ou seja, todos os dizeres já ditos e esquecidos; e o horizontal – que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele dado momento, em condições dadas”.

Dessa forma, um discurso não opera sobre a realidade das coisas, mas sobre outros discursos, e a linguagem é, fundamentalmente, um processo ou jogo heterogêneo, o que evoca as noções de dialogismo propagadas por Bakhtin. Assim, o interdiscurso é o objeto de investigação de qualquer análise do discurso, principalmente a partir dos trabalhos de Authier-Revuz (1982) sobre heterogeneidade discursiva, os quais inauguram a AD3. A autora abriu o rol de discussões acerca dessa perspectiva, enfraquecendo a noção eminente de Formação Discursiva e conquistando terreno para a

teoria da heterogeneidade explícita na superfície do texto mediante citações, intertextos marcados e da heterogeneidade constitutiva do discurso, aquela recuperada por meio da memória discursiva, o reconhecimento de que dada formação social e ideológica caracteriza alguns termos, expressões e predicacões inseridas no texto, dos quais se extraem as regras que nos são objeto.

Como já ressaltado em Heine (2008), o fato de o sujeito ideológico constituir-se em sua origem clivado entre o consciente e o inconsciente, um discurso enunciado e uma enunciação, já autoriza que nele se depreendam algumas *nuances* da sua face livre, ao lado da face submissa, caracterizada pelo assujeitamento à ideologia e à história, sobretudo. De acordo com o exposto, observamos que, em diferentes contextos teóricos nos quais o sujeito estava inserido no paradigma formal, ele era submisso, preso e limitado ao código linguístico e, posteriormente, na vertente da AD, passa a assumir outras posições, de acordo com o momento sócio-histórico e ideológico.

Assim, a partir dos conceitos de ideologia abordados por diferentes filósofos e considerando o ponto de vista da AD, constatamos que a noção de sujeito não se desvincula da noção de ideologia, pois não se trata de indivíduo compreendido como ser que tem uma existência particular no mundo, isto é, sujeito, na perspectiva em discussão, não é um ser humano individualizado, mas sim socializado. Dessa forma, é relevante dizer que o sujeito discursivo deve ser considerado sempre como um ser social-histórico-ideológico, apreendido em um espaço coletivo, cultural. Vale ressaltar a inexorabilidade do assujeitamento, nos diversos pontos de vista, ora pela ideologia, ora pelo seu próprio inconsciente. Considerando que as formações discursivas são heterogêneas e suportam o convívio do diferente e do contraditório em seu interior, não se pode mais falar em sujeito centrado da maquinaria discursiva, mas do sujeito que novamente se revela cindido, dividido entre o consciente e o inconsciente.

4.3 Uma Análise Gramatical do Discurso

Qual a razão de tantos problemas filosóficos se manterem desde Platão e Aristóteles até Kant e os filósofos modernos, sem solução ou acordo, alocados no patamar de “problema filosófico”? Wittgenstein, em relação às dificuldades ou impasses insolúveis da filosofia e mantidos perenemente, é taxativo em afirmar que tal dificuldade estava na inadequação dos questionamentos que fomentavam as

problemáticas: as formas de abordagem e, portanto, os meios de resolução estavam equivocados.

De maneira pertinente, certos problemas na psicologia também se submetem, por vezes, a metodologias focadas em pontos cegos, totalmente inapropriados à solução de questões ora fatuais, escorregando perigosamente por elucubrações conceituais, ora necessidades mais metafísicas às quais são impostas violentas saídas materialistas. Os psicologismos e pragmatismos, extremos metodológicos e conceituais, tentam, cada um, dar conta da complexidade humana, contudo, terminam, por vezes, em soluções parciais e tanto tendenciosas quanto falhas.

Wittgenstein apresenta uma solução para o problema das dicotomias conceituais, das confusões metodológicas e das soluções metafísicas, evitando proposições dogmáticas, ao sentenciar a forma adequada e mais eficaz de evitar tais armadilhas como sendo, *a priori*, o exercício de descrever a utilização e a instrumentalização dos conceitos envolvidos em tais situações. Para tanto, o autor propõe o que chamou de descrição gramatical dos usos dos conceitos (WITTGENSTEIN, 1999a), na qual a descrição sobrepõe-se em importância à explicação, tornando-se o pilar metodológico de sua segunda fase de pensamento filosófico. Assim, com Wittgenstein, elege-se a linguagem como ferramenta para analisar sua própria capacidade de descrever o mundo de maneira adequada.

Para o autor: “Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos” (WITTGENSTEIN, 1999a, § 109). Em tal caso, descrição não se submete à ordem científica da busca de respostas, qualificando dados ou elucidando efeitos. De modo mais complexo, descrever tem por finalidade estabelecer a forma essencial de relação entre uma pergunta (a finalidade de uma proposição argutiva, em última análise, aquilo que se quer saber) e uma resposta (aquilo que uma proposição descreve com o objetivo de sanar a demanda da pergunta).

A relação entre *stress* e *coping* também se dá de forma gramatical, organizando uma demanda e uma elucidação. Há uma intelecção cuja linguagem está escondida, um saber-verdade que constitui o substrato da condição do pensamento, devendo haver uma atividade filosófica que empenhe “uma luta contra o enfeitiçamento de nosso intelecto pelos meios de nossa linguagem” (WITTGENSTEIN, 1999a, §109).

4.3.1 A questão da ilusão linguagem privada

A necessidade de descrever o que conhecemos das coisas e dos fatos que nos rodeiam impôs, na história, a inevitabilidade do surgimento, desenvolvimento e subversões daquilo que conhecemos como linguagem. Do nascimento, aprendizagem e remodelagens que a linguagem toma a fim de melhor manifestar o que, sem a qual, seria apenas pensamento abstrato, por meio da filosofia, da arte, do mito, da ciência, um fundamental problema/argumento nos foi proposto por Wittgenstein (1999a), a respeito da linguagem privada.

Sendo a filosofia, para o autor, o querer compreender algo que parece claro diante dos olhos, por meio da descrição dos usos que fazemos de nossa linguagem e de expressões comuns, cotidianas, deve ser sempre possível “ampliar” essa linguagem. Isso porque há algo que não posso pensar ou exprimir, nem mesmo insinuar (WITTGENSTEIN, 1999a), ao ponto de palavras exprimirem mesmo uma regra tácita, como a palavra “agora”, que pode ser responsável por determinar, em certos casos, “neste momento corrente”, ou até mesmo “se as palavras forem usadas segundo *estas* regras gramaticais” (WITTGENSTEIN, 2010, § 71, grifo do autor). Surge o problema, logo em seguida, no texto, de como pensar as coisas se temos acesso somente às imagens que as representam? Ou seja, suas cópias.

Segundo Glock (1998, p. 155-156), Wittgenstein adere fortemente à distinção entre os usos expressivos (“eu estou com dor”) e descritivos (“ele está com dor”), das proposições, podendo, inclusive, uma mesma expressão desempenhar ambas as funções quando afirmo que “acredito que ele está com dor”. Embora tal proferimento não seja uma descrição em si de um fato real, é profundamente expressivo, pois pode indicar uma forte convicção de minha parte.

Eis o que Wittgenstein aponta como a ilusão da primeira pessoa: sendo diferentes as mais diversas formas de vida, uma tal linguagem comum, partilhada, só se faz compreensível entre aqueles que compartilham publicamente os mesmos critérios, dessa forma, tornando imprescindível o papel da terceira pessoa em sua constituição, a partilha do jogo de linguagem (MOREIRA, 2011). Surge aqui o argumento da ilusão da linguagem privada (WITTGENSTEIN, 1999a, § 243-315), ou seja, “até que ponto minhas sensações são privadas”, e só eu sinto algo, e o outro apenas o pode supor? Para que ocorra linguagem, há que se ter no diálogo duas condições: 1 – algo que se mostre como fato perceptível; 2 – a possibilidade que esse fato seja constatado pelo outro.

Relembremos aqui as *Investigações Filosóficas* (WITTGENSTEIN, 1999a), quando Wittgenstein chama a atenção para o fato de que os limites dos usos da linguagem não estão traçados, e que os sentidos só podem emergir no pleno uso da linguagem em suas situações e seus contextos específicos. Finaliza Maria Clara Dias (2000, p. 68): “a defesa de uma linguagem privada abala, portanto, a própria possibilidade de uma linguagem pública”. Assim, algo que acontece somente dentro de nós, privado e que somente nós, por introspecção, temos acesso privadamente, jamais se constituiria enquanto informação justamente por não ser público.

Tal problema se torna evidente e nos remete à psicossomática, quando existe algo privado, subjetivo, e que se encontra fora das duas condições apontadas anteriormente: 1 – está para além de nossa capacidade de torná-lo perceptível; e 2 – a incapacidade do outro de torná-lo algo constatável. Em ambos os casos, fica evidente a superação dos limites da possibilidade da linguagem. O que caracteriza a linguagem privada seria sua impossibilidade de ser expressa, e não o fato de ela ser dita em particular. A dúvida se o outro sente ou não aquilo que eu sinto, como eu sinto.

Eis a clássica suposição filosófica de que uma parte da humanidade tenha, tal qual eu tenho, a mesma sensação de uma cor em especial, e outra parte possa ter uma outra sensação da mesma cor, ainda que diferente da minha. A experiência adaptativa, o *stress*, se tomado como evento privado, não poderia ser enfrentado e adaptado, pois perderia sua possibilidade de ser compartilhado num jogo de linguagem, isto é, impossibilitado de aderir às estratégias de *coping* aprendidas, adaptadas. O que explica como o observador, ou o terapeuta, muitas vezes partilha e compreende que o outro sofre, que sente algo que não sabe, pois há um conceito de sofrimento partilhado, comum, mas que ainda não abarca o total sofrimento do sujeito. É a experiência plena do conceito de alexitimia.⁸

Moreira (2011) aponta a crítica crucial, que se obtém dessa premissa, de que é impossível uma regra que se coloque simplesmente a partir da mente de alguém, ao pensamento cartesiano que atrela a constatação da existência ao ato de pensar. Se há uma regra, necessariamente, ela é pública.

Assim, com o desenvolvimento de uma modalidade de análise de discurso, as regras que determinam o comprometimento de um sujeito com determinadas formas de

⁸ O termo cunhado por Sifneos e que indica a marcada dificuldade de descrever e reconhecer emoções e sentimentos será aprofundado em capítulo pertinente.

enfrentamento, via de regra, serão explicitáveis e adequáveis ao jogo de linguagem compartilhado socialmente.

4.4 Ser e Saber em Wittgenstein

É possível não saber algo? É viável que algo exista, mas não seja possível de sabê-lo? Husserl funda a fenomenologia na tentativa de conceder estruturas apodíticas ao conhecimento, prescindindo dos argumentos e buscando a descrição precisa do fenômeno, a forma irrefutável de conhecer o que se mostra ante o ato sensitivo e consciente. A pesquisa fenomenológica nos pergunta o que define o objeto como tal, precisamente, o ato puro do conhecimento. Nesse caso, a descrição marcada de recursos psicológicos perder-se-ia do objeto, enquanto a descrição do fenômeno em si deve ser demonstrada independentemente das explicações psicológicas do ato de conhecimento. Isso é possível? É importante lembrar que tal crítica fenomenológica era a principal crítica de Wittgenstein ao fundamento da noção de inconsciente: como é possível que haja algo que não é possível sabê-lo?

Na verdade, nesta perspectiva, se o ato ou o estado psicológico pode ser explicado em si como objeto de análise, é necessário pressupor que se saiba de antemão do que se está falando, tornando-se, desse modo, uma fase derivada, e não primeira, na descrição fenomenológica. Existe antes o como ser e depois se constitui o como saber.

A pergunta da fenomenologia é a pergunta essencial de qualquer processo filosófico, o “*quid est?*”, Wittgenstein percebeu esse erro, demonstrando que problemas filosóficos foram discutidos infundavelmente, sem ao menos serem perguntados “o que é?”. Mesmo que Sócrates tenha fundado o conceito de definição, a fenomenologia demonstra que a definição lógica é insuficiente.

No *Tractatus* (2001), Wittgenstein tenta romper com a visão tradicional da filosofia, que vê o mundo meramente como um aglomerado de coisas que podem ser pensadas, inclusive, de modo independente umas das outras. Tal visão não é necessariamente incorreta, segundo o autor, apenas é incapaz de explicar qual a relação existente entre as coisas, relação que só pode ser estabelecida pela linguagem. As coisas, por si só, não têm sentido, pois elas ganham significado quando relacionadas com outras coisas. Da mesma forma como não conseguimos pensar em algo fora do espaço e do tempo, “também não podemos pensar em nenhum objeto fora da possibilidade de sua ligação com outros” (WITTGENSTEIN, 2001, § 2.0121).

Para que algo possa ter significado, ser sabido, é preciso que apareça dentro de uma relação com outros objetos em determinado estado de coisas. Estar ligado a um estado de coisas é, ao mesmo tempo, a condição para que um objeto possa aparecer e ser pensado. Do mesmo modo, com as palavras acontece de só adquirirem significado quando inseridas em uma frase, pois somente as frases, os enunciados ou os proferimentos podem ser considerados verdadeiros ou falsos. Dizer, por exemplo, “tijolo” é algo que carece de complemento para se tornar uma unidade significativa. É somente quando tenho uma frase como “o tijolo é parte do muro” que posso dizer se essa proposição é verdadeira ou falsa. Eu não poderia, porém, saber se uma frase é ou não verdadeira se ela não correspondesse à estrutura do mundo, ou seja, a ordem das coisas no mundo, do ser.

A linguagem, então, representa a estrutura do mundo. Para Wittgenstein, isso só seria possível se existisse uma correspondência entre o mundo, o pensamento e a linguagem, se houvesse uma correspondência entre a figuração do mundo na linguagem e o próprio mundo afigurado. Como explica Wittgenstein, “na figuração e no afigurado deve haver algo de idêntico, a fim de que um possa ser, de modo geral, uma figuração do outro” (WITTGENSTEIN, 2001, § 2.161). “O que a figuração deve ter em comum com a realidade para poder afigurá-la à sua maneira – correta ou falsamente – é a sua forma de afiguração” (WITTGENSTEIN, 2001, § 2.17).

Sendo assim, não basta uma correspondência entre a palavra e a coisa designada, pois nas frases falsas também se fala sobre objetos. Caso contrário, elas não seriam falsas, mas apenas absurdas. O que determina a verdade ou a falsidade é se a conexão entre as palavras na proposição é igual à conexão entre os objetos no mundo, isto é, deve haver uma identidade entre a estrutura das coisas e a estrutura do pensamento. O que permite que a linguagem possa corresponder ao mundo é que ambos partilham da mesma forma lógica. A forma lógica é, por conseguinte, a condição de possibilidade da afiguração.

Como pode ele provar que pensamento, linguagem e mundo têm a mesma forma lógica? Segundo Wittgenstein, isso não pode ser demonstrado, é algo que apenas se mostra. Para demonstrar aquilo que se mostra por intermédio da linguagem e do mundo seria preciso uma teoria que se referisse à totalidade do mundo e da linguagem. Todavia, isso é impossível, pois quando falamos sobre o mundo já estamos dentro da forma lógica, e não há como vê-la de fora. “Para podermos representar a forma lógica, deveríamos poder-nos instalar, com a proposição, fora da lógica, quer dizer, fora do

mundo” (WITTGENSTEIN, 2001, § 4.12). Teríamos que colocar-nos, como diziam os medievais, no ponto de vista de Deus, algo que é igualmente impossível, a menos que o próprio Deus o revelasse para nós.

4.4.1 A função da filosofia é esclarecer pensamentos

O sentido do mundo como totalidade do ser não é assunto para o filósofo, mas para o místico: “O sentimento do mundo como totalidade limitada é o sentimento místico” (WITTGENSTEIN, 2001, § 6.45). A filosofia não tem nada a dizer sobre a forma lógica, já que a forma lógica é a condição de possibilidade de toda e qualquer figuração e não pode, ela mesma, ser afigurada. A forma lógica não se explica, se mostra, e “o que pode ser mostrado não pode ser dito” (4.1212).

Ao invés de especular sobre a totalidade do mundo e da linguagem, a filosofia deveria ocupar-se de uma função mais modesta: a de esclarecer a linguagem e ajudar a formular proposições claras. Nas palavras de Wittgenstein (2001, § 4.112): “O fim da filosofia é o esclarecimento lógico dos pensamentos. [...] Cumpre à filosofia tornar claros e delimitar precisamente os pensamentos, antes como que turvos e indistintos”.

Assim, quando alguém quiser dizer algo de metafísico, como “ser” ou “essência”, deve-se explicar-lhe que não conferiu um significado preciso ao que diz e sugerir que ele reconstrua sua proposição. Os filósofos deveriam resignar-se ao último aforismo do *Tractatus*; “sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar” (WITTGENSTEIN, 2001, § 6.34).

Todavia, não deixa de ser curioso que o próprio Wittgenstein teve de se valer de proposições gerais e metafísicas para expor suas teses. Ele afirma, por exemplo, que a totalidade das proposições é a linguagem; que a proposição é uma figuração da realidade; que os limites do mundo são os limites da minha linguagem etc. Ou seja, ele não se limita ao que se mostra, mas pretende falar sobre como as coisas são em sua totalidade.

Assim, o seu *Tractatus* deve também ser entendido como uma pretensão de dizer algo de metafísico e, portanto, um contrassenso. Para a solução desse impasse, Wittgenstein usa a analogia da escada que deve ser jogada fora após se subir por ela (WITTGENSTEIN, 2001, § 6.54). A filosofia é essa escada que ele usou para descrever a estrutura lógica do mundo e da linguagem. Feito isso, sua função está praticamente

encerrada, e Wittgenstein, coerente com seu pensamento, preferiu mergulhar em um silêncio que durou vários anos a continuar a dizer mais contrassensos.

“Minhas proposições” – diz Wittgenstein – “elucidam dessa maneira: quem me entende acaba por reconhecê-las como contrassensos, após ter escalado através delas – por elas – para além delas. (Deve, por assim dizer, jogar fora a escada após ter subido por ela)” (WITTGENSTEIN, 2001, § 6.54).

5 MÉTODO GRAMATICAL DE ANÁLISE DE DISCURSO

“A interpretação de signos escritos e falados por meio de definições ostensivas não é uma *aplicação* da linguagem, mas parte da gramática. A interpretação permanece no nível da generalidade preparatória a qualquer aplicação”.

Gramática Filosófica, §45.

O presente capítulo constitui uma apresentação dos fundamentos que sustentam a metodologia desta tese, bem como uma descrição das etapas de aplicação prática do método de análise proposto. O trabalho foi desenvolvido a partir de uma abordagem empírica e exploratória dos movimentos constituintes dos discursos analisados. Ainda que formado de uma pluralidade conceitual, absorvendo conceitos e problemas filosóficos e aplicando-os sobre um objeto psicológico, o procedimento constituiu-se, tanto ontológica quanto epistemologicamente, de um esforço para alcançar uma objetividade e uma coerência que se estenda ao nível da elaboração teórica, a fim de que o método possa ganhar consistência e aplicabilidade, podendo ser reproduzido e reformulado por outros psicólogos. Essa é a preocupação constante para as considerações instrumentais pretendidas pela pesquisa.

O propósito desta metodologia, à revelia da verificação de uma hipótese ou estabelecimentos de relações de causalidade, objetiva o rigor descritivo do fenômeno da linguagem, sua materialização em relações lógicas entre as formas de vida, dada pelas características de explicação do mundo, de autorreferência e funções do Eu (a primeira pessoa do discurso) e pelos mecanismos de enfrentamento das imposições da realidade (a descrição ostensiva do mundo e sua interpretação), mecanismos estes implicados na ordenação dos jogos de linguagem utilizados. Assim, centrada na observação e na compreensão da forma como se constrói a ordem imaginário-simbólica sobre a qual os sujeitos representam seu mundo, a perspectiva metapsicológica apoia a investigação da produção de sentido comum entre as narrativas.

O que se pretende com o desenvolvimento de uma metodologia de análise gramatical do discurso, adequada à psicologia social, é, objetivamente, criar condições para obter uma fiel comparação entre as proposições e a realidade, critérios de fidelidade ou verdade e, conseqüentemente, produção de sentido. A linguagem aplicada na descrição do mundo e das formas de enfrentá-lo apontar-nos-á a transposição do

gesto à palavra, ou do ser ao saber. Com o método gramatical de Wittgenstein, coloca-se de forma clara o significado do saber, na medida em que descreve o significado de um desejo ou ordem executada. Então, a partir dessa ordem significativa, obtemos as regras fundamentais que determinam os critérios de verdade para que o jogo ocorra, ou seja, aquelas que ordenam e tornam possível o desdobramento do discurso.

De outra forma, as crenças e formas básicas de compreensão e atuação no mundo, enquanto saber, podem ser descritas de modo adequado e inventariadas em classes que permitam uma ligação entre linguagem e realidade (WITTGENSTEIN, 2010, § 45). Tal processo se dá a partir da já referida “definição ostensiva” descrita por Wittgenstein, isto é, a descrição dos objetos e dos gestos, e, chegando à sua função psicológica mais profunda, a organização gramatical da linguagem. Aplicamos aqui a premissa da impossibilidade da linguagem privada (Cf. capítulo 3.2), ou seja, comparamos as regras das estratégias de *coping* com as regras descritivas da realidade, estabelecendo uma “essência da linguagem humana”, compartilhada antes socialmente.

Assim, assomando a crítica ao caráter apenas designativo da linguagem, o método pode apontar outras funções psicológicas da utilização da linguagem, dependendo dos usos que se faz das palavras-chave em determinadas proposições, a fim de conjecturar, agradecer, maldizer, saudar, desculpar etc. Ou, como até, ironicamente, aponta o próprio Wittgenstein,

É interessante comparar a multiplicidade das ferramentas da linguagem e seus modos de emprego, à multiplicidade das espécies de palavras e frases com aquilo que os lógicos disseram sobre a estrutura da linguagem. (E também o autor do *Tractatus Logico-philosophicus*). (WITTGENSTEIN, 2000, § 23).

Assim, a redução dos significados das palavras à designação ou explicação de objetos é um erro tão clássico quanto vulgar, em toda a tradição ocidental, e da qual, como assume, nem o próprio Wittgenstein evitou em sua primeira filosofia. Se a psicologia o fizesse, da mesma forma, seria como olhar o painel de comando de um maquinista, e, sendo as alavancas mais ou menos parecidas e agindo segundo o mesmo comando, o controle das mãos, e deduzir que elas tinham todas a mesma função (WITTGENSTEIN, 2000, § 12).

Submetendo os discursos individuais a essa metodologia de análise, e comparando-os com as de funções compartilhadas, ainda que para tanto disponham de

alavancas diferentes (as mais diversas formas de enfrentamento), chegaremos às funções básicas acionadas (regras ou verdades tangíveis compartilhadas no grupo).

5.1 Contexto filosófico do método

Dadas, anteriormente, as considerações epistemológicas da construção de conhecimento pretendida (cap. 2 e 3.1), algumas considerações que permeiam ontologicamente a conceptualização de toda a nossa investigação são necessárias.

A própria atitude de pesquisa do investigador recai necessariamente na formulação dos conteúdos intelectuais produzidos nessa empreitada. Contudo, e como previsto nos capítulos introdutórios, é a influência marcante da problematização de Wittgenstein sobre a gênese da linguagem o fator que motiva a formação de conhecimento pretendida. De início, a diferenciação entre o ser e o saber, as funções diferentes dadas às formas de linguagem, a impossibilidade linguística de certas vivências e a articulação dessas variáveis com a psicossomática, a fim de estruturar uma contribuição concreta à teoria do *stress*, são os fatores *a priori* desta tese.

De acordo com Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa atual em ciências sociais dá-se calcada no ceticismo em relação às teorias e aos métodos universais. Da mesma forma que Wittgenstein não pretende (nem crê em) uma metalinguagem, os autores em questão desencorajam, também, a construção de metanarrativas para fenômenos sociais, forma imprópria por pressupor a inexistência de referenciais idôneos ou legítimos para objetivar os ditos fenômenos.

Acolhemos tais críticas na psicologia social e as justificamos, ainda, pela escolha da proposta de análise, a qual subverte necessariamente a objetividade da pesquisa científica que impõe a tradicional conceituação da diferença nítida entre interno/subjetivo/privado e o externo/objetivo/público (SPINK, 1999). Em si, a nossa proposta parte, *petitio principio*, da ressignificação no campo psicológico dessa separação, articulando a necessidade da exteriorização dos fenômenos do ser para o saber, fundamento da possibilidade da linguagem. Essa exteriorização se dá, de início, na nomeação da experiência do mundo (o ser) em harmonia com as regras estabelecidas no jogo de linguagem no qual estou inserido (o saber).

A verdade, no nosso caso, não tange à aproximação das propriedades do objeto com as capacidades do discurso (um realismo), e muito menos se identifica com a possibilidade de conhecimento da realidade (um idealismo), mas visa a uma

avaliação da eficácia do jogo de percepção e a atuação no mundo de forma coerente com as regras estabelecidas: eis a real medida da eficácia de uma estratégia de *coping*.

Percebe-se, aqui, como nos indica Morin (2005), a inexistência de uma fronteira natural entre o pensamento filosófico e o científico, ainda que possam ser situados em polos opostos em determinados aspectos. Ao menos, não deveriam possuir tal fronteira quando se trata de pesquisa em psicologia. Na metodologia de análise aqui proposta, necessariamente segue-se um caminho de moldura científica, mas que combina bem com seu conteúdo, a tela filosófica, estabelecendo um diálogo de suas potências investigativas e reflexivas dedicado ao objeto psicológico. Além do caminho já percorrido entre a psicologia do *stress*, a psicossomática e a influência do pensamento de Wittgenstein, destacamos a contribuição da histórica pesquisa em Análise de discurso (GILL, 2002; ORLANDI, 2003) dentro da psicologia social, sobretudo o inspirador trabalho de Fernando Lefevre e Ana Maria Lefevre (2003; 2012) em Análise do discurso coletivo.

5.2 Metodologia

5.2.1 Caracterização da Amostra

A pesquisa constou de uma amostra de conveniência, com 10 sujeitos de ambos os sexos, maiores de 18 anos e publicamente envolvidos com o pensamento católico. A quantidade de entrevistados, por tratar-se de uma análise das construções da narrativa, mostrou-se adequada aos objetivos da tese, prescindindo de critérios estatísticos para sua construção.

Os critérios de inclusão foram:

- ter mais de 18 anos;
- participar durante a vida, mesmo com momentos de maior ou menor envolvimento, das práticas da igreja católica;
- possuir envolvimento atual em estudos ou atividades devocionais que indiquem participação íntima e pública com o pensamento católico (práticas devocionais, grupos de estudo ou pastorais).

Entre os 10 participantes, a distribuição característica da amostra se apresenta da seguinte maneira:

- Sexo masculino – 5;
- Sexo feminino – 5;
- Membros efetivos da prelazia Opus Dei⁹ (numerários) – 2 (homens);
- Membros colaboradores da prelazia – 6 (3 homens e 3 mulheres);
- Não pertencente a uma instituição específica na igreja – 1 (mulher);
- Em preparação para a vida religiosa (carmelita) – 1 (mulher);
- Casados – 5;
- Solteiros – 2;
- Celibatários – 3.

5.2.2 *Procedimento de análise gramatical do discurso*

5.2.2.1 Entrevista

A técnica utilizada para coleta e análise das entrevistas deu-se da seguinte forma:

Entrevista semidirigida: por critérios de delimitação de amostra (amostra de conveniência), os sujeitos foram submetidos a uma entrevista subsidiada por roteiro (Apêndice A), com perguntas abertas que incentivassem a produção de um discurso sobre os pontos relevantes de nosso objetivo, a saber: a forma como o sujeito vê e atua no mundo (sobretudo incentivado a descrever uma situação que considere de grande *stress* e uma de grande felicidade), a fim de dar-nos subsídios para averiguar as regras fundamentais para a descrição do mundo e a forma como o sujeito reagiu às situações por ele indicadas.

Sem intervenção no caminho de produção discursiva do sujeito, o caráter de acolhimento e não direção da entrevista precisou ser assegurado, com o propósito de que a interferência na construção da fala fosse a menor possível. As perguntas foram pontuais e esclarecidas em seu conteúdo já no termo de consentimento (TCLE) (Anexo A), funcionando como sinalizadoras do tema (o jogo de linguagem) proposto.

⁹ Prelazia da Santa Cruz e Opus Dei é uma instituição hierárquica da Igreja Católica, uma Prelazia Pessoal, composta por leigos, membros casados, solteiros e sacerdotes. Tem como finalidade participar da missão evangelizadora da Igreja Católica. Ela foi fundada em 2 de outubro de 1928, em Madrid, Espanha, pelo Padre Josemaria Escrivá de Balaguer.

No mesmo sentido, a quantidade mínima de perguntas teve como objetivo, além de encurtar o tempo de entrevista, evitando a repetição ou a organização demasiadamente racional das respostas, permitir tomar a expressão narrativa em sua forma mais espontânea e direta.

5.2.2.2 Procedimento de análise gramatical do discurso

O procedimento de análise gramatical do discurso foi baseado nos seguintes passos:

- a) Mediante a autorização dos entrevistados, no TCLE, as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas com todos os critérios de fidedignidade, garantindo o anonimato dos entrevistados.
- b) Os dados transcritos foram submetidos a uma leitura cuidadosa, cotejada com a gravação para corrigir possíveis erros, e anotada em *nuances* perceptivos de repetição, ou contrastes de voz, a fim de perceber os articuladores mais importantes de análise, como as ênfases, as adjetivações ou negações.
- c) Lidas de forma atenta às ênfases e ao fraseado, seguiu-se a organização do discurso transcrito em modalidades, a saber:
 - A – discurso sobre a própria vida
 - A.1 – o eu (o ser) {quem eu sou, faço, o que me define}
 - A.2 – descrição da realidade (saber) {o que é o mundo, o define}
 - B – discurso descritivo de *stress* e enfrentamento
 - B.1 – situação de sofrimento (ser) / formas de enfrentamento (saber)
 - B.2 – situação de amor e felicidade (ser) / formas de enfrentamento (saber).
- d) Em seguida, os dados organizados foram transformados em objeto de análise (Cf. item 5.4 da análise dos dados), com a tabulação de cada modalidade de discurso nos critérios descritos a seguir.

Fundamento do discurso (F.D): frases que se sobressaem na linha do argumento do discurso transcritas em forma de asserções. Em resumo, abstendo-se dos caminhos adjetivos para descrever o argumento, aquilo que o discurso pretende como informações centrais, uma composição linguística que aufere sentido e, ao mesmo tempo, sintetiza o discurso do sujeito. Preservando de maneira fidedigna o sentido da expressão do

discurso, não constitui interpretação ou juízo da fala dos sujeitos. Tais ideias são o resgate da essência do que fora dito na forma do depoimento. Assim, de maneira indireta ou mediata, revela-se o tema do depoimento, a meta do sujeito enunciador, tornando-se uma reconstrução das proposições do sujeito permeada pela interpretação do pesquisador. Sendo assim, é a determinação das premissas que organizam as fundações discursivas, sobretudo os substantivos, sobre as quais o conteúdo se expressa e organiza, partindo de dois critérios fundamentais, apresentados na sequência:

– **Funções do Eu:** descrição das características do emprego da palavra “eu”, em suas diversas modalidades, indicando referência a pontos de vista, substancialidade do ser ou personalidade etc. Essas posições ou funções do Eu mostram-se articuladas em dois modos fundamentais, a saber, uma descrição autorreferencial (a primeira pessoa do discurso) e uma posição projetiva, articulada pela função da terceira pessoa, a forma como os outros o veem.

– **Funções ostensivas:** organização das características com as quais o sujeito descreve a realidade, os objetos, como os qualifica e os articula.

Articuladores – adjetivos e advérbios, a forma, a condição, a sequência, a causalidade, o modo, a intensidade etc.

Ancoragem – uma das figuras metodológicas fundamentais para a pesquisa e a construção de conhecimento em psicologia social, a ancoragem é a expressão proposta pelo pesquisador, de uma ideia, teoria, ideologia ou crença contida no discurso de um sujeito. No caso desta tese, as regras apreendidas do corpo do discurso. A ancoragem, enquanto afirmação genérica, é instrumento para enquadrar a ideia central por detrás da composição do discurso, a regra subtextual às linhas de pensamento presentes na composição da fala individual, em que pese de forma submersa ou inconsciente à expressão da linguagem, mas que permeiam as práticas diárias e a vida do indivíduo que articula as palavras no discurso. Na nossa abordagem, a ancoragem refere-se diretamente ao conteúdo da regra de organização lógica do argumento, a linha gramatical, que torna significativa e compreensiva a enunciação, além de permitir que seja proferida como verdade (Ver Apêndice A, esquema geral da análise gramatical do discurso).

A ancoragem é uma manifestação linguística professada no transcorrer do discurso enunciado e que explicita um outro discurso, não significado na fala, mas que é captado pelo ouvinte na qualidade de afirmação genérica que tem o poder para enquadrar uma situação específica (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005). Sendo uma manifestação do fenômeno linguístico, infradiscursivo, e captado pelo ouvinte, tomaremos o mesmo termo como significante das regras (também linguísticas) orientadores desse enquadre ou jogo da situação específica, ou seja, o jogo de linguagem partilhado.

5.3 Construção de um modelo de interpretação Psicológica e Filosófica

Neste momento, a articulação dos conhecimentos da etapa de formulação teórica pode ser sintetizada em um modelo que resuma as ideias formais, regras que determinam o jogo de linguagem partilhado pelos sujeitos e aproxime a compreensão geral das diferentes formas de vida. A partir disso, temos, de um lado, uma articulação entre a visão de mundo investigada no recorte da entrevista e; de outro lado, o enfrentamento do *stress*, a fim de tecer uma análise e uma aproximação que permitam a compreensão da influência recíproca dos dois aspectos da vida: o ser no mundo e o sabê-lo, para então enfrentá-lo.

Com essa perspectiva, temos uma metanálise do discurso (e não um metadiscurso, como no caso da análise formal do discurso, com a ancoragem) que amplia a possibilidade de descrição das respostas aos problemas investigados. Com isso, há então uma contribuição tanto no âmbito da psicologia social, ao descrever dinâmicas entre o discurso coletivo e as leis do discurso pessoal (do saber), quanto da psicologia do *stress* e da filosofia organizando a forma como se dá a articulação da percepção e o enfrentamento das situações estressoras, na descrição da linguagem e funções discursivas do eu, da realidade e do ser.

5.4 Análise dos resultados

Sujeito 1

Sexo: Masculino

Idade: 56

Estado Civil: Solteiro

Profissão: Engenheiro e professor no ensino superior

A – Discurso sobre a própria vida

A.1 – o próprio eu (o ser) {quem eu sou, faço, o que me define}

Descrição autorreferencial do Eu: Meu nome é [...] nasci em [...] morei em [...] estou há [...]; Sou formado em [...] sou [...] tenho experiência como [...] como profissional, trabalhei em [...]

Depois, da parte espiritual [...] entrei para o Opus Dei em [...] eu fui para [...] vim para [...]. Sempre procurando atender o trabalho, esse trabalho espiritual.

[reitera] Trabalhei profissionalmente, sempre me sustentei né? E ao mesmo tempo, fui tocando essa formação de pessoas [...].

Descrição projetiva do Eu: as pessoas têm um respeito muito grande, pela Obra, pelo trabalho da Obra, então, as pessoas me veem como o cara da Obra, então às vezes dá uma certa vergonha né [...] as pessoas acham, assim, que a gente tem uma qualidade humana de virtude [...] a gente sabe o que cada um tem por dentro [...]. No fundo as pessoas veem o Opus Dei que é uma coisa de Deus mesmo [...] mas as pessoas que estão no Opus Dei são gente assim, muito comum, eu “to” entre elas, gente muito comum. Meus amigos, assim, quase todos eles podiam ser do Opus Dei né?

Profissionalmente, sou simpático [...] que conversa muito, que procura fazer uma aula leve [...] tem uma formação profissional muito boa [...] eu me esforço [...] um certo prestígio profissional [...]. Mas assim, não faço nada extraordinário [...]

Fundamentos do Discurso (F.D) = com o desdobramento temporal da formação do Eu, sobretudo no aspecto profissional e no papel que exerce no trabalho com a espiritualidade. Temporalidade e realidade descritiva pelo trabalho e conquistas. Projetivamente imagina que as pessoas tenham uma ideia primeiro da instituição, e sua imagem é interligada ou mesmo confundida com a mesma. Eu autorreferencial em ações verbais pretérito (nasci, vivi, morei, entrei), e ostensivo em ações contínuas (sou profissional, sou formado [...], trabalho [...]), ou seja, descritas no tempo verbal do presente. Eu projetivo atrelado à imagem da Opus Dei.

Articuladores = *sempre me sustentei, sempre procurei atender o trabalho*, sublinhando o caráter de consistência temporal quanto ao trabalho e vida espiritual

(constância e persistência), nos aspectos projetivos (as pessoas têm muito respeito) e confirmando valores (as pessoas da Opus Dei são gente muito comum).

Ancoragem = a identificação do ser dá-se pela consistência da descrição temporal e ostensiva da vida profissional, idealizada no contínuo do tempo presente e projetada de forma imiscuída na imagem da instituição religiosa que pertence, articulada pela constância e pelo destaque ao caráter projetivo de valores e respeito.

A.2 – descrição da realidade (saber) {o que é o mundo, o define}

A maioria das pessoas não conhece o que é o Opus Dei. [...]. O ambiente [do trabalho] é muito bom [...] as pressões e os prazos são fontes de stress [...] Deus interfere nas coisas e nos processos [...]

F.D = há um valor implícito nas dificuldades da vida e de como, para si, a influência da instituição é decisiva, mas desconhecida pela maioria das pessoas. Tais dificuldades são sinais divinos, têm valor comunicativo, e cumpri-las como dever é a solução. Há uma visão positiva do mundo, boa adaptação.

Articuladores = a *maioria* das pessoas [...], ambiente *muito* bom, pressões são fortes. Sublinhas as ideias fundamentais do discurso, sobre o desconhecimento da Opus Dei pelas pessoas, a importância do trabalho (tema bastante meditado) e as dificuldades do mundo, com sua resolução na interferência de Deus.

Ancoragem = a realidade imprime pressões, e nestas há sinais de Deus, o que as torna positivas, conquanto a maioria das pessoas desconheça essa relação.

B – discurso descritivo de *stress* e enfrentamento:

B.1 – situação de sofrimento (ser) / formas de enfrentamento (saber)

<p>Momentos de tensão, quando eu tenho que entregar coisas com data marcada, [...] quantidade grande de trabalho me deixa preocupado [...] um pouco de ansiedade [...] para mim aparece como um reflexo de cansaço [...] corrigir provas custa muito (ossos do ofício) [...] preparar matérias novas [...] falta de sono [...] eu estava sem monitores, o colégio era muito afastado e acabou ficando muito pesado para mim [...] concentração (foco exagerado) em cima do objeto “tenho que acabar, eu tenho que entregar” [...] concentrar demais o trabalho em mim [...] eu tinha que trabalhar fora, e a ansiedade aumentou muito, dormia pouco e trabalhava bastante [...] 10 dias de muito sono, cansaço, foi uma situação pior de estresse.</p>	<p>Procuo evitar trabalhos que custem mais [...] vou me preparando intelectualmente [...] taquicardia e sudorese [...] isso eu não quero passar mais não. Oração mental (coloco as coisas na presença de Deus, peço ajuda e ofereço meu trabalho) [...]. Tenho um trabalho oferecido a Deus, e Deus está contente [...] estamos fazendo coisas pelas pessoas [...] pensar o valor e a beleza do trabalho [...] procuro meios para fazer as coisas o mais rápido possível [...] cumprir é o melhor remédio contra o stress [...] me sinto bem quando acaba [...] oração para pedir ajuda, como fazer melhor [...] procuro delegar [...] trabalhar para os outros, pelos pobres [...] cumprir é o melhor remédio contra o stress.</p> <p>É para Deus, um sentido espiritual [...] me sinto bastante realizado</p>
--	---

F.D = pressão com datas e prazos, com a quantidade excessiva de trabalho, ao corrigir provas e preparar material novo. Foco exagerado, excessos e pressões do trabalho são a principal fonte de *stress*. Reação somática com taquicardia e sudorese, sonolência e tendência à fuga, intelectualização. Exercício espiritual de oração e pedido de ajuda. Oferece o trabalho a Deus, oferece como sacrifício, havendo um alívio quando o dever é cumprido. Há realização em crer que há um sentido espiritual, simbólico, nas adversidades e nas dificuldades.

Articuladores = imperativo quando se refere ao comprometimento com o trabalho (tenho que acabar, tenho que entregar, tenho que trabalhar fora), e ênfase dos aspectos mais negativos e dolorosos (custa muito, colégio muito afastado, muito pesado, concentrar demais, muito sono).

Ancoragem = há pressões e expectativas, e a tendência de valorizar e exagerar o foco de atenção. Imperativos de ação, de dever e de aspectos negativos, dolorosos, mas crença que há sentido e crescimento com as situações vividas.

B.2 – situação de amor e felicidade (ser) / formas de enfrentamento (saber)

<p>No aniversário de uma pessoa, um amigo queria cantar algumas músicas [...] eu precisa encontrar gravatas borboleta [...] [reitera] precisava encontrar gravatas borboleta. E eu não tinha gravata borboleta [...] e eu não sabia onde tinha aquilo, e ia perguntando, perguntando, e aquela ansiedade boa [...]</p> <p>Tensão muito boa, stress muito bom, esse eu gosto bastante. E preparar, convidar, visitar pessoas [...] muito divertido.</p>	<p>Foi muito divertido [...] é pra Deus [...] o sentido espiritual fica muito claro nessas ações [...] fiz tudo que dava [...] no fundo a gente sabe que Deus está contente [...] isso dá um gosto grande, uma motivação.</p>
--	---

F.D = fazer algo por alguém, encontrar algo difícil, dever a ser cumprido. Ansiedade de não saber como fazer, onde encontrar, mas com ansiedade boa voltada ao trato com o outro, de preparar, convidar e visitar pessoas. É divertido, é para Deus, e ele fez o possível. Motivado e divertido.

Articuladores = *Queria cantar algumas músicas, eu precisava encontrar [...]* Única vez que o desejo se articula com o imperativo da ação, o que queria condiz com o que precisava. Aspecto de impotência também pela primeira vez, *não sabia onde [...]* Ênfase na satisfação e na motivação.

Ancoragem = a sensação de bem-estar fica condicionada à substancialidade da terceira pessoa, aos outros que aguardavam que algo fosse feito. Deus, também terceira pessoa, espera e está contente, é para Deus, motiva e alegra, ainda que seja estressante.

Análise gramatical.

A ideia formal que o sujeito detém sobre o próprio ser advém da auto-observação no decorrer do tempo, das ações e dos deveres, reconhecendo as sensações de bem-estar e de mal-estar e suas origens, ou seja, o eu (primeira pessoa), sobretudo das situações de pressão e de expectativa das coisas (mundo) e de possibilidade de

relação social (fazendo algo de bom para o outro, e para Deus), aparece como autorreferencial e imperativo: sou o que faço e devo fazer. Contudo, as condições adverbiais negativas apontam o reconhecimento de fatos estressantes para a solução dos conflitos, aquilo que não sabe, não pode ou não terá tempo de fazer, pois aparecem qualificando exatamente o não saber ou o não ser capaz de lidar com algo.

O sujeito reconhece que movimento *stress-coping* tem origem na perda do controle do tempo e do saber as coisas, além de condicionar a origem do *stress* à incapacidade de solucionar, dentro do tempo ideal e de forma eficaz, as situações que sobrecarregam suas capacidades, com ênfase na lembrança da descarga emocional emitida (taquicardia e sudorese), antes da possibilidade de articulação intelectual, de enfrentamento com a justificação espiritual pelo designo divino. Ainda assim, a articulação imperativa, do dever, é sempre reconhecida na forma descritiva da primeira pessoa.

A sensação de felicidade é autorreferencial, apontando para a personalidade e para a consistência da noção de Eu ativo, agente, mas condicionada à terceira pessoa, a saber, o bem-estar do outro e o contentamento de Deus.

Síntese das regras gramaticais – Sujeito 1.

Em relação ao Eu – há um Eu identificado no tempo, que atua e é regido pelas virtudes identificadas na religião.

Em relação ao mundo – há dificuldades, mas estas evidenciam sinais divinos, há atos que precisam ser feitos, uma missão.

Em relação ao *stress* – as pressões e as dificuldades podem ser superadas pela análise do seu sentido e pela mudança de foco de atenção. O imperativo da ação (há algo a ser feito) liga tal sentido a Deus e ao outro, sendo fonte de realização.

Sujeito 2

Sexo: Masculino

Idade: 56

Estado Civil: Solteiro

Profissão: físico e professor do ensino superior

A – Discurso sobre a própria vida

A.1 – o próprio eu (o ser) {quem eu sou, faço, o que me define}

Descrição autorreferencial do Eu: sou um professor, um praticante que descobriu uma missão dentro da igreja. Me considero uma pessoa feliz por estar seguindo essa missão [...] me sinto realizado [...] estou trabalhando com a área de ensino, desenvolvo trabalho de pós-graduação [...] sempre eu gosto de um pouquinho de pressão [...] eu funciono melhor quando tem uma certa pressão [...] incrível, eu consigo render mais na prova [...]

Descrição projetiva do Eu: as pessoas me definiriam [...] um sonhador, com certeza. Eles respeitam muito todo o trabalho que eu faço [...] sabem que estou sempre muito atarefado, mas estou dando conta das tarefas [...] causo uma certa surpresa

F.D = descrição tipicamente ostensiva e focada na experiência da primeira pessoa, sobretudo ao definir a carreira e a prática religiosa (Eu sou um professor, um praticante), e reflexivamente aponta para uma característica repetida, a de considerar-se uma pessoa feliz, realizada. Reconhece-se como uma pessoa que gosta da pressão, do *stress*, e funciona melhor com um *stress* controlado, ideal. Sente-se respeitado em seu trabalho, que causa certa surpresa e o consideram sonhador.

Articuladores = descrição predominantemente em primeira pessoa, apontando aspectos emocionais e ênfase na importância do *stress*, em como funciona melhor sobre pressão (sempre, funciono melhor, render mais...)

Ancoragem = a posição do discurso predomina em primeira pessoa, reflexiva e de referência emocional. Ainda nas descrições mais ostensivas, como com o que trabalha, predomina a relação afetiva (realização e felicidade). Reconhece uma relação da personalidade com o *stress*, gostando da pressão e associando-a ao rendimento.

A.2 – descrição da realidade (saber) {o que é o mundo, o define}

A maioria das pessoas desconhece o ideal da Opus Dei... a gente está trabalhando com um ideal diferente aos olhos da maioria [...] *stress* é uma coisa boa, me ajuda a desenvolver melhor [...] cumprir com menos tempo as tarefas que eu tenho que fazer [...] pessoas que explicam sua missão aqui na Terra (convertidas).

F.D = há um ideal sobrenatural que rege a vida, diferente dos olhos da maioria. Há uma missão a ser cumprida, um sentido nas tarefas. O *stress* é algo que ajuda no desenvolvimento e a cumprir em menos tempo as tarefas que deve fazer.

Articuladores = ideal *diferente* [...] sublinha a natureza sobrenatural com que descreve sua ação no mundo.

Ancoragem = há uma missão a ser cumprida e um significado, um ideal diferente do que a maioria das pessoas considera. O *stress* ajuda no rendimento e na qualidade das tarefas.

B – discurso descritivo de *stress* e enfrentamento:

B.1 – situação de sofrimento (ser) / formas de enfrentamento (saber)

<p>Mudança de cidade [...] procurar novos empregos [...] incerto sobre a mudança, sobre que carreira se adapta melhor [...] mudança de amigos [...] um pouco mais de dúvida, com interrogações [...] stress um pouquinho mais forte [...] terminar o doutorado [...] dependia da publicação em uma revista inglesa, e gerou um pouquinho de sacrifício, um pouquinho de tensão [...] meu orientador chegou a me xingar [...] o concurso gera muito stress</p>	<p>Como tenho uma formação cristã, católica, reagi de maneira tão branda perante o xingamento, que ele ficou um pouco desconcertado [...] encontrava muitas alegrias nos meus amigos, pessoas que se convertiam [...] a pressão gerou menos stress que nos meus amigos, porque a alegria que eu tinha (com a evangelização) [...] sempre joguei futebol [...]. Levava a atividade aos jovens [...] eu tinha que cuidar do futebol [...] nunca deixei de fazer uma excursão, um passeio com a garotada [...] eu sempre tinha outras coisas para fazer e isso acho que gera uma tranquilidade, uma serenidade muito grande porque mantém seu organismo bem equilibrado, e isso faz com que o stress tenha uma repercussão muito pequena na vida global [...] acaba tendo pouca manifestação negativa.</p>
---	---

F.D = a novidade da cidade, a busca por emprego e as decisões a serem tomadas são fontes de *stress*, como também a falta dos amigos, as incertezas e a pressão do orientador. A reação branda e calma perante a situação extrema de *stress* (agressão e pressões do doutorado) o ajudou a superar tal momento com menos dificuldades que os

seus colegas. Não abandonar as atividades que gosta, o esporte e os trabalhos com a Igreja ajudaram na manutenção da tranquilidade e no equilíbrio psicossomático.

Articuladores = amenização do valor ou da ênfase ao se referir ao sofrimento (um pouco mais de dúvida, *stress* um pouquinho mais forte, um pouquinho de sacrifício, um pouquinho de tensão), repetidamente no diminutivo e alocado na terceira pessoa, no mundo ou no outro. Há ênfase nas reações e mecanismos de *coping* utilizados (reagi de forma tão branda [...] muitas alegrias [...] sempre joguei futebol [...]), além do aspecto imperativo da motivação à ação (eu tinha que cuidar [...] nunca deixei de fazer [...] eu sempre tinha outras coisas para fazer), realizando um discurso de execução rígida e necessária das tarefas a serem cumpridas, sem, contudo, causar mais *stress*, estando relacionado à resolução de conflitos e ao reequilíbrio psicossomático.

Ancoragem = a reação mais branda e tranquila perante o *stress* garante uma superação da situação. Há uma visão diminuída do impacto do sofrimento (repetição dos diminutivos) e o aspecto imperativo da ordem das ações, sobretudo as que deve fazer e que geram frutos de conversão.

B.2 – situação de amor e felicidade (ser) / formas de enfrentamento (saber)

Quando eu dedicava muito tempo com meus amigos, para conversar [...] envolvido com alguma atividade de formação católica [...] apesar do trabalho com a graduação que eu tinha que fazer, [...], esse sacrifício todo fim de semana nas atividades gerava frutos (conversões). Uma das maiores alegrias que eu sinto é quando eu vejo uma conversão de uma pessoa	É uma força que vem do alto [...] impossível de traduzir em linguagem humana [...] ser o homem nesse mundo, mas sonhando com o outro mundo [...] uma alegria interna que você não consegue descrever com palavras [...] é de outra natureza [...]
---	---

F.D = estar com os amigos, conversar, estar envolvido com atividades de formação. Atividades que geravam frutos espirituais, de conversão. Aspecto sobrenatural da alegria, noção de trabalho como missão.

Articuladores = também sublinha a importância do contato com os amigos, o envolvimento e os frutos da formação (muito tempo e maiores alegrias).

Ancoragem = há algo sobrenatural (além da linguagem, para este caso) que abarca a alegria de servir e de estar com os amigos, de evangelizar e ver as conversões.

Análise gramatical.

A referência marcada da autodescrição é reflexiva e orientada em termos de descrição emocional, mesmo com as descrições mais ostensivas, como as referências quanto ao que trabalha, predominando a relação afetiva (realização e felicidade) e adjetivando as ações no mundo. Reconhece uma relação da personalidade com o *stress*, identificando a necessidade da pressão e do *stress* associados ao rendimento. Reagir de forma mais tranquila perante o *stress* garante certa eficácia na superação dos eventos estressantes, tendo fundação na formação espiritual, na forma de avaliar as situações do mundo. Há uma tendência a uma visão apaziguada dos impactos do sofrimento (repetição dos diminutivos) e ao aspecto imperativo da ordem das ações, sobretudo as que deve fazer e as que geram frutos de conversão.

A realidade imprime pressões e as avalia de forma positiva, sobretudo porque, nestas, há sinais de Deus, o que as torna construtivas, fontes de aprendizado, embora a maioria das pessoas desconheça essa relação. Como regra, há algo sobrenatural (além da linguagem, para este caso) que abarca a alegria de servir e de estar com os amigos, de evangelizar e de ver as conversões.

Síntese das regras gramaticais – Sujeito 2.

Em relação ao Eu – há um Eu reconhecido emocionalmente, pelo que sente. Há felicidade.

Em relação ao mundo – há pressões e dificuldades, e são sinais de Deus. São positivos, mas a maioria desconhece. Há coisas que devem ser feitas, como missão.

Em relação ao *stress* – funciono melhor com *stress*. A reação mais branda e tranquila garante o sucesso nas adversidades e é uma virtude espiritual. As adversidades não são tão grandes. Há algo sobrenatural na felicidade.

Sujeito 3

Sexo: Masculino

Idade: 51

Estado Civil: Casado

Profissão: empresário

A – Discurso sobre a própria vida

A.1 – o próprio eu (o ser) {quem eu sou, faço, o que me define}

Descrição autorreferencial do Eu: Eu me defino como uma pessoa limitada [...] que ama muito, se esforça [...] que tem um apoio muito forte da parte sobrenatural [...] sou um cara que está buscando sentido da vida, né? [...] eu sou uma pessoa segura [...] sou uma pessoa inibida, mas não demonstra ser inibida [...] eu cresci, eu sofri e eu venci meus medos [...] eu me sinto orgulhoso de Deus confiar e eu poder carregar a minha cruz com amor [...] (depressão) eu já tenho essa natureza [...] eu sou um cara muito determinado [...] eu tento cumprir cada área da minha vida [...] eu caia fácil, hoje em dia pra me derrubar já é mais difícil [...] sempre senti muito a necessidade de ter um apoio maior, de ter um diálogo maior com meus pais [...]

Descrição projetiva do Eu: acredito que as pessoas me veem como um cara amigo [...] que tá com muitos problemas na parte profissional, mas as pessoas realmente gostam de mim: confiam em mim; me apoiam [...] me veem como uma pessoa que está sofrendo muito, mas que está dando de si mesmo, extremamente confiável, que está querendo ajudar.

F.D = identificação com a primeira pessoa agente: Amo, me esforço, busco sentido na vida. Sou limitado e inibido, mas procuro não demonstrar. Sou uma pessoa segura, cresci, sofri e venci meus medos. Sou orgulhoso da confiança de Deus e das pessoas em mim. Apesar da natureza depressiva, sou determinado em cumprir cada área da minha vida. Eu não caio fácil, mas sempre senti muito a necessidade de ter um apoio maior. Projetivamente, identifica de forma positiva sua imagem no outro, a terceira pessoa é receptiva, aceita, confia e gosta, apoiam e reconhecem.

Articuladores = em todo o conteúdo descritivo, o enfoque e a ênfase nas funções do eu ficam relevantes (ama muito, muito determinado, sofrendo muito, apoio maior). Eu reiteradamente adjetivado de forma positiva, amigo, confiável.

Ancoragem = ainda que numa visão de ser uma pessoa limitada, necessita e vê um apoio social e sobrenatural nas ações no mundo. Confiante e determinado, atento a cumprir as demandas da vida. Há sentimento de amparo e apoio, de ser amado e admirado.

A.2 – descrição da realidade (saber) {o que é o mundo, o define}

O mundo é um lugar bom, porque o mundo foi criado por Deus, e tudo o que Deus cria é bom [...] embora tenha entrado fora de ritmo depois do pecado original [...] eu acho que a gente é bom por natureza, mas o pecado desvia e traz anomalias [...] a vida é muito mais sofrimento que alegrias, mas eu acho que você pode sofrer me paz [...] sofrendo por uma causa [...] você está cumprindo com a melhor missão que você poderia estar cumprindo nesta terra, que é a maior demonstração de amor, o sofrimento [...] eu vejo que é um orgulho pra mim, diríamos assim [...] eu sinto que eu também posso ajudar uma “partezinha” das pessoas que eu amo muito, minha família, meus amigos [...] pra levar Deus mais a sério eu precisava ter um plano pra minha vida [...]

F.D = o mundo e o homem são bons, pois foram criados por Deus, mas está fora de ritmo. Há mais sofrimento que alegrias, mas havendo uma causa, uma missão, cumpre-se com orgulho, pois é demonstração de amor, e há sentido, há um plano para a vida.

Articuladores = adjetivação positiva da vida e do sofrimento, sobretudo pelo conceito de que tudo que Deus cria é bom. Ênfase no valor edificante do sofrimento.

Ancoragem = o mundo é bom, mas está desviado, provocando o sofrimento, o qual se torna uma missão honrosa de ser cumprida. Há sentido no sofrimento, e tem conseguido cumprir a demanda de forma positiva.

B – discurso descritivo de *stress* e enfrentamento:

B.1 – situação de sofrimento (ser) / formas de enfrentamento (saber)

<p>Os momentos mais difíceis são os da empresa mesmo [...] não é fácil ser empresário [...] alguém que não compreenda bem a gente, ou na família, o casamento [...] não é nada fácil [...]</p>	<p>Eu sou limitado, as pessoas são limitadas e eu acho que isso é uma coisa normal, muito embora cause sofrimento [...] eu sofro muito, e tenho um aspecto depressivo [...] tomo medicação [...] luto tentando buscar equilíbrio na vida porque sou um cara muito determinado [...] a gente tem que tentar viver o máximo que pode e se espremer ao máximo</p>
--	--

F.D = *stress* ligado ao trabalho e ao casamento, sensação de não ser compreendido. Sente-se limitado, mas essa compreensão ajuda no enfrentamento das adversidades, justifica o sofrimento e apoia na necessidade de pedir ajuda, medicação. Há que se viver ao máximo.

Articuladores = bastante ostensivo, o *stress* é visto de forma direta, descritiva, apontando uma visão ontológica nas premissas do sofrimento (há dificuldades no casamento e no trabalho, sou limitado, pessoas são limitadas), pontualmente descritas e de saídas regradas (medicação, sentido, tem que tentar viver o máximo).

Ancoragem = há *stress* e sofrimento na vida, mas se sente uma pessoa determinada e tem onde recorrer para receber apoio e ajuda.

B.2 – situação de amor e felicidade (ser) / formas de enfrentamento (saber)

O nascimento dos meus filhos [...] o casamento [...] especialmente quando faço apostolado e você fala: “Pow, esse cara não vai dar nada”, aí no outro dia Deus dá o presente de ver aquele cara que nunca foi na missa, no outro dia está ele, os filhos e a esposa na missa.	Não tem dinheiro que pague [...] eu sinto que estou construindo algo [...] eu sinto avalizado por Deus, e eu me sinto muito feliz, isso me deixa muito feliz.
---	---

F.D = presente de Deus, aceitação e confiança de estar construindo algo.

Articuladores = também descritivo, a produção de algo para Deus e por meio de Deus.

Ancoragem = a ação no mundo, os filhos e o apostolado, por serem presentes de Deus, gratificam e são fonte de felicidade.

Análise gramatical.

A descrição do Eu é predominantemente autorreferencial, noção autocrítica de personalidade advinda da auto-observação, sentindo-se limitado, depressivo, mas também amparado e capaz de realizar e superar. Aloca as sensações de bem e de mal-estar diretamente à ação divina e a seu afastamento pelo homem (pecado original), desde que tenha uma clareza e foco na descrição do Eu em primeira pessoa, caracterizando uma visão consistente da própria personalidade.

O Eu se mostra predominantemente autorreferencial e imperativo, as formas como sou e por que devo fazer. Contudo, as condições adverbiais negativas, de ser limitado e depressivo, estão diretamente ligadas ao reconhecimento dos fatos estressantes e também à solução dos conflitos, como pedir ajuda e usar a medicação, por exemplo.

Identificação com a primeira pessoa agente: Amo, me esforço, busco sentido na vida. Sou limitado e inibido, mas procuro não demonstrar. Sou uma pessoa segura, cresci, sofri e venci meus medos. Sou orgulhoso da confiança de Deus e das pessoas em mim. Apesar de reconhecer em si uma natureza depressiva, caracteriza-se em primeira pessoa como determinado em cumprir cada área da sua vida. Sente-se fortalecido (não caio fácil), mas reconhece a necessidade de apoio e de referência, sobretudo da família. Tem uma posição projetivamente positiva em relação à sua imagem no outro, a terceira pessoa descrita como receptiva, que apoia e reconhece.

O mundo e o homem são lidos de forma fundamentalmente positiva, como bons, pois foram criados por Deus, mas há uma justificativa sobrenatural para o sofrimento. Em que pese haver mais sofrimento que alegrias, existe uma causa, uma missão a ser cumprida com orgulho e otimismo, pois é demonstração de amor e significa um sentido para a vida.

O *stress* está ligado ao trabalho e ao casamento, às frustrações e à sensação de não ser compreendido. Ostensivamente, na posição descritiva do Eu, sente-se limitado, contudo, essa enunciação autodescritiva ajuda no enfrentamento das adversidades e justifica o sofrimento e a necessidade de pedir ajuda, medicação e apoio. Há que se viver ao máximo, pois a vida é presente de Deus, e há a confiança de estar construindo algo.

Síntese das regras gramaticais – Sujeito 3.

Em relação ao Eu – há a sensação de limitação e a necessidade de apoio, de confiança e de ser amado e admirado. Agir no mundo é missão sobrenatural.

Em relação ao mundo – o mundo é bom, mas está fora do eixo. O sofrimento vem desse desvio. Há sentido no sofrimento.

Em relação ao *stress* – há sentido no sofrimento. Há apoio para a superação. Há saídas. A felicidade é sobrenatural.

Sujeito 4

Sexo: Masculino

Idade: 36

Estado Civil: solteiro

Profissão: engenheiro eletricista.

A – Discurso sobre a própria vida

A.1 – o próprio eu (o ser) {quem eu sou, faço, o que me define}

Descrição autorreferencial do Eu: Sou engenheiro, acadêmico e professor [...] sou uma pessoa que procuro me dedicar às coisas que eu acho importante, com intensidade [...] procuro fazer bem as coisas até o final, ao mesmo tempo isso me leva a me estressar, ficar um pouco obsessivo sem querer [...] filho único tem um quê de mimado, um pouco impetuoso... querer às vezes que certa coisa saia ali porque vejo que é importante [...] acabo atropelando um pouco o tempo do outro [...] sou muito ansioso (situação profissional) [...]

Descrição projetiva do Eu: por temperamento, um pouco mais rígido, um pouco mais sério, mais contraído, um pouco mais chatinho, um pouco mais brigadista [...] mas vejo que mudei muito [...] acredito que passo para os outros a impressão de ser alguém que gosta de estar junto, que gosta de ouvir, que gosta de conversar, que é capaz de fazer coisas pelos outros, de oferecer amizade, de se sacrificar um pouco pelos outros. Interessado no bem dos outros... um cara bem-humorado, esforçado e que gosta de fazer as coisas até o final, de honrar os compromissos, de ser leal [...]

F.D = descrição ostensiva em primeira pessoa, descrevendo os aspectos profissionais e determinantes de conduta (as coisas que acha importantes). Procura dedicar-se com intensidade, perfeição, ainda que possa ser fonte de *stress*. Considera-se um pouco obsessivo, mimado, impetuoso e ansioso. As pessoas percebem-no, acredita, como alguém de temperamento sério e rígido, confrontador, mas se vê, reflexivamente, como tendo superado essas características. Acredita que passa, ou tenta passar, uma imagem de uma pessoa que gosta de estar junto, de ouvir e conversar, de se oferecer em amizade e em atitudes para os outros, interessado no bem dos outros.

Articuladores = os pontos mais negativos de autoavaliação são diminuídos (um pouco mais..., sacrificar-se um pouco), e a ênfase está nas exposições mais descritivas e

positivas. Uma visão projetiva contrastada com um ideal interno, há como as pessoas o veem e há como ele acredita ser.

Ancoragem = sou dedicado à perfeição das coisas que acho importante. Há defeitos de impetuosidade e ansiedade. Há necessidade de conhecer e ter o controle da realidade.

A.2 – descrição da realidade (saber) {o que é o mundo, o define}

As atividades da vida, as amizades, o trabalho, família, o descanso, todas apontadas para um fim único de procurar Deus, de procurar perfeição [...] se aperfeiçoar mais [...] de ver as coisas com realismo, me conhecer mais e conhecer mais os outros [...] aceitar mais essa realidade que é tão boa [...] as pessoas, às vezes, não querem aceitar as coisas [...] visão mais unificada da realidade humana [...] a realidade humana está longe de ser um caos, aleatória. Que tudo, que as coisas tenham um sentido, que a liberdade humana, as nossas capacidades são ocasiões pra procurar esse fim último que é amar e servir a Deus, aqui, e depois na vida eterna [...] vida onde a religião e a vida espiritual permeiam tudo, e que tudo pode ser ocasião de viver isso [...] mesmo as misérias humanas, porque nós vivemos uma realidade da natureza humana, e a nossa vida terrena sempre com suas limitações, e a gente nunca vai se saciar completamente aqui pelas nossas misérias, nossas limitações, nossa vida, mas que isso, mesmo isso também é ocasião que compõe esse cenário.

F.D = a realidade é boa e aponta para um fim único: a perfeição em Deus. Ver as coisas com realismo, conhecer-se e conhecer mais os outros. Aceitar a realidade. Não a aceitar é fonte de *stress*. Existe uma unidade do ser humano e uma explicação, um propósito. O conhecimento de si e do mundo é essa busca de sentido. A vida espiritual permeia todas as ações no mundo e é a realidade única que pode saciar.

Articuladores = o imperativo do sentido dos fatos e como estes apontam para Deus. Ênfases nos imperativos do fazer e na busca da perfeição dessas empreitas.

Ancoragem = a realidade é boa e aponta para Deus. Há que se cumprir o que deve, com perfeição. O limite humano não é saciável na realidade, só em Deus.

B – discurso descritivo de *stress* e enfrentamento:

B.1 – situação de sofrimento (ser) / formas de enfrentamento (saber)

<p>Tem que dominar os pontos, tem que sair perfeito... boa parte do nosso stress vem de não aceitar nossa realidade [...] não aceitar nossas incapacidades, nossos defeitos [...] nossas limitações [...] discordâncias eu levo como se fossem uma ruptura no relacionamento [...] me preocupa se a pessoa vai se magoar [...] trabalhava demais durante o mestrado, morava em São José dos campos, perdi um pouco o controle, querendo dar conta de tudo, querendo fazer tudo muito perfeito [...]</p>	<p>(à realidade). [...]. Poxa, eu tenho duas semanas, que bom que consegui chegar até certo ponto [...] valorizar “Olha que beleza, mesmo não estando nas condições ideais eu pude fazer esse concurso, por exemplo, em pouco tempo apareceu uma grande oportunidade pra aprender, pra me apresentar no departamento [...] procuro refletir, ouvir o conselho dos outros [...] tentar ver Deus dentro das coisas [...] pedindo mais noção da realidade [...] meu esforço é ser um pouco mais simples, mais humilde [...] se as coisas estão assim é porque Deus previu de algum modo [...] quis isso ou permitiu isso [...] Deus nos conta da realidade das coisas, de como são, e em uma dessas você já mudou e já começou a resolver o assunto [...]</p> <p>Um processo trabalhoso de se conhecer [...]</p>
---	---

F.D = as pressões de perfeição, de controle, são causas importantes de *stress*. Não aceitar a realidade, as limitações e as incapacidades causa sofrimento. Sofre muito em desapontar ou causar mal-estar no outro. Aceitar a realidade, refletir e encontrar o sentido, o lado bom, ajudam na administração do *stress*. Buscar apoio social, conselhos e meditar sobre a presença de Deus nas coisas organiza o *stress*.

Articuladores = o esforço por controle e perfeição é acentuado, elemento estressante, conquanto a reflexão sobre a realidade tenha afastado tais pensamentos. Ênfases na busca do sentido divino nas adversidades.

Ancoragem = há sentido nas adversidades, Deus se mostra nas coisas. Autoconhecimento e reflexão nos levam a reconhecer Deus. Há preocupações com o que o outro pensa, com a produtividade e a perfeição, e é fonte importante de *stress*.

B.2 – situação de amor e felicidade (ser) / formas de enfrentamento (saber)

ser aceito e amado na minha família, né? Me sentir amado [...]	eu diria que cada vez mais eu valorizo isso [...] eu vejo que tenho alguma dificuldade na parte afetiva, saber me querer [...] tenho um pouco de dificuldade de me sentir amado.
---	--

F.D = sentir-se amado é a mais importante sensação positiva.

Articuladores = a valorização progressiva da família, além do reconhecimento das dificuldades de articular os relacionamentos afetivos. Aprender a se amar e a se sentir amado.

Ancoragem = é bom se sentir amado. Tenho dificuldades de aceitar ser amado.

Análise gramatical.

A posição descritiva confere à primeira pessoa qualidades de virtude e conduta ligadas ao ato de fazer aquilo que acha importante, demonstrando uma posição referencial de observador de si. A intensidade com que se dedica ao ato no mundo, visando à perfeição em todas as coisas, porque em todas as coisas Deus se revela, é fonte importante de *stress*. Autocrítico, considera-se um pouco obsessivo, impetuoso e ansioso, provavelmente por característica da criação (um pouco mimado). As pessoas percebem-no como pessoa de temperamento sério e rígido, confrontador, segundo imagina, mas tende a se ver reflexivamente como tendo superado essas características. Reconhece os defeitos e vê crescimento na melhora dos pontos negativos.

Há clara determinação imperativa de que se deve conhecer e ter controle sobre a realidade, ainda que considere fundamental aceitá-la. A realidade é boa e tende ao fim único, o céu, a perfeição. A observação e o exame, a meditação sobre as coisas e a realidade são disposições importantes e saudáveis. Negar a realidade é fonte de *stress*. Da mesma forma, o conhecimento de si mesmo traz equilíbrio e auferido sentido, conferindo qualidade espiritual aos movimentos da vida, todos qualificados por Deus.

A postura de reflexão e análise da realidade permitiu o reconhecimento das fontes estressoras e a busca eficaz de apoio, conselhos e meditação para o equilíbrio das situações adversas. Assim, há sentido nas adversidades, e Deus se mostra, ensina, nas coisas.

Síntese das regras gramaticais – Sujeito 4.

Em relação ao Eu – há defeitos, mas tento dedicar-me a fazer o que devo com perfeição. Há de se conhecer e ter controle da realidade.

Em relação ao mundo – a realidade é boa e ensina sobre Deus. Há deveres a serem cumpridos. Não há saciedade total se não em Deus.

Em relação ao *stress* – a busca da perfeição e a preocupação com o pensamento do outro sobre si sobrecarregam emocionalmente. É bom se sentir amado, a fonte mais importante de felicidade.

Sujeito 5

Sexo: Masculino

Idade: 64

Estado Civil: Casado

Profissão: contador aposentado

A – Discurso sobre a própria vida

A.1 – o próprio eu (o ser) {quem eu sou, faço, o que me define}

Descrição autorreferencial do Eu: sou uma pessoa que me considero feliz [...] acho que sou alegre. Profissionalmente eu me aposentei, faço trabalhos voluntários. No casamento estou bem, como pai acho que não fui 100%, mas acho que nos 70 eu fiquei. Fui [...] me dediquei e trabalhei mais [...] faço o possível para servir e ajudar as pessoas [...] estou sempre disposto a colaborar [...] eu fiz [...]

Descrição projetiva do Eu: acho que me consideram uma pessoa boa [...] que está tentando fazer e ajudar o máximo possível a sociedade.

F.D = primeira pessoa, um eu reflexivo (me considero feliz, alegre, me aposentei) e, em parte, ostensivo (trabalhei bastaste, faço trabalho voluntário). Autocrítico em relação à atenção e à educação dos filhos, ênfase na dedicação ao trabalho, ao serviço e a ajudar os outros. Projetivamente imagina que o consideram uma pessoa boa, que faz o melhor para ajudar.

Articuladores = pronomes oblíquos comuns na autorreferência, apresentando uma posição reflexiva do Eu.

Ancoragem = auto-observação como uma pessoa feliz, alegre. Há falhas na dedicação à família, mas faz o possível sempre.

A.2 – descrição da realidade (saber) {o que é o mundo, o define}

Sempre considerei a religião algo muito importante para a vida, considero um tripé físico, (a) mente e espiritual [...] o que é nossa parte [...] sempre fazer tudo da melhor maneira possível, servir as pessoas, se mostrar sempre disposto a caminhar [...] no mundo, fazer aquilo que nos convém [...] o que conseguir fazer para melhorar alguma coisa, já está fazendo muita coisa [...] pensar no pequeno [...] se eu viver bem o meu dia, estarei indo para o futuro [...] stress é quando você não tem o domínio (controle) ainda do que você vai fazer [...] enquanto você não tem a coisa exatamente no teu controle, aí é que a coisa fica complicada, porque você não sabe as decisões pra tomar [...]

F.D = visão do mundo como uma conjunção da própria existência, na constituição entre o físico, o mental e o espiritual. Há coisas, tarefas, que devem ser cumpridas da melhor maneira possível, no serviço às pessoas, por menor que pareça. As tarefas cumpridas no dia a dia organizam a atividade no mundo, a falta de controle é fonte de *stress*.

Articuladores = sempre (considerar a religião importante, fazer tudo da melhor maneira, disposto a caminhar) é a palavra que articula e sublinha as funções de ação no mundo, indicando a constância e a repetição das ações mais correspondentes.

Ancoragem = é necessário fazer bem as coisas, disposição para caminhar e fazer o que convém, nos aspectos físico, mental e espiritual. Fazer no dia a dia, aos poucos. O controle e o conhecimento das coisas evitam o *stress*.

B – discurso descritivo de *stress* e enfrentamento:

B.1 – situação de sofrimento (ser) / formas de enfrentamento (saber)

Um ano interessante [...] não dormia, não comia direito [...] tudo atrasou na contabilidade [...] começou a atrasar tudo [...] não dormia [...] fiquei com essas bolhas no pé [...]	Começou a nascer bolhas na ponta do meu pé [...] só tem uma coisa (para enfrentar), é fazer! Eu tinha que fazer a coisa [...] comecei a fazer. Quando você tem controle da coisa, você não tem porque ficar estressado.
---	---

F.D = atraso e perda do controle no trabalho são importantes fontes de *stress*. Respostas psicossomáticas aumentam também o nível do *stress*. O maior foco de enfrentamento é a ação, fazer o que deve. A sensação de controle regula novamente a adaptação.

Articuladores = o imperativo (tenho que fazer alguma coisa) predomina na descrição dos mecanismos de enfrentamento, reforçando a referência ao controle, necessário para a regulação adaptativa. A negação das atividades aponta fontes de *stress* grandes (não dormia, não comia, não tinha controle).

Ancoragem = o controle das ações e dos fatos é necessário para conter e controlar o *stress*, não saber ou não poder fazer algo é fonte de *stress* e de respostas psicossomáticas.

B.2 – situação de amor e felicidade (ser) / formas de enfrentamento (saber)

Casamento do filho foi algo que me deixou muito feliz [...] mas eu fiquei, até com coisas bobas, a ficar estressado [...] eu tinha que fazer um procedimento cirúrgico, que acabei não fazendo [...] (suspiro). Que bom (que não teve problemas com a pedra durante o casamento) [...].	Meio suando [...] toda aquela alegria, você vê uma coisa que eles trabalharam muito pra fazer [...]
---	---

F.D = ver a felicidade dos filhos e cuidar das pequenas coisas, a ansiedade e a falta de controle das consequências da cirurgia eram fontes maiores de *stress*. O alívio de tudo correr bem sana as demandas adaptativas. Também reações psicossomáticas.

Articuladores = novamente a atitude imperativa, a falta de controle (tinha que fazer a cirurgia) e a retomada do controle demarcam a atitude perante o *stress* e a retomada do controle.

Ancoragem = a sensação de bem-estar fica condicionada aos outros (filhos, esposa), os quais aguardavam que algo fosse feito, e à satisfação de ver algo que foi uma realização importante para o outro.

Análise gramatical.

Há uma função de auto-observação bem desenvolvida e muito positiva da própria vida e do mundo, conquanto haja falhas na dedicação à família, sabe que faz o possível sempre. Uma regra clara é ser necessário fazer as coisas de modo bem feito, com disposição para fazer o que convém, nos aspectos físico, mental e espiritual, sobretudo o fazer do dia a dia. O controle e o conhecimento das coisas impedem o aparecimento do *stress*, sendo necessário o controle das ações e dos fatos para conter e controlar o *stress*. Não saber ou não poder fazer algo é fonte de *stress* e de respostas psicossomáticas. A sensação de bem-estar fica condicionada, projetivamente, ao bem-estar dos outros (família e trabalho), os quais aguardavam que algo fosse feito, e à satisfação de ver algo que foi uma realização importante para o outro.

Síntese das regras gramaticais – Sujeito 5.

Em relação ao Eu – sou feliz e alegre, mas falho com a família, conquanto faça o possível.

Em relação ao mundo – há de se fazer bem as coisas, com disposição. Há de se fazer o que convém. Faz-se aos poucos. Somos integrados nos aspectos físico, mental e espiritual.

Em relação ao *stress* – controle e conhecimento evitam o *stress*. Falta de controle causa *stress* (corporalmente significado). É necessário o controle e o conhecimento das coisas. Há realização em fazer algo pelo outro.

Sujeito 6

Sexo: Feminino

Idade: 60

Estado Civil: Casada

Profissão: professora e diretora do ensino infantil

A – Discurso sobre a própria vida

A.1 – o próprio eu (o ser) {quem eu sou, faço, o que me define}

Descrição autorreferencial do Eu: eu me apresento como esposa; mãe; profissional; aposentada, mas atuante [...] de certa forma, essa sou eu. Eu me vejo uma mulher ativa [...] que busca estar ativa, principalmente na família [...] às vezes poderia ser um pouco mais presente [...] mas como nunca foi possível por conta mesmo da demanda dessa nossa sociedade, então, sempre trabalhei [...] sempre quis fazer letras [...]

Descrição projetiva do Eu: de certa forma me veem calma, o que não sou [...] simpática, disponível, o que nem sempre é verdade [...]

F.D = primeira pessoa, um eu reflexivo (me apresento, me vejo) no sentido da atuação profissional. Autocrítica em relação à atenção à família, e ênfase na dedicação ao trabalho amparada na imposição real das demandas da sociedade. Projetivamente imagina que as pessoas tenham uma ideia geral errônea ou equivocada sobre sua postura de calma e disponibilidade.

Articuladores = reflexão tanto na descrição ostensiva quanto na projetiva, uso do pronome me, com autorreferência bem articulada ao se referir a si mesma e ao que os outros imaginam de si.

Ancoragem = há a auto-observação enquanto função familiar e social, positivamente descrita com uma regra sobre a própria personalidade enquanto ativa e atuante, e que não pôde dedicar-se mais à família como gostaria, de fato por imposições da realidade (sociedade).

A.2 – descrição da realidade (saber) {o que é o mundo, o define}

(quanto ao mundo) Pra servir. Eu estou aqui só para servir. [...] nossa tendência humana é de buscar o prazer individual, o que alguém pode me dar. Mas existe toda uma missão de vida que é de servir.

F.D = vê o mundo como busca do serviço e abandono das características mais individuais de prazer. Há uma missão de servir.

Articuladores = a palavra “só” delimita e caracteriza a visão de mundo no ato de servir, e o “mas” contrapõe a tendência natural ao prazer com o servir enquanto missão divina.

Ancoragem = há que se evitar a tendência ao prazer individual e servir enquanto missão.

B – discurso descritivo de *stress* e enfrentamento:

B.1 – situação de sofrimento (ser) / formas de enfrentamento (saber)

Quando eu soube do falecimento do meu pai. Foi complicado, era uma noite no trem [...] tremedeira e dor de barriga [...] não consegui de imediato voltar para o Brasil [...]	Pedindo a Deus que me dissesse o que Ele estava querendo de mim, ou exigindo de mim naquele momento [...] procurar uma forma de poder voltar para o Brasil [...] “brigando” com o vovô, do Dom Álvaro e com Nossa Senhora (conversando, orando) [...]
--	---

F.D = a perda de um ente querido e a distância. A ação de buscar uma solução para a volta e a oração ajudaram na superação.

Articuladores = o pedido e a pergunta: o que Deus queria ou exigia de mim, e brigando (questionando em oração).

Ancoragem = há uma explicação para a perda, para o sofrimento.

B.2 – situação de amor e felicidade (ser) / formas de enfrentamento (saber)

O dia do meu casamento [...] as amigas falavam “nunca vi uma noiva tão feliz” [...]	[...] eu consigo, eu faço questão de vivenciar para não ficar <i>out</i> [...um tipo de “hormônio” vai sendo liberado, por graça de Deus eu realmente possa estar consciente o máximo.
---	--

F.D = o dia do casamento. Surpresa em saber como as pessoas a viam extremamente feliz. Capacidade de viver e observar com consciência os momentos de felicidade.

Articuladores = afirmativamente declara eu consigo, eu faço questão, [...] para que eu possa estar consciente o máximo.

Ancoragem = há que se viver a realidade da felicidade, com consciência e controle.

Análise gramatical.

A ideia de primeira pessoa é retratada em torno da descrição ostensiva do Eu enquanto função familiar e social, positivamente delineada com uma regra sobre a própria personalidade enquanto sempre ativa e atuante, ainda que não pôde dedicar-se mais à família como gostaria, devido a imposições da realidade (sociedade). Há também a necessidade de viver a realidade da felicidade em pleno controle da consciência, e evitar a tendência ao prazer individual a favor do servir. Há uma busca pela explicação para a perda, para o sofrimento na situação extrema de *stress*.

Síntese das regras gramaticais – Sujeito 6.

Em relação ao Eu – eu sou o que faço. Sou ativa e atuante. Estou em falha com a família.

Em relação ao mundo – há imposições da realidade. O pensamento no prazer individual tem que ser evitado. É necessário controle e consciência da realidade.

Em relação ao *stress* – há razão sobrenatural para o sofrimento.

Sujeito 7

Sexo: Feminino

Idade: 49

Estado Civil: Casada

Profissão: professora e coordenadora pedagógica do ensino infantil.

A – Discurso sobre a própria vida

A.1 – o próprio eu (o ser) {quem eu sou, faço, o que me define}

Descrição autorreferencial do Eu: tenho (filhos), sou [...] sou uma grande apoiadora, amante e encorajadora das famílias.

Descrição projetiva do Eu: A família me vê de um jeito [...] como determinada [...] que elas podem confiar [...] mesmo em casa “a mãe faz, a mãe fala e faz [...], “a A. falou e ela vai fazer acontecer [...]”

F.D = primeira pessoa, um eu ostensivo (o ter filhos) e uma identificação com uma missão (sou uma grande apoiadora amante e encorajadora das famílias). Em relação aos outros, a posição é mais reflexiva (a família me vê...), projetivamente identificada com a regra de atuar no mundo (determinada, ela fala e faz...).

Articuladores = ênfases na missão familiar e na ideia de família (grande apoiadora, amante e encorajadora).

Ancoragem = há uma missão em relação ao trabalho e à família. Determinação.

A.2 – descrição da realidade (saber) {o que é o mundo, o define}

(determinação) é isso que move o ser humano [...] ninguém está aqui na terra à toa [...] acho que todo mundo tem uma missão para cumprir, veio pra cá com um propósito, você tem que descobrir qual é o seu [...] não é um propósito só “grande”, a longo prazo, mas a vida é feita de pequenos passos que vão te levando a ir cumprindo no dia a dia aquilo que você deve cumprir. Aquilo para o qual você está aqui. A nossa cultura, que não é preventiva, é paliativa. [...] eu acho que a grande maioria das pessoas que estão nessa loucura (stress), eu acho que elas não se concentraram, não fizeram o que tinham que fazer naquela hora [...]

F.D = o mundo enquanto ação a ser cumprida, com propósito, ainda nas pequenas coisas. Crítica negativa à postura paliativa ou falta de comprometimento com as ações.

Articuladores = a palavra “só” delimita e caracteriza a visão de mundo no ato de servir, e o “mas” contrapõe a tendência natural ao prazer com o servir enquanto missão divina.

Ancoragem = há de se evitar a tendência ao individual, e servir.

B – discurso descritivo de *stress* e enfrentamento:

B.1 – situação de sofrimento (ser) / formas de enfrentamento (saber)

<p>Meu pai foi me buscar no prédio errado (dia do casamento) [...] morte da avó</p>	<p>Eu sempre procuro manter a razão, o que eu quero nesse momento da minha vida? [...] tenho que manter a calma [...] coloquei nas mãos de Deus [...] não derramei uma lágrima, não conseguia chorar, em compensação, por dentro, só Deus sabe, e saíram manchas em mim, manchar roxas pelo corpo [...]. Vira e mexe eu estou com psoríase [...] não vou deixar de ver uma amiga, de tomar um café com ela, de sair [...] tomar uma cervejinha, porque eu sei que isso é necessário para o meu equilíbrio, para que eu possa trabalhar da forma que eu preciso trabalhar. [...] ser a mulher que preciso ser [...] ser a mãe que eu tenho que ser [...] e ser a amiga que eu tenho que ser [...] a oração, um tempo de oração diário [...] a ordem para mim é muito importante, coisa que eu aprendi no Opus Dei [...] (focar) isso me ajuda a me manter-se sã [...]</p>
---	--

F.D = a perda de um ente querido e a distância. A ação de buscar uma solução para a volta e a oração ajudaram na superação.

Articuladores = o pedido e a pergunta: o que Deus queria ou exigia de mim, e brigando (questionando em oração).

Ancoragem = há uma explicação para a perda, para o sofrimento.

B.2 – situação de amor e felicidade (ser) / formas de enfrentamento (saber)

Tantas [...] olhar um céu, do nada [...] aquele sol brilhando, passo do lado do lago e vejo aquelas pessoas andando [...] isso me deixa extremamente feliz, isso me deixa muito feliz, e muito relaxada [...] obviamente quando tive meus filhos, quanto me casei [...]	(Exclamação) Meu Deus, como que as pessoas não veem essa beleza?... me deixa muito feliz, muito relaxada, é uma felicidade.
---	---

F.D = o dia do casamento. Surpresa em saber como as pessoas a viam extremamente feliz. Capacidade de viver e observar com consciência os momentos de felicidade.

Articuladores = afirmativamente declara eu consigo, eu faço questão, [...] para que eu possa estar consciente o máximo.

Ancoragem = há que se contemplar e viver a realidade da felicidade, com consciência.

Análise gramatical.

A ideia de primeira pessoa se descreve em torno da descrição ostensiva do Eu enquanto função familiar e social, positivamente delineada com uma regra sobre a própria personalidade enquanto sempre ativa e atuante, ainda que não pôde dedicar-se mais à família como gostaria devido a imposições da realidade (sociedade). Há também a necessidade de viver a realidade da felicidade de pleno controle da consciência, e evitar a tendência ao prazer individual a favor do servir. Há uma busca por explicação para a perda, para o sofrimento na situação extrema de *stress*.

Síntese das regras gramaticais – Sujeito 7.

Em relação ao Eu – sou a missão que faço. Sou determinada.

Em relação ao mundo – deve-se servir e prevenir.

Em relação ao *stress* – há explicação sobrenatural para o sofrimento. Contemplar e conhecer a realidade é fonte de felicidade.

Sujeito 8

Sexo: Feminino

Idade: 37

Estado Civil: solteira

Profissão: advogada.

A – Discurso sobre a própria vida

A.1 – o próprio eu (o ser) {quem eu sou, faço, o que me define}

Descrição autorreferencial do Eu: meu nome é [...] sou uma mulher solteira de 37 anos... tenho um trabalho focado no apostolado, totalmente para as coisas espirituais. Tenho uma família grande [...] muito unida [...] tenho objetivos, sonhos e desejos [...] aprendi a cuidar do outro. Eu me cobro muito [...] me apego demais ao que eu não fiz... penso que tenho uma vocação matrimonial

Obs.: faz uma descrição histórica detalhada da própria vida, com sublinhado uso da primeira pessoa no plural, falando em unidade com a família (nós vivemos, nos refugiávamos, tínhamos, fomos [...]).

Descrição projetiva do Eu: as pessoas me veem com surpresa. Me veem alegre e doce [...] nem sempre sou assim... quem não me conhece acha que sou muito fechada, séria e inflexível (por ser italiana, falo muito no imperativo) [...] acham que sou dura, arrogante ou metida...

F.D = descrição do Eu de forma integrada com a história e a família, muitas vezes utilizando a primeira pessoa no plural, ao se referir aos familiares e à sua história. O eu é tomado como descritivo da posição civil e profissional, mas articula sempre essas passagens com o objetivo apostolar, de divulgação e conversão, ao qual se dedica, hoje, profissionalmente. A referência reflexiva se estrutura pela posse dos sonhos, dos objetivos e dos desejos de cuidar do outro, em vocação matrimonial. Sente que as pessoas se surpreendem por acharem-na fechada e dura, arrogante.

Articuladores = discurso articulado historicamente pela família e pelo trabalho, e ênfase na descrição do trabalho. Atualmente, totalmente voltado para as coisas espirituais, ao apostolado. Ênfases também quando se refere à família (muito grande, muito unida) e à característica de se apegar muito ao que não pôde fazer. Altera o pronome para o plural “nós”, quando se envolve na descrição familiar. Aufere uma dinâmica contraditória à sua imagem nas expectativas do outro: quem a conhece a

imagina feliz e alegre, mas nem sempre é assim, embora quem não a conhece a imagina séria ou arrogante.

Ancoragem = há uma história que me reconheço. A família é importante e atualiza a ideia do Eu. O objetivo de apostolado orienta os atos hoje. Há sonhos e desejos, mas servem se puderem ser para o bem do outro.

A.2 – descrição da realidade (saber) {o que é o mundo, o define}

O principal é que todos os aspectos da vida sejam voltados para Deus, e para o futuro que nos espera... Viver e gostar das coisas belas, e desgostar das coisas ruins e difíceis, mas sempre pensar no ser humano... caridade... olhar a vida naquilo que eu posso contribuir especificamente com isso (caridade, levar as pessoas a Deus)... contribuir como posso...

F.D = o importante é que a atuação na realidade seja voltada para Deus, para o céu. O mundo é feito de coisas belas para serem admiradas. Quanto à caridade, deve-se pensar no ser humano e orientar as ações que possa fazer sempre para o outro.

Articuladores = há o imperativo de fazer o que pode, sempre para o bem do outro, para que seja uma ação voltada para Deus.

Ancoragem = o mundo é bom, e todas as ações devem ser voltadas para Deus e para a caridade, para o outro.

B – discurso descritivo de *stress* e enfrentamento:

B.1 – situação de sofrimento (ser) / formas de enfrentamento (saber)

<p>Sempre tive uma ansiedade, agravada pelas situações da minha vida... preocupada demais com coisas desnecessárias... com ser compreendida... eu tinha uma autoestima muito baixa... uma situação de saúde (provação de Deus)... dependência afetiva e consequências autocríticas... excessos de trabalho, uma depressão de stress e cansaço... de tão cansada me sentia incapaz...</p>	<p>Procuro sempre uma alegria de viver... a parte fundamental e religiosa, apesar de ter os períodos de crise, eu nunca deixei de ter fé... conversar com o sacerdote e logo depois a tranquilidade de confiar em Deus... ir à igreja mesmo cansada, como dever, mas confiante... fazer o que é necessário, o que é preciso ao invés de fazer o que estou com vontade, é o que me fortalece...</p>
--	--

F.D = a ansiedade é constante e foi agravada pelos fatos da vida. Relata a necessidade de ser compreendida, amada (autoestima apontada como baixa), preocupada com pequenas coisas. Sente dependência afetiva e dificuldade nos relacionamentos. Reações somáticas (olho), que reconhece ser ligada a uma fase de excessos de trabalho, cansaço. Contudo, refere-se a muitas saídas eficazes, como a busca pelo sentido e pela alegria, a possibilidade de buscar o sacerdote, a confiança e a determinação em fazer o que deve, como ir à igreja mesmo cansada.

Articuladores = ênfase nas coisas que geravam *stress*, mas que aprendeu a controlar, como o foco nas pequenas coisas, e também na autoestima, muito baixa. Os excessos de trabalho e o cansaço.

Ancoragem = há uma história de sofrimento e de *stress*, sobretudo ligada à autoestima, à dependência afetiva e ao trabalho. Mas há saídas eficazes na fé. Se aproximar de Deus traz tranquilidade. Há de se fazer o que deve ser feito, o que é preciso.

B.2 – situação de amor e felicidade (ser) / formas de enfrentamento (saber)

As coisas familiares, os encontros que a gente pode estar com todo mundo... a superação em família de dificuldades... o casamento dos irmãos... nascimento dos sobrinhos.	Alegria é momento de agradecimento, de ver que nas coisas pequenas tem algo muito valioso, muito grandioso... confiar...
---	--

F.D = a família é fonte de felicidade, estar com o outro, superar dificuldades. A alegria se explica por ser o agradecimento pelo valor que as coisas têm.

Articuladores = as situações ligadas à família são listadas como de grande prazer, e o valor sobrenatural das conquistas, o que faz delas grandiosas.

Ancoragem = a família é fonte de amor. A alegria é um momento de agradecimento.

Análise gramatical.

A descrição do Eu se dá de forma bem integrada com o desenvolvimento da história e da família, inclusive descrevendo-se a si de forma plural, em primeira pessoa, como “nós éramos, nós morávamos”, característica pouco notada nas outras entrevistas. A primeira pessoa se descreve de forma a repetir o eixo profissional/estado emocional,

articulando sempre que, hoje, esse sentido está voltado para Deus, para o apostolado. Tanto o trabalho quanto o namoro são atitudes para Deus.

Há uma referência reflexiva estruturada pela posse de sonhos, de objetivos e de desejos, ao se descrever, ao mesmo tempo que se orienta no mundo por um ideal de caridade, para o outro e em vocação matrimonial. Tem a impressão de que a visão do outro é ambígua ou equivocada, seja daqueles que a conhecem bem, seja de quem não a conhece.

Fica descrita a orientação da ação no mundo para o desígnio divino, todas as ações são voltadas para Deus, para o céu, como sua atividade profissional dedicada ao apostolado. Junto a isso aparece, também, o imperativo da regra “devo fazer o que puder”, ou “tenho que fazer”, pois é preciso, e se sente fortalecida por vencer a própria vontade.

A visão do mundo, portanto, é boa, pois os atos se endereçam a Deus. Conquanto haja uma história repetida de *stress* por baixa autoestima, dependência afetiva e exaustão no trabalho, o aproximar-se de Deus aufere tranquilidade, fortalecendo as capacidades de enfrentamento, sobretudo a ideia da família, tanto de origem quanto no desejo de matrimônio, que é vista como fonte importante de amor. A alegria é o momento de agradecer, pois se configura como algo grandioso, se perante Deus.

Síntese das regras gramaticais – Sujeito 8.

Em relação ao Eu – eu sou minha história com minha família. Eu atuo para Deus e para os outros. Há em mim sonhos e desejos.

Em relação ao mundo – o mundo é bom, e todas as ações devem ser voltadas para Deus e para a caridade.

Em relação ao *stress* – ainda que haja uma história de *stress*, há que se fazer o que deve. Aproximar-se de Deus gera tranquilidade. A dependência afetiva causa *stress*. Os excessos de trabalho e de preocupações com coisas pequenas causam *stress*. A família é fonte de felicidade.

Sujeito 9

Sexo: Feminino

Idade: 43

Estado Civil: Casada

Profissão: administradora e gestora de vendas.

A – Discurso sobre a própria vida

A.1 – o próprio eu (o ser) {quem eu sou, faço, o que me define}

Descrição autorreferencial do Eu: Eu sou a [...], tenho 43 anos e sou casada há 22 anos [...] vim parar aqui em Londrina... deixei um pouco a minha vida profissional lá (em São Paulo) [...] vim para acompanhar meu marido [...]

Descrição projetiva do Eu: (começar a trabalhar em Londrina) foi legal porque ocupou a outra parte intelectual da S. porque a S. investiu em estudo e conhecimento [...] (as pessoas dizem): ‘S, eu não sei como você faz tanta coisa [...]’ [...] me veem como muito comunicativa, entusiasmo e cheia de energia [...]

F.D = a descrição dá-se de forma a retratar uma linha história, conquanto comece em primeira pessoa e de forma bastante pessoal (Eu sou a...). A descrição abarca a idade, o casamento e a vida profissional. Contudo, uma descrição em terceira pessoa aparece no discurso quando se refere à retomada da vida profissional, ao exercício intelectual. Tem uma visão positiva de como as pessoas a veem, como comunicativa, alegre e como pessoa que faz bastantes coisas.

Articuladores = há uma certa posição de abrandamento quando se refere ao abandono da vida profissional em outra cidade (deixei *um pouco* a minha vida profissional). Ênfase nas atividades que deve fazer, e no caráter positivo com que as pessoas a avaliam (muito comunicativa, entusiasta e cheia de energia).

Ancoragem = há uma ideia consolidada do eu, mas retomada em terceira pessoa quando se trata do desenvolvimento da vida profissional. Reiterada ênfase no desenvolvimento profissional, nas atividades que devem ser cumpridas. Visão positiva do modo como as pessoas a veem.

A.2 – descrição da realidade (saber) {o que é o mundo, o define}

O excesso de trabalho em São Paulo deu maturidade para ver a vida diferente [...] faço o que tem que fazer [...] saber se organizar, colocar em ordem... Ver o mundo do jeito que ele é, e ele é muito bom! [...] Falta isso no ser humano, ele ainda não está com esse olhar mais puro, mais de gratidão [...]. Não posso fazer disso (os sofrimentos) um peso, um sacrifício [...]

F.D = ordenar e fazer o que deve ser feito, ver o mundo do jeito que ele é, de forma positiva. Sente que vê o mundo de forma mais madura, com a idade e as experiências, com mais pureza e gratidão. Não deve fazer do sofrimento um peso.

Articuladores = a forma imperativa de referir-se à finalidade das ações se repete (não posso fazer disso um peso... faço o que tem que ser feito), bem como a tendência a pedir ajuda.

Ancoragem = o mundo é bom, e a maturidade proporciona essa leitura. Há ações que têm que ser feitas, e o mundo deve ser encarado da forma que é. Não devo fazer do sofrimento um sacrifício.

B – discurso descritivo de *stress* e enfrentamento:

B.1 – situação de sofrimento (ser) / formas de enfrentamento (saber)

Stress financeiro [...] abri uma loja e não ia dando certo [...] o momento de stress foi eu não conseguir atender o telefone e falar com o banco [...] sabia que não teria o dinheiro [...] o stress que mais passo é quando não consigo honrar um compromisso financeiro meu, ou que esse compromisso venha a influenciar no meu lar [...] (mentir) vai contra meus valores [...] quando perdi meu pai, porque não estava prevendo...	As coisas vão se organizando [...] deixa eu voltar, deixa eu respirar, deixa eu controlar [...] acaba fazendo seus minutinhos de oração, você vai à missa [...] retiro espiritual [...] estar de corpo e alma, fazer o que eu tenho que fazer... tenho que lavar o rosto e ir trabalhar... Vai dar certo! Pensamento positivo! [...] ia respirando fundo, fazendo exercícios [...] me agarro muito na oração e amizades boas [...] principalmente com oração, que dá serenidade, fortaleza e capacidade para falar com as pessoas olho no olho [...] foquei no trabalho, sofri a dor, mas o trabalho tirava o meu pensamento daquela dor [...] conversar com o sacerdote e as amigas [...]
--	--

F.D = *stress* financeiro, não poder cumprir os compromissos, ter que mentir ou permitir que isso influencie na família e a morte inesperada são fontes importantes de *stress*. O autocontrole e a busca de apoio na oração e nas amizades ajudam na retomada do equilíbrio. Os retiros, os exercícios físicos, a oração e concentrar-se naquilo que deve ser feito são as saídas mais importantes de enfrentamento.

Articuladores = os negativos apontam para as situações de falta de controle, que levam ao *stress* (não ia dando certo, não conseguia atender o telefone, não consegui honrar meus compromissos, não estava prevendo).

Ancoragem = a falta de controle, o não conseguir cumprir o que deve ser feito ou não prever as situações adversas causam *stress*. Ter que fazer algo contra os valores causa *stress*. É possível administrar o sofrimento com a busca de apoio, a oração e a concentração no que deve ser feito.

B.2 – situação de amor e felicidade (ser) / formas de enfrentamento (saber)

A grande felicidade que eu vivo é com a minha família [...] organização do casamento, o casamento, [...] teve um stress para um “bem maior, para a felicidade” [...] o nascimento das minhas crianças, principalmente os dois menores, porque você está mais em casa [...] viajar, Natal em família	A idade influencia, a maturidade da idade, você vive mais, curte mais [...] é agradável porque você quer a felicidade de todo mundo, e a felicidade acontece bem naquele momento [...] aproveito, relaxo, danço, tiro foto. É um stress da felicidade [...]
---	---

F.D = a família é fonte de felicidade. O controle e o conhecimento das situações promovem sensações positivas. A maturidade permite viver de forma mais plena e agradável as situações de felicidade. O bem-estar do outro e da família são aproveitados.

Articuladores = ênfases nas expressões de felicidade (grande felicidade, principalmente no nascimento dos filhos mais novos).

Ancoragem = há grande felicidade em estar com a família, de forma disponível, consciente e com mais tempo. A maturidade permitiu um melhor aproveitamento desses momentos.

Análise gramatical.

A ideia do Eu se apresenta de duas formas aparentemente antagônicas: uma imagem consolidada, descrita em primeira pessoa (Eu sou...), quando se trata de rever o processo histórico de vivências e conquistas; e uma construção ostensiva em terceira pessoa, quando se trata da retomada da carreira, descrevendo-se de outra posição (A S. investiu... as pessoas veem a S. como...). Descreve uma visão muito positiva da realidade e de como pode ser a ideia que as pessoas tenham dela.

O mundo é bom, positivo, e depende muito de uma maturidade para reconhecer isso, elevando os momentos de *stress* e de adaptação a um processo de aprendizagem e crescimento, reiterando uma visão positiva, de missão das adversidades. Aufere sentido ao sofrimento, o qual não deve ser lido como sacrifício, de forma negativa.

A falta de controle e de previsão tem grande função na avaliação do *stress* negativo, como não conseguir cumprir o que deve ser feito, não prever as situações adversas ou permitir que estas resultem em consequências para a família, bem como atuar de forma contrária aos princípios de ação moral causam, também, sofrimento. A disponibilidade e a atenção conscientes à família são fonte de felicidade.

Há a crença de ser possível administrar o sofrimento com a busca de apoio, de oração e de concentração no que deve ser feito, bem como o imperativo da ação sobre o ato no mundo, aquilo que se deve fazer.

Síntese das regras gramaticais – Sujeito 9.

Em relação ao Eu – sou minha história. Há um eu.

Em relação ao mundo – a maturidade provê uma visão boa do mundo. Há ações que devem ser realizadas. Há que se ter controle e consciência da realidade. Não se deve ver o sofrimento como algo ruim.

Em relação ao *stress* – o controle e a previsibilidade protegem do *stress*. Ir contra os valores causa *stress*. É possível encontrar apoio para administrar o sofrimento. Orar e avaliar a realidade ajudam a administrar o *stress*. Aproveitar os momentos com a família de forma consciente e com mais tempo é fonte de felicidade.

Sujeito 10

Sexo: Feminino

Idade: 35

Estado Civil: solteira

Profissão: gerente de RH.

A – Discurso sobre a própria vida

A.1 – o próprio eu (o ser) {quem eu sou, faço, o que me define}

Descrição autorreferencial do Eu: Sou gestora de RH [...] formada em [...] pós-graduada em [...] sempre fui boa com pessoas e acabei me identificando com a área [...] sempre fui uma pessoa que ajudou muito, mas muito difícil de pedir ajuda, nunca reconhecia que precisava de ajuda [...] nunca gostava de demonstrar essa fraqueza, essa limitação [...] a gente tem um limite, mas eu percebi que poderia fazer mais pelas pessoas de outra forma (ao reformular sua visão de mundo no trabalho) [...] sou uma pessoa muito fechada, não sou de conversar muito... sou uma pessoa alegre, extrovertida, mas ao mesmo tempo tem aqueles momentos que eu prefiro o meu silêncio [...]

Descrição projetiva do Eu: Quando eu entrei aqui as pessoas achavam que eu tinha muita resistência com a equipe [...] fui percebendo que tinha que mudar [...] outras pessoas conhecem mais meu lado metódico, mais crítica e séria. Para cada situação acabo agindo de um jeito [...]

F.D = a posição em primeira pessoa integra uma identificação com o trabalho e a formação, descrevendo-se a partir de qualidades e defeitos. Considera ter tido dificuldades em pedir ajuda no decorrer de sua história, caracterizando isso como fraqueza e limitação, contudo, determina uma nova visão de si mesma a partir das transformações de sua vida espiritual, reconhecendo, hoje, que tem limites e que deve fazer mais pelo outro. Em seu aspecto projetivo, reconhece que as pessoas a viam como uma mulher difícil de lidar, e, por isso, tinha de mudar. Tem uma visão mais otimista sobre si mesma, como alegre e extrovertida.

Articuladores = há uma tendência reflexiva na organização do discurso sobre si mesma, colocando com frequência as características no passado, numa posição de observadora. Ênfase nas falas sobre como as pessoas a veem, como muito fechada.

Ancoragem = há uma história de superação das dificuldades. Sou boa com pessoas. Há dificuldades de pedir ajuda. É preciso fazer algo pelas pessoas.

A.2 – descrição da realidade (saber) {o que é o mundo, o define}

Antes eu encarava o mundo de forma muito racional, materialista, embora sempre vi o próximo, tinha que cuidar do ser humano, sempre trabalhei com pessoas... sempre vi que as pessoas precisavam de algo além... hoje vejo o mundo extremamente carente de cuidados no aspecto humano... a gente se preocupa muito com o aspecto material, profissional, em anestesiar as dores que a gente tem... e esquece que o ser humano está além disso... e quando a gente não vê que ele (ser humano) como um indivíduo que tem um campo fisiológico, espiritual e todo o campo social por trás dele, a gente não vai entender as demandas que o ser humano tem...

F.D = há a delimitação de duas visões diferentes de mundo, antes e depois do processo de conversão. A constante é a sua inclinação para o trabalho com pessoas, que as pessoas precisavam de algo além, de cuidado. Hoje há uma crítica à visão materialista de mundo, carente de cuidados com o aspecto humano. O mundo tende a anestesiar as dores. Há que se entender as dores, o sofrimento do ser humano em seu aspecto integral.

Articuladores = ênfases na necessidade de abandono nos aspectos mais materialistas da existência e na necessidade de atenção e atuação para o bem humano.

Ancoragem = há uma visão nova, reformulada, de mundo, a partir da conversão. É necessária uma atitude mais humana, menos materialista. As pessoas necessitam de algo no sentido do cuidado.

B – discurso descritivo de *stress* e enfrentamento:

B.1 – situação de sofrimento (ser) / formas de enfrentamento (saber)

<p>Não pedir ajuda, não mostrar fraqueza me sobrecarregou ao longo dos anos [...] aceitar a cirurgia de redução de estômago [...] eu achava que as pessoas devia me aceitar do jeito que eu era e pronto [...] tive um AVC aos 26 anos, minha pressão era 18/15, vários problemas no útero e ovário [...] ficar quatro meses afastada depois da cirurgia [...] os primeiros sete meses foram piores, me arrependi de ter feito a cirurgia [...] a dor era muito grande, perda de sono [...] ficar novamente 30 dias em casa, dependendo dos outros [...]</p>	<p>O conselho do médico [...] ver outras pessoas que fizeram a cirurgia... [...] conectada 24 horas na internet [...] depois, a parte espiritual... eu recebi muito apoio, a questão da leitura, muita oração [...]</p>
--	---

F.D = demonstrar fraqueza ou pedir ajuda configuram fontes de sofrimento. Aceitar a necessidade de ajuda e se submeter às cirurgias. Aspectos psicossomáticos no decorrer da vida levaram-na às transformações no modo de encarar o *stress*. A fuga era usada como mecanismo de lidar com a dor, até a conversão, quando a oração, o apoio e os estudos tornaram-se novos mecanismos de *coping*.

Articuladores = o aspecto negativo (não pedir ajuda, não aceitava a cirurgia) caracteriza as ênfases dos focos estressantes antes da cirurgia e da conversão. As sensações de dor e de dependência delimitam processos de *stress*. Hoje a oração e o apoio social são as saídas mais eficazes.

Ancoragem = há diferenças entre o enfrentamento antes e depois das cirurgias. Hoje há que se trabalhar a parte espiritual, a oração, para dar conta dos processos dolorosos.

B.2 – situação de amor e felicidade (ser) / formas de enfrentamento (saber)

O nascimento dos sobrinhos [...] o reconhecimento no trabalho é gratificante [...] a habilitação para dirigir [...] quando recebi o sim do meu diretor espiritual, que era possível viver uma vida religiosa, uma vocação... quando comunguei pela primeira vez, depois de 20 anos [...] quando me consagrei [...]	Eu não queria sair de dentro da igreja [...]
--	--

F.D = a família e o reconhecimento, bem como a liberdade, conferem qualidades positivas, de felicidade, à vida. A liberdade e a aceitação, a entrada na vida religiosa e o retorno aos sacramentos são descritos como as formas mais importantes de felicidade.

Articuladores = ser aceita e amada, não importando o seu passado, a família e o sucesso no crescimento espiritual e profissional articulam as narrativas sobre o que ama e a faz feliz.

Ancoragem = a família e a realidade da vida religiosa são o máximo da experiência de amor. Ser reconhecida, aceita e amada é importante para experimentar a felicidade.

Análise gramatical.

A descrição de qualidades e defeitos segue durante uma narrativa criteriosa sobre a sua família e a sua vida profissional. Considera ter tido dificuldades em pedir ajuda no decorrer de sua história, caracterizando tal atitude como sendo de fraqueza e limitação. Contudo, ao divisar uma diferença marcante de si depois da conversão e das transformações da vida espiritual, afirma que hoje há limites e que deve fazer mais pelo outro. Reconhece que as pessoas a viam como uma mulher difícil de lidar, e que tinha de mudar. Tem uma visão mais otimista sobre si mesma, como alegre e extrovertida. Há a necessidade de uma atitude mais humana e menos materialista, algo no sentido do cuidado com o humano.

Antes e depois das cirurgias, do mesmo modo, traça-se uma divisória das formulações acerca do enfrentamento do *stress*, trazendo o imperativo de se trabalhar com seu lado espiritual, na oração e na meditação, para poder enfrentar os eventos

dolorosos com mais eficácia. A expressão das vivências de amor estão na sensação de ser aceita e reconhecida, amada, sobretudo na família e na vida religiosa.

Síntese das regras gramaticais – Sujeito 10.

Em relação ao Eu – sou minha história de superação. Tenho qualidades em relação à atenção às pessoas. Tive dificuldades em pedir ajuda, hoje é necessária a aproximação entre as pessoas. É preciso fazer algo pelas pessoas.

Em relação ao mundo – é necessário abandonar as posições materialistas e cuidar das coisas do espiritual.

Em relação ao *stress* – há duas fases de enfrentamento, antes e depois de um grande *stress*. Hoje é necessário ajudar, atenta-se às pessoas, à oração e ao crescimento espiritual. Ser reconhecida e aceita são experiências importantes para viver a felicidade.

5.4.1 Relatório Síntese das regras gramaticais

5.4.1.1 Gramática do Eu

Em relação à questão sobre si mesmo, demandando aos sujeitos que construíssem uma narrativa sobre eles próprios, como quem são ou o que os define, os resultados observados foram os seguintes:

Quadro 1 - Síntese das regras gramaticais da primeira pessoa

Sujeito	Formulação Gramatical em primeira pessoa.
1 – Masc. 56 anos	Há um Eu identificado no tempo, que atua e é regido pelas virtudes identificadas na religião.
2 – Masc. 56 anos	Há um Eu reconhecido emocionalmente, pelo que sente. Há felicidade.
3 – Masc. 51 anos	Há a sensação de limitação e a necessidade de apoio, de confiança e de ser amado e admirado. Agir no mundo é missão sobrenatural.
4 – Masc. 36 anos	Há defeitos, mas tento dedicar-me a fazer o que devo com perfeição. Há de se conhecer e ter controle da realidade.
5 – Masc. 64 anos	Há a sensação de felicidade e alegria, mas sentimento de falha

	com a família, conquanto faça o possível.
6 – Fem. 60 anos	Eu sou o que faço. Sou ativa e atuante. Estou em falha com a família.
7 – Fem. 49 anos	Eu sou a missão que faço. Sou determinada.
8 – Fem. 37 anos	Eu sou minha história com minha família. Eu atuo para Deus e para os outros. Há em mim sonhos e desejos.
9 – Fem. 43 anos	Eu sou a minha história. Há um eu (observável).
10 – Fem. 35 anos	Sou minha história de superação. Tenho qualidades em relação à atenção às pessoas. Tive dificuldades em pedir ajuda, hoje é necessária a aproximação entre as pessoas. É preciso fazer algo pelas pessoas.

Fonte: o autor.

O princípio gramatical norteador dos discursos segue uma auto-observação em primeira pessoa nas mulheres (Eu sou...), uma identificação com as sensações e as emoções vividas, com as atividades e as ações no mundo. Nos homens, contudo, existe uma descrição ostensiva das sensações, mais personalizada e imperativa, aproximando o ser com o ato interferente na realidade (há felicidade ou alegria, há limitações ou necessidades).

Tal diferença aponta uma maior auto-observação ou mesmo capacidade de reflexão, no caso das mulheres, e uma posição mais sensorial nos homens, atraindo a consciência do que é, do “ser”, ao que sente ou percebe. São poucas as posições mais negativas (S.3, S.5 e S.6), de forma passageira, mas sempre em relação ao ato no mundo que deveria ter feito, mas falhou. Essa atuação no mundo e identificação em primeira pessoa aparece como regra, como imperativo da existência, e atrelada ao sobrenatural. Somente o Sujeito 9 referiu-se a si mesmo em terceira pessoa, como se observasse de um outro ponto de vista. Em síntese, sou o que devo fazer, e há algo de divino nessa missão.

A assertiva “há uma missão” ou “tenho que fazer algo” apresentou-se como a regra mais repetida nas entrevistas. O imperativo da ação, do trabalho no mundo apontando e revelando Deus, aparece reiteradamente como organizador dos mecanismos de enfrentamento da maioria de nossa amostra, sem diferença notável entre os sexos, encarregando de uma noção de dever enquanto condição para o enfrentamento direto das adversidades. Fazer o que deve, ainda que canse ou traga sofrimento, mostrou-se

uma regra comum na emissão de mecanismos de *coping*. Essa posição perante o exercício no mundo, no trabalho e na dedicação às atividades, e a atenção e a reflexão sobre a meta sobrenatural, a vida eterna, são características do pensamento católico e notadamente sublinhadas na filosofia da Opus Dei, aparecendo de forma equivalente nos 10 entrevistados como regra fundamental de enfrentamento: há que se fazer o que deve, e há sentido divino nas ações.

5.4.1.2 Gramática do mundo

A questão dedicada a investigar como o sujeito organiza um discurso acerca do mundo, como ele o vê ou explica, ou seja, as regras de sua gramática, foi complementada com dados no decorrer das outras questões toda vez que surgia algum apontamento explicativo ou ostensivo da realidade. Os resultados obtidos foram:

Quadro 2 - Síntese das regras gramaticais da visão de mundo

Sujeito	Formulação Gramatical sobre o mundo
1 – Masc. 56 anos	Há dificuldades mas evidenciam sinais divinos, mas há atos que precisam ser feitos, uma missão.
2 – Masc. 56 anos	Há pressões e dificuldades, e são sinais de Deus. São positivos, mas a maioria desconhece. Há coisas que devem ser feitas, como missão.
3 – Masc. 51 anos	O mundo é bom, mas está fora do eixo. O sofrimento vem desse desvio. Há sentido no sofrimento
4 – Masc. 36 anos	A realidade é boa e ensina sobre Deus. Há deveres a serem cumpridos. Não há saciedade total senão em Deus.
5 – Masc. 64 anos	Há de se fazer bem as coisas, com disposição. Há de se fazer o que convém. Faz-se aos poucos. Somos integrados nos aspectos físico, mental e espiritual.
6 – Fem. 60 anos	Há imposições da realidade. O pensamento no prazer individual tem que ser evitado. É necessário controle e consciência da realidade.
7 – Fem. 49 anos	Deve-se servir e prevenir.
8 – Fem. 37 anos	O mundo é bom, e todas as ações devem ser voltadas para Deus e para a caridade.
9 – Fem. 43 anos	A maturidade provê uma visão boa do mundo. Há ações que devem ser realizadas. Há que se ter controle e consciência da realidade. Não se deve ver o sofrimento como algo ruim.
10 – Fem. 35 anos	É necessário abandonar as posições materialistas, e cuidar do outro e das coisas do espiritual.

Fonte: o autor.

Percebe-se a consistência de uma visão uniformemente positiva em relação à realidade nesse recorte específico da visão de mundo dos entrevistados, embora haja uma disposição em averiguar a existência de adversidades e sofrimento, sem nenhum sinal de negação ou fuga da realidade ou suas condições de adversidade e sofrimento. As explicações dessas adversidades ligam-nas ao fato divino, como sinal ou indicativo de desvio na missão original. A regra normativa entrelaça a necessidade de ação no mundo como fato também divino, de estar em missão, e o dever de fazê-lo de forma dedicada. Surge também a ideia da integridade psicossomática do ser no mundo, a missão resumida no servir e no dedicar-se ao outro e menos aos desejos individuais. Houve também a premissa de que o conhecimento e a consciência dos fatos da realidade são importantes para a atuação no mundo (como fazer o que convém, consciência e controle da realidade).

Reiterando a máxima da ação no mundo como imperativa, surge, nesse tópico, uma disponibilidade verdadeira para o exame da realidade tal qual se apresenta, sobretudo justificada pela seguinte regra: conhecendo a si mesmo e a natureza, conhece-se Deus, pois Ele se manifesta em todas as coisas. A maturidade e a disposição para fazer as coisas com perfeição permitem tal conhecimento, daí a possibilidade de encontrar Deus quando se está servindo, preocupando-se e dedicando atenção ao outro. Com a comparação entre a forma como os sujeitos significam o mundo e as regras que delimitam a ação nele, encontramos uma coerência nítida entre a visão positiva do mundo e a disponibilidade à ação, sustentada e explicada por um jogo de linguagem comum que toma os imperativos da ação (devo... tenho... preciso...) como disposição à missão no mundo, e não de forma negativa, como imposições ou sacrifícios torturantes.

5.4.1.3 Gramática do *stress* e enfrentamento

No que tange às questões sobre o *stress*, embarcando situações de sofrimento e também de muita felicidade, bem como a forma como enfrentaram tais demandas, temos os seguintes resultados:

Quadro 3 - Síntese das regras gramaticais sobre *stress* e enfrentamento

Sujeito	Formulação Gramatical sobre o <i>stress</i> e enfrentamento.
1 – Masc. 56 anos	As pressões e dificuldades podem ser superadas pela análise do seu sentido e mudança de foco de atenção. O imperativo da ação (há algo a ser feito) liga tal sentido a Deus e ao outro, sendo fonte de realização.
2 – Masc. 56 anos	Funciono melhor com stress. A reação mais branda e tranquila garante o sucesso nas adversidades e é virtude espiritual. As adversidades não são tão grandes. Há algo sobrenatural na felicidade.
3 – Masc. 51 anos	Há sentido no sofrimento. Há apoio para a superação. Há saídas. A felicidade é sobrenatural.
4 – Masc. 36 anos	A busca da perfeição e a preocupação com o pensamento do outro sobre si sobrecarregam emocionalmente. É bom se sentir amado, a fonte mais importante de felicidade.
5 – Masc. 64 anos	Controle e conhecimento evitam o stress. Falta de controle causa stress (corporalmente significado). É necessário o controle e o conhecimento das coisas. Há realização em fazer algo pelo outro.
6 – Fem. 60 anos	Há razão sobrenatural para o sofrimento.
7 – Fem. 49 anos	Há explicação sobrenatural para o sofrimento. Contemplar e conhecer a realidade é fonte de felicidade.
8 – Fem. 37 anos	Ainda que haja uma história de stress, há que se fazer o que deve. Aproximar-se de Deus gera tranquilidade. A dependência afetiva causa stress. Os excessos de trabalho e de preocupações com coisas pequenas causam stress. A família é fonte de felicidade.
9 – Fem. 43 anos	O controle e a previsibilidade protegem do stress. Ir contra os valores causa stress. É possível encontrar apoio para administrar o sofrimento. Orar e avaliar a realidade ajudam a administrar o stress. Aproveitar os momentos com a família de forma consciente e com mais tempo é fonte de felicidade.
10 – Fem. 35 anos	Há duas fases de enfrentamento, antes e depois de um grande stress na vida. Hoje é necessário ajudar, se atentar às pessoas, à oração e ao crescimento espiritual. Ser reconhecida e aceita são experiências importantes para viver a felicidade.

Fonte: o autor.

Nessa abordagem das articulações *stress-coping*, percebemos que a fonte de *stress* na nossa amostra estava repetidamente relacionada à impossibilidade de concretizar ações de forma controlada, seja por pressões ou prazos exíguos, seja por impedimentos ou falta de controle dos fatos. Contudo, a constante “há saída para o sofrimento” mostrou-se repetida nas estruturas discursivas, reproduzindo o imperativo da ação que há de ser feita, como missão, o que confirma uma visão positiva em relação ao mundo, e explicando com as razões sobrenaturais do sofrimento. O sofrimento aponta, assim, e como sinal, os comunicados divinos, bem como sua meditação e sua consciência permitem a busca de ajuda, de apoio social e na oração, saída constante nos entrevistados para as situações mais adversas. O sofrimento aparece como portador de um enunciado divino, e tal leitura reformula o significado do sofrimento, produz um jogo de linguagem e permite uma avaliação positiva da experiência do *stress*, bem como sua consciência e as necessidades de apoio para a sua superação.

Dessa forma, a posição de otimismo e confiança nas saídas como a oração, o apoio social, a explicação sobrenatural do sofrimento, a entrega das ações como forma de sacrifício e de aproximação com Deus, tem contribuído para a construção dos mecanismos de enfrentamento, bem como na manutenção de sua eficácia, visto a descrição positiva que tais saídas adquirem no decorrer das narrativas, como também a sua repetição como modalidade habitual de enfrentamento.

5.4.2 Considerações sobre a análise gramatical do discurso

A partir da análise do recorte do discurso dos sujeitos por meio das posições discursivas do Eu (ativo ou reflexivo), foi-nos permitido visualizar a repetição de regras infraenunciadas em suas narrativas com considerável coerência. Essa linha gramatical da enunciação, ou, como define Modia (2008), essa trilha linguística colada ao enunciado, permitiu a atenção aos conteúdos organizadores do processo discursivo. Ou seja, percebemos que as possibilidades de elaboração enunciativa, a nomeação dos fatos do mundo (o ser), apresentaram-se gramaticalmente em harmonia com as avaliações das saídas de enfrentamento (o saber), de forma homogênea por toda a amostra, mostrando-nos uma ideia de jogo de linguagem típico e compartilhado.

Sobremaneira, ficou evidente a necessidade de inspeção na realidade e a importância da execução do ato no mundo, o imperativo da ação, muito mais sublinhado que as suas imposições aos sujeitos, isto é, a ação de enfrentamento tomou, no decorrer

da amostra, uma posição de relevância subjugadora das fontes de *stress*, o que aponta e explica o fato de todos narrarem suas saídas de enfrentamento como eficazes, mesmo nas situações descritas como de extremo *stress*. O conhecimento do mundo, seu significado e o campo de possibilidade de ações demonstram-se mais importantes em significância que as situações de *stress* em si mesmas e que o sofrimento.

Tal exame da realidade em primeira pessoa, observamos, enlaça um compromisso entre o sujeito e o desenrolar da vida numa disposição verdadeiramente voltada para o mundo como se apresenta. Sua visão da realidade empírica localiza o sujeito no centro das possibilidades dos atos, numa posição sempre entrelaçada com o desenrolar dos fatos estressantes. Não há indicações de saídas ou esquivas das fontes de *stress* por fuga ou negação das imposições da realidade observáveis na amostra, tanto nos homens quanto nas mulheres. Pelo contrário, essa atenção e interpretação dos fatos aparece acoplada ao ato, indiscernível da ação de enfrentamento.

Assim, a observação da vida, do mundo, e a consciência de haver uma explicação ou missão sobredeterminada, sobrenatural, para os fatos, ainda que seja um mecanismo poderoso de *coping*, precede mesmo o surgimento do fato estressante. O *coping*, dessa forma, e como regra, precede a materialidade do evento estressante. Por exemplo, quanto mais conscientes de que havia explicação e sentido para o sofrimento, no decorrer da vida e no crescimento espiritual, mais os sujeitos da amostra se mostraram capazes de encarar os eventos estressores com consciência e saídas eficazes.

De forma muito coerente, o princípio gramatical norteador dos discursos segue, entre os entrevistados, um caminho de auto-observação e de identificação com as sensações e as emoções vividas e com as atividades e as ações no mundo em primeira pessoa. Há uma aproximação das ideias sobre o ser com os ideais de ação na realidade. Tais atuação no mundo e identificação em primeira pessoa aparecem como regra e dão sentido à existência, além de estarem sempre atreladas ao sobrenatural. Em síntese, “sou o que devo fazer, e há algo de divino nessa missão”.

Assim sendo, a análise gramatical dos discursos enunciados evidenciou que o reconhecimento dos significantes do *stress* (suas fontes e consequências conhecidas), sobretudo quando esse reconhecimento vem dotado de sentido, como um desígnio ou missão divinos, coaduna com as premissas religiosas sobre a natureza de Deus, sua ação no mundo, criando um sistema de respostas atualizado como regra, como forma de um jogo de linguagem que traz sentido à experiência estressora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *stress* corresponde, em primeira análise, à necessidade de ação no mundo: a adaptação. O fato humano, a existência, atualiza-se com a ação na realidade, e a realidade é a fonte de demandas de movimento e de adaptação.

Tal qual a linguagem é definida nas teorizações finais de Wittgenstein, ou seja, por seu uso, é também no uso que a ação adaptativa ganha sentido e pode cognitivamente ser organizada, isto é, ali temos o mecanismo de *coping*, não sendo tão diferente do ato linguístico.

Contudo, desde o caso das respostas condicionadas fisiologicamente, e necessárias à adaptação e à manutenção da vida, até as mais complexas formas de enlaçamento da linguagem, como nos elaborados mecanismos de *enfrentamento*, é possível aproximarmos do modelo *stress-coping* toda a gama de atos humanos, por serem dotados de função comunicativa, fazendo-o do modelo de *stress-coping* um importante operador em psicologia. Assim, já que a linguagem vem sendo descrita enquanto um fato funcional, ao longo de nossa argumentação inspirada na filosofia analítica, seu sentido está ligado ao seu uso e às suas funções na comunicação, e sua eficácia está ligada à sua comunicabilidade. Dessa forma, também as estratégias de *coping* têm sentido funcional, pois ligam-se diretamente a uma função a ser exercida (de adaptação), e são avaliadas por sua eficácia. No campo das respostas de *stress*, essa comunicabilidade se vincula à fisiologia, com as leis naturais, ganhando significado no decorrer de sua representação e possibilidade de avaliação como sinal. São fatos, no próprio sentido da palavra.

Descreve muito claramente a funcionalidade linguística do *stress*, nesse sentido, o trabalho de Esther Modia (2008), ao afirmar haver um saber corporal, real, que luta por uma premissa também real, a saber, a manutenção da integridade do organismo (MODIA, 2008, p. 349). Essa resposta fisiológica, por si, é um saber condicionado ao real, prescindindo da mediação da linguagem, ainda que observável em sua relação lógico-funcional, ou seja, torna-se regra simbólica com alguma facilidade quando sob o olhar da fisiologia, por exemplo. O que Jung chamaria de regras ancestrais.

Sobre essa possibilidade de imaginar o movimento corporal, representá-lo e tecer regras que correspondam ao funcionamento (função) dos fatos reais, temos a sustentação do constructo pulsional freudiano, a representação psíquica das dinâmicas de excitação corporal (que dizem sobre adaptação, em última análise). O simbólico,

portanto, é a resposta consequente de uma excitação, algum incômodo impele a elaboração pela linguagem do fato real. O simbólico é, enfim, uma resposta adaptativa.

Aqui vale retomar o aspecto reflexivo nas expressões do Eu, originado das primeiras interações mãe-bebê, que, de forma especular, constrói uma ideia fundante da autoimagem, uma forma do ser, muito de acordo com a premissa de Wittgenstein de que a primeira pessoa é um equívoco, já que esta é consequente da tomada do sujeito enquanto objeto de outro, da mãe. Há, no caso do bebê, experiências vividas, compartilhadas projetivamente com a mãe, e a partir de tal relação com o outro cria-se uma imagem introjetiva, reverberando na experiência vivida.

A expressão “eu me...”, referência observada no decorrer das entrevistas, é a forma linguística original possível para a conformação de uma imagem do Eu, isto é, antes dessa enunciação “há algo” vivido, e não representado, que por reflexo torna-se a natureza imagética do Eu. Tal perspectiva é a mesma da clássica asserção do “tenho dor de dentes...”, um apontamento a algo da experiência, uma sensação de dor ou simplesmente um “há dor”, em outras palavras, uma experiência real de algo imediato, sentido pelo sujeito vivente (o ente, o ser), e não o corpo ou o lugar determinado (o conhecer). Esse precedente “há algo”, a sensação imediata de dor, é a primitiva organização da auto-observação, o Eu primordial. A enunciação “eu tenho dor de dentes” só é possível posteriormente, no decorrer dos jogos fundantes da linguagem e da construção do Eu como imagem ou ideia conhecida.

Nessa linha de análise, *stress* aponta para o resultado do encontro da “Natureza das coisas” e da “Natureza dos homens”. A natureza das coisas é dada pela imposição da realidade, já a natureza dos homens se dá pela organização das regras do jogo de representação dessa realidade. O complexo *stress-coping* situa-se como resultado da tentativa de adaptar ambas as naturezas de forma harmoniosa. Observamos que mediante a desenvoltura e a disponibilidade dos sujeitos bastante envolvidos com a religião, e nas fases de maior dedicação à religiosidade, a avaliação da natureza das coisas fica mais clara e ganha *nuances* significativos mais marcantes, ligados ao fato divino, num sentido sobrenatural. Verifica-se, portanto, uma eficácia na percepção dos eventos estressantes e uma consistência no significado dos próprios atos, e da própria existência, enfim. Essa coerência entre as regras de explicação da realidade e do próprio ser apresentou-se como uma medida importante de eficácia das estratégias de *coping*.

A unidade psicossomática demonstra-se, portanto, dinâmica no sentido de permitir que as imposições do real se adequem aos fatores mais significativos, mais

marcados enquanto regras ou premissas (os jogos de linguagem), permitindo a fluência das expressões corporais, em certos momentos mais expressivas, noutros mais bem simbolizadas, adaptadas, tais quais as reações normais de expressão do *stress*, como uma taquicardia ou sudorese.

Conclusões.

A repetida observação de funções gramaticais retomadas ao longo dos discursos dos entrevistados, provavelmente pelo fato de terem formas de vida muito próximas ligadas aos fundamentos do pensamento católico, remete-nos à materialidade do conceito de jogos de linguagem para Wittgenstein. A comunicabilidade ou o sentido das explicações é coerente e tem valor de verdade, justamente pois constituem aplicações intelectíveis dos jogos de linguagem a que foram expostos, envolvidos desde muito cedo, e ultimamente com profundidade.

A proximidade entre as regras de definição do mundo e de leitura da realidade e as formas de enfrentamento, por exemplo, quando retomam as premissas imperativas de como e por que devem agir no mundo, ou que há sentido no sofrimento, depõem a favor de considerarmos que as mesmas regras que constituem a leitura do mundo como perscrutável e compreensível também regem as ações mais afirmativas de *coping*.

Desta maneira, retomamos que fora observada a disposição verdadeira de examinar a realidade, de investigar e de conhecer o mundo e, com isso, conhecer Deus. Tal posição de avaliação e significação das fontes estressoras, bem como da disponibilidade de ações de enfrentamento, apresenta-se como uma estratégia ativa na escolha da modalidade eficaz de saída do *stress*. Wittgenstein apresenta a linguagem como uma variedade de jogos, ainda que semelhantes em algumas circunstâncias, mas diferentes pelo fato de nunca serem idênticos uns aos outros. Também, nas estratégias de enfrentamento, há um jogo compartilhado, com as mesmas regras funcionais, ainda que não sejam idênticas em suas expressões formais e em sua forma simbólica.

Foi possível perceber dinâmicas de atuação muito mais ativas que passivas entre os participantes, novamente sem diferenças significativas observadas entre homens e mulheres, com uma relação de responsabilidade e identificação com os atos, muita disposição à busca de apoio social, além da certeza de uma determinação prévia, sobrenatural, dos fatos da realidade e das necessidades de ações.

Assim, foi possível avaliar que o sujeito realmente enfrenta as imposições da realidade (o complexo *stress/coping*) de forma intimamente ligada à maneira como a

compreende (sua cosmovisão). A regra normativa ligada a essa característica das atividades no mundo entrelaça a necessidade de ação no mundo com o fato de estar em missão, sobrenaturalmente determinada, e com o dever de fazê-lo de forma dedicada e perfeita.

Nessa perspectiva, a imposição da realidade e, conseqüentemente, o *stress* derivado são lidos como enunciados de um sinal divino, uma comunicação portadora de um significado maior. A observação e a meditação dos processos estressores permitiram diretamente a possibilidade de busca a apoio, seja na oração (o próprio ato meditativo), seja no encontro com o sacerdote, para aconselhamentos. O sofrimento aparece como enunciado divino, reformulando o significado da dor no jogo de linguagem partilhado para uma avaliação positiva das experiências de *stress*, e não como um peso ou um castigo.

Concluindo, buscar uma abrangente visão do complexo indissolúvel “*stress-coping*” de forma intimamente ligada à psicologia social e refletir sobre esse elemento tão importante para a compreensão do agir humano possibilitaram revelar a intrincada unidade humana, a impossibilidade de dissociar, por exemplo, o fator religioso, a crença, das atividades corriqueiras do trabalho, dos sentimentos, da segurança e do amor. As ações humanas impelidas pela imposição da realidade ganharam sentido quando os sujeitos puderam responder “por que funcionou?” ou “como você enfrentou tal situação?”, assim como a realidade impele a pulsão até que faça sentido, faça representações. Em suma, o *stress* compreende uma operação tocante a todo ato ou movimento humano, físico ou psíquico, e a toda a vida: a reação adaptativa a uma demanda qualquer, física ou psicológica, individual ou social.

O ato religioso (a oração, o ritual, o crer ou ter fé), por sua vez, constituiu-se não simplesmente como mecanismo aprendido de enfrentamento, instrumentalização de atividades que aliviam tensões, mas como a maneira mais coerente possível de organizar o sentido da atuação no mundo, parte integrante da gramática do discurso do sujeito acerca da realidade.

Resumo dos pontos capitais dos discursos avaliados, uma citação ficou marcada em seu significado tão próximo e tão importante para as questões desta tese, foi justamente uma frase do fundador da Opus Dei, cujos colaboradores foram maioria em nossa amostra: “Queres de verdade ser santo? – Cumpre o pequeno dever de cada

momento; faz o que deves e está no que fazes”.¹⁰ Essa frase indica, fielmente, a leitura ideal de mundo tomada por aqueles fieis para atuar, enfrentar as imposições do mundo.

¹⁰ São Josemaria Escrivá, fundador do Opus Dei. No Livro *Caminho*, §815.

REFERÊNCIAS

- ARNOLD, M. Stress and emotion. *In*: APPLEBY, M., TRUMBULL, R. (Ed.). *Psychological Stress: issues in research*. New York: Appleton-Century-Croft, 1967. p. 98-126.
- AUSTIN, J. L. *How to Do Things with Words*. Cambridge: Harvard University Press, 1975. Disponível em: <<http://www.ling.upenn.edu/~rnoyer/courses/103/Austin.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.
- AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV Revue de Linguistique*, n. 26, p. 91-151, 1982.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Hucitec, 2003.
- _____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução de M. Lahud e Y. F. Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARBOSA, G. S. *Resiliência em professores do Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série: Validação e aplicação do "Questionário do índice de resiliência: Adultos*. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BARNHOFER, T. *et al.* Mindfulness-based cognitive therapy as treatment for chronic depression: A preliminary study. *BehavResTherap*, v. 47, n. 5, p. 366-373, 2009.
- BARON, R. M.; KENNY, D. A. The moderator-mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 51, p. 1173-1182, 1986.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2004.
- CAREGNATO, R. C. A; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto contexto – enferm*, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, dez. 2006.
- CATALAN, J.-F. *O homem e sua religião: enfoque psicológico*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. (Org.). *Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, M. C. *Kant e Wittgenstein. Os Limites da Linguagem*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

DUARTE, M. F. *Corpo e representação nos primórdios da metapsicologia freudiana (1888-1896)*. 2012. 93f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise e Civilização) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

FERNANDES, C.A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Paulo: Claraluz, 2008.

FERREIRA, M. C. L. Apresentação. In: FERREIRA, M. C. L. (Coord.). *Glossário de termos do discurso*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. p. 5-7.

FIORINDO, P. P. *Em torno da narrativa/narração: a proposta revisitada do modelo laboviano de narrativa oral*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FRANKL, V. E. *Em busca de sentido*. Petrópolis: Vozes, 1985.

FREUD, S. Proyecto de psicología (original de 1950 [1895]). In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1975.

_____. (original de 1901). *Psicopatologia da vida quotidiana*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976a.

_____. (original de 1932). *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*. Conferência XXXIII. Feminilidade. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976b.

GILL, R. Análise de Discurso. In: BAUER M. W., Gaskell G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 244-270.

GIRARD, R. *La voix méconnue Du réel*. Paris: Grasse e Fasquelle, 2002.

_____. *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GLOCK, H.-J. *Dicionário Wittgesnstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

GOTTSCHALK, C. M. C. As relações entre linguagem e experiência na perspectiva de Wittgenstein e as suas implicações para a educação. In: PAGNI, P. A.; GELAMO, R. P. (Org). *Experiência Educação e Contemporaneidade*. Marília: Poiesis, 2010. p. 105-125.

HEILER, F. (1918). *La prière*. Tradução de Étienne Kruger e Jacques Marty. Paris: Payot, 1932.

HEINE, L. M. B. Reflexões sobre o sujeito social e o sujeito ideológico. *Revista Investigações*, v. 21, n. 2, p. 327-343, 6 out. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1460/1135>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

HUSSERL, E. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1986.

JAMES, W. *The varieties of religious experience*. (1902). 2009. Disponível em: <http://csrs.nd.edu/assets/59930/williams_1902.pdf>. Acesso em: 30 out. 2015.

LAZARUS, R.; FOLKMAN, S. *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer publishing company, 1984.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. *O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa*. Caxias do Sul: Educs, 2003.

_____. *O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)*. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2005.

_____. *Pesquisa de Representação Social*. Um enfoque qualiquantitativo. Brasília: Liberlivro, 2012.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1997.

MARTINEZ, H. L. Wittgenstein contra a doutrina da predestinação: religião e ética como sistemas de referências. *Revista de Filosofia Aurora (PUCPR)*, v. 21, n. 29, 2009.

MARTY, P. *Mentalização e Psicossomática*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

_____. (1985). *Funcionamento mental e funcionamento somático*. In: MCDOUGALL, J. et al. (Org.). *Corpo e história*. Tradução de L. Y. Massuh. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 151-211.

MAUSS, M. (1909). La prière. In: _____. *Oeuvres, I. Les fonctions sociales du sacré*. Paris: Minuit, 1968. Disponível em: http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html. Acesso em: 25 set. 2012.

McDOUGALL, J. *Em defesa de uma certa anormalidade*. Tradução de C. E. Reis. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____. The "dis-affected" patient: reflections on affect pathology. *Psychoanalytic Quarterly*, v. 53, p. 386-409, 1984.

_____. *Teatros do eu*. Tradução de O. Coddá. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

_____. *Teatros do corpo*. Tradução de P. H. B. Rondon. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MELO, E. A. S. Gestos de autoria: construção do sujeito da escrita na alfabetização. In: BARONAS, R. L. (Org.). *Identidade cultura e linguagem*. Campinas: Pontes Editores, 2005. p. 30-47.

MODIA, E. C. *A construção imaginária e simbólica do stress psicológico*. A compreensão do stress numa abordagem lacaniana. 2008. 480f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MONK, R. *Wittgenstein: o dever do gênio*. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MORA, J. F. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Loyola, 1994.

MOREIRA, J. E. *Investigações filosóficas sobre linguagem, música e educação na perspectiva de uma pragmática wittgensteiniana*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

MORIN, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. Análise de Discurso. In: _____. *Introdução à lingüística: domínio e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2009. v. 2. P. 13-30.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

_____. A Análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO, 10., 2003, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, nov. 2003. [CD-ROM].

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.

PAIVA, G. J. de. Religião, enfrentamento e cura: perspectivas psicológicas. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 24, n. 1, p. 99-104, 2007.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F., HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1993. p. 61-105.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PIETROSKI, R. B. A questão religiosa de Wittgenstein: uma análise biográfica do dever para consigo mesmo. *Revista Estudos Filosóficos*, São João del-Rei: DFIME-UFSJ, n. 4, p. 158-173, 2010. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art10-rev4.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

RUDOLPH, K.; DENNING, M. D.; WEISZ, J. R. Determinants and consequences of children's coping in the medical setting conceptualization, review and critique. *Psychological Bulletin*, v. 118, p. 328-357, 1995.

RUY, M. T. O conceito de jogos de linguagem nas investigações filosóficas de Wittgenstein. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS, 7., 2008, Londrina. *Anais...* Londrina: UEL, 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/MateusCRuy.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2015.

SAVOIA, M. G.; SANTANA, P. R.; MEJIAS, N. P. Adaptação do inventário de Estratégias de Coping de Folkman e Lazarus para o português. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 7, n. 1-2, 1996.

SCRUTON, R. *Introdução à Filosofia Moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____. *A Short History of Modern Philosophy: From Descartes to Wittgenstein*. London/New York: Routledge, 1995.

SPICA, M. A. Entre o mostrar e o imaginar: Reflexões sobre o *tractatus* e a natureza dos juízos morais. *kalagatos* (UECE), v. 4, n. 7, p. 131-160, 2007. Disponível em:

<http://www.uece.br/kalagatos/dmdocuments/V4N7_entre_mostrar_e_imaginar_marcia_no_spica.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2015.

_____. *Wittgenstein: a religião para além do silêncio*. 2009. 243f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SPINK, M. J.; MEDRADO, B. Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M. J. P. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 1999. p. 29-40.

TANG, Y. *et al.* Short-term meditation training improves attention and self-regulation. *PNAS*, v. 104, n. 43, p. 17152-17156, 2007.

URDÁNOZ, T. *Historia de la filosofía*, VII. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1984.

VALAS, P. Horizontes da Psicossomática. In: WARTEL, R. *Psicossomática e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 54-63.

VASCONCELLOS, E. G. A Psiconeuroimunologia da AIDS. In: PAIVA, V. (Org.). *Em tempos de AIDS*. São Paulo: Summus, 1992. p. 14-32.

_____. Modelos psiconeuroendocrinológico de stress. In: SERGER, L. *Psicologia e odontologia*. 4. ed. São Paulo: Santos Livraria editora, 2000a. p. 46-61.

_____. *Tópicos de psiconeuroimunologia*. São Paulo: Ipê Editorial, 2000b.

VIEIRA, W. C. A psicossomática de Pierre Marty. *Perfil*, v. 10, p. 129-130, 1997.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999a. (Col. Os Pensadores).

_____. Philosophische Untersuchungen. In: _____. *Werkausgabe Band 1*. Frankfurt: Suhrkamp, 1999b. p. 231-485. Disponível em: <http://www.geocities.jp/mickindex/wittgenstein/witt_pu_gm.html#LocalLink-c90>. Acesso em: 21 jan. 2017.

_____. *Cultura e valor*. Tradução de Jorge Mendes. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. *Tractatus Lógico-Philosophicus*. Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

_____. *Observações Filosóficas*. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 300p.

_____. *Gramática Filosófica*. Tradução de Luis Carlos Borges. São Paulo: Loyola, 2010.

_____. *Observações sobre “O Ramo Dourado” de Frazer*. Tradução e notas comentadas por João José R. L. Almeida. Porto: Deriva Editores, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista aberta

1 - Dados de identificação

Sexo:() Idade: () Estado Civil: ()

2 – Fale um pouco sobre você,

Como se define? Como se vê? Como acredita que as pessoas o vêem?

3 – E quanto a sua vida.

Sua formação, de onde vem, qual sua história, relação com a religiosidade,

Como vê o mundo, qual a perspectiva de atuação no mundo?

4 – Descreva uma situação que se sentiu extremamente feliz.

Como você lidou com a situação?

Por que te fez feliz?

5 - Descreva uma situação a qual se lembre ter exigido um esforço grande para se adaptar ou retomar a um estado anterior (comumente chamado de situação de stress).

Como você lidou com situação?

APÊNDICE B – Esquema metodológico de análise gramatical do discurso

Organização do discurso	Fundamento discursivo	Relação sujeito objeto	Articuladores (funções descritivas de causa, forma, modo, intensidade)
A.1 Referências ao Eu	F.D	Rel. ostensivas sujeito/objeto	Dinâmica adverbial e adjetiva
A.2 Referências à Realidade	F.D		
Sofrido	B.1 Como sentiu	Rel. ostensivas sujeito/objeto	Dinâmica adverbial e adjetiva
	B.2 Como enfrentou		
Amado	B.1 Como sentiu	Rel. ostensivas sujeito/objeto	Dinâmica adverbial e adjetiva
	B.2 Como enfrentou		

de sofrimento (ser) // formas de enfrentamento (saber)

de amor e felicidade (ser) // formas de enfrentamento (saber)

ANEXOS

ANEXO A – TCLE – Termo de consentimento livre e esclarecido.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

Você está sendo convidado como voluntário para participar da pesquisa **Gramática e Coping : Investigação das regras gramaticais do discurso de devotos católicos em relação com as formas de enfrentamento de stress**, cujo objetivo é investigar, a partir da formulação de um método de análise gramatical do discurso, as relações entre o sistema de representações de mundo (cosmovisão) e as estratégias de enfrentamento de sujeitos envolvidos com um sistema representacional religioso (católico), a fim de descrever as regras elementares de ordenação das tomadas de decisão em relação ao stress, a gramática que fundamenta o discurso.

O procedimento de coleta de dados será da seguinte forma: por meio de entrevista semi-dirigida, gravada, e posteriormente transcrita, guardando o sigilo e anonimato dos participantes.

Existe a possibilidade de um desconforto e risco mínimos ao se submeter à entrevista, por tratar-se de uma investigação com rememoração de experiências de potencial valor estressante, contudo, caso algum desconforto seja percebido, você poderá interromper ou desistir da entrevista a qualquer momento, sem riscos ou danos posteriores.

Você será esclarecido sobre a pesquisa em qualquer momento ou aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

O pesquisador irá tratar sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem sua permissão. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponibilizado nenhuma compensação financeira adicional.

Eu _____-fui informado dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas dúvidas. Declaro que concordo em participar deste estudo. Recebi uma copia deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de esclarecer minhas duvidas.

Londrina _____ de _____ de _____

Documento em duas vias

1 via para o pesquisador.

1 via para o participante.

ANEXO B - Transcrição integral das entrevistas;

Sujeito 1

Sexo: Masculino

Idade: 56

Estado Civil: Solteiro

Profissão: professor do ensino superior

Nome: O.V.

Entrevistador (E):

00:10 E.: Bom, aqui iniciamos a entrevista número 1.

O.V.: Número um? Eu sou o número um então? (risos)

E.: Sua idade por favor.

O.V.: 56, recém-completados.

E.: Parabéns. Solteiro?

O.V.: Solteiro.

E.: Eu queria que você se apresentasse. Falasse quem é você; como que você se apresenta.

O.V.: Bom, dentro do contexto, né, em que você está fazendo o questionário, acho que interessa a parte profissional, a parte espiritual. Meu nome é O. V. nasci na cidade de São Paulo, morei sete anos em Curitiba depois. Estou há 25 anos em Londrina. Eu sou formado em Engenharia Elétrica, sou professor há mais ou menos 30 anos. Tenho uma experiência como engenheiro, como profissional normal, trabalhei em empresas grandes, algumas empresas pequenas. Então, essa é a experiência profissional, e trabalho na Universidade (...), né? Faz 25 anos, desde que eu estou em Londrina.

Depois, da parte espiritual, né? Eu entrei para o Opus Dei em 1980, quando fazia o segundo ano de Engenharia, e aí no Opus Dei foram aparecendo situações e tal, eu fui para Curitiba primeiro, né, nesses sete anos, e depois vim para Londrina, sempre procurando atender o trabalho, né? Atender esse trabalho espiritual. E então, em todo esse tempo, né, trabalhei profissionalmente, sempre me sustentei, né? E ao mesmo tempo, fui tocando essa formação de pessoas com palestras, acompanhamentos, muitas conversas né? Então, um trabalho assim muito bonito no ponto de vista humano, né? E me realizo muito, me realizo muito nessas duas áreas, tanto a profissional, quanto a espiritual.

02:12 – E.: e como que você acha que as pessoas te veem? Como as pessoas descrevem você?

O.V.: Bom, assim, falando francamente, né? No Opus Dei as pessoas têm um respeito muito grande, pela Obra, pelo trabalho da Obra, então, as pessoas me veem como o cara

da Obra, então às vezes dá uma certa vergonha, né? Porque as pessoas acham, assim, que a gente tem uma qualidade humana de virtude e tal, e a gente tá aqui, a gente sabe o que cada um tem por dentro, então, as pessoas veem assim. No fundo as pessoas veem o Opus Dei que é uma coisa de Deus mesmo, isto é escandalosamente verdadeiro mesmo, mas as pessoas que estão no Opus Dei são gente assim, muito comum, eu tô entre elas, gente muito comum. Meus amigos, assim, quase todos eles podiam ser do Opus Dei, né? Gente com muito mais virtude, com capacidades profissionais, gente assim com mais liderança, mais presença. Então você vê assim que Deus escolhe as pessoas que, não as pessoas que são melhores. Então isso é como as pessoas me veem no Opus Dei. Profissionalmente, a maioria das pessoas, como eu convivo com muitos alunos, a maioria não conhece o que é o Opus Dei e tal. Então eu sou um professor simpático, que conversa muito, que procura fazer uma aula leve, tem uma formação profissional muito boa, fiz a Universidade (...); estudei na Universidade (...), então a parte de, vamos dizer assim, de fundamento de toda a vida profissional então foi muito boa. Então isso dá uma qualidade para o trabalho, né? E eu me esforço também, por preparar bem as aulas, por atender bem os alunos, por fazer as coisas com muita paciência. Então isso dá uma certa moral profissional, vamos dizer assim, um certo prestígio profissional, vamos disser assim, né? Mas assim, entre os meus colegas, não faço nada extraordinário. O pessoal também procura preparar bem as aulas e tal, um ambiente bastante bom assim na Engenharia. Muito isento assim, não tem esses problemas que tem na área de humanas, até que tava comentando agora e tal.

04:28 – **E.: Exatamente! Mais isento, né?**

O.V.: É. Bastante mais. Então os problemas dos alunos nunca são assim filosóficos, né? Até aparece alguns ateus. Eu tenho três alunos agora que são homossexuais, né? E que são gente boníssima, eu já falei pra eles que eu sou contra, mas que eu rezo pra eles, trato eles muito bem, trato com muito carinho.

E.: Entendo...

O.V.: Então a gente tem uma sintonia muito grande assim, muito boa, especialmente com esses caras, porque você vê que eles são gente muito afastada. Mas esse é o perfil assim, normal. E com os alunos eu me dou bastante bem, me dou bastante bem com os professores, o ambiente é muito bom. Assim, temos maiores amizades, coleguismo né? É bastante bom.

05:17 – E.: e o nosso foco é o stress, como que você vê o stress? Como você definiria o stress?

O.V.: Olha, eu acho que, pelo menos a experiência pessoal e de alguns colegas, eu não sei, às vezes o stress dá a impressão, pra mim pelo menos, vai, aparece em momentos de mais tensão, quando eu tenho que entregar coisas com data marcada, tenho uma quantidade de trabalho grande que me deixa preocupado, né? Então o stress pra mim costuma vir por ali. Aparece um pouco de ansiedade, de querer resolver logo, e muitas vezes o stress pra mim aparece como um reflexo assim de cansaço, uma espécie de desânimo geral. Aí procura evitar trabalhos que me custam mais: corrigir provas, né? Típica coisa que um professor sofre um pouco e tal, ossos do ofício. Mas eu às vezes demoro dois, três dias, né, pra começar a corrigir um pacote de prova, me preparando intelectualmente assim, né? Então, eu vejo que tem muito... Aparece o stress aí, e também quando tem que preparar matérias novas, coisas assim, situações novas que eu tenho que enfrentar, também aparece um certo stress. E o stress é aumentado, pelo menos pra mim, com falta de sono à noite. Não é que eu durmo mal, mas muitas vezes fico trabalhando à noite. Acordo muito cedo, então às vezes, esse stress aí é um pouco acelerado com o cansaço do sono.

06:50 – E.: Você se lembra de uma situação que te deixou extremamente estressado? Se pudesse escolher uma.

O.V.: Sim. Teve vários momentos assim, mas de stress mais intenso mesmo foi no final do ano passado. Nós preparamos um projeto de extensão com alunos de escolas de ensino médio, e é um projeto grande, uns 120 alunos mais ou menos orientados. Eu tinha na minha mão mais ou menos uns 30 alunos. Eram seis projetos que a gente tava tocando, e eu estava sem monitores. O colégio era muito afastado, o horário que eu tinha atividade com eles não batia com os meus alunos da Universidade, e eu não tinha monitores pra me ajudar, então acabou ficando muito pesado pra mim. Aí na semana da apresentação eu tinha cinco dias úteis, e depois iria trabalhar bastante, umas três semanas trabalhando intensamente. Nos últimos cinco dias eu não tinha nenhum projeto pronto pra apresentar ainda. Era uma feira, uma amostra científica, né? E aí o stress foi muito forte. Aí tive problema de taquicardia, começou a dar uma aceleração estranha no coração, aí eu fui ao médico. Lembro que foi numa quarta de manhã e a apresentação

era na sexta. O médico me tranquilizou e disse: “Isso aqui é stress, então fique tranquilo! O seu coração está bom”. Mas esse foi o mais forte assim. Aí na sexta feira ficaram prontos 05 trabalhos, e um ficou pronto na hora da apresentação (risos). Mas foi uma situação muito angustiante, aí eu falei: “Isso eu não quero passar mais não”.

08:29 – E.: E como você enfrentou esse stress? Esse momento mais crítico... A gente cria saídas, enfrentamentos, *coping*, que a gente usa em Psicologia. O que você usa de *Coping* ?

O.V.: Olha, normalmente o que me ajuda muito mesmo é oração mental, né? Fazer oração mental. Coloco as coisas na presença de Deus, peço ajudas, vou oferecendo o meu trabalho. Às vezes, também, o stress aumenta com uma espécie de concentração em cima de um objeto: “Eu tenho que acabar; eu tenho que entregar”; mas tem alguma coisa muito maior por trás. Eu tenho um trabalho oferecido pra Deus, Deus está contente com aquilo, estamos fazendo coisas pelas pessoas. Então eu procuro pensar também nisso, nesse valor do trabalho, a beleza do trabalho. E procuro assim cumprir o dever, procuro meios para conseguir fazer as coisas o mais rápido possível. Cumprir é o melhor remédio contra o stress. (risos)

Eu me sinto muito bem quando acaba o trabalho. Realmente eu me sinto muito bem. Deixar o trabalho pendente, querer achar a oração como espécie de refúgio... Isso é a pior coisa da minha vida. Então, na oração eu peço ajuda mesmo, penso em como podia fazer melhor, e às vezes a minha tendência é concentrar muito trabalho em mim, querer assumir muitas coisas e tal. Então eu procuro delegar, chamar gente, pedir ajuda. Nas situações de stress eu peço mais ajudas, né?

E.: Certo.

O.V.: Eu acho que basicamente é isso, sim. Não tenho nada de extraordinário.

10:17 – E.: E funciona? Essa consideração; essa oração... Funciona, regula?

O.V.: Regula. Você vê que se nota mesmo que Deus interfere mesmo nas coisas, Deus interfere mesmo nos processos, e as coisas acabam saindo, e depois todo esse stress, né? O que foi interessante, um dos trabalhos do meu grupo ganhou o primeiro lugar na feira, e eu não esperava. Não esperava. Foi um trabalho muito interessante, e era um painel

para surdos, treinamento de surdos. Então a gente fez alguns vídeos, aí eles faziam uma espécie de jogo onde apertavam botões para formar frases. Então com isso ele fazia uma pontuação e tal. Deu trabalho fazer esse programa. Esse programa ficou pronto um dia antes, pois teve vários problemas.

E.: (Risos).

O.V.: Mas o fato é que a banca, a comissão julgadora, eram professores de fora, gente assim com Doutorado na área e tudo, e eles gostaram do apelo social, que não tinha um projeto de inclusão e tudo. Então pegou muito bem, e aí foi uma coisa que eu também tirei fruto pros alunos, né? Especialmente para a aluna que queria fazer um trabalho e falei pra ela: “Repara, quando a gente trabalha pros outros, como as coisas andam bem, né? Tudo anda melhor quando a gente está pensando nos outros.” Então isso foi bom, correu assim essa ideia de “trabalhar por outros...” e foi muito bom. Isso foi um, achei que foi assim, um presente de Deus, uma coisa assim que missionário Josemaria chamava de dedada de mel.

E.: (Risos).

O.V.: E foi legal, né? No fundo está trabalhando, está se estressando, mas é pelas pessoas, né? E esse projeto, aliás, o stress todo, foi provocado porque o Papa Francisco tinha falado que a gente tem que trabalhar mais pelos pobres com projetos sociais e tal. Então dois anos antes, vendo essas palavras do Papa eu falei: “Puxa, nisso aqui eu tenho que entrar né?”.

E.: Sim.

12:12 - O.V.: Então o pessoal da área estava lançando esse negócio, e eu entrei forte assim, peguei uma fatia grande do trabalho, então foi tudo por causa do Papa. Então você vê que é verdade. E a motivação foi muito boa assim, porque você via os alunos e tudo, né? Quando a gente fazia amostra científica especialmente, aparecia um monte de alunos, vinham as famílias deles, e os alunos contentes porque tinham mexido, tinha aprendido coisa, né? A gente ensinava a Robótica básica pra eles. Então tem um microcontrolador que é barato no mercado, de uma matriz italiana chamada Arduíno. E esse pacote é muito fácil pra uso, tem que fazer programas pra robôs e tal. Então foi muito interessante, muito bacana mesmo. E os professores que estão comigo nesse

projeto, todos têm esse perfil assim de querer ajudar mesmo. Quero trabalhar com molecada da periferia, e é só molecada da periferia que entrou no projeto.

Então esse foi o grande motivo do stress.

13:20 - E.: Se você fosse lembrar...

O.V.: Não sei se eu fujo do assunto, você vai me corrigindo.

E.: Exatamente! É aquilo que você sentiu com o que passou da tua capacidade de controlar, como naturalmente você controla. Então passou dessa qualidade natural, é stress. E no lado bom também. Você se lembra de alguma situação extremamente boa que te deixou extremamente feliz?

O.V.: Assim, um stress positivo?

E.: Um stress positivo.

13:54 - O.V.: Eu tive uma coisa assim, é um detalhe que me vem na cabeça agora, faz alguns anos, isso foi em Roma ainda. Era o aniversário de uma pessoa que fazia 40 anos. No Opus Dei tem um costume de que quando uma pessoa faz 40 anos, a gente faz uma grande festa. E aí um amigo queria cantar algumas músicas, porque o aniversariante era espanhol, então a gente foi cantar um bolero, mas um bolero em uma brincadeira, porque a gente iria entrar com roupas antigas e tal. E aí eu precisava encontrar gravatas borboletas pros quatro. Nós íamos em quatro, cantores e músicos, então precisava encontrar gravatas borboletas. E eu não tinha gravata borboleta e conhecíamos um só que tinha, e aí nós saímos à caça de gravatas borboletas, e foi muito divertido, porque eu não sabia onde que tinha aquilo, e fui perguntando, perguntando, e aquela ansiedade boa de: “Eu quero; eu quero esse negócio; eu quero fazer esse negócio”. E aí encontramos, ah, e suspensórios. Eram gravatas e suspensórios. Então ficou muito divertido.

Rir. Ele morria de rir com esse negócio, porque o pessoal cantando um bolero todo assim, meloso.

E.: Eu sei! (risos).

O.V.: E o pessoal fazia com gravatinha borboleta, mas ele morria de rir. Então ficou divertido, o aniversariante se divertiu, especialmente, também, né? Mas isso me deu um stress muito legal, porque eu fiquei rezando para que conseguisse achar aqueles objetos,

né? E aí encontrei, encontrei aquela coisa assim que de última hora inventa e dá certo. Mas foi um stress bom.

Aqui no centro também com as atividades é comum aparecer isso né? A gente fica muito preocupado quando vai ter um retiro, de profissionais, ou de estudantes, né?

E.: Na organização...

O.V.: É! E aí o telefone toca, por exemplo, o retiro sai na sexta à noite, né? E o telefone toca na casa, a primeira coisa que vem: “O cara desistiu!”, aí você vai com aquela lista ali (risos), e às vezes é estudante, e com os estudantes a gente sempre faz retiro com uns 10 ou 12, não vai muita gente. Aí os estudantes também, até a última hora você não sabe o que vai acontecer. Às vezes o cara até paga o retiro antecipado, mas não vai depois. Com os profissionais sempre acontece isso né?

Então é uma tensão muito boa assim, depois quando a gente está lá às pessoas chegam; todo mundo chegou; aí tem alguém que não chegou, mas ligou pra avisar que vai não sei o que. Então é um stress muito bom, esse eu gosto bastante. E preparar, convidar, visitar pessoas, né? Tem que mover a pessoa pra querer ir ao retiro, às vezes o cara não estava assim muito animado. Então é muito bom esse trabalho, muito divertido!

16:51 – E.: E por que te faz feliz?

O.V.: Ah, é muito simples, é pra Deus, né? É pra Deus. Nossa, o sentido espiritual fica muito claro nessas ações, no sentido apostólico mesmo direto, diretamente em que as pessoas vão. Mas às vezes eu tomo “não”. A gente trabalhou, falou, explicou coisas, deu doutrina, às vezes a pessoa não foi. Mas a gente fica feliz! Poxa, fiz tudo o que dava, né? Então a gente no fundo sabe claramente que Deus está contente, que aquele “não” vai servir como oração pra outros “sins”, enfim. Então isso dá um gosto grande assim, uma motivação. Isso é uma coisa que aparece com os anos, que no Opus Dei, com a formação, não é uma coisa assim que vem...

E.: É uma aprendizagem.

O.V.: É, uma aprendizagem. Na verdade, eu acho que a gente tem isso na alma de uma maneira muito forte, porque as pessoas percebem também, começam a fazer um tempo de oração, começam a ir na missa. A pessoa fica muito contente, e ela acha aquilo bacana e tal, mas é que a alma sente a presença de Deus, sente o movimento na direção de Deus. E a alma se rejubila né? Mas a pessoa não... Consegue, eu acho.

E depois vão se passando os anos, e essa relação vai ficando mais clara, e a gente percebe a motivação assim de uma forma mais viva, né?

18:27 – E.: E aí vale a pena o stress, né?

O.V.: É, vale muito a pena, realmente. Isso é uma coisa assim, pessoal, né? Vai abrindo o coração, assim. Mas vieram os diretores da Obra de Roma no final do ano passado, ou no começo desse ano, não me lembro, e aí vieram. Cada oito anos eles fazem uma espécie de visitas aos centros, para ver como é que está o espírito da obra, conversam com os membros e tal. Então foi interessante que eu comentei isso com eles, apesar de que não fiz o doutorado, estava até com planos de fazer, mas agora estou vendo que já estou com idade pra me aposentar daqui pouco tempo, uns quatro anos no máximo, então estou achando que não vale a pena entrar em um doutorado agora. Eu teria que ficar mais 05 anos, e eu tenho interesse em ficar mais disponível para o centro. Então eu fiquei pensando nisso também na minha vida, puxa eu não fiz doutorado, comprometi uma parte da minha formação profissional, mas realmente, isso nunca me pesou assim de: “Nossa, perdi minha oportunidade profissional”. Olha, sinceramente, me sinto bastante realizado. Eu vejo meus colegas, encontro muita gente na Universidade com doutorado e tudo, e pessoas que você vê que não se realizaram, que a vida foi uma espécie de egoísmo incontrolado, ou sei lá o que, aí vê que a realização de uma pessoa depende de coisas maiores do que a formação, quer dizer, a formação é um meio, não é um caminho necessário nenhum. Então essa é a conclusão que eu tirei depois desses anos todos. Então acho que isso também ajudou muito a controlar o stress e tudo. Houve uma época em que fiquei mais ansioso, em uma época assim, em que pego muito trabalho... Houve alguns anos, uns três anos, que eu estava com 20 horas só na Universidade, e eu tinha que trabalhar fora, aí a ansiedade aumentou muito. Nesse período em que dormia pouco, trabalhava bastante, e fiquei muito estressado, foi um ano que realmente que eu, no final do terceiro ano, senti bastante isso, agora estou lembrando de uma situação pior. Eu tirei férias, eu lembro que eu fiquei mais ou menos uma semana, pra dez dias com muito sono, me sentindo muito cansado durante o dia, e eu queria só dormir, realmente eu queria dormir, jogava meia hora assim de tênis e tal, cansadíssimo, foi uma situação pior de estresse, foi interessante. E depois, assim, passou! Uns dez dias, tal, de descanso. Estava em uma chácara lá em São Paulo, foi muito bom, fiquei em convivência com o pessoal da Obra. Mas essa fase de stress, eu acho que depois deixou um pouco, uma espécie de ansiedade, assim, um impulso muito

vivo, muito forte e tal. Aí durante um tempo eu tomei um remédio, tomei paroxetina. Voltei ao normal, assim, vamos dizer, nessa parte da ansiedade mais ou menos, me estabilizei.

E.: Nessa época um enfrentamento mais na oração mental não estava ainda funcionando, você acha?

O.V.: Acho que funcionava sim, mas realmente acho que a parte física, né, talvez não corresponda assim. A parte física, acho, que tem seus limites também, a oração alcança as motivações e tudo, né? Eu não sei também. Quer dizer, se a pessoa rezasse de verdade, com uma disposição, assim, muito santa, talvez resolvesse. O fato é que nessa santidade eu não cheguei, não atingi (risos).

Eu tenho amigos que já tiveram problemas assim de stress muito forte, depressão e tudo. Eu conheci alguns caras, e realmente é uma situação muito dura. Nunca passei. O pessoal me descreve as coisas, mas nossa, nem de perto. Meus stress são de ficar mais apagados mesmo, nada assim de vontade de se matar e tal. Graças a Deus!

E.: E tua saúde física...?

O.V.: Muito boa! Isso é uma coisa que é herança do meu pai. Meu pai morreu com 90 anos, um “italianão”, filho de italianos, e sem nada. Não tomava um remédio, não tomava nada. Impressionante! Eu acho que eu e meus dois irmãos temos uma saúde que nem a dele. Ninguém tem problema de coração, nem de pressão alta, nem de diabetes, nem de câncer. No histórico da minha família, minha mãe teve problema de coração, mas câncer e essas coisas, ninguém da minha família, dos dois lados, ninguém teve. Então a saúde é assim, bastante boa, pratico esporte e tal. Agora já o futebol já tem uma limitação né?

E.: (risos)

O.V.: O pessoal corre muito, né? Não consigo acompanhar.

E.: Mas o tênis também judia do joelho bastante, né?

O.V.: É verdade... Mas é mais curto, muito impacto. Depois eu ando de bicicleta. Eu gosto bastante de bike e de tênis, especialmente, gosto muito de futebol na verdade, mas tenho jogado pouco.

E.: Certo O., era isso. Muito obrigado!

O.V.: Eu que agradeço.

Sujeito 2

Sexo: Masculino

Idade: 56

Estado Civil: Solteiro

Profissão: Professor do ensino superior

Entrevista número 2

Nome: A.G

Entrevistador (E):

(00:14) **E: Então, nosso foco é o stress.**

A.G: Perfeito.

E: Todas as situações assim, de sigilo, toda a parte de sigilo, de confidencialidade vai ser mantida, e, eu gostaria de saber um pouquinho de você. Quem é você, como você se apresentaria?

A.G: Bom, eu me apresento como um professor de Física, e como um praticante, que descobriu uma missão dentro da igreja.

E: Há quantos anos já?

A.G: Isso quando eu tinha dezenove anos, então isso significa há 35 anos atrás.

E: Você está com 54?

A.G: 35 mais... Não, são 37 já, porque estou com 56. Exatamente, 37 anos já. Então, católico praticante, que seguiu, que está seguindo, procurando seguir uma missão que eu consegui ver, e me considero como uma pessoa feliz, por estar seguindo essa missão, e,

ao mesmo tempo, do ponto de vista profissional, me sinto realizado como professor. Mais ou menos isso.

E: Que área difícil que você trabalha, não?

A.G: Ah, sim. Atualmente estou trabalhando com a área de ensino e aprendizagem, e desenvolvo trabalho na pós-graduação. Sou professor efetivo da (...), que é um programa de pós-graduação da Universidade (...) no campus Londrina e já começamos. Vamos completar três anos de funcionamento e tenho três alunos que fizeram a dissertação de mestrado, graças a Deus.

E: Que legal.

A.G: Então, está indo bem, o programa está indo bem, por isso, isso dá uma alegria muito grande, dá para compatibilizar o trabalho da universidade com o desenvolvimento do meu trabalho social cristão, vamos dizer assim. Então está dando para tocar bem as coisas.

(02:40) E: E como as pessoas veem você? Como você acha que te definiriam?

A.G: Como que as pessoas me definiriam? Um sonhador, né? Sem dúvida.

E: É mesmo?

A.G: É, eu acho que sim. Um sonhador, uma pessoa, eu imagino que pelos comentários de alguns colegas. Eles respeitam muito todo o trabalho que eu faço, tanto na universidade quanto aqui, e também eu acredito que, vamos dizer assim, eles sabem que eu estou sempre muito atarefado, mas estou dando conta das tarefas principais da universidade, e a universidade é muito absorvente, e sempre alguma coisa fica para trás, né? É isso que eu sinto.

E: E ali com 19 anos, como é que foi essa sua entrada na religião, de uma forma mais aprofundada?

A.G: É, até os 17 anos, quando eu entrei na universidade, eu estava totalmente afastado da igreja católica porque meus pais não eram batizados. Então eu fui batizado por uma tia, então em uma leva, em uma festa que teve, eu fui batizado aos três anos de idade. Mas nunca pratiquei, e quando entrei no quarto ano primário, a diretora era católica e ela reuniu um grupo para fazer primeira comunhão, então eu também estudei catecismo e fiz primeira comunhão. Mas também não tive apoio de amigos para isso, para ir à

igreja, então eu não frequentei a igreja. Ai na universidade, quando eu passei na universidade lá em São Paulo, na (...) é que eu conheci a prelazia do Opus Dei e meu amigo foi pouco a pouco me ensinando, e eu fui estudando a doutrina católica, e foi aí que pouco a pouco eu fui me identificando com o Opus Dei, e por isso estou aqui tocando as atividades.

(04:45) E: E você acha que isso se torna uma perspectiva de vida? Uma perspectiva de atuação no mundo, quando você diz que é um sonhador?

A.G: É, meus amigos diriam que sou sonhador. Meus irmãos, por exemplo, também me consideram como um sonhador. Porque queira ou não queira, a gente está trabalhando com um ideal diferente aos olhos da maioria.

E: Aos olhos do mundo, não é?

A.G: Aos olhos do mundo. Mas no início causa uma certa surpresa para as pessoas que me conhecem, e também para os meus amigos mais próximos, mas com o passar do tempo é impressionante ver a alegria que eles estão sentindo ao ver que eu continuo fazendo esse trabalho. Então isso dá uma satisfação muito grande, principalmente nos meus pais. No caso, para ter uma ideia, meus pais não eram batizados, e quando eu ingressei no Opus Dei, cerca de quatro anos depois eles se batizaram. E isso é um “presentação”, não é?

E: São vivos?

A.G: Meu pai ainda está vivo, minha mãe já faleceu em sete anos atrás.

E: Certo.

A.G: Mas tá, ela morreu muito próxima de Deus, frequentando o sacramento. Meu pai já está um pouquinho mais afastado, mas tem fé.

E: Já está com idade.

A.G: Já está com idade, com 87.

(06:18) E: E stress para você?

A.G: Stress. Boa, chegamos no tema.

E: Como você definiria stress?

A.G: Olha, eu definiria assim, como uma coisa não muito negativa. Assim, em princípio, porque sempre eu gosto um pouquinho da pressão.

E: É?

A.G: É. Eu diria assim que eu funciono melhor quando tem uma certa pressão. Porque normalmente, incrível, eu consigo render mais na prova, sob pressão, do que quando não estou em pressão. Para ter uma ideia, no vestibular de entrada na Universidade (...), eu fiz mais pontos percentualmente do que em todos os simulados que eu já tinha feito até então. Na prova real eu rendi muito mais do que nos simulados anteriores.

E: Você fez Física?

A.G: Eu fiz física. Então eu vejo que, vamos dizer assim, desde pequeno eu estou acostumado a funcionar dessa forma. Então o stress para mim, eu vejo como uma coisa boa. No sentido de que me ajuda a desenvolver melhor, vamos dizer assim, cumprir com menos tempo as tarefas que eu tenho que fazer. Isso, eu diria assim, até 40 anos. Até os 40 anos eu funcionei muito bem com stress. Aí depois dos 40, 35 ou 40, eu vi que já comecei a ter pouco rendimento quando estava sob pressão. Interessante, acho que mudou um pouquinho a forma como eu encarei o stress depois de uma certa idade. Mas até os 35, 40 anos, eu funcionei muito bem sob pressão. Depois disso parece que eu não gostei muito de pressão, assim não. Sempre que eu tenho pressão parece que eu funciono pior. É essa a impressão que dá.

(08:26) E: Você reconhece algum fato que tenha acontecido?

A.G: Algum fato? Eu acredito que seja mais porque com o passar do tempo a gente vai se tornando assim... tendo outros valores, digamos assim. Tendo outros valores. Porque no início, até os 40 anos, a gente quer crescer, enfrentar desafios. E quanto mais desafios, vamos dizer assim, dá a impressão que você se sente melhor, você sente que está evoluindo, não é?

E: sim.

A.G: Mas depois dos 35, 40, dá impressão que, do ponto de vista humano, isso aí, você vai se acomodando mais. Você vai querendo uma vida um pouquinho mais tranquila, mais serena, com menos tumulto, menos desafios pela frente. Até o ponto que, por

exemplo, quando eu entrei no último concurso que eu fiz, na Universidade (...), foi em 2008, eu fiz o concurso numa boa, mas já não fiz com aquela garra, aquele desafio que eu tinha no início. Eu percebi que eu lidei bem com o stress, com a pressão da prova. Porque a prova foi muito concorrida, tinha 70 professores concorrendo para uma vaga, e desses 70 tinha mais de 20 doutores. Mas eu vi que o rendimento que eu tive na prova foi mais ou menos o que eu esperava. Quer dizer que não é que eu tenha ido melhor do que eu esperava, nem tenha ido pior. Eu acredito que se eu fosse mais jovem a essa altura, eu teria ido melhor do que eu esperava, entende? Mas agora o rendimento na prova do último concurso foi um rendimento normal, não teve nada de especial. Não fui prejudicado pelo stress, mas o stress também não me ajudou. Eu fiquei mais ou menos neutro. E depois eu percebi que nesses últimos anos eu tenho procurado fazer um pouquinho mais de esporte, porque eu vejo que o organismo está um pouquinho mais fraco para enfrentar o stress. Eu vejo que o meu sistema psico biológico, vamos dizer assim, está mais frágil para enfrentar pressões. Então eu preciso, de alguma maneira, arranjar um meio para fortalecer meu organismo para poder enfrentar esses desafios. Eu vejo assim, que isso aconteceu mais depois dos 40 anos, eu percebi isso aí.

(11:37) E: De qualquer forma, mudou sua forma de encarar, mas você deu conta, não é?

A.G: Ah, sim! Graças a Deus eu ainda gosto de ter esse tipo de desafios assim. Se tem uma prova, alguma coisa assim que me desafia, por exemplo, eventos, que você tem que ter um prazo, tem que enviar artigos. E você tem um deadline assim, para terminar o artigo. Normalmente eu rendo muito mais quando tem um deadline assim, um prazo para poder terminar um artigo. Dá impressão que a cabeça funciona melhor e eu consigo realizar mais o trabalho sob pressão, ainda hoje. Eu não gosto. Antes eu gostava, hoje já não gosto de trabalhar assim. Vamos dizer assim, que já não tenho mais esses desafios da juventude. Eu procuro evitar, mas ainda me dou bem com esse fenômeno de pressão.

(12:35) E: É uma característica, então?

A.G: Acho que é uma característica temperamental, viu? Acho que está relacionada ao temperamento. Meu temperamento é assim. Sob pressão eu funciono, vamos dizer assim. E quando eu não tenho muita pressão me parece que há um certo acomodamento. É mais ou menos isso aí.

(12:56) **E: Você consegue se lembrar de alguma situação de stress que foi muito difícil de se adaptar? Que você não conseguiu se adaptar a ela?**

A.G: Situação de stress difícil de adaptar?

E: Que tenha exigido mais esforço para você se adaptar do que é normalmente?

A.G: Eu acho que quando eu fiz a mudança de São Paulo para Brasília porque passei 13 anos em Brasília. Nessa mudança de cidade, porque eu fui desenvolver trabalho lá em Brasília, então você tem que procurar novos empregos, e também você fica um pouco incerto sobre essa mudança, sobre que carreira profissional melhor se adapta a você. Apesar que eu me formei em Física, sou professor de Física, mas eu estava indeciso se eu ia me dedicar “full time” no ensino médio, que era minha primeira vontade, digamos assim, ou se ia me dedicar ao mestrado e doutorado. Então eu acredito que nesse momento, porque coincidiu tanto a mudança de cidade, mudança de local, mudança dos amigos, quanto a definição da carreira, vamos dizer assim, profissional. Aí acho que foi um momento, alguns meses que eu passei assim, com um pouco mais de dúvidas, com interrogações, que podem ter gerado um stress um pouquinho mais forte. E depois o stress maior mesmo foi na hora de terminar o doutorado. Então, agora sim me lembro. Quando fui terminar o doutorado, dependia de uma publicação em uma revista inglesa, uma publicação internacional, e essa publicação gerou um pouquinho de sacrifício, gerou um pouquinho de tensão, tanto da minha parte quanto da parte do orientador.

(15:13) Então o orientador ficou muito nervoso pela demora, e isso me perturbou bastante. Na finalização do doutorado isso gerou muita tensão, a ponto que meu orientador chegou a me xingar. Só que como eu tenho formação cristã, católica, eu reagi de maneira tão branda perante esse xingamento do meu orientador, que ele ficou um pouco desconcertado. Ouvi dizer que ele nunca tinha pedido desculpa para ninguém.

E: E ele te pediu?

A.G: E ele me pediu desculpas. Depois disso ele se tornou um melhor amigo. Aí ele abriu o jogo, me contou da vida, virou um amigo. Em vez de ser um orientador, ele passou a ser um colega, um amigo. Caminhávamos juntos no “Eixão” lá em Brasília, fazíamos caminhadas de esporte assim. E até hoje ele mantém contato comigo, sempre manda notícias. Interessante isso aí. Quer dizer que foi a partir de um choque de stress, vamos dizer assim, que ele ficou irritado, que chegou até a xingar, ele exagerou, e como

eu fiquei caladinho, aceitei a crítica que ele fez, ele se impressionou e depois ele virou amigo. Impressionante isso aí. Guardo com muito carinho essa lembrança.

E: Interessante mesmo. E você lembra o que te ajudou tanto a enfrentar essa mudança para Brasília, essa pressão de final de doutorado? Que tipo de saídas para controlar o stress você tinha?

(16:53) A.G: Olha, eu acho que são alegrias que você encontra nos outros campos.

E: Você já era da prelaia?

A.G: Por exemplo, eu já era da prelaia, então eu encontrava muitas alegrias nos meus amigos. Pessoas que se convertiam, pessoas que se aproximavam dos meios de formação, pessoas não católicas que passavam a ser católicas. Então todo esse ambiente, vamos dizer assim, muito forte de pessoas próximas, pessoas que você vê que explicam a sua missão aqui na Terra. Porque a minha missão principal é essa, como cristão. Então tudo isso aí relega os problemas de stress profissional a um plano bem inferior do que na maioria dos casos dos meus colegas. Então eu vejo que para mim, vamos dizer assim, a pressão do doutorado gerou stress. Gerou, mas comparado com os meus colegas, gerava muito pouco comparado com os meus colegas. Por que? Porque a alegria que eu tinha, por exemplo, mesmo nessa fase mais crítica do doutorado, eu sempre joguei futebol. Por que jogava? Porque eu tinha que levar uma atividade com os jovens, e os jovens jogavam futebol. Eu tinha que cuidar do futebol, eu era o organizador. Então, nunca deixei de jogar futebol por causa do doutorado. Nunca deixei de fazer uma excursão, um passeio com a garotada por causa do doutorado. Então sempre eu tinha outras coisas para fazer e isso acho que gera uma tranquilidade, uma serenidade muito grande, porque você mantém o seu organismo bem equilibrado e isso faz com que o stress tenha uma repercussão muito pequena na vida global, essa é a impressão que dá. No global o stress acaba tendo pouca manifestação negativa. Então isso foi muito bom.

(19:08) **E: E funcionou?**

A.G: Funcionou. Funcionou, passei bem, e logo depois passei no concurso lá em Brasília também. E o concurso também gera muito stress, lá em Brasília. Mas também não teve problema nenhum, se vê que o rendimento foi acima do que eu esperava nas provas, e também na prova didática. Então acho que foi tudo bem. Quer dizer que o

stress não teve uma conotação negativa, acabou tendo sempre algo positivo nisso tudo. Eu vejo assim.

E: E você se lembra de alguma situação que teve stress, mas que te deixou extremamente feliz? Que foi acima do normal da felicidade?

A.G: Acima do normal? Vamos ver.

(20:23) E: Porque também é considerado stress.

A.G: Sim, acima do normal também é. Porque stress a gente sempre tem uma imagem mais negativa.

E: É o que a maioria tem.

A.G: É o que a maioria tem. Assim, do aspecto positivo, acima do normal? Eu acredito que seja na fase ainda quando eu era estudante, quando eu dedicava muito tempo com os meus amigos, para conversar, para trocar ideia, e todo fim de semana eu de alguma maneira estava envolvido com alguma atividade de formação católica. Então eu passava todo o fim de semana em atividades católicas. E com as matérias, as disciplinas da graduação, que eu tinha que fazer. E quando eu percebi que esse sacrifício que eu fazia para passar fim de semana nas atividades, acompanhando as atividades, isso gerava, gerou, muitos frutos, em termos de pessoas que participavam desses meios de formação, se convertiam. Porque uma das maiores alegrias que eu sinto é quando eu vejo uma conversão de uma pessoa que estava longe de Deus. Que estava distante e se converte, e mais ainda se ela descobre a sua vocação. E nesse período da graduação eu tive alguns colegas que fizeram isso aí. Partiram do paganismo, se batizaram, e depois pediram admissão na obra. Entende? Fez todo esse processo. O cara era pagão total, estudou comigo, dei aulas para ele de formação, ele se batizou, recebeu os meios de formação na Obra e depois pediu admissão na obra. Entende? Então o cara começa lá do paganismo e chega a descobrir a sua vocação, e dedicar sua vida completamente a Deus. Então isso aí é uma alegria fora de série. E todo o esforço para você conseguir fazer esse acompanhamento, e eu era estudante de graduação e teve vários amigos que fizeram esse percurso. Então isso realmente é uma alegria impagável.

(22:58) E: Você conseguiria descrever por que te faz tão bem, faz tão feliz, ver isso?

A.G: Eu acredito que porque é uma força que vem do alto. Queira ou não queira, é difícil, porque como estamos trabalhando em ciências humanas aqui, traduzir em uma linguagem humana o que é superior à linguagem humana. Está certo? Porque essa alegria que vem não é uma alegria que se poderia dizer que dá para você descrever com as palavras que a gente conhece. É uma alegria do outro mundo. Se apoiando assim em Aristóteles, diria que, já que estamos em uma ciência humana, seria assim, que o homem é desse mundo, mas ele está sempre sonhando com outro mundo. E parece que ele foi criado para o outro mundo. Assim dizia Aristóteles e alguns filósofos gregos. Então eu acho que é mais ou menos isso o que aconteceu. Sentia uma alegria que você via que não poderia ser somente daqui, das coisas que a gente conhece. É uma alegria interna tão profunda que você não consegue descrever com as palavras que você conhece, mas que você sabe que não existe outra alegria comparável. É uma alegria de outra natureza. Essa alegria de outra natureza, que alguns chamam de alegria sobrenatural, é o que a gente sente quando a gente vê que através do nosso trabalho, através da nossa dedicação, através do nosso stress, vamos dizer assim, de acompanhamento dessas pessoas, a gente consegue ver esses frutos. Como valeu a pena você sacrificar o seu tempo, dedicar um tempo extra para essas pessoas, para formá-las, para ajudá-las, para dar informações para elas, para que elas pudessem fazer suas boas escolhas, de paciência, de carinho, de trato, de amizade, tudo isso aí, e que redundou em um fenômeno sobrenatural, que é humano e sobrenatural ao mesmo tempo.

(25:20) E: Certo.

A.G: Então é difícil descrever o que é essa alegria.

E: Mas faz a gente crescer também, não é?

A.G: Sem dúvidas. E do ponto de vista humano a gente cresce na capacidade de relacionar-se com as pessoas, na capacidade de ajudar as pessoas. Tudo isso aí é realmente um crescimento muito grande.

E: Exatamente. É o stress, não é? Precisamos dele.

A.G: É! Eu vejo assim, na maioria dos casos o stress como uma coisa boa.

E: Sem stress não tem vida, não é?

A.G: Sem stress me parece que a gente não consegue viver mesmo. Precisa dele.

E: Perfeito. Era isso.

Sujeito 3

Sexo: Masculino

Idade: 51

Estado Civil: Casado

Profissão: empresário

Nome: S.H.

Entrevistador (E):

S.H.: (a gravação começa já com o entrevistado percorrendo algumas narrativas.)[...] A gente tem um plano de oração de duas horas por dia, né?

E.: Exatamente.

S.H.: E não é todo mundo que faz a Obra, né? Mas, eu faço, e é onde eu me apoio, então é um pouco diferente a coisa.

Eu sou (...) há 15 anos...

E.: Eu acredito o seguinte...

S.H.: Eu tenho minhas falhas, não durmo a noite, tomo meu remédio para depressão, e vai por aí afora (risos).

E.: Mas é o que a gente chama...

S.H.: Quer dizer, eu sou humano, né? (risos)

E.: É o que a gente chama de *Coping*. *Coping* é isso, todo mundo tem problema; a forma de como a gente lida com o problema, como a gente dá conta, usar o termo em inglês “to cope”, é isso que delimita. E eu tenho a certeza de que quem tem lida, vê a vida de outra maneira diferente.

S.H.: É o tal do Victor Frankl que fala isso, né? É uma escapatória que você tem pra onde sair, né? Você tem um sentido.

E.: Frankl eu tenho lido ultimamente e tenho gostado bastante. Certo?

S.H.: Beleza!

E.: Bem, pra começar, sua idade?

S.H.: 51.

E.: 51... Casado?

S.H.: Casado.

E.: Bem, o que eu precisaria de você pra apresentar: Quem é você, como que você se apresenta, como você se define?

S.H.: Eu me defino como uma pessoa limitada, mas que como todos os seres humanos, sei lá... Enxerga um milhão de limitações, né? Mas um cara que ama muito, quer dizer, que realmente, diríamos assim, se esforça, faz a sua parte natural, né? E que tem um apoio muito forte na parte sobrenatural. E essa parte sobrenatural vem de um esforço muito grande, de um relacionamento com Deus, aonde eu conheço, sinto que eu conheço esse cara, né? Mas eu sinto que essa fé que Deus me deu é uma fé, diríamos assim, sobrenatural, porque a fé a gente busca por termos humanos, mas, a gente só consegue por meios sobrenaturais, porque ela é sob a nossa natureza humana. Então eu sinto assim, que sou um cara que está buscando o sentido da vida, né? Através de uma explicação, de um sentido mesmo, que essa vida aqui a gente sofre, a gente tem alegrias e tudo o mais, mas com o motivo de, digamos assim, em um sentido mais sobrenatural de dar glória a Deus. Então esse é o resumo da minha vida nos meus 51 anos hoje.

E.: Profissionalmente você também se organizou nesse sentido?

S.H.: Ah, totalmente. Eu acho que a gente tem que fazer tudo com amor e em uma integridade de coisas, né? Então eu acho que dificilmente uma pessoa faria uma coisa em num lado, e teria outro lado. Então quer dizer, a gente tenta, na medida do possível, em todos os lados, em todos os aspectos, todas as áreas da vida, diríamos assim, tentar levar de uma maneira, o melhor que a gente possa fazer, em termos humanos. E eu acredito que a parte profissional é diferente, muito embora a parte profissional hoje é a parte que exige, sei lá, acho 80% dos meus esforços, e aí que realmente é onde eu me desgasto mais, onde eu realmente tenho que por mais força, tenho que por mais amor, e onde que eu tenho que ter mais fé. Então eu acredito que realmente o trabalho seja a parte que eu estou mais dedicando os esforços hoje em dia.

E.: Como que as pessoas te veem? Como que você acha que as pessoas dizem que você é?

S.H.: Olha, eu acredito que as pessoas me veem hoje como um cara amigo, né? Como um cara que, diríamos assim, tá com muitos problemas na parte profissional, mas que as pessoas realmente gostam de mim; confiam em mim; me apoiam até lendo o que podem, né? E eu acho que as pessoas me veem assim, como uma pessoa que (os amigos diríamos assim), está sofrendo muito, mas que em contrapartida, é uma pessoa que está dando de si, é uma pessoa extremamente confiável, e que é uma pessoa que está querendo ajudar, além de tudo, as outras pessoas também.

Agora na parte familiar é uma outra coisa, né? A parte familiar eu vejo um pouco mais restrita, porque também, todo casamento não é uma coisa fácil, tenho meus problemas, os gênios são totalmente diferentes (meu e da minha esposa), então eu vejo que devido aos problemas que estou tendo hoje na empresa, que não estão fáceis, diríamos assim, estão afetando minha parte familiar também, porque diminui muito o padrão, às vezes um lá em casa quer gastar mais do que pode, e já não pode mais, então... É problema. Então quer dizer, eu vejo muito mais difícil hoje a parte familiar, mesmo porque a parte familiar hoje é a estrutura do meu trabalho, então eu vejo que se eu não tenho apoio aonde eu posso ter, eu sinto que realmente a dificuldade pode ser maior que até no próprio trabalho.

Acho que pra dinheiro a gente dá um jeito, digamos assim. Então, morrer de fome, eu não vou morrer de fome, a gente sempre dá um jeito. Aí entra de novo a fé sobrenatural, né? Aonde você vê que realmente o sofrimento traz uma parte ruim, que é o sofrer, mas em contrapartida o sofrimento gera muito crescimento, a partir do momento que você aceita o sofrimento. Então, eu vejo pra mim que 2016, por exemplo no trabalho, foi o pior ano da minha vida, mas em contrapartida foi um ano em que sofri muito, mas muito mesmo, mas em contrapartida eu vejo que foi um ano em que eu cresci muito. Antigamente se eu levava “saraivada”, eu caía fácil, hoje em dia pra me derrubar já é mais difícil.

6:21 E.: Como que é a sua história, de onde você vem?

S.H.: Eu nasci de pais que já tinham o meu comércio, porque eu trabalho no ramo do comércio, e cresci no meio disso, né? Muito embora eu tive muitos problemas na infância. Meus pais só trabalharam, e eu acho que fui um filho que... Sempre senti muito a necessidade de ter um apoio maior, de ter um diálogo maior com meus pais e

tal, então acho que isso me deixou uma pessoa insegura, né? E me deixou uma pessoa muito fechada. E tem a própria natureza, por ser descendente de japonês também, na época em que nasci tinha muita discriminação contra a raça japonesa... Mas eu superei tudo isso. Eu superei, eu encarei esses problemas de frente.

Hoje eu sou uma pessoa segura, diríamos assim, eu não tenho problema nenhum, eu sou uma pessoa inibida, mas não demonstra ser inibida muito embora, porque eu não tenho empecilho nenhum de chegar em qualquer pessoa, em qualquer um, então acho que essa é uma visão minha: Eu cresci, eu sofri e eu venci os meus medos, poderíamos dizer assim.

Eu tenho meus medos, lógico né? Mas os meus medos de infância eu superei todos.

E.: E dentro da religião, como é a tua caminhada? Sempre estive na igreja?

7:45 S.H.: Dentro da religião eu sempre estive dentro da igreja né? A princípio desde criança, desde os meus 12 anos dentro da igreja, meus pais me levaram na igreja, especialmente minha mãe, e eu tive uma vida muito dentro da igreja, desde ser coroinha, eu vivia dentro da igreja. Chegou até um momento em que o padre perguntou: “Pow meu, seus pais não ficam bravo de você ficar todo dia aqui dentro da igreja, na missa e tal?”, isso quando eu tinha uns 12, 13 anos. Mas sempre foi uma fé, digamos assim, superficial, depois que eu conheci o Opus Dei, realmente foi uma dádiva de Deus, foi um milagre, aí realmente eu pude me aprofundar na fé porque eu vi que a coisa era um pouco mais séria, diríamos assim, eu teria que levar Deus mais a sério. Pra levar Deus mais a sério eu precisava ter um plano pra minha vida, né? Então botando esse plano em prática durante todos esses anos, foi aonde, realmente, eu consegui uma consistência muito forte na fé.

E.: E a questão do mundo? Como você vê o mundo, e qual a sua função no mundo?

S.H.: Ah, o mundo eu acho que é um lugar bom, né? Porque o mundo foi criado por Deus, e tudo o que Deus cria é bom, muito embora, eu vou ter que voltar para a minha visão sobrenatural, que é o único lugar aonde eu encontro explicação para isso: Depois do pecado original o mundo entrou em uma coisa meio que fora de ritmo, então eu acho que a gente é bom por natureza, mas o pecado desvia e traz anomalias, não sei se é assim que pode-se dizer, na alma, na nossa alma, e eu acho que é uma luta do ser humano conhecer o porquê dele, e da sua existência, quero dizer o porquê da sua existência e dar Glória a Deus, e se dá Glória a Deus amando a Deus. Mas a coisa na

teoria não funciona, você tem que colocar isso na prática, você tem que trazer isso pro seu dia a dia, e aí é muito difícil, né? Porque se você não tiver um espírito, ou uma força de vontade muito grande, eu acho que a graça reforça a vontade, que é a parte humana. Se você não tiver um conjunto muito forte dessas duas coisas, é muito difícil. Eu vejo as pessoas com muita dificuldade, eu tenho uma visão assim muito, difícil. O ser humano, ao mesmo tempo assim... Eu até brinco às vezes dizendo que eu tenho dó de Deus e dó do ser humano, porque é muito difícil tanto pro ser humano entender essas coisas; quanto pra Deus também que quer ser amado, porque Ele ama demais a gente, mesmo sofrendo e batendo a cabeça. Mas eu vejo isso tudo como uma... O pecado original, tudo isso, e acho que... Sei lá, eu acho que é uma coisa complicada mesmo, mas estamos todos caminhando aí. Difícil... Difícil. (risos)

E.: E a sua função no mundo? Pra que serve passar por tudo isso, sofrer tudo isso, e continuar aí enfrentando?

S.H.: Bom, com certeza eu acho que a vida é muito mais sofrimento do que alegrias, né? Mas eu acho que você pode sofrer em paz, tipo assim, você estará sofrendo por uma causa, né? Então o sofrimento por si ele é ruim, mas ele tem um espírito, para quem acredita em Deus, de purificação, um espírito de que você está cumprindo com a melhor missão que você poderia estar cumprindo nesta terra, que é a maior demonstração de amor, o sofrimento. A partir do momento que, bom, eu que acredito muito em Deus digamos assim, eu vejo que a partir do momento em que Deus confia um pedaço da cruz pra você carregar, é uma visão muito rara no mundo de hoje, mas eu me vejo (eu que sou um pouco orgulhoso), eu vejo que é um orgulho pra mim, diríamos assim: “Pow, poder carregar a cruz de Cristo!”. Então eu me sinto orgulho de Deus confiar e eu poder carregar a minha cruz com amor, e essa cruz ajudar um Deus que sofre muito por um desamor de todos nós seres humanos, e eu estou carregando a minha cruz, mas eu estou carregando a cruz de muita gente que não quer carregar a dele também.

Então eu sinto que Deus já carregou a dele, carregou por nós, e carregou por outros, mas eu sinto que eu também posso ajudar uma “partezinha” das pessoas que eu amo muito, minha família, meus amigos, e todas as pessoas que estão batendo a cabeça, complementando a resposta da pergunta anterior, que é difícil, mas eu me alegro muito no sofrimento por poder estar ajudando essas pessoas, porque de uma maneira sobrenatural, eu acredito que esteja ajudando essas pessoas a encontrarem Cristo de uma

maneira boa, através do meu sofrimento, que é a melhor maneira de demonstrar. Então eu vejo uma razão muito grande pro sofrimento.

E.: Está certo. Você se lembra de alguma situação que te deixou extremamente feliz, mais do que o normal?

S.H.: Ah, sim! Quer dizer... O nascimento dos meus filhos, né? O casamento... Especialmente quando eu faço um apostolado e você então essas coisas, diríamos assim, não tem dinheiro que pague. Acho que as minhas alegrias são essas, são alegrias hoje assim... Mais pelo lado, novamente, de estar tentando fazer uma coisa pelos amigos, pelas pessoas, mas uma coisa que realmente construa algo que fique de bom mesmo, né? É isso.

E.: Por isso que te faz feliz? Você se sente construindo algo?

S.H.: Sim! Eu me sinto construindo algo, eu me sinto feliz porque eu sinto que Deus confia a mim que eu possa construir algo, né? E eu sinto avalizado por Deus, e eu me sinto muito feliz, isso me deixa muito feliz.

E.: E uma situação que demandou muito esforço, que foi muito difícil pra você, tipo assim, você lembra?

S.H.: Ahh, eu não sei, eu acho que os meus momentos mais difíceis são momentos da empresa mesmo, aonde a coisa não é fácil ser empresário e tal, e de repente alguém que não compreenda bem a gente, ou na família também, o casamento é uma coisa que não é nada fácil, né? Eu sinto assim, né? Mas quer dizer, eu sou limitado também, as pessoas são limitadas, e eu acho que, sei lá, isso é uma coisa normal, diríamos assim, muito embora de novo, cause muito sofrimento.

E.: E como que você lida com essa situação de stress?

S.H.: Olha, eu sofro muito, né? Eu tenho um aspecto depressivo, assim como fisiológico, digamos assim, então eu tomo um lexapro e tomo um valdoxan à noite. Depois dos meus 40 anos. Me ajudou muito, fisicamente, né? Então pra mim é uma dupla luta, porque eu já tenho essa natureza, e eu luto desse jeito, quer dizer... Eu luto tentando ter equilíbrio na vida, porque apesar de todas essas minhas falhas, minhas limitações, eu sou um cara muito determinado, então eu tento cumprir cada área da minha vida, muito embora talvez, isso reforce ainda mais na minha depressão, porque

eu sou um cara que tem um pouco de TOC também, mas isso tem as suas vantagens. Eu estou morrendo um pouco mais cedo, mas em contrapartida então, eu tenho essas vantagens também.

Então eu lido assim, tentando ter equilíbrio na vida, muito embora eu sou muito limitado, como te falei também.

E.: Tem funcionado?

S.H.: Tem funcionado. Eu acho que funciona. Que a gente consegue algo, mas eu me cobro demais, de tudo, mas eu acho que a vida é assim mesmo, a gente tem que tentar viver o máximo que pode e se espremer ao máximo, como até um amigo meu fala, que tem que se espremer que nem um limão, dando razão pra essa coisa “um limão espremido”, e eu acho que não tem jeito, você vai se matar de um jeito ou de outro, tipo assim, não se matar, mas a cada dia a gente está mais perto da morte, mas pelo menos dar um sentido pra isso, pra que a gente viva em paz o dia de hoje, e que a gente consiga viver feliz, a verdadeira felicidade, mesmo sofrendo.

E.: Perfeito. Era isso. Muito obrigado!

Sujeito 4

Sexo: Masculino

Idade: 36

Estado Civil: solteiro

Profissão: Engenheiro Eletricista.

Nome: M.B.

Entrevistador (E):

E.: Por isso que as questões são extremamente curtas, muito diretas porque assim, a primeira coisa que te vem a cabeça é o que me ajuda melhor a compreender a organização do pensamento.

M.B.: Beleza.

E.: Sua idade?

M.B.: 36.

E.: Estado civil?

M.B.: Solteiro.

E.: Fale um pouco de você. Quem é você, como você se apresentaria?

M.B.: Bom, sou M.B., sou engenheiro, acadêmico professor e... Não sei o que mais...

E.: Como você se vê?

M.B.: Eu me vejo uma pessoa... Como eu posso dizer, se fosse tentar fazer uma síntese assim, sem também ficar falando um monte de detalhes. Diria que eu sou uma pessoa que procura me dedicar às coisas que eu acho importante, com intensidade. Então isso deve fazer... Procuo fazer bem as coisas até o final, porém ao mesmo tempo isso me leva a me estressar, ficar um pouco obsessivo de querer, enfim, me apegar um pouco aos resultados, a forma das coisas.

E.: E que tipo de coisas são essas importantes pra você?

M.B.: As coisas importantes... Na vida em geral assim, né? Bom, eu vejo a vida, todas as atividades da vida como o trabalho, o relacionamento com os outros, familiar, as amizades, o descanso, tudo, todas as atividades da vida eu vejo como apontadas a um fim único de procurar a Deus, de procurar a perfeição, de ver ocasiões de se aperfeiçoar mais, de amar mais Deus e aos outros, e também de ver as coisas com realismo, quer dizer, me conhecer mais, conhecer mais os outros, aceitar mais também essa realidade que é tão boa, mas que às vezes é difícil, às vezes tem coisas que são difíceis de aceitar,

coisas que tem um custo, né? Defeitos nossos, defeitos dos outros, circunstâncias ou limitações. Então, o que mais eu poderia dizer.

E.: Eu tudo isso você reconhece como fonte de stress mesmo? Exigem um esforço pra adaptação.

M.B.: Isso! Quer dizer, isso exige um esforço, diria que assim, de uma maneira geral pras pessoas, isso vai exigir um esforço, porque às vezes não querem aceitar as coisas, queria de outro jeito e tal, se fulano lá tivesse te dado mais atenção, ou se aquele trabalho tivesse dado mais certo ou como você tinha imaginado, e às vezes não é assim. Agora, particularmente pra mim eu vejo que às vezes eu exagero nisso, sei que tenho um pouco de stress assim e tenho TOC, né? Segundo meu terapeuta é um TOC moderado que às vezes fico encanando com coisas que não tem nem importância e isso fica dando voltas um pouco mais difíceis de assim, sei lá: “Poxa, estou aqui me preparando pra uma prova, pra um concurso, uma coisa importante, uma coisa de trabalho, uma coisa que tem consequências, então tem que sair perfeito, tem que dominar completamente os pontos...”, e a minha reação primária é mais assim, e às vezes tenho um pouco de dificuldade de falar tipo: “Calma aí, eu tenho só duas semanas pra estudar (que é o caso de agora), não é minha área, então não vou ficar totalmente à vontade com isso...”. Então assim, quer dizer, situações assim pra mim, percebo que às vezes me estressam um pouco mais do que deveriam, porque no fundo, pensando aqui com calma: “Poxa, eu tenho duas semanas pra um desafio grande.”, então posso ir mais simples e ver: “Que bom que consegui chegar até certo ponto e também em um concurso da loteria, e essas coisas acadêmicas, não depende só do meu esforço...”. Então vamos dizer assim, uma reação lá de uma pessoa; da namorada; de um amigo; você pensa assim: “Poxa, eu não consigo entender isso aqui, 5:41 eu ...? diferente, e por que é assim...”, então, vamos dizer assim, eu sei que também, né? Filho único tem um quê assim de mimado, um pouco impetuoso assim também, querer às vezes que certa coisa saia ali porque vejo que é importante e tal, às vezes acabo atropelando um pouco o tempo do outro, ou o próprio tempo porque: “Isso tem que sair! Tem que fazer tal artigo de sair de qualquer forma...”

E.: Do jeito que você planejou?

6:17 M.B.: Do jeito que eu planejei, porque, poxa, de tudo o que eu considerei, esse pareceu ser o mais razoável. Então às vezes eu percebo que me falta um pouco essa

leitura das condições, do que é possível dos meios... E de saber valorizar, né? “Olha que beleza, mesmo não estando nas condições ideais eu pude fazer esse concurso, por exemplo, em pouco tempo apareceu uma grande oportunidade pra aprender, pra me apresentar no departamento lá de (...)”, enfim, tem tantas coisas boas acontecendo, tantas correspondências e tal, e tantas amizades tão boas, tão bonitas, então vamos dizer assim, às vezes as minhas reações ficam desfocadas em certos detalhes que eu esperava como indicadores, né? “Olha, isso é um indicador de que está bom”. Se a pessoa sorriu lá, é um indicador, se não tem isso aí... Às vezes me custa um pouco falar: “Calma aí, tem outros elementos...”.

E.: E se é um ponto de stress, como você acha que sai disso? Como consegue lidar com isso?

M.B.: Bom, eu procuro refletir, ouvir também o conselho dos outros que estão ao redor, às vezes me ajudam, quer dizer, o que eu procuro às vezes demora, mas eu procuro falar: “Calma aí, será que essa minha impressão é verdadeira mesmo? Será que isso está refletindo a realidade ou estou deformando um pouco...”, então eu procura assim: “Não, calma aí...”, ir com a razão, com a intuição, eu procuro ver: “Acho que isso aqui não está...”, as estou aqui me estressando, se estou querendo forçar a barra aqui no fundo: “Opa, isso aqui não está legal.”, então peço ajuda pra Deus, peço graça também pra superar essas coisas assim, e ir vendo, tentando descobrir o que é melhor mesmo, o mais real, o que Ele quer disso, o que espera disso, e a ajuda dos outros, e às vezes também confronto aquela realidade, porque a gente não consegue resolver de primeira as coisas, aí vai, volta e tal, fica um ciclo, né? Um trabalho assim nesse sentido, refletindo, pedindo graça, pedindo ajuda, e tentando perceber que... Então eu vejo o seguinte, refletindo, pedindo luz pra Deus, mas se tem stress aqui, claro, tem stress que são naturais, se você estiver passando fome estará sofrendo, é a pura realidade, você pode até tentar se distrair, mas são coisas reais. Mas tem coisas que, claro, eu procuro aceitar e tentar ver dentro de Deus, pedindo ajuda pra ter mais noção da realidade, porque muito stress nosso, vamos dizer assim, boa parte, é por a gente não aceitar a realidade, não aceitar, gostaríamos que fosse diferente as circunstâncias, não aceita nossas incapacidades, nossos defeitos, nossas limitações ali, e a gente não aceita, uma soberba, uma raiz de soberba, e um jeitão que você vai desenvolvendo ao longo da vida. Então o meu esforço é em ser um pouco mais simples, mais humilde: “Calma aí, o que desse problema, dessa dificuldade, como posso me... Qual é a atitude que eu posso ter mais

realista, humilde, pra tentar, diante disso, pra ter uma reação mais... Se as coisas estão assim é porque Deus previu isso de algum modo, quis isso, ou permitiu isso, então, então é uma ocasião boa, e é bom que eu aceite isso e me adapte a isso, e não querer que seja o meu jeito. Eu acho que nisso eu me esforço mais, porque eu sei que vão dizer assim, eu posso, por essas coisas que passam mais pela minha liberdade, minha capacidade de escolher, de me posicionar, eu posso ter uma alternativa mais proativa...

E.: E tem funcionado?

M.B.: Olha.

E.: Isso envolve também um crescimento espiritual, esse tipo de postura, de enfrentamento, é mais complexo que um a simples saído do estivo: “Vou andar de bicicleta pra descansar”.

M.B.: É um processo um tanto misterioso, porque requer todo um amadurecimento da pessoa como um todo, como corpo alma, controle dos seus sentimentos, memórias e etc... Mas olha, eu diria que mesmo que às vezes a gente não apalpe os resultados de cada momento desse, às vezes não é tão claro por você estar ali sofrendo, às vezes você não consiga aceitar aquilo, são coisas que às vezes demandam tempo, são várias tentativas, e às vezes o mesmo tempo, eu percebo e sei que cada reação dessa você já é diferente, quer dizer, mesmo diante de uma coisa que continua custando, continua estressando, mas esse esforço, um ato de querer ser mais simples, de se abrir a realidade, vamos dizer assim, Deus nos conta da realidade das coisas, de como são, em um desses você já mudou e já começou a resolver esse assunto, vamos dizer assim, e é claro, tem momentos que às vezes esse obstáculo é pela personalidade de cada um, pelo caráter de cada um, e pela dificuldade exterior que às vezes tem situações mais desafiadoras, né?

E.: Sim, não tão fáceis de resolver.

M.B.: Sei lá, uma ansiedade assim, eu sou ansioso. Às vezes uma situação profissional lá que não define, então isso é uma coisa que leva bastante tempo. Mas hoje mesmo, interessante estar fazendo essa entrevista hoje, porque ontem, talvez pra ficar mais concreto, ontem foi uma experiência bem especial pra mim nesse sentido, porque eu percebi a minha, no namoro, essa minha impetuosidade, um capricho podemos dizer

nesse sentido, de querer que tal coisa fosse um pouco... Então eu me conheci, pude perceber esse meu jeito.

E.: Conscientemente?

M.B.: Conscientemente! Eu me mostrei, claro, junto com o outro, mas você fala, troquei ideia lá com minha mãe.. Você fica meio... Fez parte, fazem parte, essas coisas desagradáveis mas eu fiquei mais tranquilo, em partes, mudou minha disposição: “Posha, isso aqui não está legal, não posso ficar querendo ver certas palavras nas pessoas, ou certas coisas”. Eu estava mais angustiado com isso daí, estava supervalorizando um detalhe que, enfim, Ontem à noite logo de quebra, fiquei, poxa: “Isso aqui? Que coisa...”.

E.: Aí alivia a ansiedade, né?

M.B.: É! Alivia à ansiedade bastante. Mas tranquilo, claro que não foi algo isolado e pontual, são coisas de sempre minhas, mesmo essa situação com essa pessoa já estava vindo, então foi uma coisa que foi somando, dizendo assim, então o fato de tentar enfrentar e tentar ser o mais humilde possível, sempre, falar assim: “Calma aí, que coisa que eu não estou fazendo bem aqui? Que posição minha que está meio torta?”. Bom, acho que deu pra... Pode perguntar outras coisas aí.

E.: Como você acha que as pessoas te veem? Que impressão você acha que as pessoas podem ter de você?

M.B.: Em geral?

E.: Em geral.

M.B.: Olha, bom, o que eu imagino e até onde eu consigo perceber que às vezes as pessoas falam, ou as reações das pessoas, sendo bem sincero, eu diria que me veem como uma pessoa que talvez assim... Acho que eu mudei bastante nos últimos 10 anos, pelo menos eu mudei... Bom, vamos lá, vamos tentar... Por temperamento assim tenho a tendência a ser um pouco mais rígido assim, um pouco mais sério, um pouco mais contraído, um pouco mais chatinho, um pouco mais brigadista, então esse minha tendência assim, aí eu acho que tem a ver com essas posturas, posturas minhas da vida mesmo, assim de controlar as coisas de mais. Bom, pude reconhecer mais nesse sentido, vejo que mudei um pouco mais nisso, mas eu acho que isso eu passo pras pessoas, um

pouco assim, às vezes fazendo coisas junto com outros, de às vezes querer que as coisas saiam um pouco mais direito, com um pouco mais de perfeccionismo, de querer que as coisas saiam um pouco certinhas demais, então isso eu passo.

Mas, eu acho que eu passo isso demais, mas eu sei que eu passo coisas boas também, e que às vezes eu não pondero e não valorizo isso. Então, eu acredito que eu passo pros outros a impressão de ser alguém que gosta de estar junto, que gosta de ouvir, que gosta de conversar, que é capaz de fazer coisas pelos outros, de oferecer amizade, de se sacrificar um pouco pelos outros, interessado, em certo ponto, no bem dos outros, de uma maneira desinteressada, né? Enfim, o que mais assim... Apesar de ter um jeito um pouco mais sério eu tenho o meu humor, tenho o meu lado bem humorado de querer fazer brincadeiras e o que mais? Um cara esforçado, que gosta de fazer as coisas até o final, de honrar os compromissos, de ser leal, sou suscetível, às vezes demais as coisas, em discutir coisas com pessoas que eu tenho já um laço, uma amizade, uma coisa, às vezes é difícil eu conseguir separar uma divisão de ideias, uma....

E.: Discordância?

M.B.: Uma discordância! Pra mim, às vezes eu interpreto como se fosse uma ruptura ali no relacionamento.

E.: Muito preocupado com o que os outros vão pensar? Se ele vai se magoar?

M.B.: Se ele vai se magoar, exatamente. Isso até já me incomodou bem mais, hoje eu consigo ficar mais tranquilo, mas eu tenho isso forte assim.

E.: E teus alunos, os meninos aqui do clube, como você acha que eles veem você, o que eles acham de você?

M.B.: Eu falei essas coisas todas pensando neles, então...Assim... Eu diria o seguinte, hoje mais do que nunca, eu estou mais tranquilo com essa visão, me dou o direito de ter esses defeitos, vamos dizer assim, eu compreendo mais, uma mistura de jeitos com defeitos que, claro, às vezes vai incomodar, nem todos são capazes de tolerar isso, mas não vou dizer, sinceramente: “Ah, tranquilo, tranquilíssimo!”, eu gostaria de ir mais nessa direção. Então assim, eu diria que, com relação aos outros, eu não estou tão feliz como gostaria, nesse sentido de o que eu passo para os outros, ainda não estou tão tranquilo, sereno, ainda fico com um pouco de cuidado demais, achando que meus defeitos incomodam bastante. Então assim, eu tenho uma espécie de... Exagero muito

isso porque eu sei que as pessoas que estão próximas de mim, que gostam de mim, gostam da minha companhia, que isso não incomoda tanto; mas então, quer dizer, é uma espécie de paradoxo assim que eu ainda não consigo conciliar direito.

E.: E a tua história, tua formação dentro do mundo espiritual, da religião, com o que você passou?

M.B.: Olha... Bom, da religião nasci em uma família católica, ao mesmo tempo certas coisas, de quando eu era criança e adolescente, ir na missa, por exemplo, certas coisas a se fazer que não me explicaram direito, que eu não tinha muita noção, vamos dizer assim, certos costumes que às vezes não foram bem fundamentados. Claro que algumas coisas foram mais naturais pra mim, que eu aprendi e depois foram se encaixando mais e mais, e outras que eu fui aprender mais tarde. Então... Por exemplo, na adolescência, teve uma época em que eu não queria saber de nada assim, então deixei de ir à igreja, por exemplo, e deixei às práticas religiosas, a oração, aquelas mais conscientes. Deixei, e depois tive a oportunidade de conhecer o Opus Dei quando eu tinha 15 anos, foi em uma atividade de iniciação científica, na época ainda não estava muito à vontade pra formação espiritual e religiosa que tinha no Opus Dei, mas logo depois de um tempo, sei lá, de 01 ano, eu já estava participando mais, já me interessei mais, e as pessoas foram me explicando, e eu fui redescobrando a minha fé, e também vendo que muitos valores espirituais, várias virtudes, várias posturas diante da vida, várias visões de mundo, eu tinha recebido em casa, mas eu não tinha muita consciência, e eu fui valorizando e vendo que muita formação espiritual que teve em casa, declaradamente ou não, talvez só pelo exemplo e convivência, eu tinha recebido, mas vamos dizer assim, depois disso, aí a longo, nesses 20 anos, fui vivendo uma unidade das coisas, tendo uma visão mais unificada da realidade humana, e na verdade.... Isso também, coisas assim, costume dizer isso, uma visão da vida humana mais completa, de que não existem só setores que a gente se dedica ou desenvolve, sei lá, a religião ser um setor só, não, dedico esse tempo pra isso, mas que a realidade humana é algo longe de um absurdo, de um caos, ou algo aleatório; não! Que tudo, que as coisas tenham um sentido, que a liberdade humana, as nossas capacidades são ocasiões pra procurar esse fim último que é amar e servir a Deus, aqui, e depois na vida eterna. O que é bom, a visão do catolicismo e do cristianismo da vida onde a religião e a vida espiritual permeiam tudo, e que tudo pode ser ocasião de viver isso, quer dizer, eu tomo um copo d'água; encarar uma dificuldade; ou descansar; ou fazer o seu trabalho, uma tarefa do seu trabalho; tudo

isso são ocasiões de amar, ou seja, procurar fazer aquilo bem, contribuir com a sociedade, contribuir com os outros, se aperfeiçoar para que também possa fazer cada vez mais coisas boas, de se conhecer, de ter uma visão mais real da vida, da própria realidade, e bom, e de onde vem isso? Essa lógica; ou essa visão; essa realidade; isso vem do próprio Deus que... Quis isso, proporciona isso pras pessoas, pra que participassem da vida Dele, porque Ele é o bem; Ele é o amor; Ele é a perfeição em Si; a Humildade em Si; então como uma participação da vida divina, tudo isso, a realidade humana.

E.: Certo.

M.B.: E mesmo as misérias humanas, porque nós vivemos uma realidade da natureza humana, e a nossa vida terrena sempre com suas limitações, e a gente nunca vai se saciar completamente aqui pelas nossas misérias, nossas limitações, nossa vida, mas que isso, mesmo isso também é ocasião que compõe esse cenário.

E.: E é isso que define a tua função no mundo? Tua atuação no mundo?

M.B.: Exatamente! Quer dizer, essa atitude diante dessa realidade que a gente vai cada vez mais descobrindo, dessa realidade que a gente vai cada vez enxergando ao nosso redor, muito próprio da nossa própria realidade, e da realidade que a gente está inserido. Isso nos leva, vamos dizer assim, isso não é algo atoa, um mero detalhe, isso nos leva a interagir nessa realidade em um sentido de vocação, um sentido de função. O papel, ou seja, se eu posso, se eu tenho essas capacidades; essas possibilidades; e tenho essas necessidades aqui ao redor, então eu posso fazer isso e isso, condiz com.... Claro, Deus tem; eu vejo isso, Deus tem uma vocação... Todo mundo tem uma vocação diante desses cenários, como eu estava dizendo, e Deus sabe o que é melhor, propicia, quanto mais a pessoa vai correspondendo, propicia um papel cada vez mais claro na vida, definido, um caminho cada vez mais... Pessoal nisso, ou seja, que não é algo ou uma espécie de princípios gerais, mas quanto mais a gente estiver em sintonia com Deus, quanto mais a gente é capaz de perceber essa trajetória pessoal que Deus espera, e no fundo, quanto mais a gente vai conseguindo corresponder pra isso, a gente... Mais a gente fica sereno, e sabendo que está procurando fazer aquilo que pode e deve... O que mais...

E.: Você se lembra de uma situação que você tenha ficado muito feliz? A gente leva em consideração que o stress envolve todo tipo de adaptação. Uma situação que te deixou muito feliz, essa sensação de plenitude, de felicidade.

M.B.: Bom, vários momentos, né? Como também com diferenças, bom a primeira foi ser aceito e amado na minha família, né? Me sentir amado, eu , como M., receber o amor das pessoas e depois isso foi se dando ao longo da vida de certo amigos, certas... E ser querido como eu sou, e saber, talvez não seja algo assim de ficar dando risadas e gargalhadas, mas é algo muito profundo e realizador, né?

E.: E você lida bem com isso?

M.B.: Olha, eu diria que cada vez mais eu valorizo isso, né? É algo assim para... Vejo que ainda tem coisas que eu preciso... Vejo às vezes que... Enfim, pela cultura da minha família, tem coisas que às vezes eu não percebo ou... Como que se fala, às vezes eu não aceito, às vezes tenho um pouco de dificuldade na parte afetiva, de me relacionar com os outros, de saber me querer; às vezes já sou, mas tenho um pouco de dificuldade em saber se sou querido; não fico muito à vontade; como já tínhamos falado há um tempo aí, de às vezes ficar inventando um pouco, fantasiando um pouco em cima do que o outro vai achar: “Poxa, a pessoa fez tal coisa, talvez não goste tanto de mim assim...”, aí fico bravo comigo; às vezes deixo de me sentir amado pro fantasia própria assim. Essa segurança, essa felicidade que sinto no geral, às vezes não sinto, e.... Bom, e outros momentos, certas conquistas profissionais; de estudo; de conseguir conquistar certas coisas; de conseguir ir lá e publicar um artigo importante; ter um bom resultado no trabalho; de saber que tenho um perfil de cientista no mundo acadêmico; de conseguir dar aula, ensinar os alunos; certas amizades; agora no namoro ter achado uma pessoa que se dá tão bem, já começa imaginar agora se casando, se completando muito, né? Então assim, acho que as coisas que realizam muito...Que me realizaram muito com as outras pessoas, com as amizades em geral, acho que o namoro seria um caso especial disso, mas na amizade em geral de saber poder... Ter um laço por outra pessoa, a pessoa se interessar pela gente, poder se enriquecer com o mundo dela e vice e versa, então isso é uma... Coisa que dá muita alegria.

E.: E uma situação que te exigiu de mais, uma situação de stress negativo, uma situação que te deixou além da tua capacidade de resolver o problema.

M.B.: Eu diria duas assim. Uma que veio primeiro que foi, que me levou a um stress de uma depressão, algo que realmente foi o que me.... Tá.... Quando eu morava em São José dos Campos, fazendo o mestrado já, vamos dizer assim, perdi o controle um pouco, trabalhando de mais, querendo dar conta de tudo, querendo fazer tudo muito perfeito...

E.: Já no mestrado?

M.B.: No mestrado. Mas acabei no doutorado... No mestrado começou, eu fiquei ruim no doutorado de ter que parar e tals, mas eu fiz o mestrado e já embalei direto no doutorado, foi um ritmo muito frenético, praticamente não tive férias entre um e outro, o principal foi um ritmo interior de muita cobrança, muita exigência, e isso foi me desgastando; desgastando; desgastando; até que já trouxe um depressão que de fato, deu uma “pifada” assim, tive que parar, claro que foi um momento pesado, né? Então assim, foi assim, nesse tempo... Não foi um momento de mote; de infelicidade extrema; porque no fundo eu ainda estava querendo fazer um monte de coisas, mas claro, a energia acabou ali e tal...

E.: E como você tentava lidar com essas coisas? Sair disso e voltar pra alguma atividade, tinha alguma saída?

M.B.: Bom, foi um período longo, acho que assim, estou em uma fase mais tranquila, mas ainda tem uma caudinha disso... Mas eu diria que foi um processo muito trabalhoso e diário de se conhecer, e começar a perceber essas coisas, porque no fundo fui entrando nisso sem perceber, porque achava que estava tudo certo, mas eu falei: “Não, isso aqui é só um cansaço...”, mas foi um processo de me conhecer. E esse conhecimento, em uma primeira etapa, foi um processo de perceber que eu estava passando do ponto, que eu estava me cobrando demais, foi de desenvolver essa sensibilidade de perceber os meus limites... Bom, então vamos dizer assim, até quando eu tive que parar, pifei mesmo e fui pro hospital e tal, aí aos pouco fui: “O M., você tem que mudar esse eu jeitão, e não sei o que...”. A partir daí, ou mesmo antes, eu procurava colocar meios: “Ah, então vamos descansar, praticar algum esporte...”, pedindo ajuda pra Deus e luz, e a primeira ajuda que Deus resolveu, foi de uma forma desgastante, mas foi pro meu próprio amadurecimento, pra que eu pudesse humanamente ir experimentando isso, e ir desenvolvendo essa capacidade de perceber o limite das coisas, perceber a diferença do que deve ser feito; do que pode ser feito; e do que eu gostaria que fosse feito; então, é

um processo longo, né? No decorrer de anos que claro, no fim nunca acaba, até o final da vida a gente tem esse drama humano, mas...

Passando pra segunda fase, onde eu tinha mais claro esses meus... Ímpetos, essas minhas desordens, essas coisas de querer que minha vontade imperasse sobre a realidade, então cada vez mais eu fui percebendo e domando pouco a pouco, tudo com a graça de Deus. Vamos dizer assim, o que me levou a isso, uma coisa só, o que minha brilhante inteligência viu, e minha doce vontade foi aderir, porque não, foi batendo a cabeça... Mas vamos dizer assim, fica mais com a vontade de cada vez querendo e conseguindo, cada vez mais, e foi uma oportunidade de ouro mesmo, talvez a fase mais... E eu fui muito feliz ao mesmo tempo, porque custava... Custou bastante, e nesse meio tempo foi uma (inaudível em 43'10'') ? desse bolo meio azedo aí que foi um namoro em que a própria pessoa e, enfim, isso incomodou a própria pessoa, o que me fez sentir ainda mais frustrado, porque a pessoa esperava eu estar trabalhando, ficar de boa e tal... Essas experiências negativas, essas frustrações, custaram bastante, e foram dando elementos pra eu ver e chegar às coisas essenciais da vida, e do M. Ao mesmo tempo que me afligia, me dava uma serenidade, uma... Bom, ia realizando, uma felicidade que eu ficava tipo: “poxa, olha isso aqui! Isso aqui não é assim, isso aqui...”, enfim.

Isso aqui eu posso... Isso aqui estava muito animado em continuar sendo desse jeito, em continuar com esses planos, e a gente se distrai, né? Às vezes a gente acha que está tudo muito bem, que tem que ser assim, aí leva um golpe, ou alguma coisa muda, ou não acontece como a gente imagina, então diria que isso é um stress bom assim.

E.: Foi construtivo?

M.B.: Foi construtivo. Então...

E.: A fonte desse stress foi mais internas do que às próprias tensões do doutorado? Você lida bem com essa exigência de produtividade? Uma pressão mais interna, né?

M.B.: Sim, uma pressão mais interna. Eu ainda não digo que eu lido bem assim, bom, tudo bem que eu consigo... Mais ou menos no geral, em algumas coisas sim, porque consigo me exigir; consigo dar conta de certas coisas; ou diria até que consigo dar conta de vários aspectos do meu trabalho; e outros, alguns aspectos, onde essa cobrança me trava um pouco, então vamos dizer assim, certos prazos, provas, e coisas assim eu me

cobro muito, e sei que acabo me atrapalhando e não dou conta direito. Então... Diria que... Quero e me empenho pra cada vez mais continuar nesse caminho de aperfeiçoamento, pra lidar melhor mesmo, porque tem horas que às vezes isso me bloqueia um pouco.

E.: Certo. E tem conseguindo? Está melhorando?

M.B.: Estou melhorando, quer dizer, olha só, estava pensando esses dias que externamente as minhas condições atuais não são condições atuais pra estar muito tranquilo, porque estou sem trabalho remunerado; estou no começo de um namoro que você sempre ficar meio, né? E diante de uma moça que minha intuição diz, e ela também acha que a gente nasceu pra casar... Então acho que eu, há 10 anos atrás, nessa mesma situação estaria bem mais estressado, e me vejo, claro, estou um pouco mais ligado, um pouco mais agitado, acordo um pouco antes do despertador espontaneamente, mas, me vejo bem humorado, o exame de sangue melhor do que nunca, fiz agora, então diria que...

E.: Tem pra onde escapar, né? Mesmo estando em um momento de tensão, de stress...

M.B.: É, vejo mais possibilidades, vejo... Isso não está me sufocando..

E.: Certo. Beleza, perfeito!

Sujeito 5

Sexo: Masculino

Idade: 64

Estado Civil: Casado

Profissão: contador aposentado

Nome: NB.

Entrevistador (E):

E.: São questões bem simples, bem genéricas. Sua idade?

N.B.: Eu vou fazer dia 18 de março 64.

E.: 64...

N.B.: Já são 64, né? Falta 01 mês.

E.: É mesmo.. Já está na hora. A minha filha é dia 23, vai fazer 04.

N.B.: Na minha casa a C. é 11, o R. é 17 e eu sou 18.

E.: Nossa, todo mundo pertinho!

N.B.: Todo mundo lá é de Março, só a O. que é de Julho.

E.: Como que você diria quem você é?

N.B.: O que eu sou?

E.: Quem você é?

N.B.: Bom, atualmente eu sou uma pessoa que me considero feliz, uma pessoa que eu acho que sou alegre. Profissionalmente eu me aposentei, faço trabalhos voluntários, né? No casamento estou bem, como pai também acho que não fui 100%, mas acho que nos 70 eu fiquei (risos).

Na minha vida profissional eu fui contador da Cacique, acho que me dei uma bisca de ser 100%, porque teve uma época profissional na minha vida que eu me dediquei e trabalhei mais, cheguei a ficar até dois dias trabalhando direto no escritório. Deixei a casa, quer dizer, teve uma parte da minha vida em que eu me dediquei muito mais ao trabalho. Então por isso que eu falo que eu não sou 100%, sou uns 70, 60... (risos).

E.: E como você acha que as pessoas veem você? Como as pessoas te veem?

N.B.: Como elas me veem. Eu acho que assim como eu, faço o possível pra servir e ajudar às pessoas; estou sempre disposto a colaborar com o que possa ser; com o que possa fazer. Acho que me consideram uma pessoa boa, estou sempre disposta aí em tudo, tento ajudar, no condomínio sou do conselho fiscal, e estou sempre tentando a fazer algo, a ajudar às pessoas, então acho que as pessoas me veem como, como se você pode dizer, uma pessoa boa que está tentando fazer e ajudar o máximo possível a sociedade, e no que a gente tem que fazer por aí.

E.: A sua formação então é na contabilidade?

3:32 N.B.: É, eu fiz Ciências Contábeis; fiz duas pós-graduações; fiz um MBA que só faltou a tese, mas aí comecei a fazer consultoria e não deu mais tempo, e também como já.. Eu pensei em seguir também, já era o fim da minha carreira, então não me preocupei muito, então ficou faltando à tese e ficou por isso mesmo. Aliás, eu fiz duas pós-graduações, fiz uma em marketing; uma em recursos humanos; fiz uma em auditoria, fiz 03, fiz uma em auditoria. E fiz Ciências Contábeis, sou contador.

E.: E dentro da religião como é a tua caminhada, a tua formação?

N.B.: Tá. Na religião comecei sendo coroinha, fui coroinha até os 13 anos, aí comecei a participar de grupos de jovens, até a O. conheci no grupo de jovens, aí fiz vários, fiz Emaús; fiz cursilho; fiz curso de jovens; e sempre considerei a religião algo muito importante pra vida, considero que é um tripé: Físico, mente e espiritual, e se esse tripé não estiver.... Ele cai, tomba de um lado pro outro, e é o que acontece sempre. Então eu sei que, né? Tentei, não vou dizer que eu sou 100% porque não sou, sou 70, 60%. Tem muita coisa que a gente vai, apesar de, outra coisa que eu acho que a gente aprende é que você não pode ficar no chão. Caiu; levantou, caiu; levantou, e eu estou sempre caindo e levantando.

E.: Então, nesse “cair e levantar” assim, juntando a tua vida, a tua experiência, a religião, como que você vê o mundo, qual que é a tua função no mundo?

6:05 N.B.: Então, aí é que tá. O que nós temos que fazer? Que nem eu acho, o que é a nossa parte? É sempre fazer tudo da melhor maneira possível, servir as pessoas, se mostrar sempre disposto a caminhar, a ir pra frente, né? Nunca, que nem uma coisa assim, você ? 6:39 o que está pensando, em todos os planos mesmo, espiritual, profissional. Você sempre tem que pensar em ir pra frente.

Então o que a gente tem que fazer no mundo? Fazer aquilo que nos convém. O que você conseguir fazer pra melhorar alguma coisa, você já está fazendo muita coisa. É que a gente pensa sempre no grande, não no pequeno. O pouquinho que você vai fazendo é a mesma coisa que pensar naquele passarinho que vai jogando sempre, mas eu estou fazendo a minha parte, está resolvendo? Mas eu estou fazendo. Então o que a gente tem que sempre colocar é isso. Tanto na parte espiritual que você chegou pra um amigo e falou disso, você está fazendo a sua parte, é isso que, você no apostolado tem muito isso, em uma conversa que você faz, você já está dando a semente que aquela pessoa precisa, pode ser que não seja você que vai clarear, mas você ajudou, pode ser que uma outra pessoa, um outro vai chegar e clarear bem e ela vai ver o que tem que ser feito, mas cada um tem que fazer a sua parte, aquele pouco que você está fazendo é muito. Às vezes tem gente que fala: “Ahh, quero fazer aquilo mas num dá então ponto”, não! Ao chegar ali eu tenho que ir fazendo devagarzinho, não chegar de uma vez. E aí as pessoas pensam muito nisso, no grande, tem que pensar no pequeno.

O nosso dia a dia é mais importante do que se você pensar no futuro, então isso é muito importante pra gente começar a pensar, se eu viver bem o meu dia, estarei indo pro futuro.

E.: E isso ajuda muito a gente a enfrentar os obstáculos.

N.B.: Se você for cada dia enfrentando os obstáculos e vencendo, você vai chegar. Agora se você começar a ver um obstáculo enorme e falar: “Não vai dar, não vou conseguir”, você não consegue mesmo, então é isso que, principalmente, nós não estamos muito acostumados no dia a dia, a gente fica pensando: “Ahh quando eu me aposentar...” até você chegar lá o que você vai fazer? Tem que começar em tudo: “Quando eu me aposentar eu vou ajudar alguém”. Não! Você tem que começar a fazer isso agora. “Quando eu me aposentar eu vou começar a me dedicar mais na minha vida espiritual”. Não! É todo dia, né? É você começar. E isso é interessante. Na família é isso. “Eu to guardando pra minha filha começar a ir pra faculdade”, não! Se você der apoio pra ela, explicar e não sei o que mais, ela tá indo pra faculdade! Mas é no seu dia a dia, e é isso pras pessoas também. Nós vivemos em um mundo muito materialista, então o cara pensa que ele tendo dinheiro; que ele ganhando dinheiro, o resto está pronto pra ele. Às vezes a própria família nem quer isso, se ele ficasse mais em casa era melhor do que ele ficar ganhando dinheiro por aí. Então são todas as coisas que a gente precisa pensar, meditar muito, e ver o que tem que ser feito e seguir um caminho. Mas tudo isso vai depender muito do que é mais importante pra você, pra tua família, pelo o que você quer, e não seguir o mundo do “ahh, vamos ganhar dinheiro, vamos ganhar!”, sei lá se isso é mais importante.

E.: Você se lembra de uma situação que te deixou muito feliz? Fora do normal, extremamente feliz?

10:53 N.B.: Uma coisa que me deixou muito feliz?

E.: É, uma situação.

11:01 N.B.: Nossa, até que teve bastante. Deixa eu pensar em uma em que eu fiquei muito feliz.

E.: Porque quando a gente pensa em stress, a gente pensa em adaptação. Então as pessoas imaginam o stress só como a parte ruim, né? Mas essa adaptação de uma coisa boa, algo que eu tenha que me adaptar também gera stress.

N.B.: Sim, eu acho que o stress, tanto nas partes boas quanto nas ruins você fica estressado.

E.: Vai virar stress.

N.B.: Vamos supor, uma coisa que aconteceu há pouco tempo, o casamento do meu filho. Foi algo que me deixou muito feliz. Mas sabe, eu fiquei, até com coisas bobas, você começa a ficar estressado. Que nem quando eu tinha que fazer um procedimento cirúrgico, que acabei não fazendo, né? Que eram as minhas pedrinhas, aí eu fiquei meio estressado e pensei: “Pow, e se chegar na hora do casamento do meu filho e eu ficar... A pedra resolver cair?” Aí quando chega na hora e não acontece nada você fica (suspiro), “que bom!”.

Mas são coisas que você fala: “Pow, o que tem uma coisa a ver com a outra?”, mas aqui começou, eu teria que fazer em Maio, aí quebrou a máquina, aí o medico disse que “quebrou”, chegou Junho... Aí você fica: “pow, e se a pedrinha resolver...”.

E.: E ele casou quando?

N.B.: Casou em junho, entende? Então são umas coisas assim que no momento não tem nada a ver, mas você se preocupa, entende? É interessante isso. Mas a alegria também teria stress, eu acho. Você fica meio suando; entende? Que é uma coisa assim que você quer mostrar; quer ver; você vê toda aquela alegria; você vê uma coisa que eles trabalharam muito pra fazer aquele casamento. Então é interessante. Você vê que com coisas ruins você também se estressa.

E.: E uma situação que exigiu demais, de stress negativo?

N.B.: Do stress negativo.... Aí foi um ano que foi até interessante, foi um ano que foi muito complicado, e meu deu um stress assim que eu não dormia; não comia direito... Aí o que aconteceu? Começou a nascer bolha na ponta do meu pé, eu comecei a andar assim... Aí eu fui no médico e ele até falou: “Isso aí é stress!”, aí eu fiquei: “Mas stress no pé?”, aí ele falou: “Sorte sua! Tem gente que tem no coração e morre” (risos), “tá no pé, tá bom!”.

Mas então, eu fui assim porque juntou muita coisa...

E.: E quando foi isso?

N.B.: Ahh, isso aí deve estar fazendo uns 08 anos. E foi uma situação assim, tudo atrasou! Porque a contabilidade, a parte que eu fazia era praticamente o encerramento do balanço. Então se um atrasa aqui, outro atrasa ali, a hora que chega pra você fazer, se você tinha 30 dias pra fazer, agora você tem 15, porque todo mundo atrasou, mas você não pode. Você tem um prazo lá, hoje a CVN, todo mundo dá, aquele prazo é 30 de abril, então é 30 de abril. Se o cara te entregou dia 29 de abril você tem que fazer qualquer coisa, porque dia 30 tem que estar no jornal. Então criou mesmo, aquele ano lá eu não dormia; porque começou a atrasar tudo; aí eu fiquei com essas bombas tudo.

E.: E como foi que você fez pra diminuir, pra tentar diminuir essa pressão, esse stress?

N.B.: É como eu te digo, só tem uma coisa, é fazer! Eu tinha que fazer a coisa, então aí o que aconteceu, quando eu tive os dados e comecei a fazer, aí eu comecei a ficar: “Então tudo bem, nem que eu tiver que trabalhar até a meia noite” e tudo, mas aí você vai “Ah, então dá! Tenho que fazer isso, tenho que fazer aquilo...”, e você vai fazendo, mas o stress é exatamente isso, quando você não tem o domínio ainda do que você vai fazer, entendeu? Vamos supor que nem: Eu preciso estar com todos os dados pra fazer, enquanto eu não estiver com os dados, eu não sei o que eu tenho.

E.: Estava fora do seu controle.

N.B.: É! Agora, quando começa a ficar dentro do teu controle, aí você fala: “Bom, agora eu vou ter 20 dias pra fazer, então agora vamos lá!”.

E.: Pelo menos você sabe que são 20 dias!

N.B.: É, entendeu?! Se tem 07, é 07.

E.: Algum controle tem.

N.B.: É! Mas enquanto você não tem a coisa exatamente no teu controle, né? Aí é que a coisa fica complicada, porque você não sabe as decisões pra tomar, porque você vai fazer alguma coisa e fica: “Pow, sem os dados eu não consigo fazer mais nada.”.

E.: E você viu nitidamente que começou a melhorar até?

N.B.: Sim! Porque aí é exatamente isso. Quando você tem o controle da coisa, você não tem porque ficar estressado. Agora o que acontece com a maioria das pessoas, o stress acontece exatamente nisso, a pessoa fica “tão”, que não vê saída, entende? E não, você tem que começar a procurar saída. E você pode ver, mesmo no 17:19 ? a pessoa estressada é aquele que quando também chega as coisas ao invés dele falar: “Bom, vamos pegar?”, ele começa (batida): “Pow! O cara demorou mais de uma semana”, aí ele perde mais tempo xingando os caras, do que fazendo.

E.: Reclamando do que fazendo.

N.B.: É, então, aí é que tá, o que eu acho que tem que ser feito é isso. Quando a coisa está no seu controle, mesmo que você não conseguir, ou que você tenha a probabilidade de erro muito maior, você tem que seguir teu caminho, não adianta eu ficar, depois que tenho tudo, ficar xingando todo mundo porque demorou, já foi, entende? É isso que eu acho, e o que a gente tem que fazer é isso também, é não deixar pra lá. O teu departamento demorou e tal, mas aconteceu isso, isso e isso, as pessoas também, eu nunca esqueço, houve algo muito interessante, a contabilidade o que é, é o fim de tudo, então deu tudo errado lá, vai cair aqui, então tem os sistemas acoplados e não sei o que, então tem sempre aquilo lá.

Eu sei que quando o Compras fazia as coisas, eles tinham que apertar uma “setinha” lá, que aquele comando é o que faria com que as coisas viessem para a contabilidade certo. E também os caras tem que fazer tudo muito rápido. Então o C. deu um comando uma vez e não aconteceu nada, ~ahh, tudo bem!~, aí começou a ir tudo errado lá pra contabilidade, aí você fica estressado, mas não adianta! Eu fui lá e falei: “Você tá vendo aqui? Quando você não deu esse ‘comandozinho’ aqui, aconteceu isso, isso, isso, isso, isso e isso”.

E.: Em cadeia.

N.B.: É! Aí chegou lá pra nós e o cara falou: “Pow, mas eu não sabia! Ninguém me explicou isso!”, aí nunca mais o cara.... Não adianta! Eu também sou um cara mais calmo, até nunca esqueço de uma vez também em um problema com o RH que tinha uma moça que fazia tudo errado, aí eu fiz a mesma coisa, falei: “olha, está vendo?”, só que foi ao contrário, aquela dá vontade de sair xingando, falou: “olha, que bom! Se não tivesse vocês da contabilidade...”, eu falei: “pow minha filha, não foi isso que eu vim fazer!” (risos).

E.: Ela achou que você foi fazer limpeza.

N.B.: “Se não fosse vocês da contabilidade o que seria de mim?!” (risos). Então o que é, você também tem que ver isso, porque tem pessoas que tem um stress assim muito.... Uma vez também eu tive um caso, até é um amigo meu, mas... Foi um que eu tinha que mandar um relatório pra ele, mas foi em um mês, e eu fui mandar o relatório e teve um problema no departamento dele e não tinha ninguém, aí “depois eu mando” e esqueci e não mandei. Meu, o cara veio e xingou, e tal. Eu acho que a gente vê que no caminho tem isso. Quando você faz alguma coisa e você fica nervoso, você tem dois problemas: Você fez um monte de besteira porque você falou, xingou e não sei o que; e aí depois de tudo isso, de fazer um blábláblá danado, você tem que se acalmar e voltar atrás.

E.: Dois trabalhos.

N.B.: É! Não adianta, entende? Então eu acho que, o stress afeta tudo, afeta a sua saúde.

E.: Isso é verdade.

N.B.: Diretamente! E você não sabe quando que você vai ficar estressado, isso é interessante também. Agora você tem que ter algum jeito pra dominar, eu tento dominar, né? Mas é algo que está aí na nossa vida.

E.: Exatamente! A gente não foge do stress, a gente se adapta a ele. Tem que ter saídas pra se adaptar e lidar com ele, administrar.

N.B.: É, eu acho que a gente tem que se conhecer, eu acho. Então vamos supor, que nem eu, eu sou um cara meio quietão. Então eu comecei a ver isso e comecei a falar com as pessoas, porque eu pegava, guardava tudo pra mim, resolvia e pronto, só que com aquilo lá você fica... Então agora chego tipo assim: “Olha, por favor. Aconteceu isso e tal, olha...”, aí isso não piora, mas melhora o relacionamento com as pessoas, entende? É uma coisa meio interessante. Mas tem cara que fala: “Ahh, eu vou falar, mas o cara...”, não! Só que agora, você vai lá e: “P***** meu, você errou tudo lá!”, não! “Olha, está vendo isso aqui?...”, e às vezes, tem muito, principalmente na parte profissional você vê muito isso, tem muita gente que faz as coisas e não sabe o porquê. Quando eu vim aqui pra Londrina foi muito interessante, eu peguei uma pessoa e falei: “Escuta, por que você faz isso?”, com a resposta da pessoa eu fiquei... Ela falou assim: “Eu estou há 20 anos dentro desse departamento, me ensinaram assim, sempre fiz assim e pronto.”, falei “Ah é? Pow, legal. Então é o seguinte, vou te dar 03 horas pra você

ficar pensando, depois você vai lá na minha sala e vai me dizer o porquê que você faz isso”. Aí o cara ficou e tal, depois ele foi e disse “é por causa disso!”, aí eu falei: “Viu? Você sabe! E por que me dá uma resposta dessa?”, “Ahh, eu faço isso há 20 anos, e é assim e pronto.”. Você tem que saber o porquê das coisas, entende?

E.: É o se conhecer, né?

N.B.: É o se conhecer. Porque é muito mais fácil eu falar pra você “me ensinaram assim e acabou.”, não preciso pensar.

E.: Exatamente. Autoconhecimento. Certo N.? Era isso, muito obrigado! Excelente!

Sujeito 6

Sexo: Feminino

Idade: 60

Estado Civil: Casada

Profissão: diretora do ensino infantil

Nome: O.B.

Entrevistador (E):

E.: Só pra anotar, sua idade O.?

O.B.: Eu tenho 60 anos.

E.: 60... Casada?

O.B.: Sim.

E.: Fale sobre você. Como que você se apresenta?

O.B.: Eu me apresento como esposa; mãe; profissional; aposentada, mas atuante... Assim (risos), é a minha forma de me apresentar, de certa forma, essa sou eu.

E.: Como você se vê?

O.B.: Como eu me vejo... Eu me vejo uma mulher ativa; uma mulher que busca estar ativa, principalmente na família que às vezes poderia ser um pouco mais presente e acabo não sendo tão presente, mas seria a minha prioridade de tempo, se fosse possível, integral, mas como nunca foi possível por conta mesmo da demanda dessa nossa sociedade então, sempre trabalhei.

Meu marido.... Meu namorado me conheceu trabalhando.

E.: Trabalhando já?

O.B.: (Risos) Então sempre. Até hoje.

E.: Quantos anos de casado?

O.B.: Nós este ano completaremos 37 anos.

E.: 37.... E como você acha que as pessoas te veem?

O.B.: Como as pessoas me veem..... Meu Deus do céu... Isso é difícil, né? Assim, de certa forma me veem calma, o que eu não sou. Me veem simpática, disponível, o que nem sempre é verdade. E assim, é o que realmente a gente pela convivência, pela forma que a gente... Pelo encargo, pelo trabalho, é como as pessoas também devem me ver.

E.: E a sua formação, de onde você vem?

O.B.: Eu venho de São Paulo, sempre quis fazer letras, fiz letras na Universidade de São Paulo, fiz Alemão, Espanhol e Português, trabalhei como professora a vida inteira, tentei outra profissão mas não consegui (risos), então eu fui tradutora e professora. A tradução eu deixei, mas como professora eu nunca consegui parar (risos).

E.: Como você vê a sua função no mundo? Dentro dessa tua história, dentro dessa construção... Qual é a sua posição no mundo, pra que a gente serve no mundo?

O.B.: Pra servir. Eu estou aqui só pra servir. Às vezes a nossa tendência humana é de buscar o prazer individual, o que alguém pode me dar. Mas existe toda uma missão de vida que é de servir.

E.: Certo. Uma situação que você lembra que te deixou muito feliz, acima do normal. Porque a gente trabalha com stress, e às vezes a gente pensa que stress é só o negativo.

O.B.: Ah, e tem o positivo...

E.: Tem o positivo.

O.B.: Lá vou eu, né? Mas tem duas situações extremas, de extrema felicidade. Tem o dia do meu casamento que minhas amigas falavam: “Nunca vi uma noiva tão feliz” (risos), amigas da minha mãe diziam a mesma coisa; e quando C. e R. nasceram. Acho que não tiveram dias mais felizes.

E.: E como que você costuma lidar com essas situações de felicidade?

O.B.: Eu acho que eu tenho algum tipo de hormônio (risos) que vai assim, meio que sendo liberado, e que eu consigo, e eu faço questão de vivenciar pra não ficar “out”, então eu quero vivenciar. Então eu acho que esse hormônio, por graça de Deus, vai sendo liberado pra que eu realmente possa estar consciente o máximo que eu puder e aproveitar. Mesmo sob o efeito de anestesia, ou coisa parecida.

E.: E uma situação que tenha exigido demais, uma situação de stress grande, que passou do limite da tua capacidade de coordenar.

O.B.: Foi quando eu soube do falecimento do meu pai, em que eu estava dentro de um trem na Europa. Aí foi complicado. Foi complicado, era uma noite no trem, eu e meu marido e assim, pedindo a Deus mesmo que me dissesse o que Ele estava querendo de mim, ou exigindo de mim naquele momento. Me deu uma tremenda dor de barriga na hora, eu tive que procurar, e nunca havia usado um sanitário de trem, uma coisa horrível, mas isso foi uma forma ainda... Tinha um casal na nossa frente e ela não conseguia dormir, aí eu peguei e dei o pescoço pra ela dormir um pouquinho porque eu pensei comigo: “Não vou dormir mais”, aí N. também, acordei ele, né? Aí foi assim muito eu chegar a Madrid e querer procurar uma forma de poder voltar para o Brasil e não conseguir encontrar de imediato, então foi assim, minha família, minha mãe querendo que eu voltasse para o Brasil, mas assim, foi muita oração e muita gente em oração. Eu lembro da minha filha perguntar: “Mãe, você conseguiu descansar um pouco?”, e eu falei: “Não, eu estou aqui brigando com o vovô que resolveu ir embora antes de eu voltar, com Dom Álvaro, porque eu vim para a beatificação dele, e com Nossa Senhora de Fátima, porque eu estava lá quando o vovô foi embora”. Eu disse meio brigando, mas eu estava conversando com eles. Então foi o que me sustentou e me trouxe, mesmo com sofrimento, mas eu consegui voltar, estar presente no velório e...

E.: Conseguiu?

O.B.: Consegui! N. não conseguiu, mas nós conseguimos por milagre.

E.: Aham... Veio sozinha?

O.B.: Vim sozinha, em um voo muito ruim, mas foi o que a gente achou e pronto. Mas o que eu queria era voltar e assim, foi bom para fazer apostolado dentro do avião, porque eu pude falar a minha experiência pra duas brasileiras que, não sei que situação viviam

lá na Europa, estavam voltando e uma delas muito devota de Nossa Senhora de Fátima, mas afastada da Igreja. Então eu pude contar pra ela e ela falou: “Nossa, quando eu voltar”, ela estava voltando de férias para o Brasil, “vou querer ir à Fátima novamente”. Então a gente aproveita, por isso a gente tem que servir, só isso.

E.: E foi isso que te ajudou a sair dessa situação de stress?

O.B.: Sim. Não pensar muito em mim. Acho que toda a situação de stress se você ficar fazendo como a mariposa que fica em volta da lampadinha. Se eu fizer de mim uma luzinha intermitente, eu vou ficar só em torno de mim mesmo. Então foi o que me ajudou.

E.: É isso.

O.B.: Já? (risos).

Sujeito 7

Sexo: Feminino

Idade: 49

Estado Civil: Casada

Profissão: coordenadora pedagógica.

Nome: A.P

Entrevistador (E):

E.: Bem, é pra você se apresentar, como você se apresentaria?

A.P.: Como que eu me apresento? Como que eu me apresento pra você, como que eu me apresento depende o público...

E.: Quem é você?

A.P.: Então, eu sou a A.P., engraçado, né? A gente acaba falando... Se fosse em um evento social eualaria: “Então, eu sou a A.!” e as pessoas: “Aí, e o que você faz?”, “então, eu sou coordenadora pedagógica, tenho 05 filhos”.

As pessoas então, quem sou eu? Eu sou a A.P., sou mãe de família, tenho 05 filhos, sou casada há 27 anos.

E.: Sua idade A.?

A.P.: 49. Tenho filhos de 26 a 12 anos de idade, 04 meninos e 01 menina, e eu sou coordenadora pedagógica de uma Educação Infantil no centro de Educação Infantil ... que trabalha, atualmente, com Educação Infantil apenas, e é um trabalho muito voltado à família, então eu diria que acho que sou uma grande apoiadora; amante; encorajadora das famílias. Acho que é isso.

E.: E como que as pessoas te veem?

A.P.: É enraçado, as pessoas me veem... Família me vê de um jeito. As pessoas me veem como determinada, e isso é bem bacana, como uma pessoa que elas podem confiar, mesmo em casa, com todos os “quiproquês” que tem, porque em casa, às vezes você fala umas coisas e não é muito bem ouvida, principalmente filho adolescente, essa fase toda, você tem que saber como, mas é muito bacana Mauro, porque eles: “A mãe faz! A mãe fala e a mãe faz!”, então acho que é assim, é mais ou menos isso mesmo que as pessoas falam: “Nossa, a A. falou e ela vai fazer acontecer”. Às vezes não está em nossas mãos, mas o que eu tiver que fazer Mauro, se eu botar uma coisa na cabeça e estiver ao meu alcance, acho que isso que... É isso que move o ser humano, entendeu? Acho que ninguém está aqui na Terra à toa, acho que todo mundo tem uma missão pra cumprir, veio pra cá com um propósito, e você tem que descobrir qual que é o teu propósito, e não é um propósito só “grande”, a longo prazo, também, mas a vida é feita de pequenos passos que vão te levando a ir cumprindo no dia a dia aquilo que você deve cumprir, aquilo pra o qual você está aqui, entendeu? Seja em casa, seja no trabalho, seja na amizade, nos momentos de dificuldade com os seus amigos, eu penso que é isso.

E.: E a sua formação? Da onde você veio?

A.P.: Então, eu sou professora graduada em letras, anglo, pela Universidade Estadual de Londrina, eu trabalhei como professora de língua inglesa por 21 anos no cultural, também fui coordenadora lá dos cursos avançados, fui treinadora de professores. Aí teve uma época lá Mauro, em que minha vida familiar corria tão bacana, eu ia tendo os filhos nas várias idades e eu ia dando aula pra crianças e adolescentes, porque o que fez a grande mudança na minha vida foi uma menina, uma adolescente que tinha muito problema em família, e eu via aquela menina e pensava: “Meu Deus! Se fosse minha filha...”.

E aí Mauro, eu decidi me aprofundar em orientação familiar, eu já tinha leituras, mas aí, eu já tinha leituras, tinha acesso àquela revista “ser família”, não sei se você conhece, sempre gostei muito dessa área da psicologia. Não fiz psicologia por uma bobagem Mauro, quando me falaram que eu ia ter que fazer aula de anatomia.

E.: Sério?

A.P.: Sério, eu falei que não! Que isso não era pra mim não, que eu não queria. E aí, bom, sempre me interessou leituras dentro dessa área, e aí fiz orientação familiar, entrei em contato com a D. P., que tem mestrado em orientação familiar pela Universidade de Navarro na Espanha, aí entrei por e-mail, e ela indicou uma pós graduação em Ponta Grossa, em Curitiba, desculpa, feita pela Universidade de Ponta Grossa, o EPG, juntamente com o instituto de Laçabana, que é da Colômbia, ligado à Universidade de Laçabana na Colômbia tem um instituto da família. E aí em união, Universidade Estadual de Ponta Grossa e Universidade Laçabana, eles montaram esse curso em desenvolvimento pessoal e familiar, que te abre várias abas assim, você poderia trabalhar ou dentro da escola, ou com famílias, e aí eu decidi que iria trabalhar com famílias. Aí eu decidi que ia trabalhar com famílias, continuei no Cultural por mais um tempo, saí, continuei dando minhas aulas particulares, até pra poder pagar o curso, e aí eu terminei a pós e quis começar a atuar junto com uma amiga, nós fizemos juntas pequenos cursos, e o que aconteceu? Não é fácil você entrar em uma escola e oferecer um curso, por exemplo, né? Por N motivos. A nossa cultura, às vezes eu acho, é uma cultura Mauro, que não é preventiva, ela é paliativa: “Vamos apagar o fogo; vamos apagar incêndio”, não é verdade?

E.: A psicologia também.

A.P.: É. E é! E aí o que acontecia era isso, e a orientação familiar trabalha no preventivo, né? Antes que o problema se estabeleça, porque às vezes o problema está estabelecido de um jeito que você vai para a terapia, vai pro psicólogo, porque você já desenvolveu uma série de comportamentos, ou já tem lá uma raiz que ficou lá atrás que precisa ser curada, que precisa ser resolvida, né? Mas assim, me encanta. E aí o que aconteceu foi que nesse meio tempo, surgiu o navegantes. Os membros da associação, o sr. N., eles fizeram esse convite para mim.

E.: Com educação infantil?

A.P.: Com educação infantil. E eu já tinha dado aula, dei aula pra criança de 03 anos, e amava trabalhar com crianças, mas Educação Infantil, tanto é que eu fiz daí uma pós, eu precisava fazer pela posição que iria ocupar aqui, em gestão escolar. E aí eu fiz essa pós, e durante o tempo que eu fiz essa pós, a gente foi estruturando a escola, estudando todos os dias, fazendo reuniões semanais, tanto eu com a O., quanto com os membros da associação na área administrativa, e duas professoras que começaram conosco, inclusive uma delas a K. que está conosco até hoje. Então é assim Mauro, aí fui me aprofundando no nosso modelo educativo, fazendo os cursos que o solar oferece, se Deus quiser parece que está rolando um estágio em Barcelona em uma das escolas no modelo educativo ao qual a gente segue. E é isso, essa é a minha formação hoje.

E.: E dentro da Igreja?

A.P.: Dentro da Igreja a minha atuação então. Eu sou do Opus Dei, e na verdade já participei da renovação há algum tempo, participo da paróquia Coração de Maria, não participo em nenhuma pastoral lá porque não dá tempo, porque pro meu trabalho profissional e as demandas que eu tenho, não permitem que eu... Mas isso não quer dizer que a gente, acho que eu falava pra você, em cada lugar que nós estamos, o que eu posso fazer? Em que eu posso ajudar? Como posso ajudar? Então assim, tento estar sempre atenta. Ali na paróquia, apesar de não estar com nenhuma pastoral, vira e mexe estou dando toques, conheço todas, conheço o coordenador de todas, aí às vezes eu vejo um curso que pode ser interessante pra uma e mando um whats, vejo pra um outro e mando um whats... Então é assim, essa é a minha atuação. Pra mim é muito importante a fé, é uma dimensão, eu acredito firmemente nessa ideia, não estaria aqui no navegantes se eu não acreditasse no desenvolvimento do ser humano nas 05 dimensões, e entre às quais, a transcendental é a mais importante, que dá suporte a todas as outras. Enfim, na verdade uma vai completando a outra, né? É tão bacana, gosto muito de Filosofia, de Antropologia também, e eu acho que a Psicologia junto com a Filosofia e a Antropologia, fazem uma grande equipe, aí eu procuro sempre estar me desenvolvendo e lendo.

E.: É uma estrutura de conhecimento, né?

A.P.: É! Mais completa, que completa o outro.

E.: Exatamente. Bem, a gente fala de stress, nessa estrutura da vida aí, nessa visão sua de vida, você lembra de uma situação que te deixou muito feliz?

A.P.: Muito feliz?

E.: Acima do normal.

9:45 A.P.: Acima do normal... Mas gente são tantas! Mauro, eu não sou uma pessoa, é tão legal isso, às vezes eu vou olhar um céu, não o de hoje (risos), normalmente, do nada, então eu olho aquele céu azul, eu olho aquele sol brilhando, passo do lado do lago e vejo aquelas pessoas andando, eu falo assim: “Meu Deus! Como que as pessoas não veem essa beleza? Como que as pessoas não conseguem...”, e isso me deixa extremamente feliz, isso me deixa muito feliz, e muito relaxada, e vem mesmo! É uma felicidade... Obviamente que quando tive meus filhos, né? Quando me casei... Acho que eu estava feliz, mas era um misto de sensações, de sentimentos que até meio que obscureciam um pouco a felicidade, então por exemplo, o nervosismo, deu um negócio errado e eu me perdi do meu pai.

E.: No casamento?

A.P.: Antes do casamento (risos). Meu pai foi me buscar no prédio errado, ele estava tão nervoso! Eu estava me arrumando no apartamento onde eu iria morar, e eram dois blocos. E ele tão nervoso foi me buscar e tocava o interfone errado, do outro bloco, e eu olhando, Mauro, não tinha celular naquela época. Meu pai não vinha me buscar, e tinha uma padre que tinha a fama de muito bravo aqui em Londrina, e se a noiva chegasse atrasada, ele não casava (risos). Se você perguntar qual foi a pior situação de stress da sua vida, eu vou falar que foi essa.

E.: E é o que eu vou perguntar (risos).

A.P.: Ah, então já estou respondendo. Mauro, mas mesmo nessa situação, o que eu fiz? Porque eu sempre procuro manter a razão, então o que eu fiz, o que eu quero nesse momento da minha vida? Ah, desculpa, posso ir já atravessando eu ir pra outra resposta?

E.: Pode!

A.P.: Eu me lembro que eu estava com a minha cabeleireira. Porque eu ligava na minha casa e ninguém atendia. Na casa do meu sogro, e depois eu fiquei sabendo que estava todo mundo desesperado na Igreja, gente, celular é a melhor coisa que inventaram (risos). Aí Mauro, eu peguei, eu toda arrumada, eu pensei: “Bom, eu não sei o que

aconteceu com meu pai, tenho que manter a calma...”, aí eu virei e falei assim: “Eu só tenho duas escolhas, eu quero casar ou eu quero...”; e eu falei assim: “Não, eu vou pra igreja!”, virei e eu nunca me esqueço, até hoje, eu virei pra minha cabelereira, que tinha me arrumado, e falei: “Você está de carro?”, e ela falou: (inaudível).12:23, e eu estava com uma grinalda, com um negócio enorme aqui na cabeça atrás, e eu sou pequena, né? Imagina, 1,76m com um vestido que tinha um rabo, com um véu enorme: “ Você me leva pro casamento? Eu vou entrar! Nem que eu tenha que entrar sem o meu pai, porque eu quero me casar”.

E.: Porque você não sabia onde ele estava.

A.P.: Eu não sabia onde ele estava, coloquei nas mãos de Deus, e naquela época eu nem era muito de Igreja, mas coloquei nas mãos de Deus de qualquer maneira, é tão bonito isso que a gente traz, né? Lá de traz, sempre vai ficar. E aí, menino, eu nunca me esqueço, eu casei na Rainha dos Apóstolos, ela parou no sinaleiro, até hoje tem aquele sinaleiro na frente da Rainha, né? Aí eu... Não, mentira, ela fez a volta e me deixou na Igreja, eu saí e eu só escutei: “A!”, muito de longe, quando eu virei, parecia cena de novela, do outro lado da rua, da rotatória que tem um posto de gasolina, o meu pai me viu saindo, porque o que aconteceu? Ele ficou tocando igual louco, tocando, tocando e tocando e não conseguia falar, aí ele começou a gritar e a chamar meu nome, aí o porteiro saiu pra saber o que era com esse senhor, né? Saiu o porteiro do prédio dele e do meu, e aí então ele falou: “Senhor, o que foi?”, e ele respondeu: “Estou procurando minha filha, uma noiva! Acabou de sair uma noiva aqui agora em um gol”. E meu pai então foi atrás. Na hora que, Mauro, que eu vi o meu pai, parecia realmente cena de novela, eu estava na porta da Igreja e veio uma amiga minha me cumprimentar e assim, eu nem consegui dar atenção pra ela, pedi desculpas e falei: “Olha, eu não estou conseguindo...”, aí no que eu olhei e escutei a voz dele, aí Mauro, eu desabei, aí eu chorava, e eu entrei na Igreja com o olho super vermelho (risos), mas feliz! Foi à situação de stress máxima. E eu com meia hora de atraso e o padre fez o casamento, não estava com uma cara muito feliz, mas ele fez o casamento (risos).

E.: E você manteve a calma? Até essa hora?

A.P.: Olha, que coisa Mauro, eu mantive a calma. Eu...

E.: Racionalizou?

A.P.: É. Eu sou uma pessoa assim, há momentos então, o que acontece? É engraçado, de novo isso. Quando eu perdi a minha avó, que era uma pessoa muito presente na minha vida, as duas avós, uma não era porque meu pai é português, e a família dele toda é de Portugal, e eu tive 01 contato com essa avó portuguesa, mas foi um contato muito forte, durante 03 meses eu fiquei em Portugal, a gente ficou em família lá, e tivemos um convívio muito bacana, e ela fazia todas as minhas vontades, e ela foi uma pessoa que marcou a minha vida de criança, 03 anos e meio... Ela faleceu e eu ainda era pequena, devia ter uns 05, 07 anos, não derramei 01 lágrima, não conseguia chorar, em compensação por dentro, só Deus sabe, e saíram manchas em mim, manchas roxas pelo corpo. Então assim, você fala: “Você mantém a calma?”, eu digo que sim, aparentemente eu mantenho, por dentro e corpo aí... (risos).

Vira e mexe eu estou com psoríase, vira e mexe... Mas tudo bem, mas eu vou sempre tratando, mas é uma forma do corpo disse: “A., está indo longe demais. Olha essa escamação da pele aqui”. É isso, então isso me sinaliza. Ainda bem que ele vai mandando pra fora de alguma forma. Gosto muito da homeopatia por isso, funciona em mim, eu penso isso, o nosso corpo vai mandando sinais e ele vai dando um jeito de descarregar aquilo que está sendo demais pra você, você só precisa entender essa linguagem e cada um saber o que re-energiza, porque eu acho isso muito importante. Procuro que no meu dia a dia Mauro, mesmo que, por exemplo, as demandas sejam grandes demais, eu não vou deixar de ver uma amiga, de tomar um café com ela, de sair com um grupo, de tomar uma cervejinha, porque eu sei que isso é necessário, pro meu equilíbrio, pra que eu possa trabalhar da forma que eu preciso trabalhar. Quando eu falo trabalhar eu não digo trabalhar na escola só, eu digo em ser a mulher que eu preciso ser pro meu marido, é ser a mãe que eu tenho que ser pros meus filhos, é ser a amiga que eu tenho que ser pras minhas amigas, é ser, enfim, é isso.

E.: A gente usa muito o termo “to cope”.

A.P.: Isso!

E.: É você dar conta, os mecanismos de *coping* , é uma forma de dar conta.

A.P.: Isso. Que bacana!

E.: Você acha que essas são as suas saídas?

A.P.: São minhas saídas, e a oração. Eu tenho que ter, obviamente, um tempo de oração diário. A ordem pra mim é muito importante, isso é uma coisa que eu aprendi no Opus Dei que é fantástico.

E.: Como virtude.

A.P.: Como virtude que é fantástico. São duas frases que são importantes pra mim de dois grandes sábios, um José Maria Escrivá que é: “Guarde a ordem, faz o que deve e está no que fazes”; e outra que é Santo Agostinho: “Guarda a ordem e ela te guardará”. Essas duas juntas, então, “faz o que deves e está no que fazes”, então agora é hora de estar aqui conversando com você.

E.: Estar inteiramente aqui.

A.P.: Não adianta eu ficar pensando em outra coisa, eu não vou me dedicar a você, e vou criar um stress, eu vou criar um stress, pra mim pelo menos. Eu acho que a grande maioria das pessoas que estão nessa loucura, eu acho que elas não se concentraram, e não fizeram o que tinham que fazer naquela hora, aí fica aquela sensação de frustração misturada com culpa, misturada com nervoso e pronto, aí dá o “burnout”, sei lá, eu penso.

E.: Isso.

A.P.: E o “guarda a ordem e a ordem te guardará”, então isso, se eu tenho que estudar Mauro, aí vira e mexe aparecem uns cursos online, mesmo os da psicologia, aí eu: “Nossa, esse é super legal.... Não, calma. São 60 hrs A., agora infelizmente não dá. Agora você tem que focar em outras coisas, agora o navegantes tá começando, você tem tal e tal coisa...”, entende? Eu penso que isso que me ajuda a me manter sã, entendeu?

E.: Sim!

A.P.: Assim como os momentos em que eu vou estar com Deus, que eu vou estar me abastecendo, são de suma importância também. Acho que a gente tem que alimentar cada parte da nossa vida, o físico, o afetivo, o intelectual, o social e o transcendental.

E.: Perfeito. E tem funcionado?

A.P.: Tem funcionado. Muito!

E.: Porquê o stress é grande, né?

A.P.: E não é? Eu costumo a brincar às vezes lá em casa, quando minhas coisas acontecem, aí eu falo assim: “Alguém tem que manter a sanidade”, então tem que ser eu, porque às vezes eu vejo um lá desesperado com uma coisa, outro com outra, coisas

do dia a dia, de uma família grande, né? Às vezes um marido que, coitado, não sabe lidar com uma determinada situação eu falava: “Ah não, ele tá perdido ali, ou ela tá perdida lá...”, mas não, alguém tem que manter a sanidade, mostrar o caminho, tem que se acalmar. Ninguém resolve nada estressado, desesperado Mauro, ninguém! Então tome um copo d’água, sei lá, você tem fé? Vai lá pra sua Igreja, vai rezar; você é, sei lá, budista? Vai fazer meditação; você gosta de escutar música, você é um fanático por corrida? Quando a coisa estiver pegando vai e corre, corre, corre, corre e corre, você precisa fazer alguma coisa pra desopilar, pra poder pensar melhor.

E.: Excelente! É isso.

Sujeito 8

Sexo: Feminino

Idade: 37

Estado Civil: solteira

Profissão: advogada.

Nome: S.C

Entrevistador (E):

E.: Sua idade S.?

S.C.: 37.

E.: 37. Primeiro de tudo, fale de você. Quem é você, como você se apresenta?

S.C.: Como me apresento?

E.: É. Como você se vê, como você se define.

S.C.: Então, meu nome é S., sou uma mulher solteira de 37 anos, tenho um trabalho nos últimos anos focado no Apostolado, com um foco totalmente pras coisas espirituais, dentro disso tem as práticas; tenho uma família grande, somos uma família muito unida, tenho objetivos, sonhos e desejos, mas que atualmente, posso dizer assim, que com a idade estou me conhecendo, e vivo o meu dia a dia, nos meus relacionamentos, nas minhas atividades, aprendi com o tempo a cuidar do outro. Então, essa é a S.

E.: Como que as pessoas te veem? Como você imagina que as pessoas veem você?

S.C.: Talvez eu precise falar algum detalhe meu, porque eu ainda trabalho muito a questão da ansiedade porque eu me cobro muito interiormente, das minhas ações cotidianas e espirituais, às vezes me apego demais ao que eu não fiz do que ao que eu faço, então isso causa uma ansiedade, um pouco de stress assim, em certas frequências.

E.: Isso sempre foi a sua vida?

S.C.: Sempre... Que eu me lembre eu sempre tive uma ansiedade, mas talvez as situações da minha vida possam ter agravado um pouco. Então, procuro sempre ter uma alegria de viver, mas às vezes me pego muito tempo, como vamos usar a palavra stress. Assim, ansiosa, ou preocupada demais com coisas desnecessárias, ou que eu vou dizer A e vão entender B. Então esse é um mix do meu viver hoje. Como as pessoas me veem? Muitas vezes eu me surpreendo porque talvez por eu ser muito crítica comigo mesmo, às vezes eu converso e alguém diz: “Nossa mas você é muito alegre, você é muito doce...”, e eu não me vejo assim, nem sempre, procuro ter um bom humor, ser assim brincalhona, mas fico um pouco assim quando alguém diz alguma coisa de mim: “Nossa, mas será que eu sou assim mesmo?”, né?

E.: Você acha que a maioria das pessoas te veem assim?

S.C.: Eu posso dizer que as pessoas do meu cotidiano, que me conhecem, me veem assim. Quem não tem muito contato comigo, e depois com o tempo passa a ter, diz: “Ah, eu achei que você era muito fechada, que você era muito séria, muito inflexível talvez...”, porque por ser italiana eu falo muito no imperativo, mas longe de ser uma expressão de dizer: “Olha, isso é bom e você tem que fazer o que estou dizendo.”, não, mas quando a gente se expressa de uma maneira, com o passar do tempo alguém diz: “Nossa, mas eu achava você tão dura, tão inflexível assim. Achava você ou metida ou arrogante às vezes”, e nem passava isso pela minha cabeça. Então esses contatos assim, essas expressões externas, alguém falar algo pra mim me surpreende nesses aspectos.

E.: E a sua formação? De onde você vem, qual é a sua história?

S.C.: Então, meus pais. Minha mãe é brasileira mineira, meu pai é italiano que a família dele mora lá na Itália. O meu pai desde muito jovem participou de movimentos da Igreja Católica, nunca foi nem frei, nem padre, nem nada, mas foi missionário jovem católico. Então veio para o Brasil com esse objetivo. Nesse ambiente que ele se encontrou no Mato Grosso em 1970, ele encontrou a minha mãe, I., que era também catequista, que

era uma família que meu bisavô tinha fazendo, e foram para o Mato Grosso com esse intuito, e era também uma família muito católica, e frequentavam o mesmo ambiente de Igreja. E lá eles se conheceram, se casaram, foram e voltaram para Itália várias vezes, e nós somos em 05 filhos e os 04 primeiros nasceram lá. Então nasci na Itália, em Varese, em 1979, 12 de Outubro de 1979, depois fui criada um período, depois dessa primeira infância, em Rondônia, inclusive tive contato com muitos paranaenses, tenho tias paranaenses, depois fomos pra Cáceres, Mato Grosso em 1989, eu fiquei lá até 2014, tive algumas saídas, mas Cáceres foi onde eu fiz faculdade de direito, fiz o segundo grau de contabilidade, na época tinha, depois fiz a faculdade de direito, e fiz uma especialização em administração pública e gestão de cidades. Então na minha área eu trabalhei em vários ambientes, trabalhei em diretoria de hospital, trabalhei como assessora de juízes, e nos últimos anos antes de vir pra cá eu trabalhava no município, no qual o meu último cargo antes de vir pra cá era de controladora do controle interno do município, da parte processual também. Então minha formação profissional é essa, fiz na faculdade de Cáceres, né? Então assim, na minha parte profissional eu também fui e voltei em vários ambientes, uns administrativos, outros mais jurídicos, uns que envolviam os dois, experiências assim bem enriquecedoras no contexto profissional. O ambiente assim já era bem mais pesado, então esse também foi um foco assim para... Sempre gostei, esse era um ideal que meus pais tinham e sempre passavam, da parte religiosa como sendo um centro pra nossa vida, importante pra todo o resto.

E.: Isso fez parte da tua vida inteira, dentro da Igreja?

S.C.: Sim. Nos anos 80 mais ou menos a gente começou a participar do movimento mariano, então sempre fui inserida, apesar de onde eu estava era uma paróquia um pouco mais moderna, mas sempre nos refugiávamos nesse ambiente em outras cidades, onde tinha esse ambiente mais tradicional. Então esse tempo foi uma constante. E apesar disso, sempre com essa constância, com essa dificuldade financeira dessa família com 05 filhos, tínhamos um pequeno comércio de alimentos italianos, então não tinha um mês e que sabíamos certinho que ia dar, então sempre foi uma divina providência mesmo. Mas mesmo assim os meus pais sempre incentivaram a fazer pelo menos a faculdade, porque a gente morava na quadra da faculdade, então todos nós 05 nos esforçamos, estudamos, pra cada um entrar e escolher o seu ramo nesse sentido. Mas o foco sempre foi esse, e tinha um sacerdote amigo nossa que já falava sempre dessas situações atuais, de Marxismo de todas essas coisas, então eu cresci escutando essas

coisas da realidade, do que acontece no dia, da perda da fé, das coisas que são substituídas, um pouco mais superficiais, mas mesmo assim, com toda essa formação, digamos assim que eu não tinha... Com tanta coisa mastigada, né? Eu não me aprofundava tanto até pegar livro, lê-lo, era sempre aquela das conversas, que foram muitas, mas era sempre aquela coisa meio da preguiça.

E.: Conhecida de tudo, mas...

S.C.: Sim. Lia alguns livros, mas não era sempre, constantemente, via a importância daquilo, mas tinha uma dificuldade de crescer naquilo. Nisso, também com a juventude, sempre pensando em me casar, e aquela coisa assim muito romântica, e isso também, apesar de eu ter consciência sobre muitas coisas, hoje eu vejo assim que fiz e errei muito teimando, por quê? Apesar de ter uma boa base, na prática, muitas vezes, você falava: “Ah, mas é tão difícil isso aqui...”, então assim, sabe? Era um vai e vem muito frequente, porque como eu tive uma boa formação, sabia o que era certo e errado, às vezes me justificava porque sentimentalmente sempre tinha uma certa carência: “Ai, porque minha amiga namora; a outra casou; a outra...”, eu tinha uma autoestima muito baixa, nesse sentido, e eu não sei identificar de onde pode ter vindo, algum trauma de saúde, algum acontecimento, não conseguia achar a raiz.

E.: Como você lidava? Administrava essas coisas?

S.C.: Então, a parte fundamental e religiosa sempre foi essa, apesar de ter os períodos de crise, eu nunca deixei de ter fé, pelo menos eu acho, talvez um dia, uma vez eu estava tendo um encontro assim, me veio uma insegura muito grande, eu estava ouvindo um testemunho e esse dia eu me lembro, me deu uma insegura muito grande de: “Eu não acredito!”, eu lembro que eu falei essa frase mais de uma vez: “Eu não acredito.”, mas Deus é muito bom que logo em seguida ele me passou uma provação muito difícil, e que assim, eu no primeiro momento eu me assustei, mas eu me acalmei porque era Deus me mostrando que eu estava errada, entendeu? Então foi uma situação de saúde, eu tive um problema de vista, não estava vendo de um olho, estava correndo atrás e tudo, então assim, foi um momento de fraqueza que eu me lembro nesse aspecto mais claro, de dar uma insegura assim. Nos outros períodos era mais por uma questão sentimental, de estar com alguém e o relacionamento não andava, esses altos e baixos assim, de teimar e de me apegar só na parte sentimental da pessoa, porque: “Gente, as coisas não acontecem...”, aí tinha aquela decepção, e depois da decepção tinha aquele processo de

sair disso, aí eu dizia: “Não posso ‘endeusar’ uma pessoa, não é equilibrado”, e de novo, isso era estressante, aí ficava um tempo achando que eu era uma pessoa desagradável, ruim ou chata, mas com o passar do tempo eu fui percebendo que assim, a gente tem que estar sempre na graça de Deus, mesmo quando a gente dá umas escorregadas, né? Isso não acrescenta em nada. E depois, com o passar do tempo, olhar o que é importante nos acontecimentos e nos relacionamentos, então fundamentar a base das coisas com aquilo que é importante, e não duvidar, ter a fé, ter a esperança. Então eu acreditava, sabia que aquilo era bom, mas não tinha a esperança de que aquilo iria acontecer, nessa parte emocional, e é um negócio que eu acreditava e de repente, errado. Então isso me afetava um pouco também. Eu ia fazer uma prova terrivelmente ansiosa, ou seja, me colocar em uma situação de prova era um nervosismo só, então eu estudava pra prova, e quando chegava o dia da prova eu ficava nervosa, não dormia, me dava branco, porque eu achava que eu não era capaz, eu achava que eu era burra. Então a fé me ajudou em todo esse sofrimento, porque as vezes que eu conversava com um sacerdote, que eu pedia um auxílio nisso, logo em seguida eu conseguia ter a tranquilidade de confiar em Deus, de lembrar que eu fiz a minha parte e aquilo tinha um bom resultado, né? Então a esperança não é você achar que tudo é terrível, que Deus é um carrasco, que não sei o que, então tinha aquela esperança e via as coisas boas acontecendo e falava: “Tá vendo? Por que eu não confiei antes?”, entendeu? Então as minhas dificuldades foram sempre assim, vai e vem, né? Então nessa fase de mais nova eu era cabeça dura, porque eu sabia de tudo isso e vivia nas montanhas russas, e outras coisas traumáticas que aconteceram, esse sacerdote amigo nosso foi matado, meus pais estavam junto com ele quando aconteceu, então assim, teve uns períodos de medo, às vezes ter desencadeado uma depressão, um período que eu trabalhei muitos anos com o juiz e trabalhávamos sábado, domingo e feriado, saía do fórum pra ir na missa e embora pra dormir. E isso foi ruim pra todos, foi uma depressão de stress, de cansaço. E nesse período também eu me sentia incapaz, fui ficando tão cansada que me sentia incapaz, de desenvolver minhas atividades, eu me cobrava muito, achava que não estava fazendo um bom trabalho, até que conversei com um amigo médico e ele disse: “Não, você deve estar com depressão...”, explicou e tal, aí eu já não tive mais preconceito com essa história de depressão e stress, eu falei: “Ahh, isso é humano!”, entendeu? Falei, então vamos atrás de recuperar isso. E foi outro processo de...

E.: Também pela fé?

S.C.: Também pela fé. Sempre o foco principal foi à fé. Porque eu me cobrava quando eu estava nesse período de stress que era um cansaço muito grande, que eu não conseguia fazer muito, não conseguia ter atividades, pelo menos cotidianas, de um pouco mais de oração, terço. Às vezes eu conseguia, mas era um sofrimento pra mim: “Nossa, eu vou gastar 01 hora rezando e eu estou cansada.”, entendeu? Mas eu lembro que nesse período, muitas vezes, na hora do almoço eu ia no Santíssimo, e falava: “Senhor, eu não queria ter saído da minha cama, não queria ter levantado da minha cama, e eu tenho centenas de processos pra despachar, tenho centenas de pessoas pra atender, e eu não posso me dar o luxo de abandonar aquilo, então Você me ajuda!”, o meu pedido de ajuda era de oração, de espiritualidade, mas também específica mesmo naquilo, pra minha mente tirar aquele cansaço, aquele medo.

E.: Pra superar.

S.C.: Pra superar. Então isso, em todos aqueles processos, a parte religiosa sempre foi o ponto principal, entendeu? Mesmo uma decepção amorosa; mesmo uma briga com os pais ou irmãos; algum resultado que eu não obtive; algum concurso bom que eu passei e não fui chamada; essas coisas, né? EU tinha uma visão muito assim, eu queria uma estabilidade financeira porque a gente nunca teve, essas coisas, mas com o tempo, eu sempre pedi assim, nesses últimos anos que estava trabalhando no município: “Olha, até gosto do trabalho, mas é um ambiente muito pesado.”, então assim, familiarmente as coisas estavam muito bem, com meus irmãos, a gente sempre teve aquelas coisas que são questões de caráter mesmo, de cada um, por ser todo mundo assim jeitosinho por ser italiano e tal, mas nós somos muito unidos, mesmo hoje em dia com a distância, cada um com sua vida, mas nós temos um contato constante, respeitando a vida particular de cada um, sem invadir a privacidade de cada um, mas ao mesmo tempo nós trocamos muitas experiências e ajudamos muito uns aos outros, eu acho isso muito positivo. Mas eu estava no município e falava que esse ambiente de contatos tem muitas pessoas boníssimas, que fazem tudo de coração, mas tem muitas pessoas que estão vivendo uma coisa assim, sabe? Então aquilo me afetava diretamente, tanto me afetava que eu comecei a perceber que o ambiente já não me assustava mais, quando se via coisa errada, porque parece que é normal, mas eu me indignava com aquilo: “Ah, mas todo dia acontece isso mesmo?”, e eu falei: “Opa, pera aí, esse negócio está errado!”, e algumas pessoas você tem a liberdade de conversar, e outras você não tem, e outras você não sabe se vão puxar o seu tapete dentro do ambiente, então tinha um pouco esse

incômodo, é natural, a gente sabe que acontece mesmo, mas não estava me ajudando muito espiritualmente falando, crescimento pessoal nesse aspecto. Então eu sempre pedi: “Nossa, eu gostaria de ter uma oportunidade de trabalhar e fazer aquilo que meu pai e minha mãe fizeram, quem sabe? Vou ficar de olho...”, mesmo tendo um contato direto com meu cunhado que trabalha com isso, sabia o ambiente que eu trabalhava, e de repente esse apostolado precisou de alguém eles me convidaram, achando que eu não iria aceitar porque era pra vir pra cá, morava no Mato Grosso, e era pra vir pra Londrina. Aí eu pensei: “Nunca na minha vida, nem quando eu era mais novinha, nunca achei que morar sozinha era uma coisa de liberdade.”, e não era uma expressão de liberdade pra mim morar fora de casa, sem meus pais, não tinha essa necessidade. Aí eu falei: “Quer saber? Talvez seja difícil até me adaptar, mas eu não tenho raiz, não sou uma árvore, né? E se eu não for eu nunca vou saber como seria, e eu já não quero mais esse ambiente, já estão me aparecendo coisas justamente que eu gostaria de fazer essa experiência”.

E.: Quando foi isso?

S.C.: Foi em 2014. No município em que eu estava eu tinha oferecido o cargo de ser controladora do município, ou seja, era um cargo maior em que eu iria receber muito mais do que o que eu já estava recebendo, mas aí eu pensei: “Gente, eu já aceitei lá e eu vou voltar atrás agora? Pra continuar no município, tudo bem que o salário é excelente, mas eu vou passar mais quantos anos da minha vida só trabalhando?”, entendeu? Tinha um relacionamento que não tinha dado certo lá, e não conseguia dar certo mais nenhuma outra coisa, e eu falei assim: “Eu vou sair desse ambiente que parece que é um mix de coisas interessantes e tals”, com o foco principal que era o Apostolado. Aí eu aceitei e vim, recusei o cargo lá que era de controladora, acho que eu ainda não tinha uma experiência necessária pro cargo, mas fiz esse peso também, mas eu falei assim, preciso ter qualidade de vida, justamente porque o stress do ambiente era constante, então eu procurava ir na missa todo dia, mas aquilo o dia todo me pegava um pouco.

Então eu fui fazendo esse caminho pra cá, estou trabalhando há dois anos e meio quase, e com o passar do tempo, eu vejo quando eu cheguei eu ainda fiz um processo de amadurecimento de toda essa nova situação, esse novo lugar, esse novo ambiente, que logico, de cara eu já fui gostando, o ambiente amistoso, de ter o mesmo foco espiritual, dá muita liberdade de opinião pra pedir ajuda, isso auxilia muito, mas isso também não resolve todas as questões interiores que a gente tem, então tem períodos que a gente está

um pouquinho mais, deixa certas coisas superficiais tomarem um pouquinho mais de conta, tomarem conta da gente, mas sempre fazendo esse trabalho, e buscar na parte espiritual, e não me tornar uma profissional católica. Estou aqui fazendo isso, e olhar o foco do que é esse apostolado, tudo bem, mesmo se eu pegar o telefone e ligar pra um aluno por uma questão administrativa, não esquecer o porquê eu estou ali, o motivo, e é isso o que me move. Então todo o meu dia, toda a minha semana eu programa pra que os meus horários das minhas outras atividades não interfiram de nenhum modo nisso que eu faço. Aí claro, só pra encerrar assim, não sei se vai fazer mais alguma pergunta, tem dia que é difícil vir e fazer aquela coisa, não é exatamente à mesma coisa todo dia, é e não é, né? Então tem dia que é difícil entrar no escritório e ficar lá o dia todo fazendo isso e fazendo aquilo, tem dia que eu queria estar na beira do lago fazendo uma caminhada; tem dia que eu queria estar em casa tomando um café e lendo um livro com tranquilidade; tem dia que eu queria passear em outra cidade; então assim, tem vários dias que é realmente difícil, então tem dias que é um exercício maior, mas normalmente, cotidianamente, é uma coisa que acrescenta bastante, que eu vou fazendo com o foco.

E.: Você supera e vem.

S.C.: Sim!

E.: O que você acha que te ajuda e dá forças pra superar essa vontade e você fala: “Não, hoje eu vou trabalhar!”?

S.C.: Então, essa parte de você fazer o que é necessário, do que é preciso, ao invés de fazer o que eu estou com vontade é o que me fortalece. Isso, espiritualmente é o que faz aprofundar o conhecimento e pra abrir os olhos a algo mais profundo, de ler um livro mais profundo, ou também, não me ater tanto a fórmulas, mas sim a orações, as práticas, e colocar o coração nisso tudo. Esse esforço de quando é realmente mais difícil de fazer as atividades também espirituais, é lembrar que a esperança e a alegria aumentam, e Deus vai dando mais graça, mais discernimento, e confiando mais Nele, aquela esperança de quando tinha mais dificuldade, então, colocando isso com mais devoção, com mais sentimento da S. pras coisas que Deus está me pedindo.

E.: Um momento assim da tua vida que você, o stress envolve também não só essa parte de desgaste, mas também o enfrentamento de situações de felicidade também. Um momento de grande felicidade na tua vida, que você consiga lembrar.

S.C.: De grande felicidade?

E.: Mais que o normal.

S.C.: Olha, acho que é mais as coisas familiares mesmo, claro, as coisas familiares assim nos encontros, no Natal, aqueles vezes que a gente pode estar todo mundo junto; o casamento dos meus irmãos, quando meus pais fizeram 40 anos de casado, sempre relembrando as situações; também teve momentos de felicidade quando a gente saiu de uma situação que estava difícil e fomos pra outra, era muita expectativa, mas aquilo também foi uma felicidade; o nascimento dos meus sobrinhos.

E.: Como você lida, como que é isso pra você, lidar com a alegria, com a felicidade?

S.C.: Sim. A alegria pra mim é um momento de agradecimento, agradecimento a Deus por aquilo, de ver que nas coisas pequenas tem algo muito valoroso, muito grandioso, que Deus está lá, laços que estão se estreitando, o desenrolar da vida, por exemplo, de ver uma irmã casando e um sobrinho vindo, tenho agora sobrinhas que vão fazer 15 anos agora esse ano, então nossa! Isso é alegria, também assim, por mais que eu tive momentos de decepção, eu fui noiva e foram muitos anos de vai e vem, etc e tal, e aquilo foi uma grande decepção pra mim, muito difícil mesmo, mas, o começo dessa fase, depois disso, eu lembro que um dia minha irmã falou pra mim: “S., eu acho que esse rapaz gosta de você e você dele, mas nunca dá certo. Será que Deus não está tentando arrumar sua vida e você volta atrás e bagunça de novo, vai pra frente, volta pra trás e bagunça de novo. Será que você não está atrapalhando Deus te ajudar?”, então eu me lembro assim, eu não fiquei com raiva, não fiquei com nada na hora que ela me disse aquela frase, foi bem assim: “Gente, eu tenho que ser racional, eu tenho que confiar, eu tenho que ter sentido pra mim”. E aí foi a partir desse ponto que eu consegui sair de uma situação que foi muito dolorosa, mas eu ouvi Deus dia a dia falando: “Minha filha, isso vai mudar.”, então posso te dizer que dentro dessa situação, por exemplo, assim, mesmo com as minhas dificuldades, a alegria de eu entender aos poucos, de confiar, de fazer esse crescimento com essa dificuldade, então hoje eu

consigo enxergar as coisas de uma maneira um pouco menos, com expectativas mais tranquilas, olhar o hoje, tal situação hoje, e vamos trabalhando nela, e vamos confiar e ver o que acontece em Deus. Tenho colocado assim, recentemente eu estou namorando uma pessoa, então quando eu comecei a conversar com essa pessoa, e agora tem um mês, vai fazer um mês, então desde que começamos a conversar no primeiro dia, em nenhum momento em criei uma expectativa igual eu fazia antigamente: “Que tem que dar certo; que eu tenho 37 anos; que a idade...”, não. Eu tentei colocar assim, vou ver a pessoa como meu amigo, e isso tem acontecido, as coisas estão acontecendo, está crescendo um sentimento um pelo outro, o que é natural, mas tem paz interior, uma paz interior muito grande, de falar assim: “Olha Jesus, é seu! Se for isso faça, se não for provavelmente vai ser uma outra experiência que vai servir pra alguma coisa”. Não que eu seja uma pessoa fria, sou italiana, a gente tem um pouco as expectativas assim, mas de uma maneira muito mais pé no chão, vivendo o hoje.

E.: Perfeito. Qual é a tua função no mundo então, com essa tua história, essa vivência espiritual. Você no mundo, já que ele está mais organizado hoje em dia, né? O que é o mundo, e qual é a tua função no mundo.

S.C.: É assim, eu ainda penso que eu tenho a vocação matrimonial, de formar uma família, que essa pessoa tenha assim os mesmos valores, e o principal é que todos os outros aspectos da vida humana, sempre sejam voltados para Deus, e para o futuro que nos espera, entendeu? Que é o céu. Então vamos viver e gostar das coisas belas, e desgostar das coisas ruins e difíceis, mas sempre pensar no ser humano, eu vejo uma pessoa na rua e percebo que ela tem algum problema ou dificuldade; ou é um bêbado; ou ela está chorando porque aconteceu alguma tragédia; eu rezo uma Ave Maria por aquela pessoa, porque eu não faço ideia do que ela está passando, mas assim como as pessoas que passaram pela minha vida, os meus familiares e amigos, mas também que eu desconheço, eu olho pra aquela pessoa e falo: “Gente, ela é criatura de Deus, ela tem um céu lhe esperando”, então eu procuro, dentro das minhas limitações, dentro das minhas ansiedades, dentro das minhas expectativas gerais, olhar a minha vida naquilo que eu posso contribuir especificamente com isso. E claro, nos meus relacionamentos, de procurar ser uma pessoa melhor, mais caridosa, mas sempre com esse foco, porque não é sempre que a gente consegue ser agradável a alguém, ou a intenção, enfim né? Mas contribuir dessa forma, como que eu posso crescer espiritualmente para que outras pessoas passem, modestamente, lógico, dentro daquilo que eu faço no dia a dia, né? Se a

vocação for matrimônio, for com essa pessoa ou quem quer que seja, o foco da vida matrimonial é que seja uma família voltada para as coisas de Deus, e que a formação dessas crianças seja sempre a caridade e o amor ao próximo, porque Deus tem que ser colocado em primeiro lugar.

E.: Perfeito. Era isso. Muito Obrigado!

Sujeito 9

Sexo: Feminino

Idade: 43

Estado Civil: Casada

Profissão: administradora e gestora de vendas. .

Nome: S.S

Entrevistador (E)

E.: Sobre você, como você se apresenta, quem é você?

S.S.: Eu sou a S.S., tenho 43 anos, sou casada há 22 anos, vim parar aqui em Londrina, sou de São Paulo capital, nascida lá, minha família e a família do meu marido são todos de lá 100%, a gente acabou vindo pra cá, pra Londrina, devido ao trabalho dele, ele foi transferido primeiro, e aí depois de 01 ano eu vim. Então deixei um pouco a minha vida profissional lá e minha família, eu falo às pessoas que eu tomava conta lá, e vim pra cá pra acompanhar meu marido. Então foi bom, o meu ritmo em São Paulo até maio de 2008 era bem acelerado, então eu trabalhava durante 12 horas por dia, segunda a sexta.

E.: E em São Paulo?

S.S.: Em São Paulo, e isso eu tinha minhas duas filhas mais velhas. Minha formação é administradora, com ênfase em gestão de pessoas, então sempre trabalhei em *call center*, montando e desmontando *call center*, por isso o meu foco era 12 horas de trabalho, porque *call center* acaba não parando, mas eu falo que foi uma experiência boa que deu uma bagagem, e que deu assim, uma maturidade de ver a vida diferente. E aí também, acho que isso vem muito de encontro, com a formação que eu tenho, não só dos meus pais, mas assim, o que eu quis pra minha vida. Os meus pais eram católicos, porém eram separados, mas eram católicos, daqueles católicos que não frequentam muito, e em um determinado ponto eu encontrei uma amiga, e essa minha amiga

começou a fazer catecismo, depois de velha, com 13, 14 anos, tá? Então acabou me dando outras bases em relação a valores, amizade, aí eu fui aprendendo outras coisas, que foi me dando uma base pro meu namoro, pro meu casamento, pra amizade, pra tudo. Então isso foi muito bom, porque até então eu não tinha muito parâmetro, né? Tinha minha mãe e meu pai, porém não eram pessoas que frequentavam, né? Mas eu tinha um respeito, a gente sempre tem respeito. Então foi bom porque assim, teve esse ponto de trabalho, de criar duas filhas, casada com um marido viajando, enfim, e teve algo assim que eu falo que foi uma outra forma de escrever uma história de vida quando eu vim pra Londrina, por que? Porque eu tive que abrir mão da minha vida profissional, do trabalho, e seguir o que? O que é prioridade. O que é prioridade pra mim hoje? Ou era quando eu falei sim pro meu marido? A família, o casamento, né? Então nós entramos em um consenso, e aí eu decidi pedir as contas de onde eu estava em São Paulo capital, e vir embora pra Londrina, pra acompanhar meu marido e as duas meninas que a gente teve, Aí logo em seguida, naquele período que eu vim, estava há 12 anos tentando engravidar e não conseguia, aí consegui engravidar do P. que tem 07 anos, né? Que a gente fala que são duas fazes do casamento, né? Então de 2008 pra cá a gente teve outras possibilidades: de almoçar juntos, de jantar juntos, de ir no Lago fazer caminhada, levar filhos, então eu acompanhei a adolescência das minhas filhas, e tive a oportunidade de ter outro filho. Então isso foi muito bom, muito positivo. E aí eu tive o P. logo em seguida, que agora completa já 07 anos, e a M.L. com 05. Então quando chegou o ponto em que já estava tudo em ordem as crianças, em ordem nunca vai estar, mas a gente tem que sempre estar procurando melhorar em algo, e aí melhorar como mãe, mas também como profissional, e foi onde me apareceu uma oportunidade profissional aqui em Londrina e onde eu agarrei, que foi essa venda direta que eu faço hoje, e a gestão das meninas que eu tenho cadastradas, isso também foi legal pra mim porque ocupou a outra parte intelectual da S., porque a S. investiu em estudo e conhecimento. Então hoje eu falo que está tudo completinho, tudo redondinho, sem tanta ansiedade, nervosismo, aquele ponto que você fala: “Nossa, mas eu estou trabalhando tanto, e minhas filhas, como que está?....”, mas hoje não, hoje conversando com as pessoas aqui elas falam: “S., eu não acredito que você consegue fazer tanta coisa”, e aí eu falo assim: “Nossa, eu não consigo acreditar que você não consegue fazer tanta coisa em Londrina”, porque em Londrina é tudo perto, em tudo você gasta no máximo 10 minutos. Então a gente pondera assim, de manhã eu fico com as minhas crianças; daí no meio do dia eu cuido do almoço, troco eles, faço o que tem que fazer;

deixo na escola; trabalho das 2 da tarde até às 6; deu 6 horas, beleza, passo e pego, se tem futsal eu deixo no futsal; faço isso com eles e vou levando a vida, eu tenho já esquematizado, e acho que o grande acerto é saber se organizar, saber colocar em ordem a vida. Aí a gente fala assim: “Colocar em ordem”, a vida é 6:06 ? principalmente, se você deixa algumas coisas básicas da sua vida em ordem, o pequeno ajuda depois no grande, porque às vezes o grande é o externo, o que é o externo? É a sua casa, seu marido, sua vida profissional, às coisas que vão acontecendo de supetão.

E.: O que não é de um dia pro outro que a gente resolve.

S.S.: O que não é! E não adianta você querer cortar os pulsos, né? Então as coisas vão se organizando. Tem hora que você fala assim: “Isso aqui está desorganizado, deixa eu voltar, deixa eu respirar, deixa eu controlar”, por isso que você acaba fazendo seus minutinhos de oração, você vai na missa, você oferece, tem aquele período em que você tem que parar, fazer o seu retiro espiritual, né? Pra ter aquela intimidade, uma ligação direta com Deus também, o seu momento de você com Deus, e eu respeito muito isso, não só na minha vida em que eu peço pras pessoas respeitarem, porque às vezes você tem que falar: “vou viajar, tenho retiro, é sábado e domingo, segunda eu não trabalho...”, é claro, vai ter as suas exceções, vai! Uma vez na semana, toda segunda feira à noite eu tenho um compromisso profissional, mas eu sei que os outros eu vou estar de corpo e alma ali presente, fazer o que eu tenho que fazer. Então assim, essa é a S. E hoje eu conversando com uma pessoa eu falei: “Não me veja diferente, eu sou ligado no 220”.

E.: E como você acha que as pessoas te veem?

S.S.: Olha, as pessoas me veem muito assim como comunicativa, uma amiga sábado me deu um feedback e falou: “S. olha, as coisas devem estar assim muito ruins, mas você tira um entusiasmo, uma energia, que não tem como não ficar contente do seu lado, você não é uma pessoa baixo astral, está acontecendo alguma coisa? Está! Mas vamos tirar uma solução; tem uma solução. Ou você tira uma piada...”, então eu sou sempre assim, e ela falou: “S., quando eu te conheci você estava no banheiro chorando porque tinha acontecido que em Maio seu irmão faleceu, e em Agosto seu pai faleceu, mas ao mesmo tempo que você estava chorando, que você estava triste porque tinha um monte de coisas pra pagar, você soltou uma piada, falou ‘mal paguei o do meu irmão, agora estou com coisas do meu pai pra pagar’ (risos), então tem que trabalhar, né? Tem que

lavar o rosto aqui...”, e ela era minha gerente de RH: “Então tenho que lavar o rosto e ir trabalhar, não tenho tempo de ficar chorando agora, e tenho conta pra pagar.”, ela falou: “S., com a tua situação, pode até ter sido uma fuga sua no momento, mas você tirou o melhor dizendo que tem que trabalhar porque as contas estavam aí”, foi! Tive que fazer enquanto estavam vivos, mas agora já foi, já passou, agora uma outra etapa. Então esse é meu jeito, e isso foi há 20 anos atrás mais ou menos, e hoje eu vejo a mesma situação, quando as meninas falam: “S., vai ter um evento, será que vai dar conta?”, “tudo no final dá certo! Relaxa o corpinho e vamos fazer!”, e é bem assim, não só no trabalho, mas em casa também, meu marido fala; “Aí, será que vai dar certo?”, “Vai dar certo! Pensamento positivo!”

E.: Como é a sua visão de mundo. Como você vê o mundo? Qual a sua função no mundo?

S.S.: Ver o mundo do jeito que ele é, ele é mundo bom! As pessoas que acabam hoje em dia potencializando da forma negativa, se lamentando, vendo só os problemas, as coisas ruins, criticando, não fazendo assim: “Olha, tem problema? Nem tudo é perfeito, mas disso que aconteceu, teve coisas perfeitas que aconteceram, coisas boas...”, e falta isso no ser humano, ele ainda não está com esse olhar mais puro, um olhar mais de gratidão, acho que é o principal, a gratidão, então ela realmente vai ver tudo em um mar negro, não vai ver aquele azul cristalino do mar, ela vai ver o mar negro, né?

Então, tenho problemas, tenho a agente corrida, tenho falta de dinheiro como todo mundo tem, então temos que se ajustar ao orçamento, o que dá pra comer, o que dá pra curtir, tudo isso eu tenho na minha vida, o que é normal hoje a gente ter isso, né? Só que disso, eu não posso fazer um peso, um sacrifício, lamentar toda hora, porque não vai fazer bem pro meu coração, e não vai fazer bem, principalmente, pras pessoas que estão ao meu redor, porque é uma coisa que contamina, incrível né? Se você não estiver protegida com esse olhar de gratidão, e de coisas boas no mundo (risos), você se tranca no seu apartamento e não sai mais! Não é? Então às vezes se você tem um limão, tem que tirar uma limonada e seguir em frente, ter gratidão: “Nossa, eu acordei hoje, respirei, olha que ar gostoso! Nossa, estou vendo meus filhos crescerem, que lindo! Nossa, estou tendo a oportunidade de levar na escola, de buscar, ou estou tendo a oportunidade de andar de ônibus...”, porque teve um momento no ano passado na minha vida em que eu fiquei 04 meses sem carro, e aí pra trabalhar e levar filho pra cima e pra baixo? Carona, uber, e às vezes a pessoa assim: “Ai, eu não posso fazer tal coisa porque

eu não tenho carro; não posso fazer tal coisa porque está chovendo; não posso fazer tal coisa porque está muito sol...”.

E.: E a vida para?

S.S.: E a vida para! E aí o problema é de quem? É das pessoas que estão lá fora; ou é seu que não quer ter atitude? Então, eu vejo o mundo dessa forma.

E.: Você se lembra de uma situação de stress muito grande? Mais do que você era capaz de enfrentar?

S.S.: Sim. Sofri e não faz muito tempo, até que foi um stress financeiro, né? Igual te falei, saí de São Paulo, vim pra cá, juntei dinheiro, abri uma loja e fiquei com a loja, puts, a loja não ia dando certo, coloquei funcionário, também não ia dando certo, enfim, fiquei 02 anos com essa loja. Então perdi aproximadamente R\$ 300.000,00. O meu momento de stress foi eu não conseguir atender o telefone pra falar pro banco: “Olha, vou ter dinheiro pra te pagar tal dia”, porque eu sabia que eu não teria tal dia. Então esse foi o momento de stress meu. Eu acho que o momento de stress que eu mais passo é quando eu não consigo honrar um compromisso financeiro meu, ou que esse compromisso financeiro venha influenciar diretamente no meu lar, na minha casa, e aí acabou influenciando, porque eu não atendia telefone, e eu nunca falei pros meus filhos assim: “Olha, atende lá e fala que a mamãe não está!”, isso vai contra os meus valores, então às vezes eu falava assim: “Vou atender.”, e eu atendia, e aquilo com muita dor, de stress, de dor de perda. Então eu fiquei com aquilo 01 ano; 02 anos; 03 anos; mas passou. E aí respirando fundo, fazendo exercícios, me agarro muito na oração, com as amizades boas, principalmente com oração, principalmente. A oração me dá serenidade, fortaleza, e capacidade pra falar com as outras pessoas olho no olho, a gente sente vergonha, né? Então, funcionou. Passei; passou; foi. Foi um momento em que doeu, um momento em que eu lembro que doeu bastante, então de dor; de stress, foi esse.

De dor sentimental eu falo que foi na ocasião, ter perdido meu irmão nem tanto, quando eu perdi meu pai a dor foi mais, eu senti muito, porque eu não estava prevendo, meu irmão eu previ, meu pai não, entende a situação? Foi de repente, infarto fulminante, e então eu não estava prevendo. Então assim, na hora eu sofri a dor, o stress de tudo, de ter que resolver tudo, porque sempre foi eu que resolvi as coisas da minha família, enfim, e aí foi onde eu me foquei no trabalho.

E.: Foi uma forma de lidar com o seu stress?

S.S.: Foi uma forma de lidar com o trabalho, assim, eu foquei mais no trabalho, sofri a dor, mas o trabalho tirava o meu pensamento daquela dor, então ocupava aquele espaço. E uma coisa que muito me ajudou foi direção espiritual, conversar com o sacerdote, conversar com uma amiga... E assim, no momento em que eles viram que: “S., tá legal, beleza! Mas você precisa conversar, fazer terapia”, eu fui, fiz terapia, então foi assim, foi um conjunto de pessoas que naquele momento me ajudou, principalmente Deus, né? Que eu acho que é à base de tudo, mas eu consegui lidar com aquela situação que foi um stress, mas um stress diferente, de dor, de perda, sentimental, de história de passado, porque assim, quando alguém morre, parece que vai morrendo um histórico, então foi esse e o outro profissional de quando eu cheguei aqui.

E.: Então a forma com que você lida melhor com o stress é se organizar dentro do seu mundo e a oração?

S.S.: E a oração. A melhor coisa assim é aquele cantinho, são os 15 minutos, os 20 minutos ali e pedir pra Deus te dar força, te dar luz, te dar aquela energia do seu coração pra você não decidir mais pela cabeça, mas sim pelo coração, entendeu? Eu acho que, acho não, tenho certeza, se não fosse isso, eu não teria conseguido, né?

E.: E stress também envolve a parte boa, às vezes acontece alguma coisa tão boa, de grande felicidade, que até extrapolam a nossa vida cotidiana. Você se lembra de uma situação de grande felicidade?

S.S.: Olha, grande felicidade, né? A grande felicidade que eu vivi, vivo, é com a minha família. Grande felicidade assim que vai passando um filme na sua cabeça, então, organização do casamento, o casamento, foi um stress, mas um stress agradável, né? Foi um momento importante, teve todo o stress de organização mas foi assim: “Nossa, é pra um bem maior, pra uma felicidade!”, o nascimento das minhas crianças, acho que principalmente dos dois menores, porque você está mais em casa...

E.: Você tem mais uma?

S.S.: Eu tenho 04 crianças, tenho uma de 21; outra de 18; o P. com 07 e a M.L. com 5.

E.: 02 nasceram em São Paulo.

S.S.: As duas em São Paulo capital, e os dois pequenos aqui. Então assim, como a felicidade de ter filhos, acho que todo momento tem um stress da felicidade, que a gente acaba passando, porém, a sua idade também influencia pra você lidar com o stress de forma melhor, até o stress extremo da dor, da perda, do financeiro, como o stress da alegria e da felicidade. Então assim, quando você dá conta da sua vida, que você tem uma maturidade da idade, você vive mais, parece que você curte mais, você curte mais porque você estava em casa, eu estava em casa, estava cultuando mais em casa, então desde fazer enxoval, de não ter aquela preocupação de licença maternidade, de voltar, então assim, o stress dessa felicidade foi diferente do stress da felicidade das outras duas gravidez. E viajar, eu falo assim, Natal; Ano Novo; é o stress de organizar a ceia, fazer comida, mas é em família, né? De tirar foto, de deixar a mesa... É aquele stress, mas é aquele stress agradável, porque você quer a felicidade de todo mundo, e a felicidade acontece bem naquele momento.

E.: E você lida bem?

S.S.: Lido.

E.: Aproveita?

S.S.: Aproveito, relaxo, coloco música, danço, tiro foto, e isso é bacana, registrar esses momentos. É um stress da felicidade.

E.: Era isso. Obrigado.

S.S.: Só isso?

E.: Só!

Sujeito 10

Sexo: Feminino

Idade: 35

Estado Civil: solteira

Profissão: gerente de RH.

Nome: C.D

Entrevistador (E):

E.: Como eu disse, é sobre você. Como você se apresenta? Quem é você?

C.D.: Bom, meu nome é C.A.D., vou fazer 35 anos agora em Março, sou gestora de RH, na minha indústria nós temos em torno de 80 funcionários, sou formada na área de gestão de pessoas, pós graduada em gestão de pessoas, gestão empresarial, gestão comercial e de projetos, também sou técnica em contabilidade, iniciei a graduação de direito e parei no início, depois fui conduzindo pra área de pessoas, pra área de humanas relacionada à pessoas não porque eu quis, mas porque eu fui condicionada pelos trabalhos, sempre trabalhei pelo mercado, sempre trabalhei em escritório de contabilidade, sempre na área de DP, sempre fui muito boa fazendo cálculo de folha, e foi indo, fui ficando na área e acabei me identificando com a área. Meu primeiro teste vocacional com 16 anos deu pra eu cursar psicologia, ou sociologia, ou na área de história, mas eu falei: “Não! Quero ser advogada; quero ser advogada...”, fui contra e acabei caindo com pessoas, não teve jeito (risos). Já trabalho na área há quase 20 anos, 24 anos que eu tenho de experiência profissional, na minha época menor aprendiz era com 11 anos, né? Se permitia, e já tem mais ou menos 20 anos que eu trabalho na área de pessoas, e indústria são 08 anos, um pouco mais diferente. Não tenho nenhuma formação ligada à área da psicologia, algumas pessoas até questionam na empresa se eu sou psicóloga ou não, mas por estar em contato com as pessoas no dia a dia a gente acabando tendo um pouco essa vertente, né? E cuidando mais das pessoas. E uns gostam que a gente não seja psicóloga porquê não fica analisando eles o tempo todo, alguns tem essa resistência, e acaba ajudando um pouco com isso, então, a princípio, a minha experiência é essa.

E.: E como você acha que as pessoas te veem?

C.D.: Hoje? Mudei bastante de quando eu entrei pra área. Quando, principalmente aqui na indústria, estou em Londrina tem 07 anos, eu vim de um mercado de serviços lá de São Paulo, e eu nunca trabalhei com o público ocupacional como o público londrinense, como o norte pioneiro é principalmente, e foi um choque muito grande pra me adaptar. Quando eu fui trabalhar em indústria, eu caí em uma indústria onde era um gaúcho o dono, e os funcionários eram só uns números, a gente via os funcionários como números, e infelizmente tinha que conduzir as coisas com eles, e quando eu entrei pra trabalhar aqui na 3:08 ? eu ainda tinha essa mentalidade, eu achava que não dava para

conciliar o aspecto humano com o resultado, então eu trabalhava e exigia muito resultado deles, e era ou 8 ou 80, a lei é essa e não existia meio termo. Embora que empresas de serviços antes não eram assim o ritmo de trabalho, era bem mais ameno, era bem mais tranquilo, em indústria acaba se dando uma cobrança diferente no trabalho. E no início, quando eu entrei aqui, as pessoas achavam que eu tinha muita resistência com a equipe, já me pediram muito a minha cabeça pro dono da empresa, né? E com o tempo eu fui percebendo que tinha que mudar, e eles me proporcionaram isso, né? Aí hoje eu consegui o equilíbrio de unir a parte de cobrar os resultados, e também de olhar eles além do resultado que eles podem trazer pra empresa como um ser humano, de entender os aspectos de vida, parte profissional, estrutura família, e tirar o melhor deles. Então eu era a bruxa (risos), e hoje eles já me veem de uma forma mais tranquila, tanto que eu estou me desligando da empresa e eles vem: “Agora que você está melhor? Agora que você está uma pessoa melhor? Agora que está tão bom você vai sair e abandonar nós?”, então é gratificante isso, porque eu não imaginava que eu era uma pessoa assim, e eles me proporcionaram ver um outro lado que eu tinha.

E.: E fora do ambiente do trabalho assim, como que as pessoas te veem?

C.D.: Eu sou uma pessoa muito fechada, reservada, não sou de conversar muito com as pessoas, assim, eu tenho um bom relacionamento, mas eu sou limitada em alguns pontos. Sou uma pessoa alegre, extrovertida, mas ao mesmo tempo que tem aqueles momentos em que eu prefiro o meu silêncio, ficar mais no meu canto. Algumas pessoas conhecem o lado mais alegre, meu lado mais proativo, mais descontraído; outras pessoas já conhecem aquela parte mais metódica, mais crítica, mais séria. Então, pra cada situação acabo agindo de um jeito. Mas a princípio hoje, com as mudanças que venho fazendo na vida as pessoas falam: “É, tá um pouquinho melhor, tá um pouquinho melhor” (risos). Mas eu antes era aquela pessoa que parecia que tinha várias personalidades durante o dia, então eu tinha uma mudança de humor muito grande pelo histórico de vida, pela parte profissional. Não tinha muitos amigos, tinha bastante colegas, sempre fui uma pessoa que ajudou muito, mas um pessoa muito difícil de pedir ajudar, então eu nunca reconhecia que eu precisava de ajuda, nunca gostava de demonstrar essa fraqueza, essa limitação, e isso sobrecarregou muita coisa ao longo dos anos. Acredito assim, que as pessoas me veem... Uns até gostam, outros não, porque eu sou muito próxima de uns, e com outros eu já tenho alguns limites assim, quando a

gente não tem muita afinidade então eu já coloco limites pra preservar a minha privacidade, e pra preservar a privacidade da pessoa, um equilíbrio.

E.: Dentro da Igreja como que é a tua história? A tua formação sempre foi dentro da Igreja?

C.D.: Eu fui criada na Igreja católica, até os meus 12 anos eu tocava violão na missa, estava fazendo o processo pra Crisma e tudo, aí eu comecei a entrar em crise em algumas coisas porque assim, minha família não era muito de ir pra Igreja, minha mãe sim, mas meu pai não, e o ambiente familiar não era um que proporcionava isso, e muitas pessoas que eu tinha amizade na Igreja foram saindo, né? Com a primeira comunhão a pessoa vai debandando, e nesse meio tempo eu comecei a trabalhar, então eu ficava muito cansada e achava que não tinha sentido, e eu sempre me questionava muitas coisas por conta do meu histórico familiar, e eu queria entender, se existia Deus, por que eu sofri o que eu sofri. Aí eu me afastei da Igreja. Com 12 anos eu parei de ir, ia de vez em quando, ia nas missas de Natal, em casamentos, batizados, mas não ia mais com frequência na Igreja, ia me afastando. E meu pai foi adoecendo e a situação familiar ficou mais difícil, e ao invés de me aproximar mais de Deus, eu fui me revoltando, e então eu me afastei totalmente da Igreja.

Depois que meu pai faleceu eu não pisei mesmo, a última vez que eu tinha pisado dentro de uma Igreja foi na missa de sétimo dia do meu pai, depois eu não fui mais, só fui pra batizar o meu sobrinho, hoje meu sobrinho tem 10 anos, eu fiquei em torno de uns 15 anos sem ir na Igreja, sem comungar, sem nada, e aí eu passei por uma inquietação muito grande, senti uma vontade de encontrar um sentido pra vida, um vazio existencial muito grande que a profissão não me bastou, as relações não bastaram, a família não bastou, procurei em várias denominações, várias seitas, fui pro candomblé, fui até pro espiritismo, e não achava o sentido pra aquilo que eu estava vivendo, e se você não aprende pelo amor aprende pela dor de alguma forma, e Deus usou o recurso mais didático que pode comigo, que foi pela dor, aí em uma cirurgia de redução de estômago que eu fiz em Outubro de 2012, eu estava totalmente descrente, pra mim Deus não existia, se existisse eu não teria sofrido o que eu sofri, aí me afastei totalmente da Igreja, minha mãe vinha falar comigo sobre Deus e eu não queria. Eu tive muitas complicações com a cirurgia de redução de estômago, acordei no meio da cirurgia, o anestésico não foi suficiente, os médicos estavam suturando ainda, a incisão que o médico fez foi pequena, então tiveram que usar muito o afastador pra afastar os ossos do

tórax, tirar todos os órgãos e fazer todo o processo, porque eu fiz a cirurgia aberta, aí colocou o anel, reduziu o intestino, então foi uma cirurgia muito grande, e como eu era muito grande, no exame pré-operatório os médicos não conseguiram ver algumas coisas, e foram pra cirurgia achando que seria suficiente o corte e acabou não sendo, fizeram um corte muito pequeno no momento da cirurgia. Aí 03 dias depois eu tive alta, e tive crises de dor muito grandes, descobri 15 dias depois uma hérnia de disco, umas lesões na coluna, e 05 dias depois da cirurgia eu pedi 09 quilos, fui perdendo peso muito rápido e a coluna cedeu, e foi onde desencadeou os processos de dor. Depois da cirurgia de redução de estômago eu desenvolvi insônia, então eu que dormia 08 horas por dia, e se deixasse passava o domingo dormindo, passei a dormir 30 minutos por noite, o rivotril não funcionava, remédio pra dor não funcionava, e foi piorando cada vez mais. Perdi peso muito rápido, com 07 meses de cirurgia eu precisei fazer mais duas cirurgias, tirar a vesícula e fazer uma rizotomia na coluna, e aí foi o ápice da dor muito grande, e aí foi que eu tentei... Pedi pra minha mãe me ajudar a morrer, falei pra ela: “Não suporto mais! Se esse Deus existe mesmo você me ajuda a morrer, porque não quero mais viver assim...”, e aí foi que ela entrou em desespero, a família toda entrou em desespero, aí eu acabei com a oração do terço nesse dia, minha mãe nesse dia ligou o terço toda a hora que ela pode na televisão, e eu acho que Nossa Senhora tocou ali e eu resolvi voltar. Aí fui voltando pra Igreja, me desliguei do movimento espírita, fiz uma confissão geral voltando pra Igreja, e aí tinha essa necessidade de buscar respostas, buscar respostas, viver aquilo que eu não consegui viver antes. Então ir a missa aos domingos já não bastava, fui indo, e no fim não era o suficiente, senti que eu precisava ter todos os sacramentos, então eu voltei pra catequese pra ter a crisma, foi aí que eu conheci o método de consagração 12:09 ?, conheci o pessoal do consagra-te, e tinha aquela necessidade de mais, mais, uma sede muito grande. Só que teve um tempo antes disso, e às vezes estava na Igreja vivendo essa necessidade de mais, mas ainda tinha aquele apelo do mundo: “Ah, mas você é tão nova, você emagreceu tanto, precisa viver!”, aí tentei conciliar algumas coisas do mundo, tentei conciliar alguns relacionamentos, tentei conciliar e foi aí que fui fazer as pós-graduações, e eu tinha uma ansiedade muito grande, um vazio muito grande e tentava ocupar ele com trabalho, ocupar ele com estudo, aí não preenchia, aí que eu cheguei no ponto em que falei: “Não, acho que Deus quer algo além disso”, aí que eu fui voltar o olhos pra essa área espiritual pra dar atenção a isso. Me consagrei em 2014, servia na Igreja, ia nas missas, ajudava o pessoal da paróquia quando pediam, e tinha a necessidade de ter um acompanhamento maior.

Tinha algumas descrenças por parte de alguns métodos da psicologia, porque quando eu procurei terapias não foi bom pra mim, foi um estrago considerável que alguns psicólogos acabaram fazendo, que me colocaram em questionamento com a minha sexualidade, com a minha busca profissional, com o meu histórico de vida, e eu achei que não era por esse caminho que eu deveria seguir, e aí tentei buscar no campo espiritual. E aí através de alguns amigos eu conheci o frei E., que é um Carmelita, aí eu pedi pra ele me fazer um direcionamento espiritual, e eu não imaginava que um direcionamento com um sacerdote poderia abarcar o campo psicológico, o campo filosófico, o campo teológico, e equilibrar muitas coisas que estavam em desequilíbrio em minha vida. Então foi com a ajuda da direção espiritual que eu aprendi a ter limites, a respeitar os limites do meu corpo, os limites da minha inteligência, até mesmo a ação que as outras pessoas exerciam sobre mim, eu não sabia falar não pras pessoas, por mais que tenha um temperamento muito difícil eu sempre cedi, nunca falei não pra pai e mãe, nunca falei não pra patrão, nunca falei não pra amigos, então sempre me doeie demais. Aí fui percebendo que tinha algo além disso, e comecei a fazer um discernimento vocacional e descobri que na minha vocação tenho possibilidade de buscar uma vida religiosa, independente da idade pelo o que já vivi tem me guiado a isso, e hoje estou saindo do mundo corporativo pra ir pra vida religiosa, virando totalmente a vida do avesso.

E.: Você teve alguma mudança na sua visão de mundo? Como você vê o mundo hoje?

C.D.: Sim, tem. Porque antes eu encarava o mundo de uma forma muito racional e materialista, embora assim, sempre vi o próximo, tinha que cuidar do ser humano, sempre trabalhei com pessoas, por mais difícil que sejam, sempre vi que as pessoas precisavam de algo além, mas nunca vi esse algo além, e conforme eu fui voltando os olhos pra mim e vendo o que precisava em mim, me fez lançar olhos diferentes ao mundo. Hoje eu vejo o mundo extremamente carente de cuidados no aspecto humano, hoje a gente se ocupa muito com parte material, profissional, em anestesiar as dores que a gente tem no dia a dia e esquece que o ser humano está além disso, então não dá pra você dar rivotril pra todo mundo o tempo todo, então a gente tem que olhar o ser humano de outra forma, e quando a gente não vê ele como um indivíduo que tem um campo fisiológico, espiritual e todo o campo social por trás dele, a gente não vai conseguir atender essas demandas que o ser humano tem, e isso eu fui trazendo pro meu

campo profissional e fui percebendo os efeitos que isso ia dando no meu trabalho, e eu fui atuando usando a parte espiritual pra parte de gestão de pessoas, e isso foi me ajudando a entender o funcionário de outra forma, e isso me ajudou na relação com eles, fez com que eles tivessem mais segurança e até mais produtividade na empresa, porque eu sei que quando ele não está bem espiritualmente ou fisicamente e eu acolho isso dele, eu sei que no outro dia ele vai render muito mais, porque eu não vi ele apenas como número, eu vi como ser humano. Claro que tudo tem um limite, chega uma hora que você não consegue fazer tudo pra ele, e o mundo corporativo precisa da resposta dele, não tem como você fazer tudo por ele.

E.: É o trabalho, né?

C.D.: É o trabalho! Então a gente tem um limite, mas eu percebi que eu poderia fazer mais pelas pessoas de outra forma, e foi isso que pesou na minha decisão, cuidar de pessoas de outra forma, não só nesse mundo corporativo, no desenvolvimento humano mesmo, a parte espiritual, isso que pesou mesmo. Acho que todo mundo, independente da vocação, da profissão dele, ele exerce um papel na vida do outro, e não precisa ter nível de instrução nenhuma, ele só precisa olhar e ter empatia com o próximo, né? Hoje as pessoas tem dificuldade de ouvir a dor do outro, querem anestesiá-lo o problema do outro com soluções, de inúmeras formas, mas não olham pro lado dele, né? E isso fez com que a minha escolha pesasse nisso.

E.: O teu stress mais serio que você se lembre?

C.D.: Teve vários stress sérios ao longo dos meus 34 anos. A questão de aceitar a cirurgia de redução de estômago foi um deles, porque eu não queria aceitar o processo de cirurgia por alguns problemas de saúde que me fizeram levar o processo de redução de estômago, porque eu achava que eu era como eu era e as pessoas tinham que me aceitar do jeito que eu era e pronto acabou.

E.: O que te fez fazer?

C.D.: Foi o estado físico mesmo. Eu tive um AVC isquêmico aos 26 anos, minha pressão era 18/15, tinha vários problemas no útero, no ovário, estava na fila do HC pra retirar o útero, o ovário e tudo o mais, e foi um médico, um ginecologista do posto de saúde, dr. M., nunca esqueço esse homem porque enquanto muitos viravam pra mim e falavam: “Olha, você tem que perder peso! Você está acima do peso”, eu pedi pra trocar

de ginecologista, e ele me olhou como além do peso, além do físico. Foi ele que pediu e aconselhou a cirurgia de redução de estômago, e falou que até antes de tomar a anestesia eu poderia desistir, que eu deveria tentar fazer o processo. Me encaminhou pra um psicólogo, receitou um floral pra eu tomar enquanto eu não fosse procurar um psicólogo, um psiquiatra pra poder me acalmar, me aconselhou muito, me fez sentir confortável. Foi aí que eu fui para o ambulatório de cirurgia bariátrica Santa Casa, né? Fiz todo o acompanhamento por 11 meses, passei por uma bateria de exames, por psicólogos, e vendo as outras pessoas lá fazendo a cirurgia me motivou a fazer. Então esse processo da cirurgia foi um processo desgastante por isso, porque uma pessoa que nunca parou na vida, nunca dependeu de ninguém na vida, ia precisar parar, e isso foi um stress muito grande, ficar 04 meses afastada, ficar dependendo das pessoas pra tudo, e isso foi algo muito difícil pra mim.

E.: O que você usou pra lidar com isso? A gente usa mecanismos de *coping*, mecanismo de enfrentamento. O que te ajudou a superar isso?

C.D.: Foi com a parte espiritual.

E.: Já?

C.D.: Foi já com a parte espiritual. Porque durante o início da cirurgia de redução de estômago, todo esse processo, esses primeiros 07 meses de cirurgia, eu fiquei pior do que estava, tanto que eu tinha me arrependido até da cirurgia, porque era dor constante, irritação porque eu não dormia, 30 gotas de rivotril não funcionavam, a dor estava muito grande. Então eu ficava conectada na internet 24 horas por dia só pensando besteira, porque a dor era muito grande, e eu ainda estimulava a minha mente com conteúdos que irritavam mais ainda, e eu não conseguia descansar. Foi quando eu parei e falei: “Não, desse jeito não dá”, e foi à parte espiritual que foi me ajudando a conciliar isso. Mas isso foi um processo, né? Pra eu estar mais equilibrada mesmo foram 03 anos caminhando pra que eu realmente entendesse os limites e fosse cuidando desses estresses. Então esse foi um stress muito grande.

Um outro stress que eu passei foi ano passado com a cirurgia plástica. Então eu fui chamada às pressas pelo SUS para a cirurgia plástica por conta da bariátrica, então assim, novamente parar, novamente fazendo a cirurgia, mas uma cirurgia que iria me

tirar totalmente da minha zona de conforto, porque uma pessoa que há praticamente 20 anos não se olhava inteira no espelho porque chegou a pesar 150 quilos, e depois da cirurgia também não, porque o corpo deforma, iria ter que encarar o espelho pela primeira vez. E isso mexeu muito comigo, como lidar com o corpo novo? Então foi um segundo stress, aceitar o corpo novo, aceitar que teria que mudar as roupas novamente, que teria que mudar... Então foi toda uma mudança que eu tive que fazer, até o jeito de andar, as pessoas falavam: “Agora você já não tem esse excesso de pele, anda mais arqueada, levanta o corpo!”, então foi um processo de mudar até o jeito de andar, a postura mesmo. Então foi um segundo stress. Foi um processo de dor também muito grande, tive algumas complicações com a cirurgia plástica, a nível de dor, senti dores que assim, os médicos falavam: “Não é possível que você está sentindo tudo isso de dor! Tem mulheres que fazem angioplastia, colocam prótese de silicone, lipam as costas, tudo ao mesmo tempo e não tem a dor que você tem.”, e a mesma forma, eu saí da cirurgia plástica praticamente sem anestesia. Eles suspeitam que eu seja tolerante a anestésicos pro efeito ser tão curto. Então esse foi um segundo stress, ficar 30 dias em casa, depender dos outros novamente, um período um pouco mais brando, mas ainda pesa aquilo, de novo, outra vez...

E.: Quais eram as suas saídas dessa vez?

C.D.: Dessa vez também foi na parte espiritual. Então eu recebi muito apoio, a questão da leitura, muita oração, meditação, porque eu tive que realmente ficar 30 dias sentadinha; deitadinha, sem me mexer, por conta da cirurgia. Então eu tive que fazer um esforço ainda maior pra cabeça, pra não ficar angustiada: “Ai, quem que vai estar no meu trabalho, a empresa está parada e tudo o mais...”, então foi o campo espiritual que me ajudou a lidar com o meu stress. Eu falo pra todo mundo assim que existem duas C., uma antes de voltar pra Igreja e uma depois. As pessoas que me conhecem de antigamente não reconhecem a pessoa que eu sou, tanto que quando eu falo da minha vocação eles falam: “A C. vocacionada pra vida religiosa? É a pessoa errada, não é a mesma pessoa...”.

E.: E não é a mesma pessoa.

C.D.: Não é! Mudou muita coisa, fisicamente, psiquicamente, então me ajudou muito nisso. E todos os outros stresses que eu passei na minha vida não foram superados porque eu não tinha o suporte da parte espiritual. Então eu sofri a vida inteira, chegar

aos 150 quilos foi resquício disso, questão familiar, questão da perda do meu pai, questão da minha relação com a minha mãe, eu não tratava no campo espiritual, e eu fiquei muito revoltada, me voltei contra Deus porque eu achava que Deus não existia porque eu sofri tudo o que eu sofri. Então eu descobri dos 15 aos 16 anos que a minha mãe não me queria, ela tentou me abortar, eu sofria abusos na infância por pessoas muito próximas, e eu não pude contar, e eu tenho que conviver com essas pessoas até hoje, então eu fiquei muito revoltada, eu tentei buscar... Eu sempre tive um vazio muito grande dentro de mim, e eu não achava respostas. Quando eu era criança eu não entendi a o porquê, quando fui ficando adolescente eu me revoltei, né? E na fase adulta eu falava: “Deus não existe. Se Deus existisse como que pode tanto sofrimento pra uma pessoa assim?”, na verdade Deus sempre esteve do meu lado, só que eu sempre olhei pro mundo, não olhei pro meu interior, aí quando eu comecei a olhar pro meu interior o campo espiritual me ajudou muito, e eu aconselho assim a todas as pessoas que se permitam lançar um olhar pra parte espiritual, independente da religião que ele acredite, né? Mas olhar para o interior, buscar um respaldo, olhar pra si. Não é auto ajuda, é um trabalho de auto conhecimento, de entender seus limites, entender sua função no mundo, entender que o sofrimento faz parte do ser humano, não tem como tirar o sofrimento do homem, então quando já entende um pouco do sofrimento, quando já passa a olhar pra vida de uma outra forma, até pra gente de outra forma. Então eu só consegui mesmo lidar com os meus estresses agora, porque antes era na compulsão alimentar, era na irritação, era na agressividade, e eu só passei a tratar disso quando eu comecei a olhar além disso: “Eu não sou isso, eu sou além disso.”, então olhar o ser além, tudo isso foi consequência, a causa não é essa. E a parte espiritual, os amigos que compartilham do mesmo ideal, da mesma espiritualidade também ajudou muito isso, não ouvir também opiniões de pessoas que não acreditam também ajudou muito, quando eu limitei a opinião das pessoas na minha vida isso também ajudou.

E.: As que importavam de verdade.

C.D.: As que importavam de verdade. Hoje eu procuro viver um dia de cada vez (risos).

E.: A gente costuma falar que stress não é só o lado ruim, tem um lado positivo do stress. Você se lembra de uma situação de felicidade grande, maior do que naturalmente você poderia ter?

C.D.: Relacionado assim com stress?

E.: Uma situação de felicidade grande que você se lembre.

C.D.: Ah, os meus sobrinhos, o nascimento dos meu sobrinhos; até mesmo aqui no trabalho hoje, as pessoas falarem: “Nossa, você está tão diferente agora e vai embora? Não vá!”, isso pra mim é muito gratificante, é bom, porque eu tenho ainda muita dificuldade em reconhecer as mudanças que aconteceram na minha vida, e hoje as pessoas falam: “Olha, você está diferente, você nos trata melhor”, e isso é uma coisa que me deixa muito feliz; as conquistas no campo material que eu tive, profissional, também, fiquei muito feliz; a minha habilitação foi uma independência muito grande pra mim, foi algo que eu fiquei muito feliz; mas o momento que eu posso falar assim que foi o mais feliz mesmo em toda minha vida, foi quando eu recebi o sim do meu diretor espiritual falando que era possível viver uma vida religiosa, uma vocação, mesmo tendo um passado que pra muitas pessoas é meio chocante, pelo histórico de vida, as pessoas acham que um religioso, um sacerdote não tiveram uma vida antes, que as pessoas já nasçam santas, e na verdade não, são pessoas que buscam uma vida diferente, que buscam uma filosofia de vida diferente, e ter recebido esse sim, que era possível, foi algo assim, que eu não consigo descrever. E o mais alegre de todos foi quando eu comunguei pela primeira vez depois de 20 anos sem pisar na igreja. Foi uma alegria que eu fiquei por muitos dias anestesiada até, e eu fiquei por muitos meses, a cada vez que eu comungava, com uma alegria muito grande: “Como eu pude passar tanto tempo longe disso?”, então foi uma outra alegria assim muito grande. E quando eu me consagrei. Eu não queria sair de dentro da Igreja, as pessoas até falavam: “Está na hora de fechar a Igreja, vamos embora!” (risos), foi uma alegria assim, muito grande, ver toda essa mudança de vida, compromisso, de buscar pessoas melhores, diferentes naquilo que elas acreditam. Então foi algo muito gratificante, uma alegria assim, indescritível.

E.: Certo. É isso, excelente. Muito obrigado, C.